

O PRIMEIRO SYLLABUS



***Projeto Piloto para a Educação Bioética da
Juventude***

promovido pelo

***Centro Europeu de Bioética e Qualidade de Vida –
Unidade Italiana da Cátedra de Bioética da
UNESCO***

realizado em colaboração com a

Universidade Pegaso de Nápoles

O Primeiro Syllabus para a Educação Bioética da Juventude

Editor-chefe

Amnon Carmi

Chefe do Conselho Editorial

Miroslava Vasinova

Conselheiro-Chefe

Giacomo Sado

Conselho Editorial

Alessandra Pentone - Conselheira Internacional

Claudio Todesco - Assessor Técnico

Hanna Carmi - Conselheira Pedagógica

Luigia Melillo, Anna Maria Traversa, Norma Trezzi, Luisa Ferrari

Edição Gráfica

Tommaso D'Agostino

Edição linguística

Antonella Mauri, Els Wijnhof, Cecilia Tudor, Alba O'Neill

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, por fotocópia, gravação ou outros meios, sem permissão prévia por escrito e assinada pela Cátedra Internacional de Bioética (Haifa).

Em regra, será dada permissão para a revisão, extração, reprodução e tradução desta publicação, no todo ou em parte, mas não para venda ou exploração comercial, e em qualquer caso com reconhecimento prévio da publicação original da Cátedra Internacional de Bioética (Haifa).

As opiniões expressas neste documento são de responsabilidade exclusiva dos autores e não refletem necessariamente a posição oficial da Cátedra Internacional de Bioética (Haifa) ou de outras organizações associadas a ela.

Direitos autorais © Cátedra Internacional de Bioética (Haifa)

Introdução

Em 2001, a UNESCO estabeleceu a Cátedra de Bioética da Unesco (Haifa) com o objetivo de continuar o ensino de Ética em instituições acadêmicas. A Cátedra produziu muitos livros-guia, e estabeleceu mais de 200 Unidades distribuídas nos cinco continentes. A primeira Unidade foi criada na Itália, no Centro Europeu de Bioética e Qualidade de Vida, sob a liderança de sua diretora, a Dra. Miroslava Vasinova. A Unidade Italiana está envolvida há mais de vinte anos em atividades que promovem a educação bioética de crianças e jovens. Esta ativa Unidade empreendeu a missão de promover também um projeto piloto do Primeiro Syllabus para a Educação Bioética da Juventude.

Em 2005, a UNESCO adotou a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. A Declaração incorpora um conjunto de princípios bioéticos.

Em 2008, a UNESCO produziu o Syllabus, relativo ao Programa para o ensino da Ética: o "Bioethics Core Curriculum (BCC)", que inclui quinze princípios da Declaração. O BCC responde à pergunta: O que deve ser ensinado? A Cátedra de Bioética da UNESCO (Haifa) desenvolveu um novo método para a educação em ética que responde à questão: Como a bioética deve ser ensinada? O novo método consiste em alguns componentes básicos. Antes de tudo, renúncia ou abandono de longos discursos como instrumento de ensino da ética. Segundo, o estímulo ao ativo envolvimento dos estudantes no processo de discussão e tomada de decisões. Terceiro, a coleta de muitos casos de diferentes países e de uma variedade de culturas, a fim de formular um método universal de ensino que possa se adequar a qualquer lugar. Finalmente, após a discussão em sala de aula, o professor pode fornecer aos estudantes uma

definição ou explicação do princípio ético abordado.

A Cátedra produziu uma série de livros-guia para professores e estudantes, utilizando assim o novo método que foi compilado por seus especialistas. Através de estudos de caso, os estudantes podem aprender, em primeiro lugar, a desenvolver sensibilidade para problemas éticos e a descrever um conflito ético; em seguida, a identificar e analisar os princípios éticos subjacentes e valores relevantes para o caso e, por fim, o método estimula a tomada de decisões éticas na prática da atenção à saúde. O objetivo é produzir uma ferramenta e uma plataforma para ativar a participação dos estudantes no processo de tomada de decisões.

O projeto de educação da UNESCO foi concebido para incutir uma cultura de referência ética no relacionamento do médico com o paciente. Para alcançar esse objetivo, o projeto se dirige a diferentes populações: professores, educadores, estudantes de medicina, médicos e também crianças e jovens. Justamente os mais jovens da nossa geração serão os cidadãos da próxima geração. A tradição sociocultural da ética não pode ser criada nas salas de aula das escolas de medicina. Os estudantes que chegam nessas salas de aula trazem consigo e em seus corações uma história pessoal e uma experiência de vida. Essa história consiste em valores que adotaram a partir dos primeiros anos em suas famílias, nos ambientes sociais, nas creches e escolas. As atividades educativas em estágio avançado de estudos acadêmicos podem ser eficientes se e até que ponto são apresentadas pela metodologia adequada à população mais jovem. Essa suposição me levou a considerar e iniciar a criação de um programa de treinamento para faixas etárias mais jovens. Para concretizar essa ideia, autorizei a Unidade Italiana da Cátedra a formar na Itália um grupo de educadores e outros profissionais que concordaram em preparar voluntariamente, sob minha supervisão, um livro sobre bioética para crianças e adolescentes. Este livro é baseado principalmente na metodologia educacional da Cátedra da

UNESCO. Além disso, os autores foram convidados a criar ferramentas de ensino adaptadas a diferentes faixas etárias.

O livro refere-se a vários princípios éticos. Esses princípios, aceitos por todos, são retirados da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos da UNESCO.

O *Syllabus* é projetado para a população geral de crianças e jovens. O livro refere-se a quatro grupos separados e oferece diversos materiais educativos para cada grupo, dependendo das várias faixas etárias: crianças pequenas (3-5 anos), crianças do ensino fundamental (6-10 anos), adolescentes (11-14 anos) e jovens (15-19 anos). O livro é escrito para professores e educadores. Inclui materiais (histórias e jogos) e explicações metodológicas para seu uso.

As unidades do livro foram escritas por diferentes autores cujos nomes e endereços aparecem na parte inferior de cada unidade.

O livro foi escrito como uma primeira edição pioneira. A Cátedra de Bioética da UNESCO opera um Departamento de Educação e um Fórum Internacional de Professores. O livro foi encaminhado a centenas de profissionais dessas duas instituições, e a todas as Unidades da Cátedra. Esses especialistas foram convidados a estudar os materiais, testá-los, usá-los e apresentar críticas e sugestões para a equipe editorial do projeto para a formação da segunda edição do livro. Através do exercício deste projeto pioneiro, a Cátedra está estudando e monitorando as consequências do uso desses materiais didáticos entre a população jovem.

A segunda edição reúne uma seleção das unidades da Primeira edição e novas unidades escritas por autores de outros países que participam do projeto “Educação Bioética da Juventude”.

Prof. Amnon Carmi
Titular e Chefe da Cátedra de Bioética da UNESCO

TRADUÇÃO DO “THE FIRST SYLLABUS FOR YOUTH BIOETHICS EDUCATION – 2ND EDITION” PARA O IDIOMA PORTUGUÊS

A Cátedra de Bioética de Fortaleza, uma das unidades da **International Chair in Bioethics (ICB)** - Centro de Cooperação com a Associação Médica Mundial - foi instalada em 17 de setembro de 2018, na sede do Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará, sob a coordenação do Dr. Ivan de Araújo Moura Fé. Numa de suas iniciativas, a Cátedra de Fortaleza se dispôs a traduzir o Syllabus para a língua portuguesa, para o que houve a devida autorização da ICB. Os membros da Cátedra de Fortaleza passaram a se reunir semanalmente, havendo distribuição entre eles dos capítulos da obra. Seguiram-se discussões de todo o grupo acerca das traduções individuais que iam sendo elaboradas. Ultimada a tarefa, apresentamos o trabalho, em e-book, para conhecimento e divulgação. O objetivo é contribuir no ensino e na formação em bioética para os jovens, no intuito de ampliar os horizontes éticos da sociedade, almejando uma vida comunitária mais justa e fraterna.

Os tradutores do Syllabus para o Português foram médicos da Cátedra, listados abaixo:

Alberto Farias Filho
Helvécio Neves Feitosa

Inês Tavares Vale e Melo
Ivan de Araújo Moura Fé
José Ajax Nogueira Queiroz
Lúcio Flávio Gonzaga Silva
Rafael Dias Marques Nogueira
Renato Evando Moreira Filho
Roberto Wagner Bezerra de Araújo
Valeria Goes Ferreira Pinheiro

Dr. Ivan de Araújo Moura Fé
Coordenador da Cátedra de Bioética da ICB em Fortaleza

TABELA DE CONTEÚDO

O Primeiro Syllabus para a Educação Bioética da Juventude

UNIDADE	PRINCÍPIO	NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE</u> <u>1</u>	P.3	<u>A caixa de segredos</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>2</u>	P.3	<u>Arte & Co. = Arte & Companhia</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>3</u>	P.3	<u>Giorgio e seus cachorros</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>4</u>	P.3	<u>Uma história de ficção científica</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>5</u>	P.3	<u>Uma roleta russa: os direitos negados nos CDA (Centros de Imigração)</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>6</u>	P.3	<u>Minhas amigas estão fazendo isso... e por que não eu também?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>7</u>	P.3	<u>Tudo o que eu quero é uma 'Educação'</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>8</u>	P.3	<u>Quanto vale a vida humana?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>9</u>	P.3	<u>Precisamos de um caminho para o futuro? A pavimentação de uma estrada rural na Comunidade da Ilha Paraíso</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>10</u>	P.4	<u>Dignidade além da vida</u>	11-14 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE</u> <u>11</u>	P.4	<u>Música e danças do mundo</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>12</u>	P.4	<u>O grande sonho de Pasi e Tat</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>13</u>	P.4	<u>Um pássaro na gaiola</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE</u> <u>14</u>	P.4	<u>Esperança e ciência andam sempre juntas?</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE</u> <u>15</u>	P.5	<u>O Espelho: Aprendendo a se comunicar</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>16</u>	P.5	<u>A Ilha: uma mensagem na garrafa</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>17</u>	P.5	<u>A vontade é mais forte do que qualquer obstáculo</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE</u> <u>18</u>	P.5	<u>A ampulheta</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE</u> <u>19</u>	P.5	<u>Vacinas obrigatórias para frequentar a escola</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>20</u>	P.5	<u>Uma viagem anual</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>21</u>	P.5	<u>Tendências de hoje</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE</u> <u>22</u>	P.5	<u>Ser totalmente responsável pelas próprias escolhas</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE</u> <u>23</u>	P.5	<u>Recusa em viver</u>	15-19 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE 24</u>	P.5	<u>Não quero saber o meu futuro</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 25</u>	P.6	<u>Peter, o corajoso</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 26</u>	P.6	<u>Sou eu que decido</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 27</u>	P.6	<u>Ensaaios clínicos “atrás das grades”: benefícios e danos</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 28</u>	P.6	<u>Paternalismo ou autodeterminação? Um conflito familiar</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 29</u>	P.7	<u>O que aconteceu com o cabelo da Sofi?</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 30</u>	P.7	<u>Cegonha no telhado</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 31</u>	P.7	<u>Não vejo, mas sinto-te</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 32</u>	P.7	<u>Consentimento informado: um direito e um dever de todos</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 33</u>	P.7	<u>Autismo - Uma nova forma de se comunicar</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 34</u>	P.7	<u>E se eu pudesse decidir dar um rim ao meu irmão</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 35</u>	P.7	<u>Preciso saber</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 36</u>	P.7	<u>Quem vai decidir quem eu sou?</u>	15-19 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
UNIDADE 37	P.8	Partosh não tem amigos	3-5 anos
UNIDADE 38	P.8	Não me toque	6-10 anos
UNIDADE 39	P.8	A Princesa das Bonecas	6-10 anos
UNIDADE 40	P.8	Uma decisão agonizante	11-14 anos
UNIDADE 41	P.8	Inclusão, aspecto fundamental da convivência - I e II	15-19 anos
UNIDADE 42	P.8	A necessidade de mudar	15-19 anos
UNIDADE 43	P.8	Todas as tradições merecem respeito?	15-19 anos
UNIDADE 44	P.9	Compartilhar ou não dados confidenciais para conseguir um emprego?	15-19 anos
UNIDADE 45	P.9	Informações confidenciais	15-19 anos
UNIDADE 46	P.10	As escalas de Justiça	3-5 anos
UNIDADE 47	P.10	Viajando em um tapete voador	6-10 anos
UNIDADE 48	P.10	Pequena Mudança	6-10 anos
UNIDADE 49	P.10	Igualdade, Justiça e Patrimônio	11-14 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE 50</u>	P.10	<u>Mesmo comportamento: mesma punição?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 51</u>	P.10	<u>Quem deve ir primeiro: a vítima ou o ladrão?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 52</u>	P.10	<u>Eu, como ser humano</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 53</u>	P.11	<u>Meu gato ruivo pequeno</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 54</u>	P.11	<u>Qual é a punição adequada a ser imposta?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 55</u>	P.11	<u>“É justo fazer essa viagem escolar?”</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 56</u>	P.11	<u>Testes genéticos executados no processo de contratação de uma pessoa</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 57</u>	P.11	<u>O Relógio</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 58</u>	P.12	<u>As bandeiras</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE 59</u>	P.12	<u>Um estudante estrangeiro ingressou em sua classe</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 60</u>	P.12	<u>Vamos brincar de nos conhecer</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 61</u>	P.12	<u>A diversidade cultural é o enriquecimento</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 62</u>	P.13	<u>Ame-se</u>	15-19 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE 63</u>	P.13	<u>A terra das cores</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 64</u>	P.13	<u>Segurança no trânsito</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE 65</u>	P.13	<u>Somos todos Ditta</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE 66</u>	P.13	<u>Solidariedade e Cooperação</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 67</u>	P.13	<u>Ele tomou a decisão certa?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 68</u>	P.13	<u>A festa de fim de ano</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 69</u>	P.14	<u>Somente uma Diya para Diwali</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE 70</u>	P.16	<u>Uma descoberta científica pode realmente resolver um grande problema que afeta a humanidade?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 71</u>	P.16	<u>Preservar o ambiente significa preservar as gerações futuras</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 72</u>	P.16	<u>Deve ser dada a devida atenção ao impacto das ciências da vida nas gerações futuras e em sua constituição genética.</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 73</u>	P.17	<u>Vamos compartilhar alimentos</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 74</u>	P.17	<u>A tartaruga na caixa</u>	3-5 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE</u> <u>75</u>	P.17	<u>O aniversário da amendoeira</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>76</u>	P.17	<u>Quem preservará as salamandras?</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE</u> <u>77</u>	P.17	<u>O catador de lixo</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE</u> <u>78</u>	P.17	<u>O jogo da vida no mundo</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>79</u>	P.17	<u>O fim</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE</u> <u>80</u>	P.17	<u>Vamos salvar nosso planeta</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE</u> <u>81</u>	P.17	<u>O recurso hídrico: consciência, responsabilidade e beleza</u>	15-19 anos

Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio nº 3 **Dignidade Humana e Direitos Humanos**

- 1.A Dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
- 2.Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.



UNIDADE 1

Faixa Etária I: 3 a 5 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“A caixa de segredos”

Objetivos de Aprendizagem

- Dar às crianças a oportunidade de despertar a curiosidade e desenvolver a capacidade de descrever os sentidos de toque, audição e olfato. Após treinamento suficiente e com as crianças sendo capazes de sentir objetos materiais usando seus sentidos (ou seja, tocar, ouvir e cheirar) será possível introduzir conceitos abstratos;
- Criar as condições certas para considerar a existência de um novo mundo, feito de sentimentos e princípios, dos quais devemos estar cientes. A transição do mundo material para o imaterial é essencial para poder, no futuro, adquirir consciência da dignidade, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. Por exemplo, mesmo que o amor ou a liberdade não possam ser tocados ou

cheirados, podem ser descritos e expressos de mil maneiras diferentes, sublinhando sua importância, ou melhor, sua crucial necessidade.

O Jogo

Exemplo nº 1

Em nossa “caixa de segredos” vamos esconder **um cubo de pano**. Pediremos às crianças que descrevam o que vão tocar, fazendo-lhes, se necessário, algumas perguntas (por exemplo: Isso é macio ou difícil de tocar? Que tipo de cheiro tem? Qual é a sua forma?). É importante que o professor colete todos os comentários, respostas e palpites, e evite interferir demais durante o jogo.

Exemplo nº 2

Vamos esconder na caixa uma folha **vermelha** de papel. Nosso objetivo é descrever essa cor. No início, as crianças, que estão acostumadas a interagir com diferentes objetos materiais usando seus órgãos sensoriais, ficarão confusas. Caberá ao professor orientar as crianças usando pistas e exemplos, o que estimulará sua imaginação. Adivinhar uma cor representa um ponto de inflexão indicando que as crianças conseguem se adaptar tanto a um mundo material quanto a um mundo imaterial, constituindo um primeiro processo de abstração. Cada cor existe no mundo ao nosso redor, mas não é possível tocá-la, ouvi-la ou cheirá-la, nem vê-la como uma entidade separada.

Exemplo nº 3

Na caixa de segredos, vamos esconder **o sentimento de medo**.

Neste caso, podemos colocar na caixa uma foto de uma criança assustada ou uma máscara representando um monstro. O professor guiará as crianças, dando-lhes algumas pistas. O medo poderia estar

conectado a uma cor (por exemplo, a cor preta na cultura ocidental), a uma expressão facial como dentes batendo uns nos outros, ou a um sentimento como um arrepio de medo. É possível contar histórias de fantasmas ou monstros para assustar as crianças para colocá-las no caminho certo. No final, seria aconselhável escrever em um cartaz ou quadro negro as observações e sentimentos das crianças, expressas não apenas durante o jogo, mas também quando começaram a sentir medo, mostrando seu processo de pensamento. Este método pode ser útil para “representar” e “personalizar” o medo para o grupo, e o pôster pode ser enriquecido com desenhos de medo feitos pelas crianças ou fotos delas, mostrando sua maneira de expressar medo.

Exemplo nº 4

Vamos esconder **a liberdade** em nossa caixa, representada, por exemplo, por uma foto ou desenho de um pássaro fugindo de uma gaiola. Ao dar explicações, (neste caso, algumas pistas devem ser fornecidas) o professor poderia, através de uma cor (cores brancas e amarelas que lembram a luz ou o arco-íris, dependendo de diferentes culturas), um movimento (uma respiração profunda, uma corrida), uma expressão (um sorriso, um sinal de alívio), engajando todos os canais possíveis, descrever algo imaterial. Através de nossos sentidos, sabemos que estamos profundamente enraizados na raça humana. Ao final desses exercícios, seria benéfico coletar todas as observações das crianças escrevendo-as em um pôster ou quadro negro. Com isso, será possível coletar todos os comentários que as crianças fizeram durante o jogo de adivinhação. Então se tornará óbvio o que é liberdade e como ela será representada pelo grupo (no cartaz será possível adicionar desenhos feitos pelas crianças ou fotos delas quando estiverem “expressando” a liberdade).

Metodologia de Ensino

O objetivo deste jogo é muito simples: descobrir o que está escondido na “caixa de segredos”.

Começamos usando a sensação de toque: cada criança tem a possibilidade de colocar a mão na caixa e tentar, tocando o objeto, adivinhar qual objeto está escondido nela. Enquanto cada criança expressa sua própria opinião, o professor coleta todas as informações, escrevendo-as e falando sobre as diferentes pistas até que o objeto seja descoberto/identificado/reconhecido.

Em seguida, vamos explorar o sentido da audição. Os sentidos das crianças serão estimulados usando objetos sonoros que podem ser ouvidos sacudindo a caixa, e, como no último exercício, seu olfato será estimulado pelo cheiro dos objetos. É possível esconder objetos que possam estimular mais de um sentido ao mesmo tempo. A duração da atividade deve ser definida com base na rapidez de reação e no nível de concentração/fadiga das crianças durante o jogo e, claro, nas dificuldades que o objeto apresenta para sua identificação.

O próximo passo será um mais complexo, que é a descrição de “objetos imateriais”: será escondido na caixa um desenho ou uma foto que pode de alguma forma representar um sentimento ou um princípio. As crianças tomarão conhecimento do mundo imaterial que é rico de valores essenciais e necessários à sua própria vida.

Essa atividade pode ser utilizada com crianças de duas faixas etárias diferentes (3-5 anos) e (6-10 anos): objetos, sentimentos e princípios escondidos na caixa terão, naturalmente, diferentes níveis de dificuldade, adaptados de acordo com a idade e a capacidade das crianças.

Materiais de estudo

Tudo o que precisamos é de uma caixa de papelão de tamanho

médio, na qual podemos colocar o objeto que deve ser adivinhado. O buraco na caixa não deve ser maior que a mão de uma criança. A caixa tem que ser fechada em todos os outros lados. De tempos em tempos, pode ser útil escolher qual objeto ou conceito abstrato deve ser adivinhado...

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com

UNIDADE 2

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“Arte & Co”.

“Desde que as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas.”

Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 16 de novembro de 1945, preâmbulo.

Objetivos de Aprendizagem

A arte, vista em seu sentido mais abrangente, representa a principal expressão do ser humano e sua essência. Através de suas múltiplas formas, a arte é capaz de revelar em termos genuínos os princípios e emoções, que o artista traduz em uma linguagem universal e utilizável na pintura, escultura, poesia, música, dança, etc. Muitas vezes a arte é a única maneira possível de comunicar nossa própria

mentalidade, de nos expressarmos, de forma que às vezes se torna um exemplo e um aviso para a humanidade como um todo;

- Ensinar arte através da arte significa sublimar a dignidade, os direitos e a liberdade fundamental do ser humano, estimulando as pessoas não só a desenvolver sua própria criatividade, porém, mais particularmente, a reconhecer sua expressão universal na detecção e transmissão de valores e princípios.

O Jogo

Exemplo nº 1

Há muitas obras de arte representando imagens, simbólicas ou não, que nos lembram da ideia de paz, liberdade, solidariedade e assim por diante. Escolhemos alguns exemplos de obras-primas que podem ser usadas para introduzir alguns princípios éticos e transmiti-los às crianças através de desenhos, criados com diferentes tipos de cores, usando-se, tinta guache, lápis de cera ou canetas coloridas. Para cada criança, reproduzir uma obra-prima representa uma oportunidade de pensar e se concentrar para criar, em sua mente, uma imagem concreta com a qual possa relacionar um princípio abstrato. Além disso, seria melhor criar em grupo uma obra-prima: a imagem poderia ser copiada ou modificada, personalizando-a de acordo com as decisões do grupo. Cada criança fará parte dela, como um mosaico, reforçando a ideia de cooperação e solidariedade também na representação gráfica de um princípio, como liberdade ou paz, mostrando que na vida real são necessárias contribuições individuais. Escolhemos duas das obras-primas de Picasso (A Pomba, 1949, e Criança com uma pomba, 1901) para representar a paz, uma das Pombas de Magritte para representar a liberdade, e a Árvore da Vida de Gustav Klimt (1905) para representar o ciclo da vida. Podemos “pendurar” nesta árvore, a fim de personalizá-la, algumas fotos das crianças do nosso grupo.

Claro, muitas obras de outros artistas poderiam ser consideradas, e não devemos esquecer de explicar o que estamos reproduzindo e por que vamos reproduzi-lo (para “visualizar” o princípio ao qual as obras se referem) sempre enfatizando que, exatamente como no desenho ou construção de um mosaico em um grupo, paz, liberdade e direitos humanos só podem ser alcançados com a contribuição de cada ser humano.

Exemplo nº 2

A poesia pode se tornar um importante instrumento para transmitir profundamente os valores éticos e inculcar respeito pelos direitos humanos. A vida de alguns homens ou mulheres é emblemática para enaltecer princípios tais como dignidade humana, respeito aos outros, devoção pela paz e pela liberdade.

Escolhemos duas pessoas de reputação universal, cuja vida foi exemplar, como Madre Teresa de Calcutá e Mahatma Gandhi. Ler, aprender e internalizar um dos poemas pode ser usado para ensinar, de acordo com as diferentes idades e características do grupo, as ideias apresentadas.

Madre Teresa de Calcutá: VIDA

A vida é uma oportunidade, aproveite-a.

A vida é beleza, admire-a...

A vida é felicidade, saboreie-a.

A vida é um sonho, realize-o.

A vida é um desafio, enfrente-o.

A vida é um dever, cumpra-o.

A vida é um jogo, jogue-o.

A vida é preciosa, cuide dela.

A vida é riqueza, conserve-a.

A vida é amor, desfrute-o.

A vida é mistério, conheça-o.

A vida é promessa, cumpra-a.

A vida é tristeza, supere-a.

A vida é canção, cante-a.

A vida é combate, aceite-o.

A vida é tragédia, confronte-a.

A vida é aventura, experimente-a.

A vida é sorte, mereça-a.

A vida é demasiado preciosa, não a destrua.

A vida é a vida, lute por ela.

Mahatma Gandhi – Descubra o amor

Pegue um sorriso e ofereça-o a alguém que nunca teve um.

Pegue um raio de sol e faça-o voar para lá onde reina a noite.

Pegue uma lágrima e coloque-a no rosto de alguém que não tenha chorado.

Tome a coragem e coloque-a no espírito daqueles que não podem lutar.

Descubra a vida e narre-a para aqueles que não a entendem.

Tome a esperança e viva em sua luz.

Pegue a gentileza e doe para aqueles que não sabem doar.

Descubra o amor e faça-o ver o mundo.

Exemplo nº 3

Ao ouvir música é possível educar e transmitir valores éticos. A música em todos os seus tipos representa, antes de tudo, a harmonia pura: da música clássica à pop, temos um número infinito de possibilidades para escolher. Escolhemos três músicas com melodias e textos universalmente conhecidos que estão gravados na mente de cada pessoa. Essas palavras maravilhosas podem ser uma oportunidade para refletir e pensar. As músicas podem ser aprendidas até mesmo em sua versão original, mas sempre temos que explicar seu significado. Na verdade, cada canção ou poema tem que ser introduzido pela explicação do texto ou apresentação das intenções do autor quando de sua criação. Essa explicação será mais ou menos simplificada, dependendo das diferentes idades ou

características do grupo.

IMAGINE - John Lennon

OVER THE RAINBOW - música de Harold Arlen, texto de E.Y. Harburg

BLOWIN' IN THE WIND - Bob Dylan

Exemplo nº 4

As crianças são muito atraídas pela expressão artística da dança. Mesmo neste caso, contando com a escolha do professor, bem como a imaginação das crianças, é possível improvisar, por exemplo, uma dança, como uma cantiga de roda, enquanto se repete o poema a seguir.

GIANNI RODARI - Promemoria

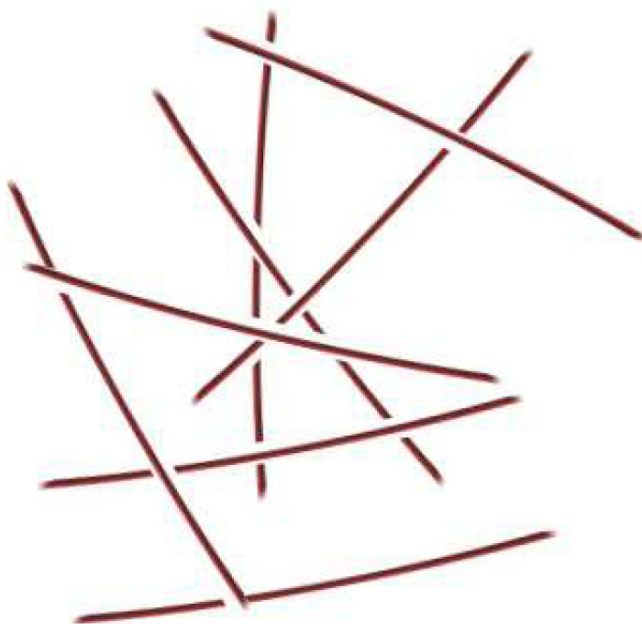
No final, nos abraçamos. Podemos usar uma música diferente, até mesmo as clássicas (como a valsa das flores de Tchaikovsky ou outras peças de sua ópera “O Quebra-Nozes” ou da Flauta Mágica de Mozart e similares) e preparar coreografias mais ou menos simples tomando as mãos uns dos outros, aproximando-nos uns dos outros para recordar a fraternidade e a paz entre os seres humanos.

Metodologia de Ensino

Esta unidade oferece aos professores e seus estudantes uma ampla gama de possibilidades para conhecer e expressar princípios éticos fundamentais. O importante é que cada atividade não é um fim em si, mas enfatiza e destaca o propósito do trabalho individual e em grupo. De acordo com as diferentes idades e características do grupo, é possível seguir caminhos diferentes, dos mais simples aos mais complexos. Às vezes pode ser apresentada a obra-prima de um

autor, sua vida e ideais, ou simplesmente tentar reproduzir a própria obra-prima, mesmo em uma versão personalizada pelas crianças, para que ela seja mais utilizável por elas.

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



UNIDADE 3

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“Giorgio e seus cachorros”

Objetivos de Aprendizagem

- Observar as dimensões do desenvolvimento pessoal, social, intelectual e ético-social;
- Desenvolver uma trajetória de aprendizado em direção à identidade, autonomia, competência e cidadania, aprimorando um senso de identidade pessoal, aguçando a percepção de suas próprias necessidades e sentimentos, despertando interesse em sua história pessoal;
- Expressar suas emoções no relacionamento com os pares, desenvolver suas emoções nas relações familiares e sociais, aprendendo a colaborar ativamente com os outros, a viver uma vida serena, respeitando o direito das crianças de serem ouvidas e expressarem suas opiniões.

O Caso

Na alegre e verdejante vila de Pallapalla, onde vivem muitos animais extremamente bonitos, havia um menino, chamado Giogìò, que parecia um pequeno cogumelo com um grande chapéu, porque sua cabeça era enorme.

Desde pequenino, tinha sido difícil para ele estar com as outras crianças, porque elas o atormentavam por causa de sua cabeça ser muito grande.

Além disso, seus companheiros achavam que ele era introvertido e insociável, e os olhares sombrios e tristes de Giogìò não facilitavam a socialização. Ele muitas vezes ficava isolado, por medo de não ser aceito, se bem que gostaria de brincar e se divertir com seus amigos.

No entanto, quando estava sozinho em casa, ele conseguia fazer muitas coisas: ajudava seu pai a cortar madeira, podia subir em árvores para coletar bolotas, foi capaz de construir uma casa na árvore com a ajuda da mãe e do pai, mas, acima de tudo, era um amigo próximo dos cães que corriam para encontrá-lo e o cumprimentavam com entusiasmo. Um dia, seus amigos foram perseguidos por dois cães latindo que fizeram os meninos fugirem assustados. Giogìò imediatamente interveio e ajudou a acalmar os animais, acariciando-os e beijando-os. Então ele chamou seus colegas e disse-lhes para se aproximarem dos dois animais que, como se por magia, aceitavam alegremente seus afagos.

A partir desse dia, todo o grupo de amigos começou a procurar Giogìò, convidando-o para brincar com eles. E durante as brincadeiras, Giogìò contou a eles todo o trabalho que fazia em casa, ganhando assim seu respeito e admiração.

Metodologia de Ensino

O Dilema

O professor convida as crianças a dar sua opinião sobre Giogìo e seus amigos, expressando suas emoções.

As crianças

- Eu tenho uma cabeça grande, também: meu amigo Martin que parece uma bola grande, diz isso ...
- Eu tenho problemas para jogar com meus companheiros também, porque eles dizem que eu sou lento e não sei jogar...
- Em casa, minha mãe sempre grita comigo porque, quando eu toco, faço muito barulho...
- Mas eu fico em casa com meus amigos, e contamos muitas histórias um ao outro. Então minha mãe vem e ouve todas as nossas histórias...
- Meu pai não me escuta porque ele não tem tempo. Ele diz que digo um monte de coisas tolas, minha mãe, no entanto, diz que tenho que limpar o quarto...

Perto da minha casa há uma criança que chora todos os dias porque quer um gato. Mas os pais dele não o escutam... Dizem a ele que não querem animais de estimação em casa...

Fases de atividade:

- **Atividades curtas e facilmente executáveis** que despertem o interesse das crianças;
- **Atividades articuladas e diferenciadas** de modo a permitir que todas as crianças adotem suas próprias estratégias específicas de aprendizagem;
- **Atividades progressivas estruturadas** levando em conta o que as crianças já aprenderam e permitindo que elas aumentem seus conhecimentos e habilidades; jogo simbólico; imitação/modelagem; experimentações/descobertas; encenações.

Fase I

- **Conversa livre e orientada** com o objetivo de identificar as preferências das crianças quando se trata de estudar a natureza e os animais.

Fase II

- Discussão circular para selecionar os personagens favoritos das crianças na história;
- Elaboração de uma lista contendo a preferência de cada criança;
- Criação dos personagens escolhidos por meio de atividades manipulativas. Manipulação é um meio de dar diferentes significados ao material empregado, usando fantasia e imaginação. Quando a criança é capaz de mergulhar profundamente em uma atividade, no final ela está feliz e gratificada, embora seu trabalho não tenha uma forma definida. É por isso que a importância das atividades manipulativas reside principalmente nos processos criativos e imaginativos estimulados pelo material;
- **Experimentação dos papéis (dramatização)**

Fase final: Assegurar-se, através de observação ocasional e sistemática, de reequilibrar constantemente o processo de ensino e aprendizagem.

Giuseppina Iommelli
giuseppina.iommelli@alice.it



UNIDADE 4.

Faixa Etária III: 11 - 14 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“Uma história de ficção científica”

Objetivos de Aprendizagem

- Conhecer direitos e liberdades fundamentais e o artigo 3º da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos;
- Conscientizar-se de que os direitos e as liberdades fundamentais de todo ser humano devem ser garantidos;
- Conscientizar todos sobre o fato de que os direitos individuais e o bem-estar devem ter prioridade sobre os interesses exclusivos da ciência e da sociedade.

O Caso

Em um país desconhecido e em um “futuro distante”, uma grave praga havia causado milhares de vítimas. A doença era desconhecida

e letal e podia infectar uma pessoa simplesmente através de um olhar. Seus efeitos eram devastadores, e o sangue dos pacientes ficava tão denso que não podia circular, e a pessoa doente se tornava como que mumificada. Os cientistas estavam trabalhando duro para encontrar um remédio contra uma epidemia tão terrível. Um dia, quase por acaso, um médico descobriu uma cura eficaz. Era um medicamento obtido através da destilação de seu próprio sangue pertencente a um tipo sanguíneo muito raro. Algumas gotas injetadas no corpo do paciente imediatamente interrompiam a coagulação e liquefaziam o sangue uma vez mais.

O pesquisador ficou muito feliz por ter feito uma grande descoberta, mas infelizmente esta tinha seu limite: acontece que o tipo sanguíneo necessário para produzir esse medicamento era tão raro que poucas pessoas o tinham. Isso significava que, para salvar muitas vidas, era necessário sacrificar algumas. Por essa razão, o cientista não sabia se revelava suas descobertas ou não. Ele reuniu sua família e pediu conselhos, mas o resultado não foi satisfatório, pois seus parentes expressavam opiniões muito diversas. Sua mãe imediatamente afirmou que ele deveria manter suas descobertas em segredo, pois não é justo usar a prática médica para conceder benefícios a alguém às custas dos outros.

Pelo contrário, seu filho achou certo sacrificar algumas vidas para salvar muitas. Sua esposa disse que poderia haver um meio termo: salvar o maior número possível de pessoas, tentando não comprometer completamente a vida dos doadores. Sua filha afirmou que a posição de sua mãe era defensável, mas o grande problema era como poderia alguém escolher quem seria salvo? Quem poderia ter o direito de decidir sobre a vida ou a morte das pessoas? Por essa razão, ela sugeriu que ele deixasse as coisas como estavam e não usasse o remédio.

Metodologia de Ensino

O professor apresenta o caso para a turma. Para facilitar uma discussão entre os estudantes, forma dois grupos, cada um dos quais é convidado a refletir sobre qual seria a solução mais apropriada eticamente.

Nesta fase, o professor não dá sugestões concretas, mas apenas modera a discussão. Cada grupo, depois de ter decidido (provavelmente por maioria) a melhor solução, a apresenta ao outro grupo, por meio de uma breve dramatização. Em particular, alguns estudantes podem assumir os papéis dos vários protagonistas da história, defendendo as respectivas posições até que eles possam representar a solução de consenso.

Após a apresentação, cada estudante, se os dois grupos adotaram soluções diferentes, expressa sua opinião sobre a escolha feita pelo outro grupo.

Neste ponto, o professor explica o significado de “direito” e “liberdade”, termos que aparecem no Princípio 3 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, que afirma:

- *A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.*
- *Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.*

O professor destaca particularmente como o caso proposto mostra um conflito entre os interesses das pessoas e os da sociedade.

Diante desses novos fatos, convida a classe a reconsiderar as soluções previamente escolhidas e modificá-las, se isto for considerado necessário. Nesta fase, o professor lidera a discussão e, usando uma técnica de tempestade de ideias (brainstorming), aproveita para ajudar as crianças a pensar em outros direitos e liberdades que considerem fundamentais.

Este trabalho pode então ser utilizado pelo professor para motivar os estudantes a uma maior reflexão sobre as liberdades e os direitos humanos fundamentais enunciados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Claudio Todesco
todesco50@libero.it



UNIDADE 5

Faixa Etária III: 11 - 14 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

**“Uma roleta russa: os direitos negados nos CDA
(Centros de Imigração)”**

Objetivos de Aprendizagem

- Denunciar as práticas desumanas e as violações dos direitos humanos fundamentais reservados aos migrantes nos Centros de Imigração;
- Sensibilizar os jovens para respeitar a igualdade de todos os seres humanos em dignidade e direitos, de modo que toda pessoa tenha que ser tratada de forma justa;
- Descrever o lado oculto dos Centros de Imigração: “postos avançados ditatoriais e legalizados” nos Países Democráticos.

O Caso

“Eu não sou ninguém, eu não tenho nada a oferecer a você, exceto minha vida e minha dignidade”.

Chegamos de bote e estava escuro. Estava frio e o sol ainda não tinha surgido, quando vimos luzes piscando à distância.

Alguém na balsa gritou “Terra!”, então todos nós olhamos na mesma direção.

Nossos cobertores e jaquetas estavam completamente molhados da umidade e nossa única fonte de calor eram nossos próprios corpos, empilhados uns nos outros.

Logo depois, alguns barcos se aproximaram de nós com poderosos holofotes. Um homem de uniforme perguntou se havia pessoas mortas ou desaparecidas, e o único entre nós que sabia sua língua começou a enumerar uma longa lista de nomes. Era madrugada e a guarda costeira nos acompanhou até a costa.

Uma vez fora do barco e depois de alguns procedimentos administrativos, eles nos levaram a uma estranha estrutura, em cujo centro havia um velho edifício.

Lá encontramos outras pessoas infelizes como nós, esperando por alguém que pudesse devolver-lhes a esperança que tinham antes de deixar seu país.

Tivemos que tirar nossas roupas sujas e fedorentas e então eles nos deram algum alimento. Parecia de início estar tudo bem, mas nossa estadia dentro da estrutura se transformou em dias, semanas, meses.

Ainda hoje, “eu sou alimentado” em tigelas como um animal, não tenho água quente para me lavar, e nem sequer tenho um nome. Aqui não sou ninguém para eles. Não tenho minha carteira de identidade comigo e, por essa razão, sou identificado por um acrônimo compostopor números e letras. Os únicos que ainda reconhecem minha identidade são meus companheiros

aventureiros, aqueles poucos que ainda vivem. Ali, Mustafa e Fares me chamam pelo meu nome “Chaouki”, para que eu me lembre da minha Terra, a voz da minha mãe me chamando. Sou imensamente grato a eles por isso.

Talvez todos nós sejamos mandados de volta para o lugar de onde escapamos. A simples ideia de viver esse pesadelo de novo me assusta.

Mais uma vez, privado da minha liberdade, minha identidade e, pior ainda, da minha dignidade como homem, eu me pergunto se não teria sido melhor morrer durante a viagem, no mar, como alguns dos meus amigos. Pelo menos, no mar profundo, eles preservam sua dignidade inviolável como seres humanos. Agora, sinto falta da minha dignidade.

Metodologia de Ensino

O Dilema

Movimentar-se no espaço geográfico sempre foi prerrogativa do homem. No entanto, com o advento dos “Estados-Nações” e, nos últimos anos, com o medo do terrorismo internacional após o ataque às Torres Gêmeas em Nova York, as fronteiras políticas são reforçadas e, ao mesmo tempo, a xenofobia está se espalhando por toda a população ocidental.

Todo imigrante que chega ao Ocidente é considerado um potencial terrorista e assassino das democracias capitalistas. As verificações são intensificadas e novos Centros de Imigração aparecem.

Esses lugares são definidos como “ditaduras legalizadas”, nas quais o Estado ocidental democrático pode dar rédea livre aos seus próprios medos e perversões xenófobas. A violência e as violações dos direitos humanos fundamentais são uma rotina diária lá.

Os imigrantes são privados de tudo, incluindo suas posses e identidade. Assim, começa um processo de alienação que leva à

perda da individualidade, ao mesmo tempo em que o medo de ser enviado de volta e reviver esse velho pesadelo ainda ameaça seu bem-estar.

Nos últimos anos, no entanto, relatos de várias organizações internacionais e provas diretas trazidas por vídeos, daqueles que vivem atrocidades diárias nos Centros, levaram a população a se levantar contra esse fenômeno e apoiar essas pessoas infelizes em sua luta contínua para viver.

1. O professor lerá o texto acima mencionado com os estudantes, e cada um deles escreverá o tema e os lugares onde, em sua opinião, a história se desenvolve;
2. Os trabalhos dos estudantes são anônimos, lidos em voz alta e comparados. O professor não escolherá nenhuma resposta certa;
3. Os estudantes assistirão a um documentário onde é descrita a trágica experiência dos migrantes no CDA. O professor fornecerá, com a ajuda de ferramentas visuais, uma breve explicação da vida dos CDA, esclarecendo por que eles também são conhecidos como “lugares da ditadura legalizada em um contexto democrático”;
4. Finalmente, uma vez que o tema do texto é claro, os estudantes tentarão se identificar com os migrantes, descrevendo as emoções que estariam sentindo se fossem privados de suas próprias posses.

Instrumentos

Os links a seguir dizem respeito a vídeos em língua italiana cujas imagens são adequadas para pessoas em todo o mundo

<https://www.youtube.com/watch?v=uADVre1vxNs>

<https://www.youtube.com/watch?v=HNkwVqoPesk>

<https://www.youtube.com/watch?v=PQLZeUsA76E>

<https://www.youtube.com/watch?v=PX3lDMdwjqk>

GennaroBorrelli
over_therainbow@live.it



UNIDADE 6

Faixa Etária III: 11 - 14 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“Minhas amigas estão fazendo isso... e por que não eu também?”

Objetivos de Aprendizagem

- Incentivar os estudantes a pensar o que é ‘direito’, ‘liberdade’ e ‘dever’;
- Considerar quem pode ajudá-los a entender isto;
- Aprender o conceito de ‘direito’, ‘liberdade’ e ‘dever’;
- Entender o Artigo 3 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos;
- Conscientizar os estudantes sobre o fato de que os direitos e o bem-estar da pessoa devem prevalecer sobre os interesses exclusivos da ciência e da sociedade;
- Compreender os outros e suas opiniões;
- Motivar as pessoas a considerarem seu dever enquanto exercem

seus direitos e sua liberdade;

- Encorajar os estudantes a perceber quem poderia ajudá-los a tomar uma decisão e estimulá-los a tomar responsabilidade pelo que fazem.

O Caso

Meu nome é Symran. Tenho 13 anos e estudo no 8º ano. Meu pai trabalha em um escritório distante de casa, e minha mãe é uma dona de casa. Meu pai vem para casa sempre que tem uma folga, pelo menos uma vez por quinzena. Por isso, nós sempre esperamos por ele e estamos ansiosos para passar o tempo juntos.

Minha mãe faz todas as tarefas e cuida da minha irmãzinha, Sirjan, que tem 7 anos agora.

Eu sou a primeira filha de nossa família. Minha mãe, meu pai e todos os outros se preocupam comigo; eles me chamam de “princesa da lua”. Encontrei minha mãe e meu pai muitas vezes falando seriamente sobre mim e minha irmãzinha: nossos estudos, caráter e futuro são o tema de sua conversa. Minha mãe quer nos dar todas as coisas de que precisamos para nosso prazer e felicidade. Meu pai é um pouco rigoroso e atencioso: ele quer que façamos nossas tarefas por conta própria para que nos tornemos independentes. Ele também nos lembra de vez em quando que devemos pensar, antes de fazer uma coisa, se é certo ou errado fazê-la. Muitas vezes, nós não temos as coisas que desejamos e nos sentimos mal, mas toda vez meu pai fala conosco sobre isso. Embora eu não entenda imediatamente, depois percebo por que meu pai não nos deixa fazer algo. Normalmente fico chateada quando não posso fazer o que os pais das minhas amigas permitem que elas façam. Minhas amigas às vezes me provocam por isso.

Um dia, todos nós (pai, mãe, eu e minha irmãzinha) fomos

convidados para uma reunião social. Muitas amigas minhas e suas famílias viriam também. Minhas amigas já tinham comprado roupas para o evento. Elas compraram mini-saias e camisetas muito curtas e apertadas. Já que minhas amigas estavam orgulhosamente falando sobre suas vestes, eu pensei que estava tudo bem. Minha mãe, minha irmã e eu fomos comprar roupas. Minha mãe geralmente não se opõe à minha escolha. No entanto, desta vez ela estava um pouco hesitante sobre isso, embora ela tenha aceitado no final.

Meu pai chegou em casa um dia antes da reunião. Minha mãe explicou a ele tudo sobre os preparativos.

Então ela mostrou-lhe a roupa que eu usaria. O rosto feliz do meu pai imediatamente ficou triste. Ele não disse nada. Provavelmente, papai ia discutir com a mamãe. No dia seguinte, minha mãe disse que eu usaria uma vestimenta tradicional para participar da reunião. Papai também acenou que “sim”. Fiquei um pouco decepcionada, já que minhas amigas estariam usando roupas mais da moda. No entanto, eu gostei do traje tradicional também.

Quando chegamos ao local, minhas amigas me gozaram e seus pais fizeram comentários jocosos sobre minhas roupas. No meio da cerimônia, soubemos que a convidada principal tinha vindo do exterior e fora ganhadora de um prêmio Nacional. Para nossa surpresa, ela se aproximou e me elogiou. Falou sobre a necessidade de respeitar e preservar a cultura tradicional e elogiou o esforço dos meus pais.

Metodologia de Ensino

O professor conta a história para a classe, forma dois grupos de estudantes e sugere refletir e discutir sobre as seguintes questões:

- Quem era a “princesa da lua” e por que ela foi chamada assim?

- Como são a mãe e o pai de Symran?
- Por que o pai dela não a deixou usar as mesmas roupas que suas amigas?
- Já que ela não tem permissão para usar as roupas que comprou para a reunião, qual é seu “direito” e sua “liberdade”?
- O que deve ser levado em conta ao falar de ‘direito’ e ‘liberdade’?
- O que pode promover ‘direito’ e ‘liberdade’?
- Quem pode ajudar um adolescente a entender os conceitos de ‘direito’ e ‘dever’?

Em vez de dar sugestões concretas, o professor modera a discussão. A classe é dividida em dois grupos e eles discutem o ponto de vista dos pais de Symran e do resto da comunidade. Após o debate, ambos os grupos apresentam suas conclusões ao outro grupo através de uma encenação.

Após a apresentação, cada estudante é encorajado a expressar sua opinião.

O professor explica o significado de ‘direito’, ‘liberdade’ e ‘dever’, termos que aparecem no Princípio 3 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos - Dignidade Humana e Direitos Humanos, que afirma:

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

O professor quer que os estudantes considerem o conceito de dever, enquanto exercem o “direito” e a “liberdade”. Durante a discussão, convida a turma a considerar o risco para meninas com roupas provocativas. Esse trabalho pode motivar os estudantes a refletir sobre quem está em uma posição melhor para decidir o que é bom e

o que é errado para as crianças e como uma cultura pode ser mais bem preservada.

Dhana Ratna Shakya
drdhanashakya@yahoo.com



UNIDADE 7

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“Tudo o que eu quero é uma educação”

Objetivos da Aprendizagem

- Como a educação ajuda a melhorar os seres humanos;
- Os benefícios sociais da educação;
- Por que a educação deve ser para todos;
- Como a coragem individual e o poder de uma ideia podem ter impacto positivo sobre a sociedade.

O Caso

Malala Yousafzai: educação como direito humano

Malala Yousafzai é a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel do mundo. Ela é conhecida principalmente pela luta em defesa dos direitos humanos concernentes à educação e às mulheres em sua

terra natal, Swat Valley, na província de Khyber Pakhtunkhwa, no noroeste do Paquistão, onde o Talibã local já havia proibido meninas de frequentar a escola. A luta de Yousafzai cresceu desde então e se tornou um movimento internacional.

Sua família dirige várias escolas da região. No início de 2009, quando tinha 11-12 anos, Yousafzai escreveu, sob pseudônimo, um blog para a BBC, detalhando sua vida sob a ocupação talibã, as tentativas dos talibãs de assumirem o controle do vale e as opiniões dela sobre a promoção da educação para meninas no Vale do Swat. No verão seguinte, o jornalista Adam B. Ellick fez um documentário para o New York Times sobre a vida da jovem, enquanto os militares paquistaneses entrevistaram na região. Yousafzai ganhou destaque, dando entrevistas na imprensa e na televisão, e foi indicada para o International Children's Peace Prize pelo ativista sul-africano Desmond Tutu.

Na tarde de 9 de outubro de 2012, Yousafzai entrou no ônibus escolar no distrito paquistanês de Swat. Um atirador perguntou pelo nome dela, depois apontou-lhe uma pistola e disparou três tiros. Uma bala atingiu o lado esquerdo da testa de Yousafzai, percorreu sob a pele toda a extensão do rosto, depois entrou em seu ombro. Nos dias imediatamente após o ataque, ela permaneceu inconsciente e em estado crítico, porém mais tarde sua condição melhorou o suficiente para que ela fosse enviada ao Hospital Queen Elizabeth em Birmingham, Inglaterra, para reabilitação intensiva. Em 12 de outubro, um grupo de 50 clérigos islâmicos no Paquistão emitiu uma *fatwa* contra aqueles que tentaram matá-la, mas o Talibã reiterou sua intenção de matar Yousafzai e seu pai, Ziauddin Yousafzai.

A tentativa de assassinato provocou uma manifestação nacional e internacional de apoio a Yousafzai. A Deutsche Welle escreveu em janeiro de 2013 que Yousafzai pode ter-se tornado “a adolescente mais famosa do mundo.” O enviado especial das Nações Unidas para

a Educação Global, Gordon Brown, lançou uma petição da ONU em nome de Yousafzai, exigindo que todas as crianças do mundo estejam na escola até o final de 2015; isto levou à ratificação do primeiro Projeto de Lei do Direito à Educação do Paquistão.

(Fonte: Wikipedia; http://en.wikipedia.org/wiki/Malala_Yousafzai).

Metodologia de Ensino

O Dilema

Hoje, a educação é universalmente reconhecida como um direito humano básico, mas, em vários casos, mesmo esse direito não tem sido respeitado. Um ser humano pode decidir quem tem direito à educação e quem não o tem? Esta decisão pode ser baseada nos preconceitos de gênero e religiosos?

O professor apresenta brevemente a história da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ressaltando particularmente o artigo relacionado ao Direito à Educação.

Após seu nascimento, em 1945, as Nações Unidas criaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos (UDHR): o princípio 26 da Declaração trata a educação como um direito humano, como segue:

1. Todos têm direito à educação. A educação será gratuita, pelo menos nas etapas elementar e fundamental. O ensino fundamental será obrigatório. A educação técnica e profissional deve ser disponibilizada em geral e o ensino superior será igualmente acessível a todos com base no mérito.
2. A educação será direcionada ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento do respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais. Deverá promover a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações, grupos raciais ou religiosos, e favorecer as atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

3. Os pais têm o direito prévio de escolher o tipo de educação que será dada aos seus filhos.

O professor permite que os estudantes assistam ao vídeo do discurso de Malala nas Nações Unidas (<https://www.youtube.com/watch?v=3rNhZu3HIU>), e depois convida-os a refletir sobre o significado substancial de suas palavras. Cada estudante escreve o que considera que são as “palavras-chave” de seu discurso. Por favor, note que os estudantes devem simplesmente expressar seu próprio sentimento sem a influência de colegas ou professores; então, neste ponto, o trabalho individual é sugerido.

Depois de escrever uma lista das principais palavras-chave impressionantes do discurso, os estudantes serão convidados a considerar que a história de Malala é apenas um exemplo famoso de negação do direito à educação. Poderíamos reconhecer em diferentes países muitos casos em que ir à escola representa um privilégio especial em vez de um direito respeitado. Os estudantes se lembram de outros casos e histórias relacionadas ao assunto?

O professor conduzirá uma breve discussão com base na questão e, em seguida, convidará os estudantes a participar da contagem de histórias. No final, os jovens, trabalhando em pares, escreverão um conto respondendo à seguinte pergunta: o que eu faria se fosse privado de educação?

Leituras

http://en.wikipedia.org/wiki/Malala_Yousafzai

<https://www.youtube.com/watch?v=3rNhZu3HIU>

<http://www.bbc.com/news/world-asia-23241937>

http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/2014/you

[safzai-lecture_en.html](#)

<https://secure.aworldatschool.org/page/content/the-text-of-malala-yousafzais-speech-at-the-united-nations/>

<http://www.theguardian.com/world/video/2014/dec/10/malala-yousafzai-accepts-nobel-peace-prize-video>

Daniela Caruso
daniela.caruso@unipegaso.it

UNIDADE 8

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“Quanto vale a vida humana?”

“O direito à vida é o mais fundamental de todos os direitos humanos. Está no cerne da lei internacional dos direitos humanos... Não há direito mais sagrado do que o direito à vida.”¹

Ban Ki-moon , Secretário-Geral da OHCHR

Proferido em 3 de julho de 2012 no painel da OHCHR sobre a abolição da pena de morte, Nações Unidas, Nova York

Objetivos da Aprendizagem

- Tornar os jovens conscientes para respeitar os direitos humanos e a dignidade humana;
- Informar e conscientizar sobre a pena de morte, sua administração, sua finalidade e a disponibilidade de medidas alternativas de custódia;
- Avaliar objetivamente o dever de cumprir uma pena justa e

adequada para o crime cometido, não negando a possibilidade de redenção e sendo a pessoa acolhida de volta no contexto do tecido social;

- Uma reflexão cuidadosa e minuciosa sobre o princípio da liberdade individual e o princípio da justiça de acordo com as regras sociais de “convivência”.

O caso

Hoje é o último dia da minha vida. Por dias eu não consigo dormir pensando nas últimas horas que me restam. Sinto que estou vivendo um pesadelo do qual, infelizmente, não serei capaz de acordar. Vivo na prisão há 20 anos, tendo cometido uma série de crimes hediondos. Eu tinha 15 anos quando comecei a roubar. A estrada era minha casa: depois de um tempo até matar tornou-se absolutamente normal para mim. Fazer os outros sofrerem não provocava qualquer emoção em meu coração. Eu não conhecia nada além de violência e raiva contra tudo e contra todos. Nunca imaginei que minha vida na prisão mudaria tão significativamente. Dia após dia, minha raiva se tornou desespero e depois se transformou em uma aceitação resignada. O tempo interminável atrás das grades me ensinou a viver uma rotina dolorosa, durante a qual tive a oportunidade de pensar muito. Compartilhar minhas terríveis experiências de vida com alguns dos presos e até mesmo com alguns carcereiros me fez sentir que eu não estava mais sozinho nesta terra. Comecei a entender o que significa compaixão. Pela primeira vez na minha vida eu também tive o prazer de sentir o gosto de minhas lágrimas. Descobri que era um ser humano, como todo mundo. E a partir desse momento eu me tornei consciente de minha culpa. Este incrível fardo nunca me deixará. Eu tentei tanto ser perdoado pelos parentes das minhas vítimas, mas nenhum deles queria ouvir meu pedido desesperado. Esta nova vida faz sentido para mim e eu quero viver. Infelizmente agora tudo isso está

chegando ao fim. O que mais temo é que nada nem ninguém se importa com a minha vida: nem os parentes das vítimas, sedentos por justiça, já que nada pode devolver a eles seus entes queridos, e que provavelmente testemunharão minha execução, nem o país, para o qual represento apenas outro fardo desnecessário e oneroso para a comunidade. A quem ou a que minha morte pode servir? Quanto vale a vida humana?

Metodologia de Ensino

A pena de morte representa, ainda hoje, em vários países, a sentença máxima infligida para ofensas graves.

Destacar em um mapa os países onde a pena de morte existe, os países onde foi abolida e aqueles em que, embora não tenha sido abolida, não tem sido aplicada há anos. Quantificar o número de pessoas executadas a cada ano e para que ofensas, tentando traçar um perfil geral da atual situação.

Realizar uma pesquisa para avaliar o que os estudantes sabem sobre esse assunto. Divida-os em dois grupos, de acordo com quem é a favor e quem é contra a pena de morte. Anote as motivações dos prós e contras e todas as informações úteis que serão comparadas com as opiniões dos estudantes depois de ter abordado minuciosamente o tema.

Aprofundar o papel que a pena de morte tem mantido na vida do homem ao longo dos séculos, como um evento cultural e social, e quando e como a lei de talião (“olho por olho, dente por dente”) converteu-se em uma pena infligida ao infrator a fim de agir como um meio de desencorajar o crime violento.

Iniciando a Discussão:

Como uma punição extrema que inexoravelmente mina o bem da própria vida, a pena de morte (provoca os seguintes dilemas:

- Qual é o uso da pena de morte? Quem tem o direito de decidir sobre a vida ou a morte de um homem, independentemente de sua inocência ou culpa?
- Tem o Estado, embora em nome da lei e para o bem da comunidade, o direito de infligir tal penalidade?
- A pena de morte é realmente eficaz, desencorajando os crimes para os quais se destina?
- E a chance de reintegrar um condenado, comutando sua pena de morte em uma punição socialmente útil?

Instrumentos

Documentos

<https://www.ohchr.org/EN/Issues/DeathPenalty/Pages/DPIIndex.aspx> (visitado em 04/07/2018).

http://www.ohchr.org/Lists/MeetingsNY/Attachments27/moving_away_from_death_penalty_web.pdf

Filmes

The green mile 1999

Dead man walking 1995

The life of David Gale 2003

Let him have it 1991

Pierrepont-the last hang-man 2006

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com

<https://www.ohchr.org/Lists/MeetingsNY/Attachments/27/moving>

[_away_from_death_penalty_web.pdf](#)

UNIDADE 9.

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

**“Precisamos de um caminho para o futuro? A
pavimentação de uma estrada rural na
Comunidade da Ilha Paraíso”**

Objetivos da Aprendizagem

- Debater sobre valores culturais e sociais referentes a necessidades e desejos individuais;
- Refletir sobre o impacto que a engenharia tem na vida comunitária em termos de saúde, educação, cultura, economia e meio ambiente para a geração atual e a futura;
- Aprender e compreender o terceiro princípio da Declaração da UNESCO sobre Bioética e Direitos Humanos de 2005;
- Compreender os desafios da Bioética e tomar decisões sobre dilemas da sociedade.

O Caso

A Comunidade da Ilha Paraíso mal foi integrada pelas comunidades externas a partir do século XIX. A vida é baseada na pesca e na agricultura familiar; a medicina tradicional está em uso para curar pessoas doentes. Quase todos os habitantes são membros de uma família estendida, um clã matrilinear de origem africana. Há pelo menos 400 pessoas vivendo e trabalhando na ilha. Têm uma escola primária, um campo de futebol e duas igrejas como espaços comunitários, mas seu lugar favorito é uma praia paradisíaca. Raramente vão para o continente porque não têm lanchas, apenas canoas tradicionais e frágeis. De qualquer forma, não podem contar com uma escola secundária e instalações médicas porque é impossível encontrar profissionais que naveguem até a ilha todos os dias. Agora, a prefeitura da cidade propôs pavimentar a estrada rural e construir uma ponte ligando a ilha ao continente. A estrada e a ponte também envolverão a construção de uma escola secundária e de instalações médicas para a comunidade.

A comunidade tem um padrão de decisão muito antigo, que é um conselho dos anciãos. É composto por mulheres e homens idosos, todos com mais de 50 anos, casados, com filhos, cujo comportamento é considerado um bom exemplo para os jovens e é aprovado por outros idosos. Eles podem decidir tudo o que tem impacto na comunidade, seu destino e seu futuro, com base em um passado compartilhado, experiências de vida e um projeto de vida futura para seu povo. Este conselho tem sido eficaz até agora. No entanto, desta vez, a comunidade está dividida: os anciãos votam contra a pavimentação da estrada e a construção de pontes. Alegam que isso colocará em risco sua cultura, seus ritmos, seus valores tradicionais e seus santuários; atrairá visitantes e turistas indesejáveis, trará poluição, modificará seus hábitos e os fará perder sua identidade e orgulho – transformando-os em funcionários a

serviço de pessoas do continente. No entanto, os jovens querem ter sua escola na ilha e uma instalação médica – eles acham que a medicina tradicional e o ensino fundamental não são mais suficientes.

Metodologia de Ensino

Dilema

O que você acha que o poder público deve priorizar: os interesses e o bem-estar dos jovens ou as antigas tradições da Comunidade da Ilha Paraíso, representadas pelos anciãos? Por que?

Primeiro passo: abordar o assunto.

O professor faz uma pesquisa sobre o contexto e as pessoas envolvidas para promover uma compreensão inicial das questões relacionadas ao problema: é importante destacar a história das pessoas, sua formação cultural, saúde e condições educacionais, o modelo de tomada de decisão e as relações entre as diferentes faixas etárias.

O professor explicará o terceiro princípio da Declaração sobre Bioética e Direitos Humanos da UNESCO, de 2005.

Segundo passo: interpretação, mapeamento e informação sobre este princípio.

Cabe discutir as questões relacionadas à pavimentação e construção de pontes, aos valores sociais e culturais e à percepção de benefícios e danos nesse contexto.

No caso da Comunidade da Ilha Paraíso, o que significa priorizar os interesses de uma sociedade e não os das pessoas?

Em um primeiro momento, os estudantes podem ser divididos em dois grupos, um representando os idosos e outro representando o ponto de vista dos jovens. Cada grupo tentará entender e expressar as razões das pessoas que estão representando.

O professor pode oferecer um exemplo de dilema que se contraponha às razões de cada grupo.

Terceiro passo: a ideação e elaboração de hipóteses e soluções.

Os estudantes propõem diferentes soluções, considerando a Dignidade Humana e os Direitos Humanos como um Princípio Ético. Eles devem escolher a melhor solução entre todas as propostas, descrever todos os possíveis benefícios e danos decorrentes disso e explicar por que esta proposta é a melhor possível para resolver o problema da Comunidade da Ilha Paraíso.

Valeria Trigueiro Santos Adinolfi

vtrigueiro@isp.edu.br

vtrigueiro@yahoo.com



UNIDADE 10

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 3: Dignidade Humana e Direitos Humanos

1. A dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser plenamente respeitados.
2. Os interesses e o bem-estar da pessoa devem ter prioridade sobre o interesse exclusivo da ciência ou da sociedade.

Título

“Dignidade além da vida”

Objetivos da Aprendizagem

- Sensibilizar os jovens para entender o que são dignidade e liberdades fundamentais;
- Refletir sobre o uso de cadáveres humanos, de acordo com diferentes religiões, tradições e tendências, ao longo dos séculos até hoje;
- Destacar a importância das seções de cadáveres nas escolas médicas para o progresso da medicina e da ciência;
- Informar e conscientizar sobre o direito que todo ser humano tem de decidir o que fazer com seu corpo após a morte.

O Caso

Esta manhã, enquanto eu ia pegar uma bebida quente e algo para comer para os sem-teto do meu bairro, vi uma ambulância parando perto da lixeira onde Larry geralmente mora. Eu imediatamente corri, temendo que algo tivesse acontecido com ele. Cheguei bem a tempo de ver seu corpo sendo carregado na ambulância. Perguntei aos paramédicos o que tinha acontecido, e um deles laconicamente me disse que tinham encontrado seu corpo congelado: provavelmente ele não tinha suportado as duras temperaturas da última noite. “Para onde vocês o estão levando?” Eu perguntei. “Para o Hospital Universitário: pelo menos ele será mais útil morto do que vivo!”, exclamou o outro paramédico ironicamente. Fiquei chocado: Eu tinha conhecido Larry há anos, uma vez que ele tinha escolhido a área do meu bairro como sua moradia. Ele era um homem muito taciturno, não costumava sorrir, mas seus olhos eram mais expressivos do que mil palavras. Sua dignidade e sua gratidão por uma refeição quente o fizeram particularmente querido para mim. Eu tinha perdido um amigo. Mas o que significava essa frase “Pelo menos ele será mais útil morto do que vivo”? Para meu horror, o corpo de Larry seria usado por estudantes de medicina para praticar seções anatômicas. Infelizmente, ninguém lhe pediu permissão para doar seu corpo para a ciência. O mesmo aconteceria com os outros sem-teto.

Metodologia de Ensino

Antes de iniciar a discussão, à luz da dignidade e do princípio fundamental da liberdade, pode ser útil estudar o uso de cadáveres humanos ao longo dos séculos passados, de acordo com diferentes culturas e tradições.

As seguintes perguntas devem ser discutidas:

- É correto que o corpo de Larry seja usado para exercícios de anatomia de estudantes de medicina sem o seu consentimento?

- Está tudo bem usar o corpo de Larry só porque nenhum parente ou amigo o reivindica?
- A quem nosso corpo pertence após a morte, se nossos desejos não são explícitos?
- Um ser humano perde a dignidade após a morte?
- Qual a importância das seções de cadáveres nas escolas médicas para o progresso da medicina e da ciência?
- Você pode sugerir outras soluções em vez de usar corpos humanos?

Instrumentos

<http://brainblogger.com/2011/08/20/human-dissection-from-galen-to-the-great-revelations-of-andreas-vesalius/> (visitado em 05/08/2018).

<http://brainblogger.com/2011/09/17/human-dissection-part-2-murderers-body-snatchers-and-burkers/> (visitado em 05/08/2018).

<https://journalistsresource.org/studies/government/unclaimed-bodies-burial-medical-examiner-cremation> (visitado em 05/08/2018).

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ca.21223> (visitado em 05/08/2018).

*Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com*



A Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio nº 4 **Benefício e dano**

Os benefícios diretos e indiretos a pacientes, participantes de pesquisa e outros indivíduos afetados devem ser maximizados e qualquer dano possível a tais indivíduos deve ser minimizado, quando se trate da aplicação e do avanço do conhecimento científico, da prática médica e tecnologias associadas.

BENEFÍCIOS



DANOS

UNIDADE 11

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 4: Benefício e Dano

Os benefícios diretos e indiretos a pacientes, participantes de pesquisa e outros indivíduos afetados devem ser maximizados e qualquer dano possível a tais pessoas deve ser minimizado, quando se trate da aplicação e do avanço do conhecimento científico, da prática médica e tecnologias associadas.

Título

“Música e danças do mundo inteiro”

Prevenir o problema potencial de exclusão social de crianças provenientes de diferentes culturas e tradições.

Objetivos de aprendizado

- Construir a identidade própria da criança;
- Adquirir autoconfiança;
- Relacionar-se com as outras pessoas;
- Aprender a confiar nos outros;
- Conhecer um ao outro;
- Respeitar as diferenças culturais;
- Desenvolver a capacidade de se orientar em um espaço desconhecido.

O jogo

O dilema

Meus colegas de classe são diferentes de mim em muitos aspectos. A cor da minha pele é diferente da deles, eles não estão habituados aos meus costumes e tradições: devo tentar conhecê-los melhor ou evitá-los?

Para prevenir um potencial problema de exclusão social de crianças provenientes de diferentes culturas e costumes.

Ambiente

- Um amplo espaço que permita que todos se movimentem;
- Um grupo heterogêneo de crianças, de modo que as crianças mais velhas estimulem as mais novas a imitarem seus comportamentos.

Materiais

- Música e dança dos países de origem das crianças;
- Roupas típicas da cultura de origem das crianças;
- Maquiagem e penteados tradicionais.

O jogo

- *Crianças vestindo roupas típicas de seus países de origem;*
- O professor propõe exercícios de aquecimento;
- Após o aquecimento, as crianças sentam-se no chão, em círculo;
- Apresentação de cada criança, dizendo seu nome e seu país de origem;
- Cada criança apresenta uma canção ou dança de seu país de origem, vestindo roupas tradicionais.
- *Quando a música parar, um novo jogo será sugerido*
- Crianças pequenas sentam-se em círculo observando seus companheiros mais velhos;
- Crianças de 5 anos serão divididas em duplas;

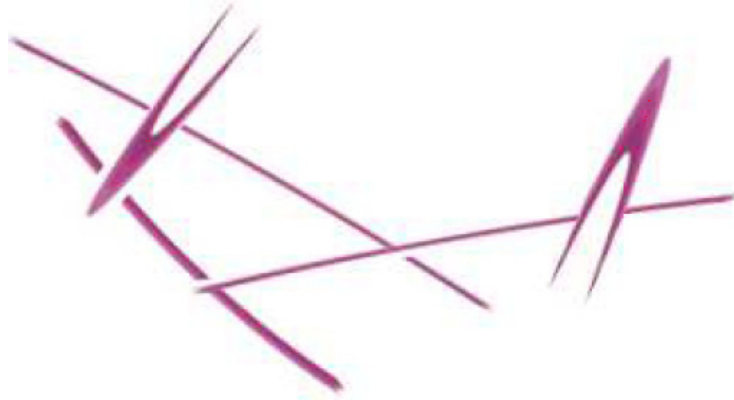
- Uma das crianças da dupla está com os olhos vendados;
- A outra criança da dupla ajuda a que está de olhos vendados, aos poucos, colocando a mão em seu ombro para guiá-la na direção certa;
- Pouco tempo depois, ao sinal do professor, o jogo muda outra vez;
- Uma única criança com os olhos vendados seguirá as instruções das outras crianças (ainda sentadas no chão, em círculo), as quais, em seguida, cada uma por sua vez, começarão a atrair sua atenção pela voz ou fazendo ruídos;
- Quando o professor disser “pare”, a tarefa da criança com os olhos vendados será adivinhar em que ponto da sala ela está.

Metodologia de Ensino

O encontro com outras culturas e costumes permitirá um melhor entendimento destas chamadas “Diferenças”; através desta unidade, a diferença se tornará um recurso para o enriquecimento pessoal do caráter da criança, em vez de um perigo para sua identidade étnica.

Esta unidade didática pretende abordar o problema da construção de um sentido intercultural de pertença, ou seja, construir sobre o sentido de pertencimento a uma mesma sociedade (Cidadania Intercultural). Para ter sucesso nesta tarefa, uma redução gradual de estereótipos e preconceitos é necessária. Esta abordagem será de grande ajuda para prevenir os efeitos de uma marginalização, potencial ou já existente. Em outras palavras, deve contribuir ativamente para um crescimento equilibrado e harmônico da criança, aumentando sua autoconfiança e melhorando seu relacionamento pessoal com os coleguinhas de classe.

Antonella Migliore
antonella.migliore@icloud.it



UNIDADE 12

Faixa Etária II: 6 – 10 anos

Princípio Ético nº 4: Benefício e Dano

Os benefícios diretos e indiretos a pacientes, participantes de pesquisa e outros indivíduos afetados devem ser maximizados e qualquer dano possível a tais pessoas deve ser minimizado, quando se trate da aplicação e do avanço do conhecimento científico, da prática médica e tecnologias associadas.

Título

“O grande sonho de Pasi e Tat”

Objetivos de Aprendizagem

- Promover o respeito e o conhecimento relativos aos pequenos animais que vivem em nossa região;
- Ser capaz de pensar em nossos medos em relação aos animais, a fim de superá-los;
- Reabilitar animais que são frequentemente vítimas de preconceitos infundados;
- Estimular o conhecimento sobre a vida e os hábitos dos seres vivos;
- Conscientizar-se de que toda criatura merece ter a vida respeitada;
- Conscientizar-se de que nenhum ser vivo deve sofrer dano em sua saúde ou restrição em sua liberdade em prol de outro ser vivo;
- Estar ciente de que as espécies são diferentes, mas a capacidade de

sofrer é a mesma para seres humanos e não humanos.

O caso

Na vila de Biglandia, Pasi e Tat são dois pobres gatinhos trancados em duas gaiolas separadas por pessoas que realizam pesquisas em animais. Os dois simpáticos gatinhos sofrem muito neste ambiente cruel e assustador. Os dois infelizes companheiros são vítimas de cruéis experimentos conduzidos por pesquisadores, que injetam produtos farmacêuticos e observam os efeitos dos mesmos em seus corpos. Se as reações em seus pequenos corpos são positivas, os pesquisadores podem decidir administrar esses produtos farmacêuticos às pessoas, senão o pobre animal está destinado ao sofrimento, abandonados à sua triste sorte podendo até morrer. Os dois gatinhos tornam-se amigos. Um dia eles decidem fugir, mas o local onde se abrigam é bastante hostil, e logo começam a sentir sede, fome e frio. Os animais não falam, mas sofrem como nós sofreremos. Os dois pobres animais, exaustos e sem forças, encontram uma família pequena e simpática que, movida por compaixão e angustiada pela difícil situação dos gatinhos, os leva para seu lar acolhedor e os adota.

Metodologia de Ensino

O dilema

- Quem é diferente? Quem está em perigo?
- Como os gatinhos estão sendo tratados? Quem os ajuda?
- Eu teria ajudado os pobres gatinhos a escaparem, mas meu pai diz que essas experiências com animais ajudam a salvar os seres humanos de doenças.
- Nosso professor nos explicou que, às vezes, a pesquisa pode ser útil, mas às vezes pode ser desnecessária.

Abordagens ativas e plurais de ensino, de acordo com o modelo do

tipo socioconstrutivista; laboratório de ensino; aprendizagem cooperativa.

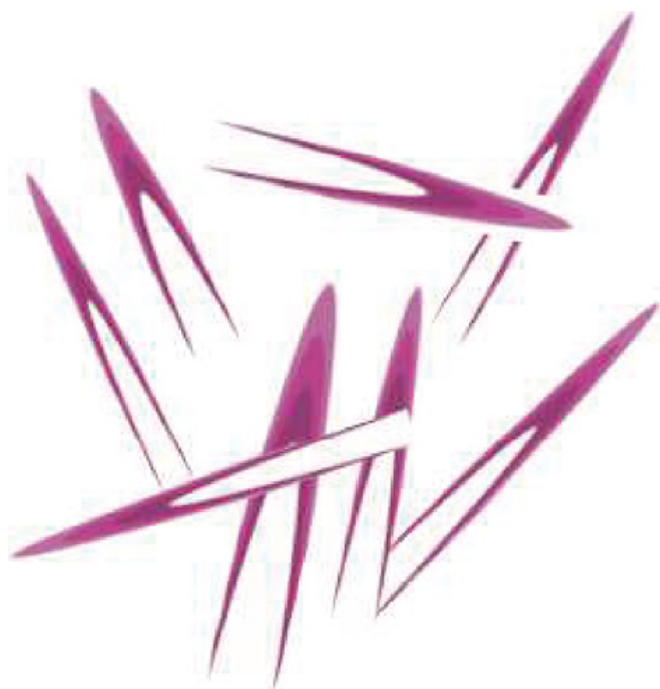
Dramatização

Cada grupo revisa o texto da história, transformando-o em um roteiro simples. Eles podem mudar o texto e até introduzir novos personagens.

- Em cada grupo, são os próprios estudantes que atribuem, um ao outro, os diferentes papéis;
- Os estudantes ensaiam suas partes em duplas para assimilarem o conteúdo;
- Cada grupo prepara sua própria representação, usando simples cartazes e máscaras que expressam os sentimentos, os humores dos diversos personagens principais da história;
- Na sala de teatro, cada grupo encena seu próprio roteiro;
- Discussão final.

O professor convida os alunos a adotarem um animal destinado aos laboratórios de pesquisa.

Giuseppina Iommelli
giuseppina.iommelli@alice.it



UNIDADE 13

Faixa Etária II: 6 - 10 anos

Princípio Ético nº 4: Benefício e Dano

Os benefícios diretos e indiretos a pacientes, participantes de pesquisa e outros indivíduos afetados devem ser maximizados e qualquer dano possível a tais pessoas deve ser minimizado, quando se trate da aplicação e do avanço do conhecimento científico, da prática médica e tecnologias associadas.

Título

“Um pássaro na gaiola”

O caso

Meu amigo Yotam tem um pequeno zoológico em casa. Ele tem três cães, dois gatos, uma iguana e uma pequena tartaruga.

No entanto, de todos os animais de Yotam, eu prefiro os dois papagaios coloridos. Eu posso falar com eles na frente da gaiola por muitas horas. A gaiola deles é pequena, com um galho da árvore passando no seu interior. Ao fundo, há tigelas para grãos e água. Estou pensando, há algum tempo, que esses papagaios são infelizes.

Eles voam de galho em galho, de um lado da gaiola para o outro. Eu só quero abrir a portinhola e deixá-los ir. “Não é justo”, eu acho, “aprisionar pássaros em uma gaiola, para nosso próprio prazer”.

Nem eu gostaria de estar em uma gaiola, mesmo que fosse feita de

ouro. Um dia, quando eu estava na casa de Yotam, parado em frente à gaiola, como sempre faço, peguei a maçaneta da porta para abrir e soltar os papagaios de uma vez por todas. De repente, houve um barulho atrás de mim, o pai de Yotam entrou. Eu imediatamente tirei minha mão da maçaneta. “O que você está fazendo?” Ele me perguntou: “Não toque na porta, os papagaios voarão para longe!” Fiquei um pouco assustado, mas criei coragem e disse ao pai de Yotam: “Pobres papagaios, eles têm asas para voar ao ar livre, não são feitos para divertir as pessoas com seus maravilhosos gorjeios e cores”. “Você não entende”, disse o pai de Yotam, “se eu os deixar ir, eles não sobreviverão. Suas asas são fracas demais para escapar dos predadores e eles não sabem como procurar comida”.

“Viver em uma gaiola de meio metro não é realmente vida”, eu disse com tristeza. “Você deveria libertá-los.

“É verdade que você quer ser livre? “Eu perguntei aos papagaios coloridos. “Pio, pio” foi a resposta deles, e eu não sabia se eles queriam dizer “sim” ou “não”.

“Se esses fossem meus próprios papagaios, eu não saberia o que seria a coisa certa a fazer”, pensei.

Metodologia de Ensino

Quem tem pássaros numa gaiola em casa?

Por que as pessoas mantêm pássaros em gaiolas?

É certo manter zoológicos?

Por que os animais são mantidos em gaiolas e/ou jaulas nos jardins zoológicos?

Os animais se sentem tristes?

Os animais que nasceram em um zoológico se sentem tristes?

Que tipo de dilema as pessoas que possuem pássaros em uma gaiola enfrentam?

O que você faria se recebesse de presente uma gaiola com pássaros?

Conte sobre a sua visita a um zoológico: O que você sentiu?

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com

UNIDADE 14.

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio ético nº 4: Benefício e Dano

Os benefícios diretos e indiretos a pacientes, participantes de pesquisa e outros indivíduos afetados devem ser maximizados e qualquer dano possível a tais pessoas deve ser minimizado, quando se trate da aplicação e do avanço do conhecimento científico, da prática médica e tecnologias associadas.

Título

“A esperança e a ciência sempre andam juntas?”

Objetivos de Aprendizagem

- Dar sentido à expressão “progresso científico”;
- Explicar os conceitos de respeito, caridade, não maleficência, justiça;
- Definir o conceito de autodeterminação do indivíduo, levando em consideração o envolvimento de todos os participantes.

O caso

O caso da criança inglesa Charlie Gard tornou-se um ponto de partida para o debate desde a primavera de 2017 até o dia de sua morte, 28 de julho de 2017. Diagnosticado quando tinha oito semanas de idade, Charlie nasceu com uma doença genética muito

rara: a síndrome de depleção do DNA mitocondrial, que causa um grave e progressivo enfraquecimento dos músculos e da função cerebral. Atualmente não há cura para esta doença. A criança foi internada em um Hospital Pediátrico Britânico em outubro de 2016. O bebê foi colocado em suporte de vida e sedado com morfina, uma vez que não foi possível estabelecer seu grau de sofrimento. Em março de 2017, o Hospital declarou que era aconselhável desligar os aparelhos que o mantinham vivo artificialmente, porque no momento não havia possibilidade de recuperação, e a condição da criança piorava progressivamente. Os pais se opuseram e, como a criança não tinha condição de se exprimir diretamente, a decisão foi deixada aos órgãos judiciais, que aceitaram a decisão do hospital. Os pais pediram mais tempo.

Eles receberam esse adiamento porque, enquanto isso, com base no grande clamor que o caso despertou no mundo, eles souberam da possibilidade de uma terapia farmacológica, desenvolvida por um neurologista americano, Michio Hirano.

Esse tratamento, ainda que não pudesse curar a criança, permitiria que Charlie deixasse o suporte de vida. Essa terapia, no entanto, foi testada apenas experimentalmente, em doenças não semelhantes à de Charlie.

De fato, depois de receber os registros médicos do paciente e consultar a equipe do hospital, o médico americano declarou que seria inútil aplicar o tratamento experimental. A condição do paciente tinha se deteriorado progressivamente. Charlie estava surdo, cego e com dano cerebral irreversível. Os pais renunciaram à batalha legal e, depois de ouvir o juiz, a criança foi transferida para um *hospice*, no qual lhe foi removido o suporte de vida. O pequeno Charlie morreu em 28 de julho de 2017, antes de completar um ano de idade.

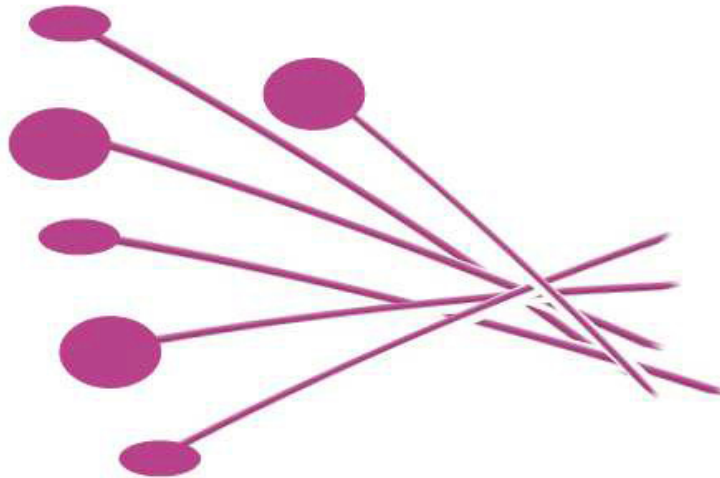
Metodologia de Ensino

Antes da discussão do caso, uma breve revisão deve ser oferecida sobre o significado da experimentação clínica e do protocolo experimental, bem como das tarefas diagnósticas e terapêuticas da equipe médica.

A natureza problemática desse caso nos permite identificar diferentes dilemas éticos:

- Apesar do desconhecimento dos pais em matéria médica, é correto que os pais decidam pela vida do seu filho, concordando em experimentar qualquer que seja o protocolo disponível?
- Um órgão judicial pode ter o direito e a autoridade para tomar uma decisão nesses casos?
- O que dizer sobre o princípio da justiça quanto à distribuição de recursos de saúde nos casos em que a situação não vai melhorar?

Luisa Ferrari
asiul.ferrari@virgilio.it



A Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio n. 5 **Autonomia e Responsabilidade Individual**

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses.



UNIDADE 15

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses

Título

“O espelho: aprendendo a se comunicar”

Objetivos de Aprendizagem

- Melhorar a autonomia e a responsabilidade individual como resultado de um processo complexo e progressivo de amadurecimento, no qual a pessoa se torna consciente de si mesma e da capacidade de se comunicar com outras pessoas;
- Usar o espelho como uma ferramenta útil para aprender a entender a comunicação não verbal que permite examinar e decodificar nossas próprias expressões faciais e posições corporais, bem como as de outros, a fim de compreender melhor as pessoas com quem interagimos. De fato, somente através da linguagem clara e consciente, somos capazes de expressar escolhas autônomas e responsáveis.

O jogo

Passo 1

Espelho, espelho meu, quem nesta terra é mais bela do que eu?

Inspirando-se em Branca de Neve, podemos fazer perguntas à criança que está se olhando no espelho. Enquanto estiver em pé, diante do espelho, pedimos à criança que descreva o que vê e observa. Essa abordagem simples é uma maneira eficaz de ilustrar as várias reações que cada criança experimenta durante esta atividade. Isto resulta numa tomada de consciência dando à criança a possibilidade de descobrir certos aspectos de sua personalidade que, de outra forma, não teria condição de compreender. Se isso não for possível para a criança, por qualquer motivo (por exemplo, timidez, baixa autoestima, etc.), o professor pode simplesmente pedir que ela responda às seguintes perguntas:

Qual é o seu nome? Quantos anos você tem? Qual é a sua cor preferida? E assim por diante. Depois disso, o professor continua com mais perguntas, como: Onde estão seus lábios? Eles são finos ou grossos? Onde estão seus olhos? De que cor são eles? Alguém em sua família tem os olhos da mesma cor que os seus? E assim por diante.

À medida que a criança olha nos seus próprios olhos, essa simples técnica lhe dá a possibilidade de criar um bom relacionamento consigo mesma e com a imagem que vê no espelho, resultando em um sentimento mais profundo de autoconfiança. Essa atividade aborda questões fundamentais na construção da autonomia e consciência de si. Esse primeiro exercício pode ser feito individualmente, com cada criança do grupo, levando a quantidade de tempo necessária para cada um deles. Isso é importante, especialmente quando se trata de crianças tímidas, a fim de permitir que elas se expressem longe dos olhares indiscretos ou dos

comentários maliciosos de seus colegas de classe. Depois, a criança tem a oportunidade de “brincar” fazendo caretas no espelho, interpretando vários personagens, como palhaço ou monstro, ou outro que a criança queira fazer: isso ajuda a criança a entrar em contato consigo mesma.

Passo 2

Outro exercício consiste em crianças distribuídas em pares, cada uma voltada para a outra, a uma distância de meio metro. Uma atua como líder, enquanto a outra atua como um “espelho”. Fazendo movimentos da cintura para cima, o líder começa a executar movimentos simples. O “espelho” os duplica exatamente como um espelho faria. Depois de um tempo, elas podem trocar as posições, para que o espelho se torne o líder e vice-versa. O objetivo deste exercício não é apenas melhorar a coordenação, mas também aprender a olhar para outra pessoa e se sentir confortável com formas diferentes de comunicação.

Passo 3

As crianças, em fila diante do professor, tentam imitar os movimentos do instrutor (líder). Este exercício pode até ser feito com um grande grupo de crianças. O líder pode, por exemplo, imitar atividades simples, como lavar o rosto, vestir-se, escovar os dentes etc. Este exercício promove criatividade, diversão, timing (noção de tempo) e coordenação: as crianças devem ser incentivadas a serem tão específicas quanto possível em cada movimento. Quando são treinadas o suficiente, podem tentar expressar por mímica emoções como felicidade, tristeza e assim por diante. O líder também pode repetir um discurso familiar ou uma canção bem conhecida, enquanto as crianças tentam segui-lo, repetindo em coro o discurso ou a canção. A comunicação se torna mais difícil usando três canais (olho, movimento e ouvido) ao mesmo tempo. Outro exercício

usando o canal auditivo, a fim de mostrar a importância e, simultaneamente, a dificuldade de comunicação, é o Moral Game nº 12, o assim chamado “Telefone sem fio”. As crianças sentam-se em círculo e sussurram uma mensagem de pessoa para pessoa. Quando a mensagem retorna à sua fonte original, ela está invariavelmente alterada. O professor diz a mensagem original e explica a importância da comunicação correta. Estes exercícios simples e poderosos ajudam a melhorar e refinar as habilidades de observação e concentração, desenvolvendo autoestima e autocontrole que são fundamentais na construção da autonomia e responsabilidade individual.

Metodologia de Ensino

O espelho representa um recurso muito proveitoso e inesperado: está facilmente disponível e pode ser usado de muitas maneiras. Por isso, o consideramos uma ferramenta muito preciosa, que nos coloca diante da nossa imagem. Mesmo que pareça óbvio, nossa abordagem diante de um espelho pode revelar prontamente características marcantes de nossa personalidade e de nossos filhos e dar a todos a chance de construir autoestima e autocontrole, habilidades fundamentais no desenvolvimento da autonomia e responsabilidade.

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



UNIDADE 16

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses.

Título

“A ilha: uma mensagem em uma garrafa”

Objetivos de Aprendizagem

- Desenvolver metas em diferentes níveis, de acordo com a idade do grupo, com diferentes graus de dificuldade;
- Tentar estimular as crianças a pensar quais são os elementos essenciais para a sobrevivência de um ser humano;
- Destacar a importância de proteger nosso ecossistema, introduzindo o princípio da autonomia e da responsabilidade que cada pessoa tem em relação a si mesma;
- Considerar o grupo/classe como uma unidade.

Exemplo nº 1

É necessário algum conhecimento científico básico para descobrir os elementos essenciais para um naufrago sobreviver em uma ilha

deserta. O professor/educador explicará quais elementos serão indispensáveis para a vida humana, como água potável, comida, fogo, etc. Por exemplo, ao explicar como se pode ter água potável filtrando, ou seja, dessalinizando a água do mar, o professor pode destacar a importância de beber água pura e limpa. Além disso, podemos sublinhar que os peixes podem sobreviver apenas em águas não poluídas. Podemos usá-los como uma importante fonte de alimentação, sejamos náufragos ou não. Também podemos salientar que as árvores nos dão lenha para acender uma fogueira, algumas delas nos dão frutos para nos nutrir, e poderíamos até explicar a importância da vegetação no fornecimento de oxigênio através da fotossíntese, e assim por diante. Os elementos essenciais serão coletados e desenhados em um pôster onde, esquematicamente, através de vinhetas, colocaremos os resultados elaborados pelo grupo. Assim, nossa vida na Terra depende de alguns elementos fundamentais da natureza. Nossa autonomia, entendida como capacidade física de sobreviver, é estritamente ligada a eles. Proteger e defender a natureza andam de mãos dadas com o reconhecimento da importância do mundo que nos rodeia e de todas as suas criaturas, juntamente com a compreensão de que adotar essas ações é essencial para a autoproteção e autodefesa.

Exemplo nº 2

Será solicitado a cada criança que “vá para a ilha” levando apenas dois/três objetos ou duas /três pessoas ou animais sem os quais não pode viver. O professor/educador coletará todas sugestões, em papel, no qual a criança possa desenhar todos os elementos que escolheu. Esta folha de papel será colocada em uma pequena garrafa de plástico com o nome da criança. Todas as garrafas podem ser fixadas em um pôster ou em uma palmeira. A autonomia de cada pessoa depende estritamente de nosso amor por ela (de nossas afeições). A autonomia não se baseia simplesmente em nossa sobrevivência física, mas também está ligada aos relacionamentos

que mantemos com nossas famílias, amigos e até nossos animais de estimação. Como seriam nossas vidas se tivéssemos apenas comida, água e mais nada? Mais uma vez, nossa autonomia, ou seja, nossa capacidade de viver uma vida plena e com um propósito, baseia-se no respeito e no amor por nossos entes queridos, através dos quais reforçamos o respeito e o amor por nós mesmos.

Exemplo nº 3

Se crianças de 6 a 10 anos participarem desta brincadeira, cada criança escolherá algo que considere importante para a sobrevivência do grupo na ilha, um elemento material e imaterial (como coragem, solidariedade, paz, cooperação, amizade, etc.). Todas as suas sugestões serão coletadas em uma folha de papel, na qual as crianças ilustrarão suas escolhas. Esta mensagem será colocada dentro de uma garrafa onde estará identificado o nome da classe e de todos os “náufragos”. Autonomia e responsabilidade são elementos fundamentais para a existência de relações humanas, não apenas como indivíduo único, mas também como parte integrante de uma sociedade, independentemente de seu tamanho. Aprender a morar juntos em uma comunidade significa ser responsável por nós mesmos e pelos outros, de forma que a nossa autonomia e a dos outros se possam fundir harmoniosamente.

Metodologia de Ensino

O professor/educador criará, através da história e das ferramentas educacionais, as condições para imaginar a vida do náufrago em uma ilha deserta, sublinhando suas primeiras necessidades reais, primeiro os materiais e depois as emocionais de cada pessoa e do grupo como um todo. Naturalmente, a linguagem e os exemplos que usaremos serão mais ou menos simples, de acordo com a idade e a maturidade do grupo. O professor/educador, como sempre,

gerenciará e estimulará as observações das crianças sobre os meios de sobreviver, sem esquecer de coletar todas elas. Consideramos bens materiais, como, por exemplo, água potável, fogo, comida e assim por diante. Desta forma, vamos perceber quantas coisas em nossa vida cotidiana não são indispensáveis, mas sim, supérfluas e inúteis (em particular no mundo consumista dos chamados países desenvolvidos), enquanto nós, como seres humanos, fazendo parte da natureza, assim como as plantas e animais do ambiente ao qual pertencemos, dependemos intimamente de elementos que são fundamentais para nossa sobrevivência na Terra. Após identificar, os elementos materiais essenciais necessários para nossa sobrevivência física, analisaremos coisas, animais e pessoas essenciais para nossa vida emocional, perguntando a cada criança quais coisas/animais/pessoas que ele/ela não lhe são indispensáveis. (Quais as coisas sem as quais não pode viver). Dessa maneira, vamos explorar a vida privada da criança e estimular o pensamento sobre o grau de **autonomia**, não apenas fisicamente (física), mas também **emocionalmente** (emocional). Cada pessoa tem seu próprio mundo composto de diferentes elementos que são característicos e permitem-nos distinguir as pessoas umas das outras, cada indivíduo sendo absolutamente único. Se crianças de 6 a 10 anos jogarem, perguntaremos a cada criança qual seria o elemento material e o imaterial que permite ao grupo sobreviver, à luz do **princípio da autonomia e responsabilidade geral**. Não devemos esquecer de indicar de que maneira tal decisão, de acordo com esses princípios, influencia cada pessoa, o grupo e o ambiente o meio ambiente. Em seguida, coletaremos todas as observações sobre a sobrevivência do grupo, relativas aos elementos materiais e imateriais: todas elas se tornarão “mensagens em uma garrafa” que os náufragos enviarão.

Itens necessários

Para criar o cenário certo de uma ilha deserta, precisaremos de um

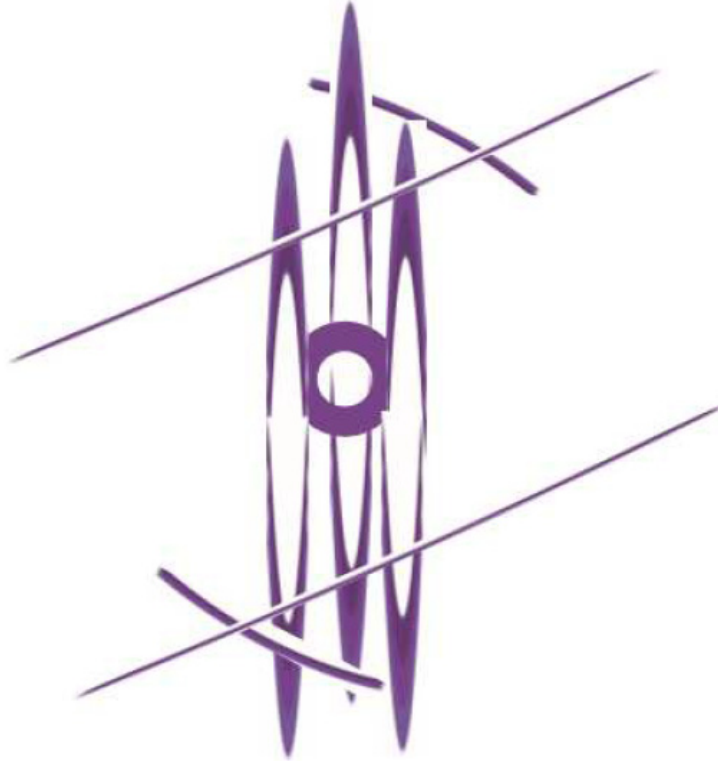
tapete verde ou marrom e precisamos imaginar que será cercado por água. Podemos construir uma palmeira usando papelão ou cartão de espuma (isopor) na forma de uma palmeira, que pode ser pintada pelas crianças. Nós vamos precisar:

- Garrafas plásticas coloridas (uma grande e algumas pequenas para cada criança)
- Folhas de papel
- Lápis de cores
- Um cartaz
- E tudo o que o professor necessita para concluir / personalizar este projeto.

Leituras

Uma boa ferramenta de ajuda poderia ser o livro de Daniel Defoe, “As aventuras de Robinson Crusoe”, em sua versão original ou simplificada para crianças.

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



UNIDADE 17

Faixa Etária II: 6 a 10 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses.

Título

“A vontade é mais forte do que qualquer obstáculo”

O Caso

Einat já tem cinco anos. No próximo ano ela irá para a escola. Ela já lê histórias para seu irmão mais novo, e ela sabe contar de 1 até 10, indo e voltando, e até andar de bicicleta com duas rodas. Einat é uma garota muito madura, mas ... não gosta de comer nada. Ela é muito magra e pequena para a idade. Todos pensam que ela tem três anos de idade. Einat não gosta de bolo nem pizza, não come queijo, legumes, frutas ou massas.

Seus pais estão preocupados e a levam ao médico, que examina Einat e diz: “Einat é saudável ... não tem nenhum problema. Se ela quer crescer, ela simplesmente precisa comer alimentos saudáveis”.

Os pais pensam em como garantir que Einat coma. A mãe conta

suas histórias e o pai inventa jogos mágicos. Sempre que Einat dá chance e abre a boca, mamãe lhe empurra uma colher de sopa. É assim que Einat come, até ela gritar bem alto: “Chega, eu não quero mais comer”.

Os pais dela estão tristes. Eles não sabem como conseguir que Einat coma. O avô manda abrir a boca à força, e a avó sugere não a deixar brincar no jardim ou encontrar amigos até que ela termine de comer, mas os pais de Einat não gostam dessas sugestões. O que eles deveriam fazer?

Neste momento, o professor pode parar de contar a história e iniciar a discussão com as crianças, depois o professor pode continuar a leitura.

Se Einat estivesse no seu jardim de infância, o que você recomendaria que os pais dela fizessem?

O que você acha das sugestões dos avós para forçar Einat comer?

Algumas crianças sugerem transferi-la para uma classe de crianças mais novas. O que você acha?

Continuação da história

Os pais de Einat pensam de novo ... e de novo ... e então surge uma ideia ... Eles decidem pedir conselhos à professora. Coral, a professora sugere alertar Einat que no próximo ano ela não poderá passar para a escola primária com seus amigos, terá que continuar com as crianças pequenas do jardim de infância.

Os pais de Einat concordam e no dia seguinte a professora diz a Einat: “Desculpe, acho que você não pode ir para a escola primária no próximo ano, pois você não quer crescer.” Quando Einat ouve que a professora não quer que ela saia do jardim de infância, ela fica realmente assustada. “Eu não vou ficar um dia a mais com as crianças pequenas”, ela pensa.”Eu não vou ficar no jardim de infância”. Ela diz à mãe e ao pai: “Eu vou crescer e vou para a escola

com meus amigos”.

Na mesma noite, Einat pede para se sentar com toda a família à mesa. Seus pais perguntaram “Sem jogos de mágica, sem histórias esta noite?”. “Nada” responde Einat: “Eu vou comer como meus irmãos e todos mais.” Os pais se entreolham, impressionados com a mudança. “Vocês vão ver, no próximo ano eu irei para a escola com todos os meus amigos”, declara Einat.

Após o jantar, Einat lava-se, escova os dentes, coloca o pijama e vai para a cama. “Boa noite”, diz a mãe. “Boa noite”, diz o pai. “Temos uma nova criança”, pensam os pais. “No próximo ano, ela certamente irá para a escola primária”.

Metodologia de Ensino

O professor deve desenvolver uma discussão, apresentando as seguintes questões:

Por que o pai e a mãe de Einat estão preocupados?

Por que Einat não está preocupada?

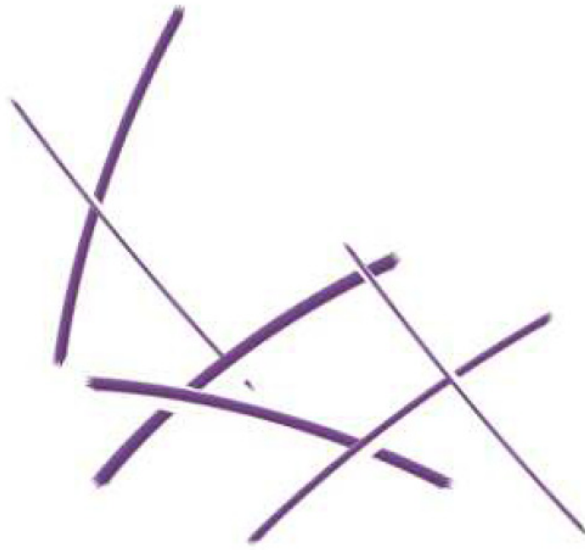
Einat deveria receber um prêmio para ser convencida a comer?

O que você acha da solução da professora Coral?

O que você diria para Einat?

Princípios e tópicos para discussão: autonomia, responsabilidade pessoal, recompensas, punições.

Hanna Carmi
amnoncarmi1@gmail.com



UNIDADE 18

Faixa Etária II: 6-10 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses.

Título

“A apulheta”

“Somente aqueles que se arriscam, podem descobrir até onde alguém pode ir”. T.S. Eliot.

Objetivos de Aprendizagem

- Para ter autonomia e senso de responsabilidade individual e coletiva, é preciso estar plenamente consciente do que é o tempo e de como ele é valioso: O tempo não pode ser comprado e somente percebemos como ele é importante, quando parece que não o temos suficiente;
- Ao aprender a reconhecer e organizar o tempo, podemos otimizar nossa energia e viver nossas vidas de forma mais completa e mais participativa na sociedade à qual pertencemos.

Exemplo 1

Para visualizar o tempo passando, podemos fazer uma ampulheta. Inicialmente pode ser útil explicar o que é uma ampulheta e como é feita, possivelmente mostrando uma verdadeira. Existem várias maneiras de construir uma ampulheta. Por exemplo, para fabricar as duas câmaras de ampulheta, poderíamos usar duas garrafas de plástico, dois frascos de vidro ou duas lâmpadas. Dependendo do material que vamos usar, iremos precisar de ferramentas diferentes para juntá-las. Vamos precisar de papelão como base entre as duas metades da ampulheta: vamos fazer um buraco no centro, através do qual a areia possa fluir de maneira controlada de uma parte para a outra. Para quantificar o tempo que se passou quando toda a areia passar completamente de uma câmara para a outra, precisamos cronometrar e ajustar a quantidade de areia, dependendo de quanto tempo gostaríamos que nossa ampulheta representasse. A ampulheta pode ser finalizada de várias maneiras (por exemplo, pintada, decorada com conchas, com brilho, purpurina, glitter etc.). O mais importante é ter criado uma ferramenta muito simples, através da qual começaremos a visualizar a passagem do tempo medindo as atividades diárias que realizamos todos os dias, como desenhar, colorir, ler, escrever e coisas do tipo. Este é o primeiro exemplo para tomar consciência de como o tempo passa.

Exemplo 2

A história dos instrumentos de cronometragem:

Existem diferentes maneiras de executar essa atividade. Poderíamos pedir às crianças que refletissem sobre o assunto, possivelmente com a ajuda de colegas e/ou seus pais. Mais tarde, elas poderiam compartilhar seus resultados através de desenhos ou fotos representando diferentes instrumentos de cronometragem ao longo dos séculos. Seria ideal visitar um museu onde todos esses instrumentos são exibidos: do relógio de sol à ampulheta, do relógio da água ao relógio do pêndulo, até os modernos relógios de quartzo

e digitais que surgiram ao longo de nossa jornada. O homem veio para entender o valor do tempo e a importância de medi-lo e, como resultado, o progresso da humanidade acelerou. Embora este exercício possa não ser estritamente científico, ele desempenha um papel essencial para compreender a importância que o tempo desempenha em viver uma vida responsável e autônoma.

Exemplo 3

Existem muitas maneiras de demonstrar a passagem do tempo e quanto dele foi gasto durante o envolvimento em várias atividades apropriadas para a idade. Por exemplo, podemos organizar competições como corridas ou provas de resistência, envolvendo preferencialmente equipes (embora seja possível participar individualmente). Outra opção poderia ser a resolução de problemas de matemática ou enigmas o mais rápido possível, usando um cronômetro, ou mesmo fazendo quebra-cabeças ou colagens. Mesmo utilizando jogos, onde as crianças podem se concentrar na velocidade ou resistência, o objetivo real é ajudá-las a entender que existem maneiras diferentes de escolher como gastar seu tempo. Aprender a otimizar o tempo, tanto qualitativa quanto quantitativamente, possibilita o desenvolvimento da autonomia e responsabilidade em nossas atividades diárias e nas escolhas que fazemos.

Exemplo 4

Podemos organizar as crianças em pequenos grupos, representando diferentes equipes de uma corrida de revezamento. No revezamento, cada corredor deve entregar o bastão para o próximo corredor dentro de uma zona definida. Na corrida, os corredores entregam o bastão na mão do outro. Normalmente, o segundo corredor fica em um local predeterminado e começa a correr quando o primeiro corredor atinge um determinado ponto na pista. O segundo

corredor, depois de alguns passos abre a mão posicionada atrás dele, em uma altura que facilite a entrega do bastão pelo primeiro corredor. Em geral, o corredor dará um sinal auditivo, como “Bastão!” repetido várias vezes, para que o destinatário do bastão saiba quando abrir a sua mão. Em vez de “Bastão”, o primeiro corredor deve dizer: “Não perca nosso tempo!” e o segundo corredor responde: “Pode deixar!”. De fato, mesmo que um corredor seja rápido, o jogo será ganho apenas se todos os membros de sua equipe também forem rápidos. O jogo de revezamento é uma metáfora de responsabilidade, o dever de se referir ao tempo/necessidade dos outros e respeitá-los.

Metodologia de Ensino

Dependendo da Faixa Etária, é possível planejar várias metodologias de ensino. O primeiro passo deve ser conscientizar as crianças do fato de que o tempo passa, mesmo antes de entender seu valor. Mais uma vez, através dos jogos, será possível representar a passagem do tempo de diferentes maneiras, e conhecer esse fato é inestimável. A areia que flui em uma ampulheta, a história dos instrumentos de cronometragem e a observação direta da passagem do tempo durante o jogo ou durante qualquer outra atividade, permite que as crianças entendam esse conceito. A capacidade de fazer escolhas com autonomia e responsabilidade, utilizando tempo adequado é uma habilidade essencial na vida: uma resposta atrasada, precipitada ou apressada pode ter consequências e repercussões negativas no indivíduo e mesmo na comunidade à qual pertence.

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



UNIDADE 19.

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses

Título

“Vacinas obrigatórias para frequentar a escola”

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender o significado de “autonomia” e “responsabilidade individual”;
- Sensibilizar sobre a autonomia e responsabilidade de todas as pessoas e sobre a participação nas decisões relacionadas ao corpo e à saúde de pessoas que não são capazes de exercer sua própria autonomia;
- Introduzir e explicar o que são vacinas, para qual finalidade são administradas e sua importância durante os séculos na erradicação de epidemias devastadoras;
- Enfocar a importância de preservar a “imunidade de rebanho”.

O Caso

Mary e Wendy estão emocionadas. Em alguns dias, Mary voltará ao jardim de infância, onde verá seus amiguinhos, e Wendy irá para a escola primária, onde ela pretende mostrar que já está lendo e escrevendo bem, e onde aprenderá muitas outras coisas. As duas irmãs não param de falar sobre a emoção delas. No entanto, seus pais têm más notícias: Wendy apenas será aceita na escola se receber as vacinas apropriadas nos próximos seis meses, e Mary não será aceita no jardim de infância, a menos que seja vacinada imediatamente. De fato, uma nova lei estabeleceu um número obrigatório de vacinas a serem administradas às crianças de diferentes idades, de acordo com um calendário definido. O problema é que os pais de Mary e Wendy não querem vacinar suas meninas. O pai argumenta que essas vacinas são injustificadas e que existe um excesso delas. A mãe tem pavor de que qualquer uma dessas vacinas cause danos como autismo ou doenças similares. Os pais alegam que o Estado não tem o direito de impor vacinas, negando educação às crianças e argumentam que não há estado de emergência epidêmica.

Os pais de Michael estão muito chateados: se Wendy puder ir à escola sem ser vacinada (de acordo com a lei, ela tem seis meses para ser vacinada), o filho deles, que será seu colega de escola, estará em alto risco se, durante esse intervalo, Wendy contrair uma das doenças infecciosas para as quais ainda não está vacinada. De fato, Michael sofre de imunodeficiência, o que significa que ele é muito sensível para contrair qualquer doença infecciosa. Portanto, seus pais estão muito felizes com esta nova lei. Os pais de Michael afirmam que a decisão dos pais de Mary e Wendy põe em risco a vida de seu filho.

Metodologia de Ensino

Questões:

O que é de melhor interesse de Mary e Wendy?

O medo dos pais em relação às vacinas é razoável? Por quê?

E as preocupações, reivindicações e direitos dos pais de Michael?

Por que as vacinas não são obrigatórias em todos os países do mundo?

Referências

<http://www.loc.gov/law/foreign-news/article/italy-vaccinations-for-children-made-mandatory/>(visited 03/08/2018).

<http://vaxxed.it/italy-mandates-12-vaccines-tripling-mandatory-vaccines/> (visited 03/08/2018).

The MMR vaccine and autism: Sensation, refutation, retraction, and fraud

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3136032/> (visited 03/08/2018).

Wakefield's article linking MMR vaccine and autism was fraudulent

<https://www.bmj.com/content/342/bmj.c7452> (visited 03/08/2018).

U.S. Media Blackout: Italian Courts Rule Vaccines Cause Autism

<https://www.infowars.com/u-s-media-blackout-italian-courts-rule-vaccines-cause-autism/>(visited 03/08/2018).

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



UNIDADE 20

Faixa Etária III: 11 a 14 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses.

Título

“Uma viagem anual”

O Caso

Antes do final de cada ano letivo, há uma viagem anual para os graduados. Todos os alunos são esperados para participar desta viagem tradicional, exceto aqueles que são liberados por motivos de saúde. As autoridades da escola- a gerência, os professores, os instrutores e todos os responsáveis pelo transporte, saúde, segurança e acomodação - se envolvem na preparação da viagem. Pais voluntários também participam. Fico feliz e animado ao contar a meu pai sobre a próxima viagem. Surpreendentemente sou confrontado com forte oposição: “Você não vai viajar!” Chocado com a reação dele, pergunto murmurando: “Por quê? Todos os meus amigos estão indo. Esperamos a viagem durante o ano inteiro!” No entanto, meu pai é teimoso e decisivo: “Basta o que aconteceu com seu irmão. Não haverá um segundo evento semelhante”. Meu pai se

refere ao que aconteceu com meu irmão na viagem do ano passado. Meu irmão saiu para passear e meu pai se juntou a ele entusiasticamente. Lembro-me que meu irmão me disse que eles receberam inúmeras instruções para mantê-los seguros: não se desviar da rota, não se aventurar, não empurrar, não levar bebidas alcoólicas, entre outros avisos e proibições. Meu irmão disse que no primeiro dia, andar era relativamente fácil, e ele andou com seu grande amigo Kobi. No segundo dia, ficou mais difícil: as estradas nas margens do rio eram estreitas, íngremes e escorregadias. Caminharam devagar e apoiaram-se uns nos outros para não escorregar. Kobi caminhava à frente do meu irmão e nosso pai o seguia. Kobi contando piadas, os fez rir o tempo todo. Meu irmão estava ficando bravo. Ele queria se concentrar em caminhar e não queria ser incomodado. O guia que os conduzia gritava: “Vão em frente, pessoal! Vocês estão retardando os outros!” Meu pai, que estava entusiasmado com a rota, o silenciou: “Ah, sério, estamos indo, já conhecemos o caminho”. Mickey, que estava andando logo atrás de Kobi, começou a cantar em voz alta e, em um momento de desatenção, meu irmão tropeçou, bateu numa rocha e caiu na correnteza. Houve muito tumulto, todo mundo tentou tirá-lo da água, mas não adiantou. Uma equipe de resgate foi chamada ao local. Meu irmão quebrou uma perna, duas costelas e um teve um leve golpe na cabeça. Ficou em recuperação por cerca de três meses. Durante esse tempo, foram ouvidas acusações de todos os lados: meu irmão acusou Kobi de fazê-lo rir. Mickey se culpava de cantar e perturbá-lo. Meu pai, mesmo estando satisfeito com a viagem, culpou a administração por escolher um caminho perigoso.

Em resumo, todos culparam todos e continuaram ocupados perguntando quem era o responsável pelo ferimento do meu irmão. Hoje, um ano após o incidente, meu irmão ainda está mancando e eu entendo a preocupação do meu pai. Ele não quer que eu me machuque. Mas eu quero viajar com meus amigos. Portanto, vou

pedir que ele me deixe participar da viagem.

Metodologia de Ensino

Você já teve alguma recusa de seus pais em permitir que você participasse de alguma viagem?

Por que os pais se recusam a permitir que seus filhos viajem?

Quem é responsável pelos alunos durante uma viagem?

O que significa responsabilidade pessoal?

Até que ponto um guia ou um professor pode ser responsabilizado pelo que acontece durante uma viagem?

Quem foi o responsável pela queda de Mickey, o irmão?

Está correto o pai proibir a participação de seu outro filho na viagem?

Como você convenceria seu pai a deixá-lo participar da viagem?

Princípios para discussão:

Responsabilidade, responsabilidade pessoal, autonomia

Hanna Carmi
amnoncarmi1@gmail.com



UNIDADE 21

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses.

Título

“Tendência atual”

Objetivos de Aprendizagem

A lição levará os alunos a:

- Refletir sobre sua própria vida e sobre a vida das pessoas ao seu redor;
- Respeitar a autonomia dos outros;
- Assumir responsabilidades por sua própria saúde e a das outras pessoas;
- Entender que os seres humanos estão aqui para se protegerem uns aos outros.

O Caso

Sandy e Ziya são as melhores amigas e estudam em uma escola

pública da cidade. A escola organiza mensalmente exames de saúde para os alunos. Durante um dos últimos exames, Sandy observou que Ziya vem perdendo peso nos últimos seis meses, ficando muito magra e passou a ficar muito preocupada com Ziya. Notou ainda que Ziya frequentemente não almoçava e tomava pílulas no intervalo das aulas. Sandy procurou na internet informações sobre o problema de Ziya e descobriu que ela poderia estar com anorexia nervosa. Descobriu que a anorexia nervosa é um transtorno alimentar caracterizado por um desejo obsessivo de perder peso e recusa de alimentos. Sandy mostrou sua preocupação a Ziya e tentou convencê-la a marcar uma consulta com um conselheiro e um médico. No entanto, Ziya negou ter qualquer problema e pediu a Sandy para não contar aos pais, nem aos professores sua “história imaginária”.

Metodologia de Ensino

O professor deve desenvolver uma discussão sobre o dilema ético que Sandy teve que enfrentar, apresentando as seguintes perguntas aos alunos:

- Sandy deveria ignorar o pedido de Ziya e contar aos pais dela a sua condição?
- Sandy deveria respeitar o direito de autonomia de Ziya e manter as informações em sigilo?
- Sandy estava certa ao procurar na internet o problema de Ziya, para entendê-lo, sem comunicar à ela?
- Sandy deve consultar um médico, receber suas orientações e repassá-las para Ziya, sem a permissão dela para tomar esta atitude?

Ao lançar essas perguntas, o professor deve incentivar o aprendizado colaborativo. Os alunos podem ser divididos em grupos e cada grupo pode receber uma ou duas perguntas. Os alunos devem iniciar a discussão e elaborar um resumo que será apresentado na frente da classe para estimular novas reflexões.

O professor pode perguntar aos alunos o que eles fariam se estivessem em situações semelhantes:

- Tentariam conversar e explicar os efeitos negativos dessa condição para seu amigo(a)?
- Encorajariam seu amigo(a) a pedir ajuda de médicos / conselheiros / nutricionistas? O que eles fariam se o amigo(a) não concordasse com alguma de suas sugestões?
- Deveriam avisar o amigo(a) de que poderiam desistir de uma amizade se ele ou ela não aceitasse tratamento para sua condição?

Se possível, o professor pode levar a discussão a um nível superior. Nos casos mais graves de anorexia nervosa, o que se deve fazer se a pessoa não quer morrer, mas se recusa a comer?

Se alguém não é capaz de exercer sua autonomia e portanto, medidas especiais são necessárias para proteger seus direitos e interesses, será correto um médico forçar alguém a comer a fim de evitar sua morte? O médico deveria alimentar o paciente ou, respeitando sua autonomia, assumir o risco que ele morra de fome?

Abhay Gaidhane abhaygaidhane@gmail.com

QuaziSyedZahiruddinzahirquazi@gmail.com



UNIDADE 22

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses

Título

“Ser totalmente responsável pelas próprias escolhas.”

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender o significado de “autonomia” e “responsabilidade individual”;
- Sensibilizar sobre autonomia e responsabilidade de todas as pessoas e sobre a participação nas decisões relacionadas ao corpo e à saúde de pessoas que não são capazes de exercer sua própria autonomia;
- Debater sobre leis de aborto, mapeando onde são reconhecidos os direitos das mulheres e nascituros;
- Explicar a síndrome de Down, não apenas como uma doença, mas,

em particular, descrevendo as dificuldades, as chances e os desafios relacionados à vida das pessoas afetadas por essa síndrome.

O Caso

Durante anos, George e Helena desejaram desesperadamente um filho e tentaram tê-lo. Depois de uma interminável série de tentativas realizadas com diferentes técnicas de reprodução, eles optaram por adotar uma criança. Quando estavam no estágio final do longo processo burocrático, Helena engravida. Aos quarenta anos, ela não esperava ser mãe de uma maneira natural e espontânea. O casal está muito feliz. Mas então eles recebem o resultado da amniocentese: Síndrome de Down. Helena, apesar de ter desejado tanto a maternidade, não consegue imaginar que seu filho não possa ser “saudável”. Ela não acredita que as crianças afetadas por essa síndrome possam ter uma vida digna e plena. Helena é inflexível: ela quer abortar. Seu marido George, ao contrário, deseja mais esse filho do que qualquer coisa. Além de tudo, ele por razões religiosas condena o aborto. Esta criança é um presente do céu e tem o direito de nascer como todas as outras. Para ele, ser pai significa assumir a responsabilidade pela criança, independentemente de sua condição de saúde. A fim de dissuadir Helena, George tenta incutir culpa a ela. De acordo com estudos científicos estabelecidos, a síndrome de Down ocorre mais frequentemente em filhos de mães mais velhas. Helena acusa o marido de ser carola e não entender as possíveis consequências de dar à luz uma criança afetada por essa síndrome: ela provavelmente ficará órfã e sozinha no mundo um dia, dada a idade avançada de seus pais.

Metodologia de Ensino

Antes de iniciar a discussão, pode ser necessário, com respeito ao princípio da autonomia e responsabilidade individual, fazer uma revisão concisa sobre a legislação local existente e se os direitos das mulheres e nascituros são preservados ou não.

O segundo passo será informar sobre a Síndrome de Down, não apenas como uma doença em si, mas descrevendo a vida das pessoas afetadas por ela, suas dificuldades, chances e desafios.

A análise do caso suscita as seguintes perguntas:

- Por que Helena quer abortar? Os motivos dela são válidos para justificar um aborto?
- Helena tem o direito de decidir por si mesma, negligenciando o direito de seu filho ainda não nascido e o de seu marido?
- Por que George quer que o bebê nasça? Ele tem o direito de se tornar pai e criar o filho sem a esposa?
- Que tipo de direitos o feto possui, caso os tenha?
- O que você pensaria e faria no lugar de Helena ou George?

Proponha sua solução pessoal adequada para o caso.

Referências

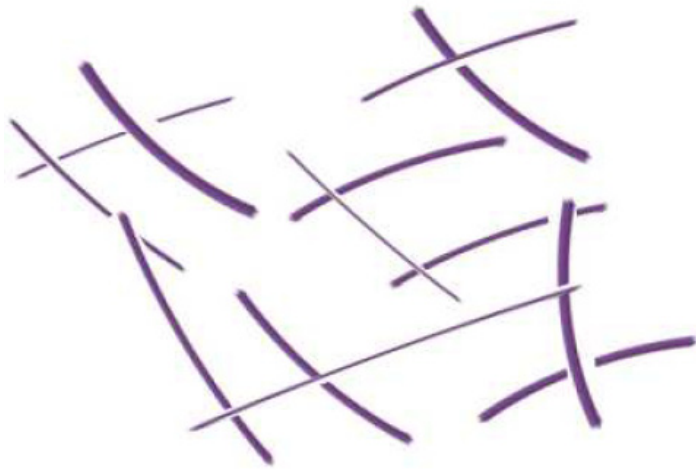
<https://legal-dictionary.thefreedictionary.com/abortion> (visited 04/08/2018).

<https://worldabortionlaws.com/> (visited 04/08/2018).

<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/10/06/how-abortion-is-regulated-around-theworld/> (visited 04/08/2018).

<https://www.ndss.org/about-down-syndrome/down-syndrome/> (visited 04/08/2018).

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



UNIDADE 23

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses.

Título

“Recusa em viver”

Objetivos de Aprendizagem

1. Conhecer os aspectos de uma decisão, a partir de diferentes perspectivas, respeitando a autonomia das pessoas e sendo empático;
2. Compreender as consequências e o alcance das nossas decisões para os outros e a nós próprios;
3. Tomar decisões levando em conta a responsabilidade pelas relações.

O caso

John é um adolescente de dezessete anos. Quando tinha quinze

anos, ele era um garoto normal do ensino médio e um jogador de futebol muito famoso em seu time da escola. Aos dezesseis anos, ele começou a notar inchaços por todo seu corpo e depois de ir a consulta médica, foi diagnosticado com insuficiência renal em estágio terminal com indicação de transplante. Isto significa que ele devia começar a passar por uma programação semanal com três sessões de hemodiálise até conseguir um novo rim. Depois de alguns meses submetido a três sessões de hemodiálise por semana, ele se recusou a continuar realizando essas sessões e conseqüentemente ser transplantado. Ele alegou que não queria mais viver, porque as sessões de hemodiálise eram extremamente dolorosas e apelou pelo respeito a sua dignidade como ser humano. A equipe de saúde tentou explicar que a hemodiálise não iria durar para sempre, mas apenas até o transplante. Isso poderia ocorrer muito em breve. Contudo a tentativa da equipe falhou. A mãe dele, a Sra. Silva, não concorda com a decisão do filho. Entretanto, como ela não foi capaz de fazê-lo mudar de ideia, ela apelou à Justiça. Ao ser questionado pelo juiz, John exige que respeitem sua dignidade e expressa seu desejo de morrer pacificamente.

Metodologia de Ensino

Encenação:

Passo 1

Ao ser questionado pelo juiz, John exige respeito a sua dignidade e expressa seu desejo de morrer pacificamente.

Cada ator deve expressar sua crença de acordo com seu papel e defender seu ponto de vista, tentando convencer outras pessoas a mudarem de opinião.

Atribua as seguintes funções a cada um dos participantes:

John;

Sra. Silva (mãe de John);

Advogado de John;

Médico chefe da equipe de saúde;

Advogada da Sra. Silva;

Juiz;

Cinco ou mais membros do júri.

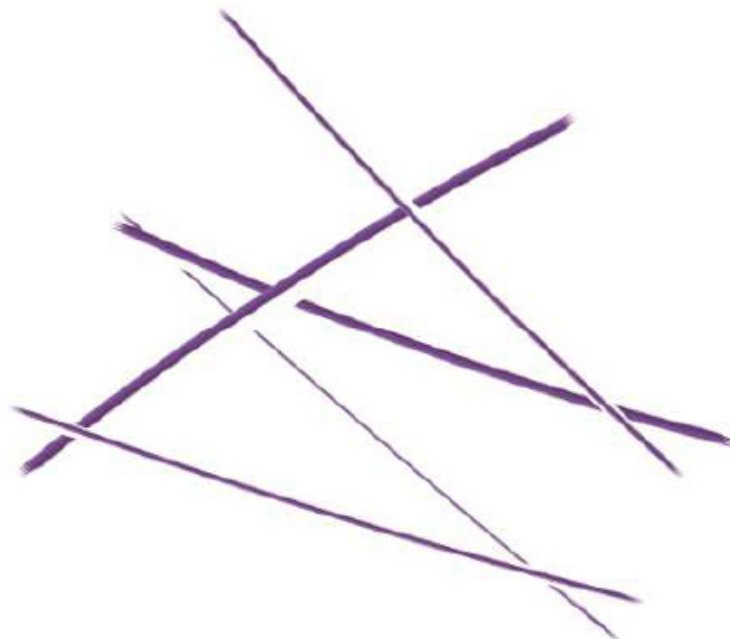
Passo 2

Mudança de papéis, os atores devem deixar seus papéis anteriores e desempenhar papéis do outro lado.

Passo 3

O moderador deve promover um debate, com base nos objetivos de aprendizagem.

Chin An Lin
chin.lin@hc.fm.usp.br



UNIDADE 24

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 5: Autonomia e Responsabilidade Individual

A autonomia das pessoas para tomar decisões deve ser respeitada, assumindo a responsabilidade por tais decisões e respeitando a autonomia dos demais. Para pessoas que não são capazes de exercê-la, medidas especiais devem ser adotadas para a proteção de seus direitos e interesses

Título

“Não quero saber o meu futuro”

Objetivos de Aprendizagem

- Desenvolver habilidades analíticas em questões complexas, com aspectos éticos tais como triagem genética, que trazem preocupações e podem mudar a expectativa de uma pessoa para com sua saúde futura;
- Compreender e discutir os princípios da autonomia e da autodeterminação relativos às informações genéticas pessoais, bem como discutir a responsabilidade que se possa ter quando sua autonomia afeta a autonomia dos outros e o seu direito à informação;
- Ser capaz de discutir e elaborar conclusões sobre questões éticas “abertas” que não têm uma clara resposta.

O caso

Andreas tem 45 anos, é pai de dois filhos, e descobre que sua mãe (atualmente com 67 anos) está no estágio final de uma doença renal. Ao conversar com ela, ele descobre que seu avô materno morreu jovem, possivelmente por insuficiência renal, sem nunca ter sido diagnosticado em vida. Ao discutir essas informações com seu médico, o profissional sugere fazer uma triagem genética, pois suspeita de dois casos de doença renal na família causados por um distúrbio genético chamado Doença Renal Policística. O médico explica que a doença é autossômica dominante, o que significa que Andreas tem 50% de chance de ser portador e, se for, ele teria uma probabilidade muito alta de desenvolver doença renal precocemente. Se ele for realmente um portador, então seus dois filhos, atualmente com 16 e 12 anos, também têm 50% de probabilidade de serem portadores. O médico esclarece que a Doença Renal Policística não tem cura, mas se diagnosticada precocemente, pode ser monitorizada a fim de que os sintomas sejam aliviados e a vida possa ser prolongada. Andreas enfrenta sérios dilemas. Ele deveria se submeter a exames de rastreamento e descobrir sua condição de portador? E se ele for realmente um portador? Como lidar com essa informação ao ver sua mãe em diálise? E seus filhos: deveriam ser informados? Eles também devem ser submetidos a exames de rastreamento? E quanto ao direito à informação? Eles teriam idade suficiente para decidir por si mesmos?

Metodologia de Ensino

A doença:

A Doença Renal Policística (DRP) é uma condição genética herdada de forma autossômica dominante, ou seja, se um dos pais portar o

gene defeituoso, o filho tem 50% de chance de portar o gene e também desenvolver a doença. A Doença Renal Policística Autossômica Dominante (DRPAD) afeta indivíduos de todas as raças em todo o mundo. Cerca de metade das pessoas com DRPAD desenvolve insuficiência renal.

Após ler a história, o professor oferece algumas informações adicionais sobre DRP e insuficiência renal, comenta sobre o desconforto produzido pela diálise frequente e outros problemas de saúde relacionados, bem como opções de tratamento. Depois disso, os alunos podem ser divididos em dois grupos e cada grupo deve discutir uma abordagem para o dilema.

Um grupo pode discutir a decisão a ser tomada, enquanto outro grupo fala sobre a recusa em ser submetido a exames de rastreamento, discutindo o direito do paciente de saber ou não informações disponíveis e como isso poderia afetá-lo e à sua família, etc.

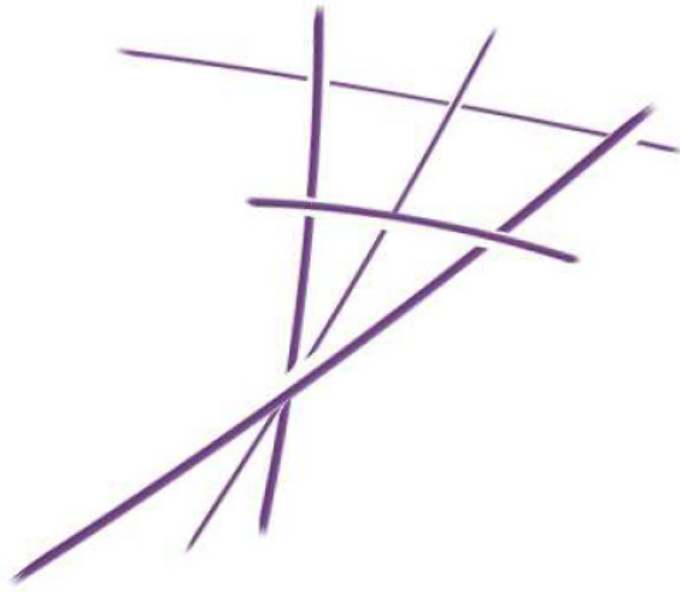
Se o pai escolher não passar pelo rastreamento, ele deve informar seus filhos da possibilidade da tomada da decisão por parte deles aos 18 anos?

Se os jovens optarem por fazer o teste na idade adulta, devem informar ou não os resultados ao pai? (um resultado positivo também o informaria de seu próprio status).

A esposa de Andreas tem o direito de conhecer dados sobre a saúde do marido e dos filhos para que ela possa decidir por si mesma como lidar com todas as possibilidades?

Os alunos devem debater todos os dilemas possíveis com a orientação do professor e cada grupo deve apresentar seus argumentos para o outro grupo.

Andrie Panayiotou
Andrie.panayiotou@cut.ac.cy



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS (UNESCO, 2005)

Princípio nº6 Consentimento

1. Cada intervenção médica preventiva, diagnóstica ou terapêutica só pode ser realizada com consentimento prévio, livre e esclarecido da pessoa envolvida, baseado em informação adequada. O consentimento deve, quando apropriado, ser expresso e pode ser retirado pela pessoa em questão a qualquer tempo e por qualquer razão, sem desvantagens ou prejuízo.
2. A pesquisa científica só pode ser executada após consentimento livre, expresso e esclarecido da pessoa envolvida. A informação deve ser adequada, fornecida de forma compreensível e deve incluir opções que permitam a retirada do consentimento. O consentimento pode ser retirado pela pessoa envolvida a qualquer tempo e por qualquer razão, sem qualquer desvantagem ou prejuízo. Exceções a este princípio devem ser feitas somente de acordo com os padrões éticos e legais adotados pelos Estados membros, de forma consistente com os princípios e disposições estabelecidas nesta Declaração, em particular no princípio ético no 27 e na legislação internacional sobre Direitos Humanos.
3. Nos casos específicos em que a pesquisa envolva um grupo de pessoas ou uma comunidade, um termo adicional de concordância dos representantes do grupo ou da comunidade envolvida, deve ser obtido. Em nenhum caso, o termo de concordância coletivo da comunidade ou o consentimento do líder da comunidade ou de outra autoridade substitui o consentimento individual prévio, livre e esclarecido.



UNIDADE 25

Faixa Etária I: 3 a 5 anos

Princípio Ético nº 6: Consentimento

1. Cada intervenção médica preventiva, diagnóstica ou terapêutica só pode ser realizada com consentimento prévio, livre e esclarecido da pessoa envolvida, baseado em informação adequada. O consentimento deve, quando apropriado, ser expresso e pode ser retirado pela pessoa em questão a qualquer tempo e por qualquer razão, sem desvantagens ou prejuízo.
2. A pesquisa científica só pode ser executada após consentimento livre, expresso e esclarecido da pessoa envolvida. A informação deve ser adequada, fornecida de forma compreensível e deve incluir opções que permitam a retirada do consentimento. O consentimento pode ser retirado pela pessoa envolvida a qualquer tempo e por qualquer razão, sem qualquer desvantagem ou prejuízo. Exceções a este princípio devem ser feitas somente de acordo com os padrões éticos e legais adotados pelos Estados membros, de forma consistente com os princípios e disposições estabelecidas nesta Declaração, em particular no princípio ético nº 27 e na legislação internacional sobre Direitos Humanos.
3. Nos casos específicos em que a pesquisa envolva um grupo de pessoas ou uma comunidade, um termo adicional de concordância dos representantes do grupo ou da comunidade envolvida, deve ser obtido. Em nenhum caso, o termo de concordância coletivo da comunidade ou o consentimento do

líder da comunidade ou de outra autoridade substitui o consentimento individual prévio, livre e esclarecido.

Título

“Peter, o corajoso”

Objetivo de Aprendizagem

As crianças devem entender o significado de “consentimento” e a importância de expressar o consentimento livre e informado.

O caso

Somos as crianças mais velhas do nosso jardim de infância. No próximo ano entraremos na escola. Nós já sabemos como escrever nosso nome e ler novas palavras. Existem algumas crianças que já conhecem histórias. Peter é um dos nossos colegas de classe. Eu acho que ele é um gênio. Ele conhece todas as palavras das orações, e pode contar até mil sem errar. Mas Peter é diferente de nós. Ele é baixo e magro. Pode-se pensar que ele tem três anos de idade. Mas ele não se importa. Ele está sempre feliz e ativo. Sua mãe e seu pai se preocupam muito com seu futuro. Eles sabem que se não fizerem nada a respeito da altura dele, depois será tarde demais. O médico disse-lhes que ele deve receber injeções especiais durante um ano para incentivar o crescimento de seus ossos. Peter de alguma forma, escutou conversas sobre a decisão do médico e a rejeitou firmemente. “Eu não vou tomar nenhuma injeção”, disse ele. “Não estou doente e não me importo de ser baixinho. Estou feliz como sou”. Peter não dormiu naquela noite. Ele estava com medo e não estava disposto a fazer mais testes. “O que devemos fazer?” Os pais perguntaram a si mesmos: “O menino precisa crescer. Não há outras

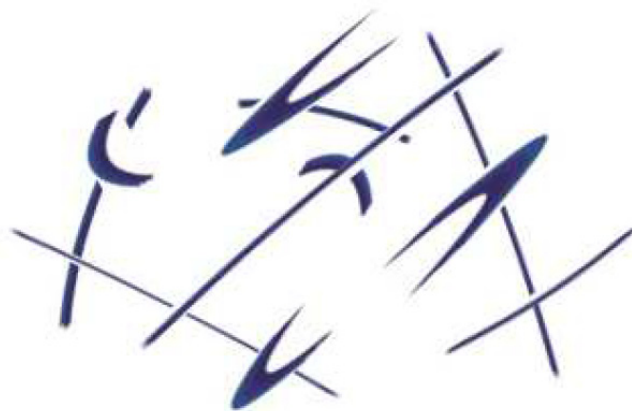
opções”. Alguns amigos sugeriram forçá-lo, outros sugeriram anestesiá-lo para aplicar o tratamento. Os pais não concordaram com nenhuma dessas sugestões. Dina, a professora, sugeriu perguntar aos amigos de Peter no jardim de infância o que poderia ser feito. Um dia, quando Peter ficou em casa, seus pais vieram à escola para participar da discussão especial sobre ele. Depois de esclarecer à classe sobre este grave problema, várias sugestões surgiram. Uma delas, oferecida pela Debbi, a garotinha mais nova do grupo, que deveria dizer a Peter que ele não teria a mesma avaliação que seus amigos porque ele ainda não era tão maduro e corajoso quanto um aluno da escola infantil deveria ser. Dina e os pais de Peter concordaram em tentar essa sugestão. Isso foi um milagre. Quando Peter soube que havia um risco de ser retido mais um ano no jardim de infância com crianças pequenas e sem seus amigos, ele foi confrontado com um dilema real. Durante um dia inteiro, ele não disse uma palavra. À noite, antes de dormir, ele foi até os pais e disse: “Amanhã eu vou começar o tratamento! Vocês vão ver! Eu sou corajoso!”

Metodologia de Ensino

O professor deve desenvolver uma discussão apresentando perguntas como as seguintes:

- Quem já tomou injeção?
- Como você se sentiu? Antes da injeção? Depois da injeção?
- Devemos forçar Peter, apesar de sua recusa a tomar a injeção?
- A solução de Debbi está correta?
- Você teria outra solução?

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 26

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 6: Consentimento

1. Cada intervenção médica preventiva, diagnóstica ou terapêutica só pode ser realizada com consentimento prévio, livre e esclarecido da pessoa envolvida, baseado em informação adequada. O consentimento deve, quando apropriado, ser expresso e pode ser retirado pela pessoa em questão a qualquer tempo e por qualquer razão, sem desvantagens ou prejuízo.
2. A pesquisa científica só pode ser executada após consentimento livre, expresso e esclarecido da pessoa envolvida. A informação deve ser adequada, fornecida de forma compreensível e deve incluir opções que permitam a retirada do consentimento. O consentimento pode ser retirado pela pessoa envolvida a qualquer tempo e por qualquer razão, sem qualquer desvantagem ou prejuízo. Exceções a este princípio devem ser feitas somente de acordo com os padrões éticos e legais adotados pelos Estados membros, de forma consistente com os princípios e disposições estabelecidas nesta Declaração, em particular no princípio ético nº 27 e na legislação internacional sobre Direitos Humanos.
3. Nos casos específicos em que a pesquisa envolva um grupo de pessoas ou uma comunidade, um termo adicional de concordância dos representantes do grupo ou da comunidade envolvida, deve ser obtido. Em nenhum caso, o termo de concordância coletivo da comunidade ou o consentimento do

líder da comunidade ou de outra autoridade substitui o consentimento individual prévio, livre e esclarecido.

Título

“Cabe a mim decidir”

Objetivos de aprendizagem

As crianças devem entender o conceito de pertencimento em geral e de pertencimento do próprio corpo delas em particular, o limite da auto decisão e a necessidade de entender diferentes opiniões.

O Caso

Ultimamente, tenho ficado um pouco nervoso, zangado e inquieto. Sempre que eu chupo meu polegar minha mãe me diz: “Você é um garoto grande! Pare de chupar o dedo!” Ela gentilmente removia-o da minha boca várias vezes sem dizer nada. Eu acho que ela também disse ao meu professor para ele me falar para tirar o dedo da boca. Isto não é justo –eu pensei-me impedir de chupar meu dedo. Eles me diziam frequentemente: “Isto não é bom”, “você já é um garoto grande”, “o que as pessoas vão pensar de você?”. Eu sei o que é bom para mim. Mesmo quando muito pequeno, eu chupava o dedo. Mamãe e papai ficavam muito felizes naquela época. Eles falavam para a minha avó quão esperto eu era. “Olhe”, eles diziam, “Jonathan achou seu polegar sozinho!”. “Sempre que ele quer dormir, ele nos diz chupando o dedo”. Eles estavam então muito orgulhosos de mim. Agora eles tentam me impedir de chupar o dedo. Eu realmente tentava satisfazê-los, mas eu não conseguia parar e eu não queria parar. “Você já é um menino grande”, eles diziam, “Isto é um mau hábito. Você vai estragar os dentes,

chupando o dedo”. Eles nunca tinham me dito isto antes. “O dedo é meu”, disse a eles. “Posso fazer com ele o que já faço há anos”. Minha irmã mais velha me provocava, “*chupador de dedo*” ela me chamava assim. “Eu não ligo, ninguém pode me impedir” eu disse a ela. Uma vez, minha mãe tentou espalhar mostarda no meu polegar. Em outra ocasião ela colocou gesso em volta do meu polegar. Recuso-me a permitir que alguém faça qualquer coisa com meu dedo. Cabe a mim decidir o que eu quero fazer do meu corpo.

Metodologia de Ensino

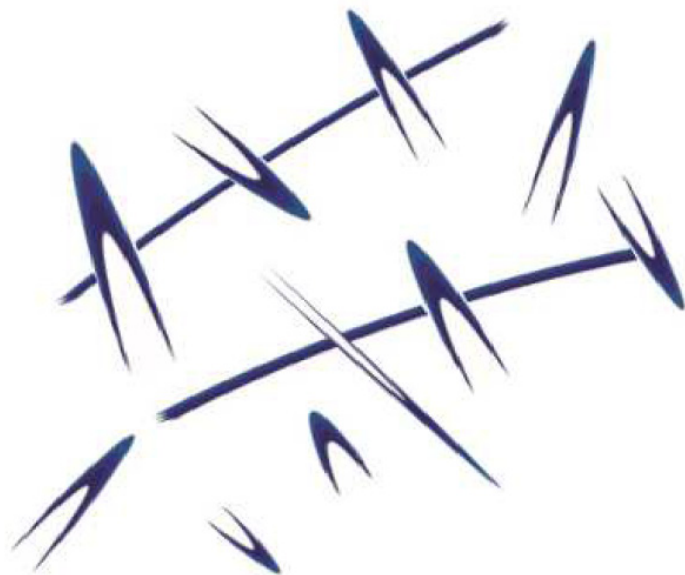
O professor deve desenvolver uma discussão apresentando questões tais como as seguintes:

- Você já chupou o dedo? Em que idade?
- Quando você parou?
- Porque você parou? (Ou: Porque você não parou?)
- Podemos fazer o que quisermos com nossos corpos?

Uma criança pode se recusar a fazer as seguintes coisas, contra a vontade de seus pais:

- Comer?
- Tomar medicamento?
- Ir à escola?

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 27

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio ético nº 6: Consentimento

1. Cada intervenção médica preventiva, diagnóstica ou terapêutica só pode ser realizada com consentimento prévio, livre e esclarecido da pessoa envolvida, baseado em informação adequada. O consentimento deve, quando apropriado, ser expresso e pode ser retirado pela pessoa em questão a qualquer tempo e por qualquer razão, sem desvantagens ou prejuízo.

2. A pesquisa científica só pode ser executada após consentimento livre, expresso e esclarecido da pessoa envolvida. A informação deve ser adequada, fornecida de forma compreensível e deve incluir opções que permitam a retirada do consentimento. O consentimento pode ser retirado pela pessoa envolvida a qualquer tempo e por qualquer razão, sem qualquer desvantagem ou prejuízo. Exceções a este princípio devem ser feitas somente de acordo com os padrões éticos e legais adotados pelos Estados membros, de forma consistente com os princípios e disposições estabelecidas nesta Declaração, em particular no princípio ético nº 27 e na legislação internacional sobre Direitos Humanos.

3. Nos casos específicos em que a pesquisa envolva um grupo de pessoas ou uma comunidade, um termo adicional de concordância dos representantes do grupo ou da comunidade envolvida, deve ser obtido. Em nenhum caso, o termo de concordância coletivo da comunidade ou o consentimento do líder da comunidade ou de outra autoridade substitui o consentimento individual prévio, livre e esclarecido.

Título

“Ensaaios clínicos entre aspas”: “benefício e dano”

Objetivos de Aprendizagem

- Refletir analisando os princípios bioéticos da Beneficência e da Autonomia;
- Introduzir noções e conceitos sobre o que são ensaios clínicos, e descrever seus propósitos, seu protocolo de pesquisa e suas possíveis alternativas disponíveis (isto é, ensaios clínicos envolvendo animais em vez de seres humanos);
- Avaliar, objetivamente, os prós e contras dos ensaios clínicos em diferentes contextos, avaliando suas consequências no longo e curto prazos;
- Entender o papel fundamental do consentimento informado, a relevância da informação completa e do consentimento livre;
- Refletir, atentamente, a respeito do benefício e dos danos relacionados com os ensaios clínicos, especialmente no que diz respeito a pessoa vulnerável, tais como, presos;
- Destacar para que se tenha ciência (consciência) da terrível exploração dos seres humanos envolvidos nos ensaios clínicos, com as consequências devastadoras que no passado, em nome da ciência e do progresso, essas atitudes de desrespeito produziram.

Hoje, esta é a terceira vez que eu vomito: Estou me sentindo efetivamente fraco, mas agora estou quase acostumado com isso.

Desde que decidi me juntar à experimentação deste novo

medicamento, exatamente por seis meses, poucas horas após a administração tenho uma grande náusea e vomito várias vezes durante o dia.

Quando os calafrios chegam a minha temperatura corporal sobe, mas apenas por poucas horas. Depois tudo volta ao normal. Eu sei que isto não é agradável, mas o que posso fazer?

Eu não tenho escolha. Eu estou detida em uma cela há cinco anos e há dois anos atrás descobri que sou HIV positivo. A única chance que tenho para me curar sem ter que pagar é me submetendo a este experimento.

De fato, a ação estatal nunca teria se encarregado do custo deste tratamento para um cidadão, muito menos para uma prisioneira!

Eu espero que este ensaio clínico possa reduzir meu sofrimento, eu peguei a AIDS na cadeia. Há um mês atrás, eu vi minha colega de cela morrendo devido a essa terrível doença. Por isso eu me voluntariei para fazer parte in a test.

Eu recorro quanta dor e sofrimento esta mulher teve, entretanto ela decidiu que seria melhor nunca participar de ensaio clínico, e consequentemente não ser curada de sua doença. Eu não quero morrer desta maneira. Eu quero viver.

Metodologia de Ensino

O recrutamento de seres humanos é essencial para estudos farmacológicos, em ensaios clínicos com o objetivo de verificar quão efetivo é o tratamento, bem como para avaliar suas contraindicações, seus efeitos colaterais e outras reações nos pacientes.

O envolvimento dos sujeitos humanos deve ser baseado no consentimento voluntário: eles são admitidos como voluntários,

apenas depois de terem recebido informação adequada concernente à experimentação.

Depois de explicar para os seus alunos sobre o que é um ensaio clínico, seus propósitos, seu protocolo de pesquisa e as alternativas para o recrutamento de humanos (tais como, ensaios clínicos envolvendo animais), pode ser interessante submeter seus estudantes a um protocolo experimental simulado.

Desta forma, eles podem entender os passos fundamentais e as consequências de curto e longo prazos, principalmente quando, porque e como o consentimento informado pode ser dado.

Em seguida, o professor deve explicitar os seguintes dilemas, com o objetivo de abrir a discussão a respeito do caso:

- O consentimento é dado pelo detento “sem a intervenção de nenhum elemento de força, fraude, engano, coação, exagero ou outra forma ulterior de constrangimento ou coerção”²?
- Você pensa que esta “oportunidade” dada aos detentos de serem incluídos em ensaios clínicos, em troca de cuidados médicos e benefícios, se assemelha a uma chantagem?
- Um grupo vulnerável, tal como o de prisioneiros, deve ser excluído de ensaios clínicos, com o objetivo de evitar qualquer tipo de “compromisso”?
- Existe algum risco de exploração? Como e porquê?

Podemos considerar a doação voluntária de corpos de detentos uma forma de pagar sua dívida com a sociedade?

- E a respeito da falta de tratamento dos outros prisioneiros que se recusaram sua participação em ensaios clínicos?
- Escreva abaixo um rascunho balanceando benefícios e danos para

os detentos, cientistas, indústrias farmacêuticas, Estado e comunidade. Compare os resultados e destaque quem pode ser mais protegido e por quais razões;

- Analise um caso real de exploração de seres humanos em ensaios clínicos (por exemplo, experimentos com sífilis de Tuskegee) ou outro tipo de experimentações com seres humanos (tal como os experimentos com medicamentos feitos pelos Nazistas) com suas terríveis consequências no presente e no longo prazo.
- Avalie a importância do Código de Nuremberg, bem como, da Declaração de Helsinki;
- Quais princípios da Declaração de Bioética e Direitos Humanos da UNESCO (2005) você considera que se aplicam a este caso (por exemplo, nº 4 Benefícios e danos, 5 Autonomia, 14 Responsabilidade Social e saúde);
- Pense a respeito das implicações éticas do uso de placebo nos ensaios clínicos.

Ferramentas

The Nuremberg code

<https://history.nih.gov/research/downloads/nuremberg.pdf> (visited 07/15/2018).

The Belmont report

https://videocast.nih.gov/pdf/ohrp_appendix_belmont_report_vol_2.pdf (visited 07/15/2018).

The Declaration of Helsinki

<https://www.wma.net/what-we-do/medical-ethics/declaration-of-helsinki/doh-oct2008/> (visited 07/15/2018).

The 2005 UNESCO Declaration on Bioethics and Human Rights

http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=31058&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html
(visited 07/15/2018).

Casebook on bioethics and Holocaust 2013

9.2 Informed Consent in Human Experimentation 9.4 Utilitarianism
in Clinical Research

http://www.unesco-chair-bioethics.org/?mbt_book=364 (visited
07/15/2018).

Informed consent casebook 2003

<http://www.unesco-chair-bioethics.org/wp-content/uploads/2015/08/1.-Informed-Consent.pdf> (visited
07/15/2018).

the Tuskegee syphilis experiments

<https://www.sciencedirect.com/topics/medicine-and-dentistry/tuskegee-syphilis-experiment> (visited 07/15/2018).

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



article 1 The Nuremberg code <https://history.nih.gov/research/downloads/nuremberg.pdf>
(visited 08/07/2018).

UNIDADE 28

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 6: Consentimento

1. Cada intervenção médica preventiva, diagnóstica ou terapêutica só pode ser realizada com consentimento prévio, livre e esclarecido da pessoa envolvida, baseado em informação adequada. O consentimento deve, quando apropriado, ser expresso e pode ser retirado pela pessoa em questão a qualquer tempo e por qualquer razão, sem desvantagens ou prejuízo.
2. A pesquisa científica só pode ser executada após consentimento livre, expresso e esclarecido da pessoa envolvida. A informação deve ser adequada, fornecida de forma compreensível e deve incluir opções que permitam a retirada do consentimento. O consentimento pode ser retirado pela pessoa envolvida a qualquer tempo e por qualquer razão, sem qualquer desvantagem ou prejuízo. Exceções a este princípio devem ser feitas somente de acordo com os padrões éticos e legais adotados pelos Estados membros, de forma consistente com os princípios e disposições estabelecidas nesta Declaração, em particular no princípio ético nº 27 e na legislação internacional sobre Direitos Humanos.
3. Nos casos específicos em que a pesquisa envolva um grupo de pessoas ou uma comunidade, um termo adicional de concordância dos representantes do grupo ou da comunidade envolvida, deve ser obtido. Em nenhum caso, o termo de concordância coletivo da comunidade ou o consentimento do

líder da comunidade ou de outra autoridade substitui o consentimento individual prévio, livre e esclarecido.

Título

“Paternalismo ou autodeterminação? Um conflito familiar”

Objetivos de aprendizagem

- Refletir sobre os poderes e deveres dos pais em relação aos seus filhos;
- Refletir sobre a comunicação de más notícias;
- Refletir sobre as modificações na relação médico-paciente nos últimos 50 anos;
- Refletir sobre os conceitos de duração e qualidade de vida.

O Caso

Quando Bruno tinha 15 anos de idade ele foi diagnosticado com uma grave leucemia. Bruno é um jovem brilhante e sensível. Seus pais não querem que Bruno saiba seu diagnóstico. Eles acreditam piamente que é seu dever proteger o filho desta verdade chocante, para não ameaçar seu equilíbrio psicológico e não lhe causar angústia.

Anna, a irmã mais velha de Bruno, tem uma opinião diferente. Ela entende que seu irmão mais novo, apesar da pouca idade, é perfeitamente capaz de entender. Por isso, ele tem o direito de ser informado pelos médicos sobre as suas reais condições e não ser enganado por seus pais “para o seu próprio bem”. Finalmente, a opinião de Anna prevalece. Bruno é informado e ciente de sua

situação, reage corajosamente e expressa seu consentimento para os tratamentos.

Desafortunadamente, depois de dois anos, a condição de Bruno piora. Sua leucemia, depois de vários ciclos de quimioterapia e de um transplante de medula óssea, está em fase terminal. O conflito na família reinicia. Seus pais não aceitam a ideia da morte iminente e querem prolongar os tratamentos, apesar de serem inúteis e dolorosos. Bruno, ajudado por Anna, pede para lhe aliviarem a dor e não quer prolongar mais os tratamentos. Os médicos estão em uma difícil situação. Eles têm de decidir entre respeitar o desejo do paciente ou aceitar o pedido dos pais. Eles finalmente decidem prolongar os tratamentos, pois temem ações legais por parte dos pais. Bruno morre durante uma transfusão de sangue.

Metodologia de Ensino

Uma pequena revisão das normas bioéticas deve ser seguida de um debate na classe sobre a seguinte questão: Qual solução devemos preferir: autodeterminação ou paternalismo?

É fortemente recomendado que a análise seja focada nas mudanças na relação médico-paciente nos últimos 50 anos. Houve uma mudança do modelo paternalista da medicina para um novo modelo, mais complexo em suas características. No primeiro padrão, o médico tomava toda sorte de decisões como se ele fosse o detentor do conhecimento científico e tecnológico; o principal objetivo da medicina era curar doenças e prolongar a vida, sem levar em conta o desejo do paciente de ser poupado do sofrimento. Nesta nova perspectiva, ambos, paciente e médico, são agentes ativos nesta relação: o médico provê informação sobre a doença, os tratamentos e as consequências previsíveis; o paciente aceita ou recusa as propostas ou retira seu consentimento com base no princípio da autodeterminação.

Em seguida, diferentes questões podem ser formuladas aos estudantes:

- É direito dos pais não permitir a Bruno conhecer a verdade? Pode ser melhor para ele conhecer a verdade, no tempo certo e com a informação adequada? Ao propor este dilema é possível comparar ideias diferentes sobre quando é apropriado informar os outros ou ser informado sobre a sua própria condição.
- O fato de ser de menor significa que ele não tem o direito de ser informado e tomar decisões a respeito dos tratamentos? Mais informações podem ser adicionadas: a autodeterminação pode significar também o direito de ‘não saber’? A discussão deve levar sobre a antítese entre a duração da vida em termos puramente quantitativos (fortemente apoiada pelos pais de Bruno, embora signifique um prolongamento do sofrimento) e qualidade de vida, na qual as expectativas e interesses do paciente são focados.

Luciana Paracchini
l.paracchini@_n.it



Declaração Universal dos Direitos Humanos em Bioética (UNESCO, 2005)

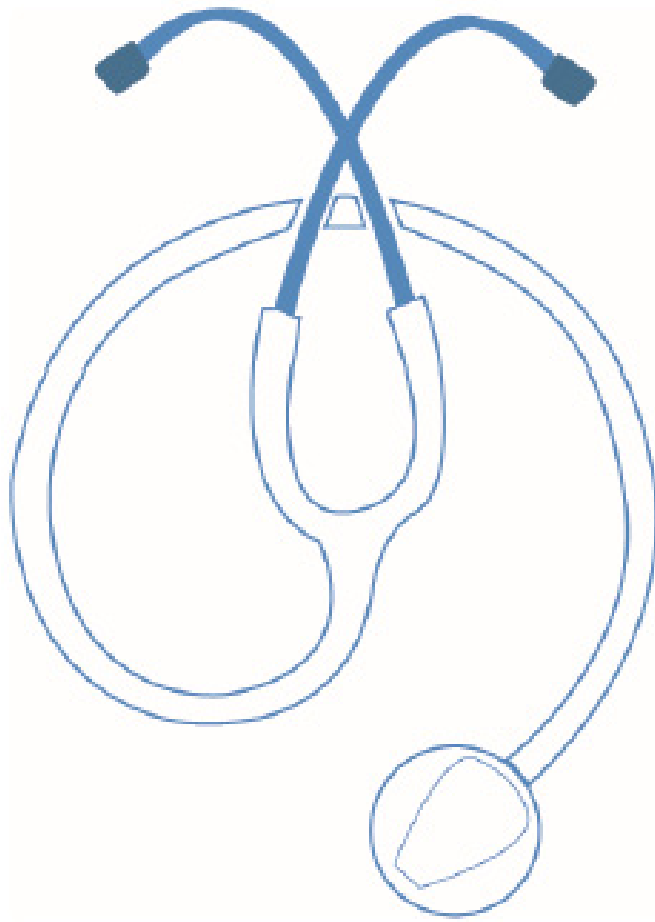
Princípio nº 7

Pessoas sem capacidade para consentir

De acordo com a legislação, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade para consentir:

(a) autorização para pesquisa e para a prática médica deve ser obtida, de acordo com o melhor interesse da pessoa que é objeto da pesquisa ou da prática médica e em obediência à legislação vigente. No entanto, a pessoa em questão deve estar envolvida, tanto quanto possível, no processo de tomada de decisão do consentimento, bem como no processo de retirada do consentimento;

(b) a pesquisa só deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa envolvida na pesquisa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de eficácia comparável com participantes capazes de consentir a pesquisa. A pesquisa que não tenha um benefício potencial direto à saúde só deve ser realizada como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a risco mínimo e a dano mínimo, e se a pesquisa tem como expectativa contribuir para o benefício de outras pessoas da mesma categoria, estando sujeita às condições previstas em lei e se for compatível com a proteção dos direitos humanos do indivíduo. A rejeição de tais pessoas em fazer parte da pesquisa deve ser respeitada.



UNIDADE 29.

Faixa Etária I: 3 – 5 anos

Princípio Ético nº 7: Pessoas sem capacidade para consentir

De acordo com a legislação, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade para consentir.

(a) Autorização para pesquisa e para a prática médica deve ser obtida, de acordo com o melhor interesse da pessoa que é objeto da pesquisa ou da prática médica e em obediência à legislação vigente. No entanto, a pessoa em questão deve estar envolvida, tanto quanto possível, no processo de tomada de decisão do consentimento, bem como no processo de retirada do consentimento;

(b) A pesquisa só deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa envolvida na pesquisa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de eficácia comparável com participantes capazes de consentir a pesquisa. A pesquisa que não tenha um benefício potencial direto à saúde só deve ser realizada como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a risco mínimo e a dano mínimo, e se a pesquisa tem como expectativa contribuir para o benefício de outras pessoas da mesma categoria, estando sujeita às condições previstas em lei e se for compatível com a proteção dos direitos humanos do indivíduo. A rejeição de tais pessoas em fazer parte da pesquisa deve ser respeitada.

Título

“O que aconteceu com o cabelo de Sofi?”

Objetivos de aprendizagem

- Entender o significado de consentir;
- Entender quais são aqueles que não aptos para dar o consentimento (jovens, animais e outros seres vivos);
- Entender a responsabilidade daquele que pode assumir, quando convocado, para tomar decisões pelos outros.

O Caso

Sofi é uma boneca, ela é a maior boneca do nosso jardim de infância. Ela tem um longo cabelo preto, nós podemos penteá-la, fazer rabos de cavalo ou enrolar os seus cabelos. Os seus cílios são longos, ela é capaz de abrir e fechar seus olhos e sempre sorrir. Sofi tem muitas roupas. Nós as trocamos com frequência e as mantemos em uma gaveta especial. Em um dia muito quente, do qual me lembro nitidamente, eu desejei brincar com Sofi. Quando me aproximei dela, não a reconheci. Alguém tinha cortado o seu cabelo, bem curto. Ele ficou muito feio, eu peguei a Sofi e a abracei. “Quem fez isso?”, eu gritei. Todas as crianças se aglomeraram em torno de mim para ver o que tinha acontecido com ela. Quando elas viram Sofi ficaram chocadas. O belo cabelo de Sofi havia desaparecido quase que completamente. Nossa professora ouviu a comoção, veio rapidamente e viu o desastre. “Quem fez isso?”, ela perguntou. “Eu fiz isto”, disse Gabi, o garoto mais velho da nossa classe. “Estava muito quente hoje” ele disse, “Eu pensei que Sofi estava sofrendo. Seu cabelo estava fazendo ela ficar com muito calor. Eu pensei que ela podia preferir ter um cabelo curto”. Nós olhamos para ele, que é um rapaz inteligente, ele sabia que Sofi não podia falar ou dar seu consentimento para nada. “Ela disse para você encurtar o cabelo dela?” Perguntou Amos. “Você perguntou se ela queria cortar o cabelo dela?” Perguntou a professora. “Eu sei o que é melhor para

ela” Gabi respondeu, “Estava muito quente. Você não entende? Olhe que tipo de roupa ela está usando. Um vestido de lã e um casaco pesado. Ninguém pensou em trocar as roupas dela. Eu sei o que é melhor para ela” ele disse repetidas vezes. “Isto era para ser decidido por nós. Sofi pertence a todos nós, e nós todos somos responsáveis por ela” disse a professora. “E se amanhã esfriar, o que vamos fazer?”. Gabi ficou envergonhado.

Ele pensou que tinha o direito de decidir por Sofi que não pode falar, não pode chorar, não pode tomar suas próprias decisões. O tempo passou. Nós lentamente fomos esquecendo o que havia acontecido, nós brincávamos com Sofi como sempre e nos acostumamos com o cabelo curto dela. Ela era feliz como sempre e não parava de sorrir. Ela nem ficou chateada.

Metodologia de Ensino

O professor pode desenvolver uma discussão onde apresentará as seguintes questões:

- Uma boneca pode falar ou conversar conosco? Se não, por quê?
- Quem decide o que pode ser feito com a boneca?
- Uma criança pode falar ou conversar conosco? Se não, por quê?
- Quem pode decidir o que pode ser feito para uma criança?

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 30

Faixa Etária I: 3 - 5 anos

Princípio Ético nº 7: Pessoas sem capacidade para consentir

De acordo com a legislação, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade para consentir.

(a) Autorização para pesquisa e para a prática médica deve ser obtida, de acordo com o melhor interesse da pessoa que é objeto da pesquisa ou da prática médica e em obediência à legislação vigente. No entanto, a pessoa em questão deve estar envolvida, tanto quanto possível, no processo de tomada de decisão do consentimento, bem como no processo de retirada do consentimento;

(b) A pesquisa só deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa envolvida na pesquisa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de eficácia comparável com participantes capazes de consentir a pesquisa. A pesquisa que não tenha um benefício potencial direto à saúde só deve ser realizada como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a risco mínimo e a dano mínimo, e se a pesquisa tem como expectativa contribuir para o benefício de outras pessoas da mesma categoria, estando sujeita às condições previstas em lei e se for compatível com a proteção dos direitos humanos do indivíduo. A rejeição de tais pessoas em fazer parte da pesquisa deve ser respeitada.

Título

“Cegonha no telhado”

Objetivos de aprendizagem

As crianças devem desenvolver empatia com os seres vulneráveis, para aprender a respeitar o direito à liberdade de todos os seres vivos e entender os limites da nossa própria liberdade.

O Caso

Meu nome é Kelly. Eu tenho muitos amigos na minha classe e no meu bairro. Eu também tenho outros amigos, como meu cachorro, meus dois gatos e duas cegonhas que vêm uma vez por ano para ficar em seu ninho no telhado da nossa casa. Elas já me conhecem e voam muito perto para me ver. Eu alimento as cegonhas e até as acaricio. Chegam no outono, a caminho de países quentes, onde podem encontrar comida. O macho é branco e tem penas cinza na cabeça. A fêmea é totalmente branca. Eu posso reconhecê-las de longe. Parece que elas nos reconhecem e a nossa casa também até depois de um ano inteiro. Elas são tão inteligentes! Mantemos o ninho delas quando elas saem, pois sabemos que elas voltarão no próximo outono. Elas adicionam apenas alguns pequenos galhos ao ninho para aquecer os seus filhotes recém-nascidos. Este ano mãe cegonha colocou quatro ovos. Depois de algumas semanas, ouvimos o chilrear do ninho. Quatro pequenos filhotes, lanosos e amarelados, estavam lá. Uma das duas cegonhas estava sempre guardando o ninho enquanto a outra estava voando, aqui e ali, para trazer comida. Um dia, vi o pai cegonha em pé perto do ninho, uma de suas asas não parecia normal. Pareceu-me que estava quebrada.

Liguei para o meu pai: “Olha, algo está errado com a asa do pai cegonha”. Meu pai estava muito preocupado. Ele disse: “Pai cegonha não pode voar. Mãe cegonha, sozinha, não pode trazer comida suficiente para seus filhotes. Os filhotes não vão crescer o suficiente para voar para os países quentes. Eles podem morrer”. Meu pai foi

até o telhado tentando pegar o pai cegonha para levá-lo ao veterinário. O pobre pai cegonha estava com medo, porque ele nunca havia sido forçado a fazer qualquer coisa. Ele pulou no telhado ao redor do ninho e virou o bico como se dissesse: “não, não, não me machuque! Não me toque!”. Rapidamente, meu pai pegou as pernas do pai cegonha e o levou ao veterinário.

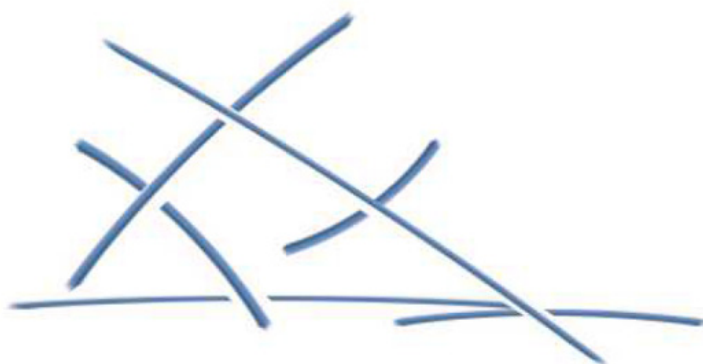
O veterinário colocou um curativo na asa quebrada. Ele nos disse que dentro de alguns dias ele seria capaz de voar. Enquanto isso, trouxemos comida especial para os filhotes famintos. Mãe cegonha poderia relaxar. Eu não estava certa de que o pai cegonha tinha compreendido e perdoado as ações de meu pai, mas depois de dois meses, antes da família sair para sua longa jornada, as cegonhas pai e mãe e os quatro filhotes crescidos bateram com os seus bicos no vidro da janela como se quisessem dizer: “Tchau, tchau, obrigado, vejo você no próximo ano”.

Metodologia de Ensino

O professor deve desenvolver uma discussão, apresentando questões como as seguintes:

- Por que as cegonhas não ficam no mesmo lugar durante um ano inteiro?
- Por que as cegonhas retornam ao mesmo lugar todos os anos?
- Somos os donos das cegonhas?
- Podemos conversar com cegonhas? Podemos brincar com elas?
- O que teria acontecido com a cegonha sem a ajuda do pai de Kelly?
- A cegonha concordou em receber socorro?
- O pai de Kelly fez a coisa certa? Por quê?
- Se você fosse uma cegonha, concordaria que o pai de Kelly ajudasse você?

Hanna Carmi



UNIDADE 31

Faixa Etária III: 11 – 14 anos

Princípio Ético Nº 7: Pessoas sem capacidade de consentir

De acordo com a legislação nacional, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade de consentir:

(a) A autorização para pesquisa e prática médica deve ser obtida de acordo com o melhor interesse da pessoa em questão e de acordo com a legislação nacional. No entanto, a pessoa participante da pesquisa e/ou submetida a uma prática médica deve estar envolvida o máximo possível no processo de tomada de decisão, bem como na retirada do consentimento;

(b) A pesquisa deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de efetividade comparável com os participantes da pesquisa capazes de consentir. A pesquisa que não tenha potenciais benefícios diretos à saúde deve ser realizada apenas como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a riscos e danos mínimos, e se a expectativa é de que a pesquisa contribua para o benefício da saúde de outras pessoas da mesma categoria, sujeita às condições prescritas por lei e compatível com a proteção dos direitos humanos. A recusa de tais pessoas em participar de pesquisa deve ser respeitada.

Título

“Eu não posso vê-lo, mas posso sentir você”

Objetivos de aprendizagem

- Procurar um caminho que dê aos estudantes uma consciência compartilhada sobre algo que é difícil de imaginar mesmo para adultos.
- Proporcionar estas experiências através de um jogo de identificação e de feedback sensorial através de respostas criativas e gráficos;
- Obter uma opinião consciente a partir de uma informação acurada a respeito do caso discutido;

C- orrelacionar com os valores da Declaração Universal, os seguintes termos: Sagrado/ Qualidade de vida; Caridade / Autonomia; Proteção / Autodeterminação; Solidariedade / Individualismo; Pesquisa e Científico/ Saúde individual.

O caso

Na aula, o professor e os estudantes discutem os eventos atuais e as novidades: muitos destes temas chamam a atenção deles de várias maneiras. Oportunidades para discussão, os eventos atuais são uma maneira para entender a vida e desta forma saciar a sede de informações, bem como, de se conscientizar sobre temas específicos, ao longo do ano, gerando suas próprias opiniões sobre os dilemas bioéticos.

“Eluana, o direito de escolher viver ou morrer exercido pelos pais” é o caso que tem atraído a atenção do mundo e os estudantes tem ouvido a respeito.

Desafortunadamente, pelo mundo afora existem casos similares: pessoas em estado de inconsciência, cuja capacidade de fazer

escolhas tem sido questionada.

Eluana depois de um acidente de carro, ficou em um coma profundo e irreversível por anos, e nenhum milagre poderia alterar seu estado.

Já se passaram mais de 20 anos desde que a tragédia ocorreu; seus pais ficaram mais velhos e agora testes foram feitos com o objetivo de identificar se nada mudaria o fato de as máquinas estarem mantendo sua filha viva, e portanto decidiram para poder dar um fim ao seu tratamento.

Uma consequência certa e direta disto será a morte de sua filha. O mundo inteiro entende que este é um doloroso e comovente caso de família, e cada pessoa acaba se colocando no lugar dos últimos parentes vivos do paciente.

Passaram muitos anos para que a justiça determinasse quem pode exercer o direito de preservar a vida de Eluana, que estava sem um estado de consciência (contudo era impossível para a ciência e para os médicos ter certeza absoluta da ausência total da percepção subconsciente).

Na Itália, a Constituição não reconhece o direito à eutanásia e apenas os pais vivos podem exercer a autoridade parental para lutar esta batalha para assegurar a sua filha Eluana o direito de dignificar a vida e a morte.

O pai, permanecendo fiel às suas convicções e ao desejo de sua filha, concordou em acabar os seus dias por saber que a sua filha não deveria permanecer mais tempo à mercê de um respirador, sem recursos econômicos e sozinha num leito de hospital.

Metodologia de Ensino

O Dilema

Responda a 1ª questão:

Como você se comportaria se, depois de 20 anos, você não pudesse mais cuidar dela: o que eles decidiriam sobre a existência dela, não sendo capazes de determinar sua duração;

2ª questão:

Se houvesse a possibilidade de um tratamento experimental que apresentasse um alto risco para a saúde do paciente, mesmo com probabilidades estatísticas de sucesso, o que você decidiria sobre dar ou não dar o consentimento para dar o tratamento experimental de risco?

O professor avisa que os estudantes não podem dar opiniões radicais: muitas respostas são vagas, alguns deles tentam fazer mimica, de uma forma irônica, de que a condição “era de inconsciência”.

O professor propôs um jogo de identificação sensorial.

O professor, depois da discussão, faz algumas questões com o objetivo de guiar as crianças e visando contemplar conceitos, tais como: indisponibilidade de condições para a integridade pessoal e para a vida; impossibilidade de exercer os poderes de discernimento; avaliação da supremacia do próprio melhor interesse da pessoa.

Então, ele/ ela informa aos estudantes as restrições legais dos pais e/ ou guardião: mantendo a obrigação (a qual é conectada à função do cuidado); a consideração necessária das capacidades, inclinações, aspirações da criança ou da pessoa que não tem capacidade de expressar seu consentimento; o exercício do poder é entendido como no exclusivo interesse da pessoa.

Finalmente, o professor dá informações sobre o papel do médico: ele deve prover informação adequada e clara, deve observar a obrigação de proteger e cuidar, e deve se certificar que o consentimento foi dado.

A restrição ao uso de tratamentos médicos, quando estão ligados aos

artigos da Declaração Universal, é devida ao respeito que o ser humano merece. O mesmo limite deve ser aplicado aos tratamentos de saúde não desejados.

O professor tenta desempenhar um papel onde ele mesmo pode estar na mesma condição de Eluana, tendo uma perda de consciência claramente estabelecida pelos médicos, e os estudantes, como os únicos herdeiros de sua vontade e testamento, sendo, portanto, seus tutores, são chamados para exercer o direito de proteção em relação a ele.

O objetivo mais difícil no ensino de bioética é explicar cada coisa que os jovens, garotas e garotos de idade entre 11 e 14 anos, rapidamente dão atenção a tudo que eles encontram na internet e na mídia, frequentemente acabam sem dar adequada atenção às suas próprias respostas.

A função do professor no contexto do artigo 7º se torna extremamente crucial para a escolha da metodologia mais acertada e que tenha capacidade de explicitar uma opinião consciente que surja de uma ampla e acurada informação, que contemple uma pluralidade de pontos de vista.

Leituras

Filme “See no Evil, hear no evil” Gene Wilder 1986

Francesca Piccolo
francescapiccolo90@gmail.com

UNIDADE 32

Faixa etária III: 11 – 14 anos

Princípio Ético nº 7: Pessoas sem capacidade de consentir

De acordo com a legislação nacional, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade de consentir:

(a) A autorização para pesquisa e prática médica deve ser obtida de acordo com o melhor interesse da pessoa em questão e de acordo com a legislação nacional. No entanto, a pessoa participante da pesquisa e/ou submetida a uma prática médica deve estar envolvida o máximo possível no processo de tomada de decisão, bem como na retirada do consentimento;

(b) A pesquisa deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de efetividade comparável com os participantes da pesquisa capazes de consentir. A pesquisa que não tenha potenciais benefícios diretos à saúde deve ser realizada apenas como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a riscos e danos mínimos, e se a expectativa é de que a pesquisa contribua para o benefício da saúde de outras pessoas da mesma categoria, sujeita às condições prescritas por lei e compatível com a proteção dos direitos humanos. A recusa de tais pessoas em participar de pesquisa deve ser respeitada.

Título

“Consentimento informado: um direito e um dever

de todos e de cada um”

Objetivos de aprendizagem

- Levar os jovens a respeitar a inviolabilidade da vida humana e da liberdade;
- Compreender e analisar os princípios bioéticos da autonomia e da beneficência;
- Apresentar e explicar o consentimento informado, sua finalidade, suas diferentes formas em uma ampla variedade de contextos sociais e culturais;
- Estimular a conscientização a respeito da autonomia e responsabilidade de cada pessoa em relação ao próprio corpo e saúde, bem como a propósito do corpo e da saúde das pessoas sem capacidade de consentir;
- Refletir sobre a pesquisa científica e os profissionais que aplicam padrões éticos a diferentes contextos internacionais.

O Caso

Hoje, há uma grande agitação no vilarejo: muitas mães com seus filhos vieram de localidades vizinhas. Espalhou-se o boato de que chegaram médicos de muito longe para dar às crianças uma vacina gratuita contra uma doença infecciosa terrível. Os médicos vão conduzir uma pesquisa nos próximos meses, mas o que importa agora é que essas vacinas são gratuitas.

Os sábios da aldeia foram informados de que essas mezinhas poderiam ter efeitos colaterais desconhecidos durante ou após sua administração. Além disso, a vacina também pode ser ineficaz para alguns indivíduos. Já que a maioria das mães não sabe ler nem escrever, os sábios da aldeia são responsáveis pelo consentimento informado sobre esta pesquisa. Eles pensam que vale a pena

afrontar os riscos para obter efeitos positivos.

As mães confiam nos velhos sábios da aldeia e pedem que seus filhos sejam selecionados para pesquisa. Os pesquisadores médicos ficam satisfeitos: se tivessem que fazer essa experiência em seu próprio país, eles teriam passado anos coletando as permissões apropriadas. Esta pesquisa encontrou condições muito favoráveis nesta aldeia: muitos participantes, poucas explicações e pouca responsabilidade por quaisquer consequências desagradáveis.

Metodologia de ensino

“Os direitos fundamentais de uma pessoa são baseados no reconhecimento de sua condição humana, da inviolabilidade de sua vida e do fato de que ela nasceu livre e será sempre livre. O respeito pelos valores e desejos dos indivíduos é uma obrigação ainda mais forte se o indivíduo é vulnerável. Uma vez que a autonomia e a responsabilidade de cada pessoa, inclusive daquelas que necessitam de cuidados de saúde, são valores considerados importantes, deve ser universalmente reconhecido como um direito o fato de cada pessoa participar das decisões que digam respeito ao seu corpo ou à sua saúde”.³

A partir desta declaração, os estudantes devem responder às seguintes questões:

- O que significa para você ser um ser humano?
- Você pode explicar o que significa inviolabilidade humana e liberdade? Dê alguns exemplos.
- Você é responsável por seu próprio corpo e saúde? Seus pais têm um papel quanto a estes aspectos?

Depois de anotar e coletar as diferentes respostas e opiniões, o

professor deve analisar os princípios da Autonomia e da Beneficência com os alunos. Em seguida, o professor deve estimular que os estudantes respondam o seguinte questionário:

- Na história, quem é informado e sobre o quê? Faça um rascunho.
- Quem deve ser informado e como? Dê alguns exemplos.
- Quem são as pessoas mais vulneráveis e por quê? Quem é diretamente responsável por elas? E quem é indiretamente responsável?
- Se você pudesse mudar algo na história, o que mudaria e por quê? Explique suas sugestões.
- *É justo ter diferentes considerações éticas para diferentes contextos culturais e sociais?*
- Em sua opinião, como os cientistas e pesquisadores médicos devem se comportar? Por quê?
- Que tipo de influências e pressões eles podem receber? Como podem ser evitadas?

Ferramentas

Informedconsentcasebook 2003

<http://www.unesco-chair-bioethics.org/wp-content/uploads/2015/08/1.-Informed-Consent.pdf> (visited 07/15/2018).

<https://biotech.law.lsu.edu/cases/consent/Schoendorff.htm> (visited 07/15/2018).

<https://law.jutia.com/cases/california/court-of->

[appeal/2d/154/560.html](#) (visited 07/15/2018).

The 2005 UNESCO Declaration on Bioethics and Human Rights

<http://portal.unesco.org/en/ev.php->

[URL_ID=31058&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=31058&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)
(visited 07/15/2018).

Alessandra Pentone

alesspent@hotmail.com

<http://www.unesco-chair-bioethics.org/wp-content/uploads/2015/08/1.-Informed-Consent.pdf> (visited 07/15/2018).

UNIDADE 33

Faixa Etária IV: 15 - 19 anos

Princípio Ético nº 7: Pessoas sem capacidade de consentir

De acordo com a legislação nacional, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade de consentir:

(a) A autorização para pesquisa e prática médica deve ser obtida de acordo com o melhor interesse da pessoa em questão e de acordo com a legislação nacional. No entanto, a pessoa participante da pesquisa e/ou submetida a uma prática médica deve estar envolvida o máximo possível no processo de tomada de decisão, bem como na retirada do consentimento;

(b) A pesquisa deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de efetividade comparável com os participantes da pesquisa capazes de consentir. A pesquisa que não tenha potenciais benefícios diretos à saúde deve ser realizada apenas como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a riscos e danos mínimos, e se a expectativa é de que a pesquisa contribua para o benefício da saúde de outras pessoas da mesma categoria, sujeita às condições prescritas por lei e compatível com a proteção dos direitos humanos. A recusa de tais pessoas em participar de pesquisa deve ser respeitada.

Título

“Autismo, uma nova forma de comunicação”

Objetivos de aprendizagem

- Explicar aos jovens que o “autismo” se caracteriza por maneiras especiais mediante as quais as crianças reagem aos estímulos externos e para se comunicar com os outros. Em geral, essas crianças autistas se fecham no seu próprio mundo, e os outros não alcançam acessá-las nem conseguem se comunicar com elas.
- Informar aos jovens as atitudes comportamentais típicas deste transtorno visando ajudar a criança autista a se comunicar com os outros, de uma maneira eficiente e simples.

O Caso

“Angelo”

Anna é uma professora italiana que trabalha em uma escola primária. Hoje era o seu primeiro dia de trabalho em uma nova escola. Em sua classe, havia doze crianças, todas muito animadas por terem uma nova professora. Mas acontece que existia uma única criança, que se chamava Angelo e que ao invés de se divertir e brincar com as outras, ficava sentada sozinha no seu canto, sem falar com as outras crianças e sem olhar diretamente para a professora. Infelizmente, todas as outras crianças deixavam Angelo de lado e pensavam que ele era estranho, porque nunca queria brincar com elas.

Anna, percebendo que a atitude do garoto não era sociável e que ele era desinteressado, decide se aproximar dele. Neste momento ela perguntou qual era o seu nome, tentando estabelecer um diálogo. Mas a criança não respondeu e continuou a fixar seu olhar nos lápis e nas folhas de papel. Anna viu o garoto rabiscando usando os lápis de cor de forma estranha. Então Anna, com uma voz calma e

pausada, pediu ao garoto para explicar o que ele estava desenhando, porém Angelo não respondeu. Nos dias seguintes, o comportamento da criança continuava estranho; de fato, ela não interagiu com as outras crianças e repetia constantemente os mesmos gestos, como se estivesse desenhando círculos, ou movendo as mãos de modo estranho. Além do mais, ele frequentemente tinha acessos de raiva contra seus colegas quando eles não o atendiam ou se recusavam a lhe dar os lápis de cor, por exemplo. As crianças não compreendiam porque Angelo se comportava assim e o evitavam. Um dia, enquanto as crianças desenhavam, Angelo começou a lançar seus lápis de cor em seus colegas. A professora, em vez de repreendê-lo, tentou acalmá-lo, mas Angelo não escutava ninguém. Apenas quando Anna disse que se ele não se acalmasse ela chamaria sua mãe, Angelo pareceu se acalmar. As outras crianças que presenciaram a cena ficaram com medo, e por esta razão a professora decidiu se encontrar com a mãe de Angelo para conversar sobre o comportamento de seu filho.

Metodologia de Aprendizagem

O autismo é um transtorno que foi identificado pela primeira vez pelo psiquiatra Leo Kanner, em 1943. Nos seus estudos, Kanner descreveu o comportamento de algumas crianças que agiam da mesma maneira, como por exemplo não se interessavam pelo mundo, não se socializavam com as outras crianças, nem mesmo respondiam questões simples, deliravam e tinham ataques incontroláveis de cólera. Sintomas deste transtorno usualmente se apresentavam muito cedo nas crianças que ele examinou, que tinham dificuldades em aprender a falar, dificuldades de comunicação verbal e dificuldades na comunicação com pais e colegas.

As causas deste transtorno não são claras, mas muitos estudos

sugerem que o autismo pode ser causado por dano no sistema nervoso durante o desenvolvimento da criança.

Infelizmente, é extremamente difícil lidar com uma criança autista, embora as escolas, em geral tentem incluí-las nas atividades educativas e fazer com que elas se socializem, com o apoio de um professor que trabalhe com uma linguagem verbal e não verbal. Portanto, nosso dilema é identificar quais seriam as possíveis soluções para tentar integrar as crianças autistas à classe e encontrar um meio de se comunicar efetivamente com elas. Por exemplo, a primeira escolha a ser feita e a mais importante, é tentar se comunicar com a criança autista através de gestos para estabelecer o primeiro contato, orientar e mostrar o que deve fazer, em vez de lhe dizer o que fazer. De fato, é crucial estabelecer contato visual com ela. As perguntas que forem feitas a ela devem ser muito simples, claras e antes de tudo, a resposta deve ser apresentada a ela. As tarefas devem ser feitas aos poucos, e o resultado do progresso feito necessita ser recompensado. Por fim, devemos nos assegurar de que a criança esteja focada no que as outras crianças estão fazendo e integrá-la à classe adequadamente. Para os professores é importante ter e transmitir tranquilidade, calma e paciência, porque somente através dessas qualidades podem seguir um percurso com a criança autista e obter melhores resultados.

Ler a história de Angelo. Em seguida, pedir aos jovens para interpretar a história, sobretudo tendo como foco o comportamento dele e as razões do seu comportamento violento em algumas situações e com pessoas que ele não conhece. Posteriormente, assistir a um documentário ou ler artigos sobre autismo, pedir aos estudantes que digam o que eles pensam sobre este transtorno e o que significa, do seu ponto de vista, viver numa família que tem uma criança autista, com a qual é difícil interagir. Logo após, peça aos estudantes para tentar encontrar possíveis soluções para a integração de crianças autistas na escola. Então explique o que é

autismo, focando no comportamento da criança autista, seus problemas para reagir normalmente, como ela estabelece suas relações e como ela se comunica com as pessoas que ela ainda não conhece. Finalmente, peça aos jovens que escrevam suas reflexões sobre o tema do autismo, dando especial atenção para soluções no sentido de uma educação inclusiva, bem como para técnicas de comunicação que possam ser adotadas para falar com crianças autistas.

Mariarosaria Maione
mariarosaria.maione@libero.it

UNIDADE 34

Faixa Etária IV: 15 - 19 anos

Princípio Ético nº 7: Pessoas sem capacidade de consentir

De acordo com a legislação nacional, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade de consentir:

(a) A autorização para pesquisa e prática médica deve ser obtida de acordo com o melhor interesse da pessoa em questão e de acordo com a legislação nacional. No entanto, a pessoa participante da pesquisa e/ou submetida a uma prática médica deve estar envolvida o máximo possível no processo de tomada de decisão, bem como na retirada do consentimento;

(b) A pesquisa deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de efetividade comparável com os participantes da pesquisa capazes de consentir. A pesquisa que não tenha potenciais benefícios diretos à saúde deve ser realizada apenas como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a riscos e danos mínimos, e se a expectativa é de que a pesquisa contribua para o benefício da saúde de outras pessoas da mesma categoria, sujeita às condições prescritas por lei e compatível com a proteção dos direitos humanos. A recusa de tais pessoas em participar de pesquisa deve ser respeitada.

Título

“E se eu pudesse decidir doar um rim para o meu

irmão”

Objetivos de aprendizagem

- Desenvolver capacidades analíticas em relação às decisões que os jovens podem expressar dando seu consentimento nos casos em que sua saúde está em risco.
- Promover uma discussão sobre o princípio da autonomia e da autodeterminação de pacientes menores de idade.
- Adquirir a habilidade de discutir e de comparar questões bioéticas “abertas” relacionadas à saúde através de debates e de relatórios.

O Caso

Nicholas e David têm sempre compartilhado tudo: interesses, jogos, aventuras. Como aliados inseparáveis, eles são ligados por um destino comum, um sentimento invisível que liga suas vidas. Aos oito anos, David, o irmão mais novo, teve uma infecção por estreptococo que lhe causou uma nefrite que evoluiu para uma lesão renal, mediada pelo sistema imunológico, levando à insuficiência renal. Todos os tratamentos possíveis foram feitos, mas se mostraram inúteis. Nicholas estava muito preocupado com a doença de David e ficou sem palavras quando sua mãe lhe disse que a única solução proposta pelo Prof. Parker foi o transplante renal. No caso de doação de órgãos entre parentes, o risco de rejeição é mínimo. Os pais se ofereceram para doar um de seus rins para salvar a vida de David, porém o tamanho de seus órgãos não era compatível com o espaço limitado oferecido para um transplante no corpo de alguém com oito anos de idade. A única solução era procurar um doador que apresentasse histocompatibilidade com o paciente. Como não foi encontrado, não há mais nada a fazer a não

ser colocar David na fila de espera para o transplante renal. A menos que...

Nicholas refletiu muito e um pensamento não o abandonava, tornando-se cada vez mais insistente: doar seu rim para salvar a vida de David. Ele decidiu falar com a sua mãe. Nicholas era adolescente e, certamente, o tamanho de seu rim podia ser mais adequado para um garoto de oito anos, e sendo ele irmão do receptor, o órgão poderia ser perfeitamente compatível. Pode-se viver com um único rim: Nicholas tinha lido isto em uma revista científica. Após ter consultado a Internet em vários websites, ele removeu todas as incertezas e medos da sua mente. A Wikipédia relatava vários casos de sobreviventes que tinham uma saúde excelente. Ele decidiu falar com seus pais. A ideia era absurda, impraticável e horrorizou sua mãe, Paula, que não queria nem ouvir nada a respeito disto. O pai, Thomas, tentou dissuadi-lo com argumentos, inclusive dizendo que arriscar sua saúde aos treze anos para salvar seu irmão era uma decisão heroica, mas irracional. Nicholas insistia. Ele queria completar sua missão mesmo contra a vontade de seus pais. Durante uma consulta médica de David sobre a busca da família por um órgão a ser transplantado, Nicholas falou ao Prof. Parker sobre a sua intenção de doar seu rim. O professor prometeu pensar a respeito. Os pais de Nicholas ficaram totalmente contra.

A lei é clara: no caso de menores, o consentimento para tratamentos médicos, experimentações e quaisquer intervenções médicas só pode ser dado pelos pais ou, na ausência deles, pelo representante legal. Então Paula e Thomas deviam decidir. Nicholas permanece insatisfeito. Ele não desiste. Ninguém respeita a sua vontade de doar seu rim, ninguém escuta sua opinião. O princípio da autonomia e da autodeterminação funciona apenas para adultos. No entanto, é uma escolha em relação à sua saúde.

Na escola, um professor falou de “casos especiais” quanto ao

consentimento de menores, com menos de 18 anos e mais de 12 anos de idade, e considerando a maturidade psicológica deles, quando de intervenções relacionadas à saúde. O livro de bioética de Nicholas diz que o princípio da proteção da vida deve estar equilibrado com o princípio da “liberdade responsável”. Mas então, qual é a coisa certa a fazer?

Por que os estudantes da mesma Faixa Etária de Nicholas não têm o direito de fazer escolhas sobre a sua própria saúde? Nicholas não conseguiu encontrar uma resposta.

Metodologia de Aprendizagem

O Dilema

As crianças e os adolescentes têm direito de participar nas decisões que digam respeito à sua própria saúde?

Quando considerados plenamente capazes de compreender, porque atingiram uma maturidade psicológica, os menores de 18 anos e os maiores de 12 anos podem ser autorizados a expressar sua opinião em relação a tratamentos não obrigatórios, como vacinação, doação de materiais biológicos, pesquisas e intervenções ou tratamentos invasivos em seus corpos?

O princípio da autonomia e da autodeterminação se aplica somente aos adultos?

- O professor apresenta o caso lendo a história dos dois irmãos que são menores de idade.
- Ele concentra a atenção dos estudantes no dilema bioético: é certo envolver os menores de idade nas decisões que dizem respeito à saúde de apenas um deles?
- Ele promove e orienta o debate sobre a questão, e solicita propostas e soluções para o dilema.
- Os alunos são convidados pelo professor a examinar casos semelhantes em que menores estão envolvidos em decisões

relativas à sua saúde e são convidados a dar uma opinião sobre se devem ou não introduzir “exceções” à lei sobre a capacidade de atuação no campo do tratamento médico quando os menores protagonistas estão totalmente conscientes.

Maria Caporale
maria.caporale@uniroma1.it

UNIDADE 35

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 7: Pessoas sem capacidade de consentir

De acordo com a legislação nacional, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade de consentir:

a) A autorização para pesquisa e prática médica deve ser obtida de acordo com o melhor interesse da pessoa em questão e de acordo com a legislação nacional. No entanto, a pessoa participante da pesquisa e/ou submetida a uma prática médica deve estar envolvida o máximo possível no processo de tomada de decisão, bem como na retirada do consentimento;

b) A pesquisa deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de efetividade comparável com os participantes da pesquisa capazes de consentir. A pesquisa que não tenha potenciais benefícios diretos à saúde deve ser realizada apenas como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a riscos e danos mínimos, e se a expectativa é de que a pesquisa contribua para o benefício da saúde de outras pessoas da mesma categoria, sujeita às condições prescritas por lei e compatível com a proteção dos direitos humanos. A recusa de tais pessoas em participar de pesquisa deve ser respeitada.

Título

“Eu preciso saber”

Objetivos de aprendizagem

- Desenvolver habilidades analíticas sobre as decisões do consentimento de menores que são submetidos a testes relativos à sua própria saúde e informações genéticas pessoais;
- Compreender e discutir os princípios de autonomia e autodeterminação dos pacientes menores de idade e/ou menores competentes (maiores de 16 anos);
- Discutir e chegar a uma conclusão em conjunto para questões éticas “abertas” que não têm uma resposta clara.

O Caso

John tem 16 anos quando descobre que sua avó paterna está em diálise devido a insuficiência renal. Ele escuta seus pais discutindo a questão, com o pai dizendo à mãe que o clínico geral sugere uma triagem genética para doença renal policística, pois ele suspeita que esse seja o diagnóstico dos casos de doença renal em sua família. Seu pai parece não desejar fazer o teste genético, pois não tem certeza de como ele lidaria com a possibilidade de ser portador da doença, da mesma forma que sua mãe, que está em diálise. João estuda biologia avançada na escola e conhece a doença. Ele sabe que, se seu pai é de fato portador, ele e sua irmã Anna, agora com 12 anos, também têm 50% de chance de serem portadores e desenvolverem a doença posteriormente. Ele acredita na ciência e quer ser médico ou cientista um dia. Ele também conhece novas técnicas de edição de genes que em breve poderão tratar distúrbios de genes únicos como esse. Se tivesse a opção, ele gostaria de ser testado agora, no entanto, nenhum de seus pais discutirá o assunto nos próximos meses. Impaciente com a situação, ele lê sobre a possibilidade de fazer a triagem sem o consentimento de seus pais, pois tem mais de 16 anos e a lei permite que ele forneça seu

consentimento como menor competente. Como tal, pode até pedir confidencialidade para seus testes. De fato, pode até optar por fazer o teste usando um kit pré-encomendado de empresas diretas ao consumidor que oferecem triagem genética. Ele deveria ir em frente e se submeter a teste de rastreamento? Ele pode lidar com as informações sozinho, sem contar aos pais? E se o resultado for negativo / positivo? Deveria contar ao pai e à irmã que eles poderiam ser portadores? Os médicos devem revelar os resultados encontrados aos pais, mesmo que João não queira?

Metodologia de Ensino

A doença:

A doença renal policística (DRP) é causada por uma mutação genética que é herdada de maneira autossômica dominante, ou seja, se um de seus pais carrega o gene defeituoso, você tem 50% de chance de também portar o gene e desenvolver a doença. A DRP resulta no desenvolvimento de numerosos cistos em ambos os rins, reduzindo progressivamente a função renal e levando à insuficiência renal. Cerca de metade das pessoas com doença renal policística autossômica dominante (DRPAD) progride para insuficiência renal. A DRPAD afeta indivíduos de todas as raças em todo o mundo.

Depois de ler a história, o professor oferece algumas informações adicionais sobre DRP e insuficiência renal, como desconforto de diálise frequente e outros problemas de saúde relacionados, bem como opções de tratamento. O professor também oferece informações sobre a lei referente a menores de 16 anos, permitindo que menores na maioria dos países forneçam consentimento por si mesmos. Depois disso, os alunos podem ser divididos em dois grupos e cada grupo deve discutir uma abordagem do dilema. John tem direito a suas próprias informações, que também se relacionam ao direito de seu pai não querer saber? O pai estava certo ao optar

por não se submeter à triagem se sua decisão afeta seus filhos? John deve informar seu pai (ou mãe) sobre seus resultados? E a irmã dele? O que você faria se fosse confrontado com os dilemas de John?

Os alunos devem debater todos os dilemas possíveis com a orientação do professor e cada grupo pode apresentar seus argumentos para os demais.

Andrie Panayiotou

Andrie.panayiotou@cut.ac.cy



UNIDADE 36

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 7: Pessoas sem capacidade de consentir

De acordo com a legislação nacional, proteção especial deve ser dada a pessoas que não têm capacidade de consentir:

a) A autorização para pesquisa e prática médica deve ser obtida de acordo com o melhor interesse da pessoa em questão e de acordo com a legislação nacional. No entanto, a pessoa participante da pesquisa e/ou submetida a uma prática médica deve estar envolvida o máximo possível no processo de tomada de decisão, bem como na retirada do consentimento;

b) A pesquisa deve ser realizada apenas para o benefício direto à saúde da pessoa, sujeita à autorização e às condições de proteção prescritas por lei, e se não houver pesquisa alternativa de efetividade comparável com os participantes da pesquisa capazes de consentir. A pesquisa que não tenha potenciais benefícios diretos à saúde deve ser realizada apenas como exceção, com a máxima restrição, expondo a pessoa apenas a riscos e danos mínimos, e se a expectativa é de que a pesquisa contribua para o benefício da saúde de outras pessoas da mesma categoria, sujeita às condições prescritas por lei e compatível com a proteção dos direitos humanos. A recusa de tais pessoas em participar de pesquisa deve ser respeitada.

Título

“Quem vai decidir quem eu sou?”

Objetivos de Aprendizagem

- Analisar o princípio bioético da autonomia;
- Uma reflexão cuidadosa sobre os direitos das pessoas sem capacidade de consentir;
- Introdução e explicação da diferença entre sexo genético, diferenciação sexual, aparência sexual, atribuição de gênero e identidade de gênero.

O Caso

Maria tem treze anos e seus pais estão preocupados com sua saúde: ela ainda não menstruou e, portanto, eles querem que ela faça um exame clínico.

Após alguns exames laboratoriais rotineiros, Maria é submetida a um exame ginecológico e a um teste genético: o diagnóstico é a síndrome de Morris ou a síndrome da insensibilidade androgênica. Esta “é uma condição que afeta o desenvolvimento sexual antes do nascimento e durante a puberdade”, explica o médico aos pais de Maria.

“As pessoas com essa condição são geneticamente masculinas, com um cromossomo X e um cromossomo Y em cada célula. Porque seus corpos são incapazes de responder a alguns hormônios sexuais masculinos (chamados de androgênios) ... pessoas com essa condição têm características sexuais externas de mulheres, mas não têm útero e, portanto, não menstruam e são incapazes de conceber uma criança (inférteis). Elas são normalmente criadas como mulheres e têm uma identidade de gênero feminino. Os indivíduos acometidos têm órgãos sexuais masculinos internos (testículos) que não desceram, o que significa que eles estão localizados de maneira anormal na pelve ou no abdômen”.¹ O médico explica que, devido ao aumento do risco de malignidade dos testículos que não

desceram após a puberdade, estes devem ser removidos cirurgicamente (orquiectomia).

Existem duas opções: 1) Maria pode ser submetida a cirurgia agora, ou 2) a operação pode ser adiada até que a mesma se torne adulta, podendo decidir por si mesma se ela quer considerar a orquiectomia ou eventualmente a intervenção cirúrgica (secundariamente) para reconstruir a vagina e o útero.

A decisão depende dos pais de Maria porque ela é menor de idade. Os pais de Maria ficaram chocados, mas imediatamente compartilham suas opiniões controversas com o médico. O pai de Maria deseja que a orquiectomia seja realizada imediatamente.

Sua filha não deve saber a razão real da cirurgia e da síndrome pela qual ela é afetada, alegando que ela é “normal”. A mãe de Maria quer contar a verdade à filha, porque não há com o que se envergonhar. Ela não tem medo que Maria seja estigmatizada e acredita que a decisão final pertence à sua filha quando ela se tornar adulta.

1. <https://ghr.nlm.nih.gov/condion/androgen-insensitivity-syndrome>
2. Clinical guidelines for the management of disorders of sex development in childhood, <http://www.accordalliance.org/dsd-guidelines/>

Alguns médicos pesquisadores propõem incluir Maria em um projeto pioneiro: sobre a possibilidade de modificação genética que poderia sensibilizar seus tecidos para androgênios, transformando-a de mulher para homem. O médico solicita a ajuda à Justiça para decisão final.

Metodologia de Ensino

Considerando a idade dos alunos e sua sensibilidade para esse tipo

de assunto nesta fase de suas vidas, o debate deve ser conduzido de forma clara e cuidadosa. Após uma revisão científica sobre sexo genético, desenvolvimento sexual e diferenciação, a discussão deve se concentrar no princípio bioético da autonomia e nos direitos das pessoas que não têm capacidade de consentir. A responsabilidade dos pais não deve acarretar preconceito pessoal que possa afetar irreversivelmente a saúde física e mental das crianças. A análise do caso levanta as seguintes questões:

- Qual o melhor interesse de Maria?
- Ela tem o direito de saber sobre sua síndrome e suas consequências?
- O que você pensaria se fosse Maria?
- Qual a importância da opinião dela?
- O que você pensaria se fosse pai e / ou mãe de Maria?
- Qual é o dever dos médicos em relação à revelação do diagnóstico e prognóstico de Maria?

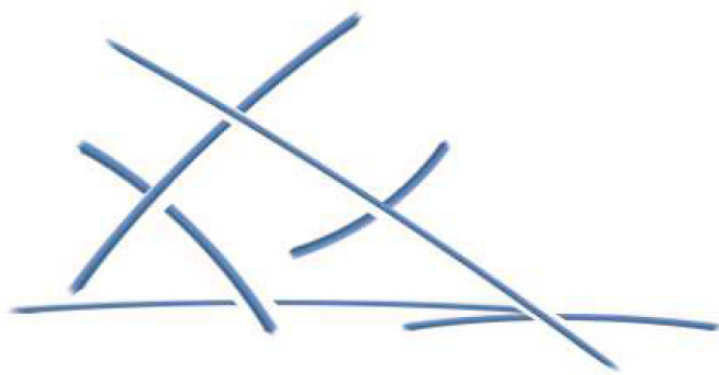
Ferramentas

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK1429/>

<https://ghr.nlm.nih.gov/condi//androgen-insensitivity-syndrome>

<http://www.accordalliance.org/dsd-guidelines/>

Alessandra Pentone;
alesspent@hotmail.com



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE BIOÉTICA E DIREITOS
HUMANOS
(UNESCO, 2005)

Princípio Nº 8
Respeito pela vulnerabilidade Humana e
Integridade Pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.



UNIDADE 37

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

“Partosh não tem amigos”

Objetivos de Aprendizagem

As crianças devem estar familiarizadas com a noção de vulnerabilidade, seus vários aspectos, sua aceitação e a necessidade de respeitá-la. As crianças devem entender que todos os seres humanos compartilham vulnerabilidades, que devem se preocupar com os outros e estar cientes do fato de que dependem dos outros. As crianças devem entender que essa condição humana requer solidariedade.

O Caso

No tempo do meu jardim de infância, havia um garoto cujo nome

era Partosh. Eu nunca tinha ouvido o nome Partosh. As crianças costumavam chamá-lo de Partocho Hipopótamo, o que significa: Partosh o menino gordo. O nome dele não era apenas diferente e estranho, mas o próprio Partosh era diferente. Ele tinha uma cadeira especial, grande e pesada, porque não se encaixava nas cadeiras pequenas comuns, pois já havia quebrado algumas delas enquanto estava sentado. Quando todo mundo estava correndo ou subindo em uma árvore, ou brincando com uma bola, ele ficava sentado, sozinho. Na maioria das vezes ele permanecia dentro da sala de aula, pintando. Partosh gostava de pintar mais do que qualquer outra coisa. Sua pintura era fascinante. Ele pintava flores, animais e crianças brincando. Don e Shon, duas crianças de nossa classe, brincavam com ele e o chamavam de hipopótamo ou porquinho, e pediam que ele fizesse coisas que ele não podia fazer: correr, subir em uma escada ou pular no trampolim. Partosh não podia fazer nada disso, apenas olhava para o chão e enchia seus olhos de lágrimas. Um dia ele não compareceu à nossa sala de aula, nem veio no dia seguinte, nem depois.

Lídia, nossa professora, ligou para seus pais para saber o que aconteceu com Partosh. Sua mãe disse que ele ficou em sua cama, triste, e mal falou. O médico o examinou e não encontrou nenhuma doença. Ele achava que Partosh não queria ir para a aula porque se sentia muito infeliz lá. Algumas crianças o insultavam sempre que o viam. Lídia disse às crianças porque Partosh não veio. Gabriel se ofereceu para visitá-lo e preparar um álbum de fotos para ele com as pinturas das crianças e pendurar nas paredes da sala de aula todas as pinturas de Partosh. Na manhã seguinte, a professora e as crianças se reuniram na casa de Partosh. Eles entraram na casa segurando um cartaz no qual estava escrito "Partosh, nós amamos você, volte para a nossa sala de aula", e eles deram-lhe o belo álbum. Partosh não podia acreditar no que estava vendo. Nenhuma dessas crianças já havia ido à sua casa. Ele rapidamente saiu da cama,

vestiu algumas roupas e se juntou às crianças. "Mãe", disse muito empolgado, "eles me querem, me amam". Ele foi com as crianças de volta à sala de aula. Quando viu suas pinturas penduradas na parede, seus olhos se encheram de lágrimas.

“Porque você está chorando?” perguntou Lídia: “É porque estou muito feliz”, respondeu ele.

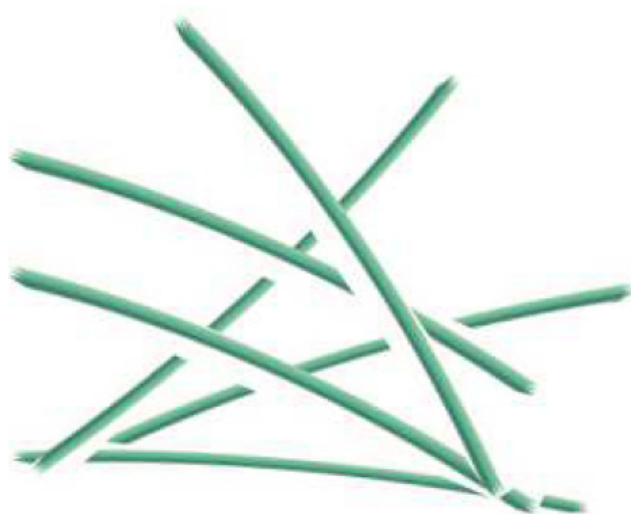
Algumas vezes choramos porque estamos felizes.

Metodologia de Ensino

O professor deve desenvolver uma discussão, apresentando perguntas como as seguintes:

- Você conhece outras crianças com nomes estranhos?
- Quem dá nomes às crianças recém-nascidas?
- É possível para nós mudar nossos nomes?
- Por que Partosh se recusou a ir ao jardim de infância?
- Como as crianças comportar-se-ão em relação a Partosh a partir de agora? Por quê?

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 38

Faixa Etária II: 6-10 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

“Não me toque”

Objetivos de Aprendizagem

- Aumentar o senso de expressão da identidade pessoal nas crianças;
- Aprimorar a percepção de seus próprios sentimentos e expressar sua opinião;
- Ouvir as opiniões das crianças e respeitá-las.

O Caso

Parte 1:

Ria, uma menina fofa, brincalhona e alegre, de 5 anos de idade, começou a frequentar a escola primária. Ela costumava ir à escola de ônibus escolar e era muito feliz. Depois de um mês, uma bela

segunda-feira, Ria não se levantou da cama.

A mãe dela a chamou: “Vamos Ria, você está atrasada para a escola!”

Ria gritou: “Mãe! Não estou bem, não vou à escola. “

Mãe: “O que está acontecendo, querida?”

Ria: “Eu quero dormir.”

Mãe: “Minha doce fada! Vamos lá, eu vou te deixar na escola hoje.”

Ria: “Mãe! Você vai me buscar na escola à tarde?

Mãe: “Estarei no meu escritório, volte de ônibus, bebê!”

Ria: “Eu não quero voltar de ônibus; eu quero voltar com você. Prometa-me que você irá me buscar na escola.

Ria estava perdendo o interesse em ir para a escola. Ela era uma garota muito inteligente, gostava de ler livros de histórias e se apresentava bem nas aulas. Agora ela se transformou em uma garota assustada que não queria ir para a escola. Quando voltava da escola, a pequena Ria costumava ser a última a descer do ônibus. Ela ficava sozinha no ônibus com o tio Paul, o atendente, até sua casa. Tio Paul gostava muito dela. Ele costumava sentar-se ao seu lado, enquanto ela estava sozinha e com sono. Ele costumava cantar rimas, imitar animais e pássaros e também a abraçava. Inicialmente, ela ficava feliz, porém mais tarde a pequena Ria passou a não gostar mais do seu toque. Lentamente, ela estava desenvolvendo um medo quando o tio Paul vinha sentar-se ao seu lado e começava a abraçá-la ... seu toque era doloroso para ela.

Parte 2:

Ria começou a ficar mais quieta todos os dias. Ela parou de conversar na escola e até mesmo com seus pais. Ela começou a ter medo das pessoas. Seus pais ficaram preocupados e a levaram à Sra. Raina, uma psicóloga infantil. Ela passou mais de meia hora

conversando com Ria sozinha. A parte mais notável da conversa delas foi assim:

Sra. Raina: “Ria, por que você não gosta do tio Paul?”

Ria: “Ele ... ele ... ele ... hummmm, não, ele é ...”

Sra. Raina: “Sim querida, me diga ... o tio Paul é muito engraçado! Não é?”

Ria: “Não, ele não é engraçado, ele é grosso, ele é ruim!”

Sra. Raina: “Por que você diz isso? Ele imita latidos e canto de passarinhos ...”

Ria: “Ele não me dá uma tapinha como meu papai ... não gosto do jeito que ele me toca ... ele é ruim!”

Sra. Raina: “Onde ele toca em você? Você contou para sua mãe?”

Ria mostrou e soluçou: “Não, não posso dizer, nem posso dizer: tio Paul, NÃO ME TOQUE!”

Sra. Raina: “Por que você está chorando, baby?”

Ria: “Seus dedos são ruins, ele me causa dor ...”

Sra. Raina: “Ria, você é uma garota muito corajosa! Você deve contar à sua mãe. Ela está lá para cuidar de você. Ela dirá NÃO para o tio Paul! Quando você crescer, você poderá dizer que ninguém pode tocar seu corpo se você não permitir ...”

Metodologia de Ensino

Parte 1: O professor apresenta a história para as crianças e as convida para a encenar (Role Play) a fim de permitir que outras crianças entendam a situação. Depois disso, o professor pode fazer as perguntas abaixo:

1. Qual foi o problema da Ria?

2. Ela contou o problema para a mãe?

Se você fosse Ria:

Vocêalaria para sua mãe sobre o tio Paul?

O que você teria dito ao tio Paul?

Esse tipo simples de discussão sobre responder à questão permitirá que as crianças ampliem seus pensamentos e percepções sobre seus próprios sentimentos e expressem suas opiniões

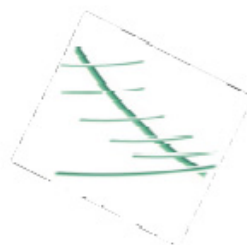
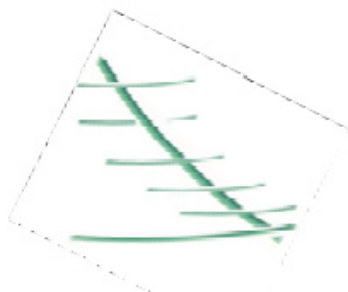
(Primeiros dois objetivos).

Parte 2: A questão / dilema permanece: por que Ria não foi capaz de falar sobre seu problema?

Isso pode ser esclarecido através de uma segunda dramatização da Sra. Raina e Ria, seguida de uma discussão. Na segunda dramatização, o professor deve assumir o papel da Sra. Raina, a psicóloga infantil.

As crianças serão capazes de aprofundar as questões através da discussão. Isso fornecerá um tipo diferente de conscientização sobre os direitos individuais e prioridades do bem-estar da criança (abuso infantil) relacionados a “bom toque e mau toque”, que, às vezes, não podem ser fornecidos pelos pais. Finalmente, as crianças devem ser motivadas a pensar e refletir mais sobre Direitos Humanos, Dignidade e a superar sua vulnerabilidade.

Barna Ganguly
barnaganguly@rediffmail.com



UNIDADE 39.

Faixa Etária II: 6-10 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

“A princesa das bonecas”

O Caso

Meu nome é Orit e estou participando da terceira série. Dizem que sou uma boa aluna, pois sempre estudo as lições e participo de debates em sala de aula. Eu não tenho muitos amigos. Dana Moore é minha melhor amiga. Eu sempre quis ter muitos amigos e os convidei para minha casa, mas todas as vezes eles acham uma desculpa para não virem. A coisa mais irritante para mim é o fato de que nossa professora sempre escolhe as mesmas meninas por ocasião de apresentações públicas durante as celebrações. Essas meninas leem e cantam em voz alta, são bonitas e sociáveis.

Na próxima semana, nossa turma preparará um show para toda a escola sobre uma princesa, um príncipe, um sapo, anões e outros

malabaristas. Pedi à professora para me deixar fazer o papel da princesa. Eu desejei tanto que ela concordasse. Ela olhou para mim e disse: “Olha, eu ainda não decidi.” No dia seguinte, começamos o ensaio lendo a história. Então a professora perguntou quem queria ser a princesa; subi em uma cadeira e levantei minha mão para que ela pudesse me ver, pois sou um pouco baixa. Todas levantaram as mãos e, finalmente, a professora escolheu Zivit. Todos nós sabíamos que ela a escolheria. Cheguei na mesa em frente à professora e gritei “Professora, você é injusta! Você sempre escolhe as mesmas garotas! Eu não tenho cabelos longos como ela, uso aparelho nos dentes, sou a mais baixa da classe, e daí? Eu também tenho o direito de ser uma princesa”. A professora veio até mim, tirou-me da mesa e disse: “Esse não é um bom comportamento. Uma princesa de verdade não se comporta assim”. As meninas ao meu redor sussurraram: “É realmente inapropriado ela ser uma princesa. “Quando voltei para casa, alinhei minha coleção de bonecas, coloquei uma coroa na minha cabeça, envolvi-me em um lenço de veludo e coloquei pompons. “Queridas bonecas”, anunciei: “Agora sou sua princesa. Abençoem-me e aplaudam-me!”

“Viva! Viva!” Ouvi uma voz atrás de mim.

Minha mãe entrou no quarto e bateu palmas. “Viva a princesa mais linda do mundo”. Ela me abraçou e me beijou.

Eu deveria estar feliz, mas estava um pouco triste.

Metodologia de Ensino

Por que Orit deveria estar feliz? Por que ela estava um pouco triste?
Por que Orit não tem muitos amigos?

Por que a professora não a escolheu como princesa?

Como deve ser uma princesa?

Não é adequado para Orit ser uma princesa? Você a escolheria como princesa para esse show? Como Orit foi consolada?

O que sua mãe sentiu?

O que a professora deveria ter feito?

Um debate deve ser desenvolvido sobre vulnerabilidade humana, discriminação e justiça.

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 40

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

“Uma decisão angustiante”

Objetivos de aprendizagem

- Conhecer o conteúdo do art. 8 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos;
- Conhecer o significado de vulnerabilidade e integridade de um indivíduo;
- Conscientizar-se de que, para indivíduos ou grupos particularmente vulneráveis, é necessário adotar medidas adequadas para proteger seus direitos, interesses e integridade.

O Caso

No seu décimo quarto aniversário, Carlo pede que seus pais

organizem uma festa com seus colegas de escola em sua fazenda, situada a cerca de 100 quilômetros da cidade.

Dos 20 colegas de classe, 17 aceitam imediatamente o convite, dois (Andrea e Giuseppe) dizem que já estão ocupados com outra festa e um não responde. (É Federico, um garoto com um retardo mental bastante sério). O pai de Carlo aluga um micro-ônibus com 21 assentos, incluindo o do motorista, para levar as crianças para sua fazenda.

Dois dias antes do evento, Andrea e Giuseppe anunciam que virão, já que a outra festa para a qual eles deveriam ir foi cancelada. A princípio, isso não parece criar nenhum problema, pois há dois assentos livres no ônibus.

Mas quando o pai de Carlo pergunta por que Federico não está vindo, seu filho não soube responder e diz que seu colega simplesmente não respondeu. Carlo, no entanto, imediatamente percebe que não levou em consideração a vulnerabilidade e a fraqueza de Federico que o impediram de expressar claramente, dentro do tempo esperado, sua vontade de participar do evento. De fato, os pais de Federico confirmam que o filho gostaria de ir à festa e eles ficariam contentes se ele pudesse ir.

Eles apenas pedem que seu cuidador vá com ele. Agora, faltam dois assentos no ônibus e Carlo decide, com pesar, excluir Andrea e Giuseppe e favorecer Federico. Esta decisão é reprovada por todos os seus colegas de escola, embora todos tenham motivos diferentes:

- Alguns dizem que Carlo errou ao excluir Andrea e Giuseppe depois de dizer que seus assentos estavam disponíveis. Não é justo despertar suas esperanças, afinal, mesmo que com algum atraso, eles tenham confirmado sua presença antes de Federico.

- Outros dizem que Carlo estava errado porque, como Federico precisa de um cuidador, para permitir que ele participasse da festa,

duas pessoas tinham que ser excluídas, sem mencionar que a presença de um adulto não é particularmente desejada.

Carlo, por outro lado, rejeita as desaprovações de seus amigos e justifica sua escolha, dizendo que Federico, dada sua situação particular, teve mais dificuldades em dar uma resposta clara dentro do tempo requerido, enquanto Andrea e Giuseppe decidiram, inicialmente, não ir à festa porque estavam ocupados.

Quem você acha que está certo?

Metodologia de Ensino

O professor apresenta o caso à turma e pergunta se eles compartilham a opinião de Carlo ou o ponto de vista de seus colegas, escrevendo as respostas no quadro. Ele convida os rapazes a considerar as seguintes afirmações, antes de dar suas respostas:

- 1) Primeiro a chegar, primeiro a ser servido. Isso é sempre justo.
- 2) É justo sacrificar os direitos de uma pessoa se isso permitir proteger os direitos de outras pessoas.
- 3) Na vida, todos devem ter o mesmo ponto de partida, mesmo que suas condições individuais sejam diferentes.

Nesta fase, o professor não dá nenhuma sugestão e simplesmente registra as respostas e constrói um mapa da opinião da turma sobre o problema apresentado.

Em seguida, o professor explica o significado de “vulnerabilidade humana” e “integridade pessoal”, termos que aparecem no art. 8º da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos que afirma:

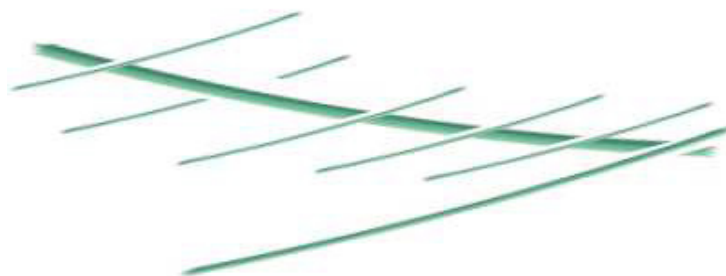
A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de

vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

O professor destaca que o caso apresentado não trata especificamente da vulnerabilidade e da necessidade de proteção de uma pessoa no que diz respeito ao progresso do conhecimento científico, no entanto, Federico, dada sua situação pessoal, é definitivamente mais vulnerável que seus companheiros e acha mais difícil resolver seus problemas cotidianos e, portanto, precisa de ajuda e proteção.

À luz de novos conhecimentos, ele / ela pede à turma que pense nas soluções previamente escolhidas e altere-as, se necessário. Nesta fase, o professor lidera a discussão.

Claudio Todesco
todesco50@libero.it



UNIDADE 41 - I

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

**“Inclusão, um aspecto fundamental da convivência
I “**

Objetivos de Aprendizagem

Os alunos devem ser capazes de:

1. Desenvolver empatia;
2. Aprender a ter diferentes perspectivas e pontos de vista (auto descentralização);
3. Desenvolver respeito pelos outros e pela diversidade;
4. Tornar-se consciente das dificuldades e obstáculos enfrentados pelas pessoas com deficiência;

5. Tornar-se consciente das dificuldades que podem surgir dos aspectos internos (barreira mental);
6. Compreender como o meio ambiente afeta a qualidade de vida das pessoas normais e das pessoas com deficiência;
7. Aprender a apreciar a riqueza inerente à diversidade;
8. Aprender a se relacionar com a deficiência;
9. Aprender a adotar uma atitude inclusiva no sentido mais amplo, como um aspecto fundamental da vida em sociedade.

O Caso

Primeira sessão

Francesca é uma aluna do ensino médio, de 17 anos de idade, que sofre de retardo mental grave e deficiência sensorial e motora. Sua idade cognitiva é a mesma de uma menina de 4 anos. Ela é capaz de se expressar de maneira compreensível, mas não é capaz de entender alguns conceitos. Francesca também é tetraplégica, tendo dificuldade em coordenar seus braços e pernas. Por esse motivo, é forçada a usar uma cadeira de rodas e também tem uma grave dificuldade visual. Ela é estrábica e tem seu campo visual alterado. Frequentemente, não é capaz de reconhecer as pessoas, pois não tem plena consciência do ambiente ao seu redor.

Em casa, Francesca é uma pessoa alegre e sorridente, adora brincar. Enquanto na escola, infelizmente, não é capaz de interagir com seus colegas, não procura a companhia deles e sempre olha para o chão. É muito difícil para Francesca interagir com seus colegas da escola por causa de diferentes interesses e de dificuldade de comunicação. Suas tentativas raras e desajeitadas não dão bons resultados. Portanto, na escola, Francesca está completamente isolada; não

sabe nem o nome de seus colegas de sala. Passa quase todo o seu tempo sozinha em uma sala com uma equipe especializada para ajudá-la. Seus colegas de escola não sabem como relacionar-se e interagir com ela. Muito frequentemente, não entendem o que ela diz porque fala de forma incompreensível sem olhar para eles. Preferem ficar longe dela para evitar situações embaraçosas.

Metodologia de ensino

Introdução

O décimo primeiro artigo da declaração universal sobre bioética e direitos humanos afirma que: “Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer motivo, o que viola a dignidade humana, os direitos humanos e a liberdade fundamental”.

Nós desenvolvemos um caminho didático focado no tema da deficiência, com o objetivo de ajudar os alunos a desenvolverem maior consciência do princípio acima. Em nossa sociedade, as pessoas com deficiência experimentam muitas vezes isolamento e discriminação. Por outro lado, o princípio da inclusão está emergindo. De acordo com esse princípio, cada pessoa, independente de sua capacidade, sexo, etnia, cultura e condição social, deve se tornar parte integrante do tecido social. “Se alguma vez houver uma comunidade de indivíduos no mundo, pode ser (e é necessário que seja) apenas uma comunidade que possui laços com interesse comum e mútuo; uma comunidade responsável por garantir o direito igual de serem considerados seres humanos com igual habilidade e capacidade de agir de acordo com esse direito.” Z. Bauman *Community. Seeking Safety in an Insecure World*, 2001.

Os estudos de casos selecionados são baseados em projetos reais para a inclusão de dois alunos com deficiência e lidam com as reais

dificuldades enfrentadas nos processos de integração e dos resultados concretos alcançados, com ênfase nas habilidades e competências adquiridas pelos alunos.

Assim, partindo da análise de duas pessoas que sofrem de deficiência e através de uma série de atividades participativas, os estudantes terão a oportunidade de entrar em contato com outras pessoas. Eles entenderão como é difícil viver em condições desfavoráveis e se tornarão mais conscientes do valor positivo da inclusão.

Discussão em grupo na primeira sessão do estudo de caso

O professor apresenta o primeiro caso à turma. Depois, ele divide os estudantes em grupos de 4 a 5 pessoas e fornece uma folha com o perfil apresentando o caso e as perguntas. Ele nomeia em cada grupo um coordenador que moderará a discussão e um secretário que tomará nota das reflexões e propostas. Durante esta fase de consulta, o professor estimulará a discussão em todos os grupos, sem dar instruções específicas.

Vamos tentar pensar sobre o quão difícil é para uma jovem, como Francesca, estar enfrentando dificuldades ao interagir com seus colegas.

- Se você fosse colega de Francesca, o que tentaria fazer para ajudá-la?
- Que tipos de projetos poderiam ser organizados por seus professores para facilitar sua inclusão na turma?
- Quão importante poderia ser para o bem-estar geral de Francesca fazer amizade com seus colegas?

Cada grupo organizará uma dramatização para compartilhar com os outros as reflexões que surgirem. No final de cada apresentação, os

estudantes expressarão suas opiniões e ideias sobre as diferentes sugestões.

Segunda sessão

Graças ao treinamento, que incluiu atividades específicas destinadas a promover a inclusão, como entrevistas com colegas de classe sobre seus interesses pessoais, a estudante pôde sair de seu isolamento, conhecer seus colegas de sala e, com o passar dos anos, tornar-se integrada e buscar a companhia deles. Para seus colegas de classe, ver a transformação da garota foi uma experiência muito significativa.

Além disso, para promover sua integração, seus colegas de classe se ofereceram para planejar, organizar e implementar uma visita educacional, levando em consideração as necessidades específicas do estudante com deficiência. Neste projeto, os estudantes tomaram conhecimento de todas as questões relacionadas ao transporte com a cadeira de rodas e as dificuldades diárias que ela enfrenta. Essas experiências amadureceram os colegas que se conscientizaram de como o meio ambiente e as atitudes das pessoas afetam a qualidade de vida de alguém.

Discussão em grupo na segunda sessão do estudo de caso

O professor apresenta o caso à turma. Depois, ele divide os estudantes em grupos de 4-5 pessoas e fornece um formulário apresentando o caso e as perguntas. Ele nomeia em todos os grupos um coordenador que irá moderar a discussão e um secretário que tomará nota das reflexões e propostas. Durante esta fase consultiva, o professor estimulará a discussão em todos os grupos sem dar conselhos específicos.

- Como o exemplo da vida de Francesca ajudou no desenvolvimento humano de seus colegas de classe?

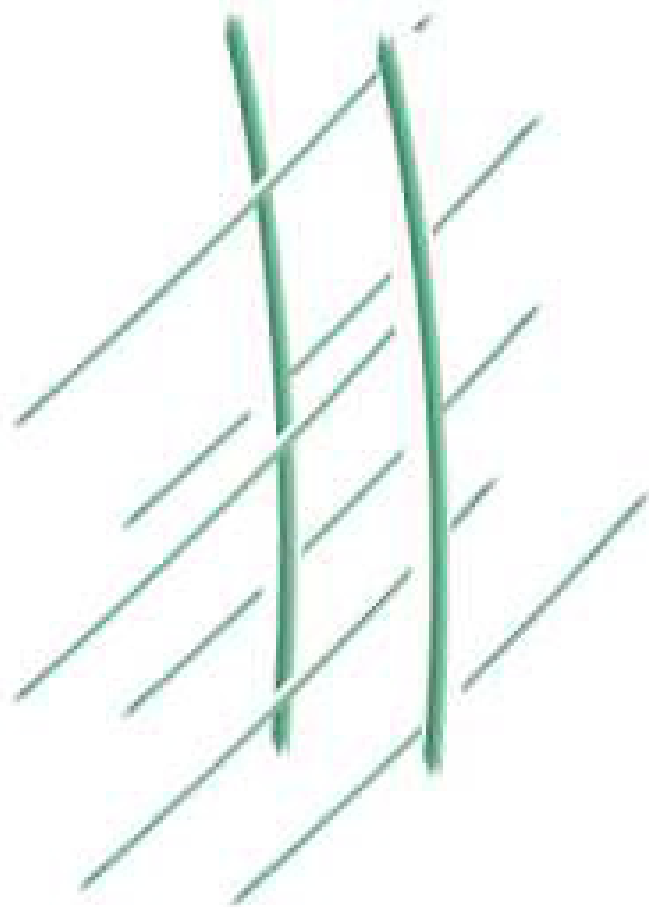
- Quais princípios foram entendidos por seus colegas de classe ao experimentarem suas dificuldades e os desafios que ela enfrenta todos os dias?

Após a segunda apresentação oferecida por todos os grupos, o professor iniciará uma discussão com a turma, aprofundando o conceito e a importância da inclusão. No final, o professor solicitará a cada estudante que reflita profundamente sobre este conceito e escreva um breve texto para ser compartilhado com o restante da classe.

Resultado

Solicita-se aos estudantes que repassem no grupo o que foi discutido na unidade, produzindo contos, histórias em quadrinhos, vídeos e obras de arte (arte de rua, fotografia, pôsteres ...) sobre o tema da inclusão/exclusão, trabalhando em grupos de cerca de cinco estudantes.

Nicola Figone
nicola.figone@gmail.com



UNIDADE 41 - II

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

**“Inclusão, um aspecto fundamental da convivência
II”**

Objetivos de Aprendizagem

Os alunos devem ser capazes de:

1. Desenvolver empatia;
2. Aprender a ter diferentes perspectivas e pontos de vista (auto descentralização);
3. Desenvolver respeito pelos outros e pela diversidade;
4. Tornar-se consciente das dificuldades e obstáculos enfrentados pelas pessoas com deficiência;

5. Tornar-se consciente das dificuldades que podem surgir dos aspectos internos (barreira mental);
6. Compreender como o meio ambiente afeta a qualidade de vida das pessoas em geral e das pessoas com deficiência;
7. Aprender a apreciar a riqueza inerente à diversidade;
8. Aprender a se relacionar com a deficiência;
9. Aprender a ter uma atitude inclusiva no sentido mais amplo, como um aspecto fundamental da vida em sociedade.

Atividades

Filmes

O curso inclui a organização de duas projeções de filmes como “Red as thesky” de Cristiano Bortone, “I Am Sam” de Jessie Nelson, “The Rainmaker” de Barry Levinson, “The eighthday” de Jaco van Dormael e “Thinking in Pictures”, de Mick Jackson. Para cada filme, uma folha de resumo será preparada para estimular a reflexão e discussão sobre questões-chave. Isso será realizado por meio de debates em grupo e em sala de aula. Os outros filmes serão recomendados aos alunos como filmografia. As propostas são exemplos. De fato, existe uma ampla produção de cinema e teatro sobre o tema da integração.

Baskin

O projeto fornece um caminho para o Baskin, uma atividade esportiva inspirada no basquete, mas com características especiais e inovadoras. As dez regras essenciais sublinham seus recursos dinâmicos e imprevisíveis. Este novo esporte foi projetado para permitir que jovens com ou sem deficiência física e de ambos os sexos joguem no mesmo time. O Baskin permite que a participação

dos jogadores, apesar de qualquer tipo de deficiência (física e / ou mental), arremesse a bola na cesta. O regulamento valoriza a contribuição de cada membro da equipe: de fato, o sucesso comum depende de todos. Essa adaptação, que capacita cada jogador, permite superar com sucesso a tendência espontânea de ter uma atitude de “assistência” a pessoas com deficiência, promovendo um clima de inclusão real, aprimoramento de talentos e apreciação de toda a riqueza que a diversidade traz. O Baskin tem um efeito profundo nos estudantes, que aprendem a se integrar como parte de um grupo com habilidades diferentes. Os estudantes desenvolvem uma nova comunicação sobre habilidades, usando sua própria criatividade e se envolvem em autênticos relacionamentos afetivos. Nas crianças com deficiência, o Baskin promove o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, de habilidades sociais, de confiança em si e de sua capacidade de combinar compromisso e prazer.

Baskinrules: <http://www.youtube.com/watch?v=u4vjynEg7jc>

Jantar no escuro

A estratégia educacional inclui um jantar no escuro, no qual os estudantes viverão a experiência de comer em uma sala no escuro, sem o uso de telefones celulares ou *ipods* para evitar quaisquer tentações “eletrônicas”. Os garçons e os guias turísticos são todos homens e mulheres com deficiência visual, que atendem a todas as necessidades, até mesmo os acompanhando ao banheiro. Os estudantes verão sua capacidade de se adaptar a uma situação em que não tenham controle testado. A atividade permite a reversão dos papéis usuais de acordo com os quais a pessoa que pode ver também é a pessoa que ajuda. Os meninos serão capazes de se colocar no lugar do outro e perceber em primeira mão os problemas causados por essa deficiência e refletir sobre a importância da comunicação visual e não verbal nas relações. No dia seguinte, será organizada uma discussão para trazer à tona as emoções e pensamentos que surgiram. Em lugares onde essas experiências não são organizadas,

pode ser possível estabelecer uma atividade na escola, onde os professores poderiam propor diferentes tipos de alimentos a serem provados, comidos e reconhecidos com os olhos fechados.

Atividades no ginásio

O curso oferece uma unidade educacional na academia, onde os estudantes tentam estabelecer empatia com uma pessoa com deficiência por meio de uma série de atividades práticas e refletem sobre os obstáculos e dificuldades que uma pessoa encontra na vida cotidiana. Através de vários exercícios, os estudantes experimentarão diferentes tipos de deficiências sensoriais e motoras. Para simular a situação dos cegos, são planejadas ações nas quais os estudantes com os olhos vendados confiam na audição e no toque para realizar diferentes atividades. Para simular quadriplegia, um circuito com vários obstáculos a serem percorridos com cadeiras de rodas pode ser organizado.

A experiência de colocar as crianças em cadeira de rodas é muito útil: os estudantes podem entender o esforço que uma pessoa com deficiência tem que fazer, devendo ser incentivados ao desenvolvimento da conscientização e da participação.

Metodologia de Ensino

Cada atividade será seguida pelo compartilhamento de perguntas motivadoras, a fim de expressar sentimentos, tanto do ponto de vista físico quanto emocional.

Discussão em grupo sobre vídeo, cinema e teatro

Exemplo de perguntas para a análise de filmes.

“I am Sam”.

- Qual foi a cena que mais te tocou?
- A qual personagem você se sentiu mais apegado? Por quê?

Reflita sobre as seguintes linhas do filme:

- Lucy (filha de Sam): “Você não é como os outros, pai.” Ele responde: “Sinto muito” e ela diz: “Você não precisa se desculpar, porque outros pais não trazem seus filhos para o parque como você.” Tente refletir sobre o significado da diversidade. De que maneira poderia se tornar uma fonte de enriquecimento?
- Lucy aprende a ler melhor que seu pai, mas ela diz: “Eu não quero ler se você não puder”. E ele diz: “Se você ler essa palavra, eu estou feliz.” Que emoções Sam transmite à filha? Não obstante suas limitações intelectuais, ele consegue ajudar no seu desenvolvimento?
- A advogada (Michelle Pfeiffer) que defende Sam declara: “As faculdades intelectuais de um indivíduo não comprometem sua capacidade de amar”. Pessoas com diferentes capacidades intelectuais têm as mesmas necessidades que outras?
- Sam diz ao juiz: “Quero parecer eu mesmo, como pai”. Eu tive tempo o suficiente para refletir sobre o que significa ser um bom pai, e entendi que perseverança, paciência, capacidade de ouvir, fingindo ouvir mesmo quando você não pode mais ouvir ... Eu não sou um pai perfeito, mas nós construímos uma vida juntos e nos amamos.” Na sua opinião, Sam é um bom pai? Você deixaria sua filha sob seus cuidados?
- A advogada (Michelle Pfeiffer) confessa a Sam: “Estou me sentindo culpada por ter ganho muito mais do que você em nosso relacionamento”. Reflita sobre como podemos aprender com cada pessoa. Tente pensar nas pessoas próximas a você e que ensinamentos aprendeu com elas.
- Quais valores positivos estão personificados no caráter de Sam?
- As pessoas com deficiência precisam levar uma vida “normal”? Você acha que isso seria possível? Que ações uma sociedade pode realizar para promover a oportunidade de uma vida normal? O que o indivíduo pode fazer?

Perguntas sobre atividades nº 2-3-4

- Que emoções você sentiu quando estava com os olhos vendados?
- Quais dificuldades você encontrou ao confiar em outros sentidos?
- Quais estratégias você tentou usar em resposta à sua falta de visão?
- Que emoções você sentiu colocando-se nas mãos de outra pessoa que estava guiando você?
- Agora que você sentiu falta de visão, o que significaria você viver dessa maneira?
- Que emoções você sentiu ao sentar na cadeira de rodas?
- Quais efeitos a mudança de perspectiva teve em você?
- O que você sentiu quando teve que enfrentar obstáculos?
- Após todas essas experiências, como você acha que é para uma pessoa com deficiência viver em um mundo concebido para pessoas “normais”?

A experiência prática na primeira pessoa é muito eficaz para estimular a reflexão e promover o desenvolvimento da empatia. Onde não é possível encontrar uma academia, essas atividades podem ser organizadas ao ar livre usando ferramentas e objetos naturais para criar o cenário.

Resultado

Pede-se aos estudantes que retrabalhem em grupo o que foi discutido na unidade, produzindo contos, histórias em quadrinhos, vídeos e obras de arte (arte de rua, fotografia, pôsteres) sobre o tema da inclusão / exclusão, trabalhando em grupos de cerca de cinco estudantes.

Nicola Figone
nicola.figone@gmail.com



UNIDADE 42

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e das tecnologias associadas. Pessoas e grupos de vulnerabilidade especial devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

“A necessidade de mudança”

Objetivos de aprendizagem

- Compreender o que significa “vulnerabilidade” e “integridade pessoal”;
- Introduzir e explicar a diferença entre sexo genético, aparência sexual, atribuição de gênero, papel de gênero e identidade de gênero;
- Uma reflexão cuidadosa sobre a importância de cada ser humano para ser ele próprio e ser capaz de expressar livremente sua natureza;
- A importância da definição da OMS (Organização Mundial da Saúde) de 2001 como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou

enfermidade”;

- Relações das crianças com os pais transgêneros ou com os que mudam de sexo, mesmo em uma perspectiva futura.

O Caso

Quando eu era criança, costumava brincar no quarto da minha avó.

Havia um enorme armário cheio de roupas, sapatos, chapéus e bijuterias.

A porta desse armário era um grande espelho no qual eu me tornaria um príncipe ou uma princesa, um mágico ou dançarino, um palhaço ou uma dona de casa.

À medida que cresci, pude reunir os personagens nos quais me disfarçava, me tornando algumas vezes o homem, às vezes mulher ou ambos ao mesmo tempo.

Diante desse espelho, eu era simplesmente eu mesmo sem nenhuma necessidade de fingir, explicar ou justificar quem sou, que sexo recebi ao nascer, a que sexo pareço pertencer, quais são minhas preferências sexuais e por quê. Todos os dias da minha vida, estou diante de espelhos nos quais não me reconheço. Eu tenho que me mostrar como os outros querem que eu seja. Não importa se isso me faz sentir mal e se não corresponde à realidade. O mais importante é parecer.

Agora é hora de dizer: “chega!”. Estou cansado de me mascarar. Decidi embarcar em uma jornada da qual não posso mais voltar. Isso implicará uma terapia hormonal por muito tempo e mais de uma operação cirúrgica, não esquecendo o percurso psicológico que terei de seguir.

Tenho dois filhos pequenos e o pai deles, de quem me divorciei há alguns anos, diz que não posso mudar de sexo agora. Isso criaria

problemas para as crianças, que poderiam não me reconhecer e sentir a ausência de sua “velha” e afetuosa mãe, sem mencionar o desconforto que eles sentiriam em comparação com seus colegas de escola. Além disso, quem pode dizer que distúrbios de identidade poderiam gerar neles durante a adolescência? Meu psicólogo alega que não posso esperar mais: para minha saúde psicofísica, esse é o caminho que devo seguir o mais rápido possível. Antes de ser mãe, sou uma pessoa com dúvidas específicas sobre mim mesma.

Metodologia de Ensino

Considerando a idade dos estudantes e sua sensibilidade para esse tipo de tópico neste ponto de suas vidas, o debate deve ser conduzido de forma clara e cuidadosa.

Após uma revisão científica sobre sexo genético, desenvolvimento e diferenciação sexual, a discussão deve se concentrar no papel e na identidade de gênero.

Em particular, a identidade de gênero é o “sentido mais íntimo de uma pessoa como menino ou homem, menina ou mulher. Isso não é simplesmente determinado por ‘cromossomos sexuais’, por cirurgia ou como a criança é criada. Também não é escolhido por um indivíduo.”⁴

Analisando esse caso, as seguintes perguntas suscitam a discussão:

Você já ouviu falar sobre esse tema? Onde e como?

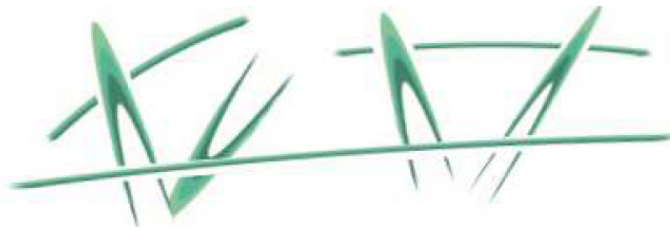
- Qual a sua opinião sobre esse assunto e o caso? E a opinião da sua família e dos seus amigos?
- Quem é mais vulnerável no caso? Por quê?
- Quem merece mais proteção?
- Você concorda ou não com as dúvidas expressas no caso relacionado às crianças?

- O que você acha das sugestões do psicólogo?
- Tente propor uma solução pessoal para o caso.

Ferramentas

<http://www.accordalliance.org/dsd-guidelines/>

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



Handbook for parents 2006 <http://www.accordalliance.org/dsd-guidelines/> (visited 07/25/2018).

UNIDADE 43

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 8: Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

Na aplicação e avanço do conhecimento científico, prática médica e tecnologias associadas, a vulnerabilidade humana deve ser levada em conta. Indivíduos e grupos especialmente vulneráveis devem ser protegidos e a integridade pessoal de tais indivíduos deve ser respeitada.

Título

“Todas as tradições merecem respeito?”

Objetivos de Aprendizagem

- Fazer os estudantes refletir sobre as tradições históricas em diferentes grupos humanos em sociedades multiculturais;
- Tornar clara a distinção entre relativismo cultural e relativismo ético;
- Fazer os estudantes refletir sobre os princípios éticos implícitos em certas tradições e as consequências práticas de ser fiel a essas tradições.

O Caso

Aisha é uma menina pré-adolescente cuja família veio de um país

africano para a Europa. Naquele país, as mutilações genitais femininas são regularmente realizadas, embora banidas pela lei doméstica. Os pais dela desejam manter essa tradição, a fim de garantir à filha e a si mesmos a estima e o respeito do grupo a que pertencem. Eles acionam a estrutura de saúde pública porque desejam que a operação seja executada com garantias higiênicas e sanitárias.

A operação solicitada é recusada: com base no código de ética médica, os médicos só devem realizar operações cujo objetivo é a prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação. Os tratamentos de saúde devem basear-se em evidências científicas, no melhor uso de recursos e no respeito aos princípios de eficácia clínica, segurança e adequação. Essas mutilações sem um objetivo diagnóstico ou terapêutico são proibidas, mesmo em caso de pedidos explícitos. Além disso, no país onde a família de Aisha está hospedada as mutilações genitais femininas são proibidas por lei criminal. Os pais da menina expressam a sua insatisfação por meio da mídia. Eles pensam que seu pedido é justificado, por ser fiel à sua tradição e à de sua comunidade. Eles acreditam que sua filha ficará psicologicamente bem apenas se houver adaptação a essa tradição e que a posição das autoridades é altamente eurocêntrica. Eles também acrescentam que nos países ocidentais existem operações puramente estéticas e altamente invasivas, que são toleradas, se não incentivadas, sem serem justificadas por tradições milenares.

Metodologia de Ensino

Uma colaboração entre dois cursos pode ser planejada. O professor de ciências biológicas (ou similar) ilustra os dois tipos diferentes de práticas a que as meninas quase sempre são submetidas durante a puberdade como uma “cerimônia de passagem” para a idade adulta. Ele ou ela também explicam à turma as consequências mais sérias

dessas práticas (principalmente em sua forma mais radical) sobre a saúde da mulher, na vida sexual e psicológica. O segundo professor (história ou similar) relembra a história das mutilações, que remonta aos egípcios. Portanto, elas não derivam das regras islâmicas, mas são típicas de sociedades tradicionais, caracterizadas pelo exercício de uma forte discriminação em relação às mulheres, cuja virgindade e sexualidade estão sob rígido controle masculino. O mesmo professor também deve lembrar que a autoridade parental, reconhecida por lei, deve ser exercida sobre os menores em seus interesses, no que diz respeito à proteção de sua saúde e sua futura liberdade de escolha, e não exclusivamente para satisfazer as escolhas dos pais.

No que concerne ao pedido dos pais de respeitar a sua tradição e ao alegado eurocentrismo, em prejuízo das leis e autoridades dos hóspedes estrangeiros, a turma é convidada a refletir sobre a seguinte distinção:

- “relativismo ético” é radicalmente diferente de “relativismo cultural”. O primeiro postula que a correção e admissibilidade de um comportamento específico depende de sua conformidade com a história e hábitos (costumes) de um grupo humano, grande ou pequeno, que continua executando-o e preservando-o. Nesse caso, a justificação de uma determinada prática (em termos de boa/má, certa/errada, legítima/ilegítima) deriva do simples fato de que tal prática foi empregada no passado e ainda é (mais ou menos amplamente) empregada no presente (critério verdadeiro/falso).

Para oferecer uma compreensão mais clara do caráter problemático das tradições, a turma é dividida em dois grupos: o primeiro será solicitado a recordar e descrever as tradições que merecem ser mantidas; o segundo, em vez disso, deve recordar e descrever aquelas tradições que não devem ser preservadas dentro de uma sociedade que respeita os direitos humanos fundamentais.

Por exemplo, o primeiro grupo pode recordar as festas mais importantes, roupas tradicionais usadas para festividades, músicas, canções, danças populares, jogos juvenis, lendas e mitos perpetuados de tempos imemoriais.

O segundo grupo pode apontar: escravidão; tortura como meio de obter a confissão de um suspeito; perseguições contra minorias religiosas; brutalidade e discriminação em relação às mulheres.

Nessa altura, a discussão sobre tradições pode chegar a um ponto crítico: tradições que são incompatíveis com o respeito à liberdade, autonomia e igual dignidade entre as pessoas, não podem ser permitidas. Dizer que algo deve ser feito porque sempre foi feito nunca será um argumento sólido.

Luciana Paracchini
l.paracchini@tin.it



A Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio nº 9 **Privacidade e Confidencialidade**

A privacidade das pessoas envolvidas e a confidencialidade de seus dados pessoais devem ser respeitadas. Na maior extensão possível, essas informações não devem ser usadas ou divulgadas para outros fins que não aqueles para os quais foram coletadas e consentidas, consistentes com o Direito Internacional, em particular com as normas dos direitos humanos internacionais.



UNIDADE 44

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 9: Privacidade e Confidencialidade

A privacidade das pessoas envolvidas e a confidencialidade de suas informações pessoais devem ser respeitadas. Na maior extensão possível, essas informações não devem ser usadas ou divulgadas para outros fins que não aqueles para os quais foram colhidas ou consentidas, de acordo com o Direito Internacional, em particular as normas internacionais sobre direitos humanos.

Título

“Informação confidencial”

O Caso

Amir é membro de um grupo de ciclistas. Ele percorreu todos os caminhos do país, sendo invejado por todos os seus amigos. Ele venceu o campeonato duas vezes em trilhas difíceis e estava ansioso para participar do “Tour da França” no próximo ano. Essa é uma excelente competição de bicicleta que acontece uma vez por ano e é considerada uma das mais prestigiadas do mundo.

Seis meses atrás, durante uma de suas viagens, Amir caiu e ficou gravemente ferido. Devido à grande distância do hospital e com uma ferida aberta, ele perdeu muito sangue e teve que receber duas unidades de sangue. Pouco tempo depois, ele foi chamado à clínica e foi informado de que havia ocorrido um erro terrível: uma das

unidades de sangue estava infectada com o vírus da AIDS. Amir não poderia enfrentar facilmente essa notícia, pediu informações ao médico e tentou entender o que isso significaria. Após o choque inicial, Amir decidiu manter escondidas de sua família e amigos as informações recebidas. Ele exigiu que os médicos não contassem a ninguém qualquer notícia sobre suas condições de saúde. Ele não falou nem para sua namorada o seu problema. Mais tarde, ele se perguntou se sua decisão estava certa.

Metodologia de ensino

- O que é AIDS?
- O que Amir sentiu quando recebeu a notícia?
- Quais foram os dilemas com os quais Amir teve que lidar com relação a si mesmo, sua família, seus amigos e sua namorada?
- Quais valores Amir levou em consideração durante suas deliberações?
- O que você recomendaria para Amir?
- O médico deve informar à sua família?
- Em que situação o princípio da confidencialidade deve ser violado?

Hanna Carmi
Amnoncarmi1@gmail.com

UNIDADE 45

Faixa Etária IV: 15 – 19 anos

Princípio Ético nº 9: Privacidade e confidencialidade

A privacidade das pessoas envolvidas e a confidencialidade de suas informações pessoais devem ser respeitadas. Na maior extensão possível, essas informações não devem ser usadas ou divulgadas para outros fins que não aqueles para os quais foram colhidas ou consentidas, de acordo com o Direito Internacional, em particular as normas internacionais sobre direitos humanos.

Título

“Compartilhar ou não compartilhar dados confidenciais para conseguir um emprego?”

Objetivos de Aprendizagem

Os alunos devem ser capazes de:

1. Compreender a questão da confidencialidade;
2. Aprender a tomar decisões em situações difíceis;
3. Seguir o caminho certo sem comprometer a ética;
4. Entender como ser decisivo ao enfrentar um grupo de pessoas;
5. Ser firme em suas decisões e não se arrepender.

O Caso

A *ABC Pharmaceuticals*, grande empresa multinacional, é o seu atual empregador em Cingapura. Você trabalha lá como Gerente – Pesquisa Científica, na área de desenvolvimento de medicamentos. A sua empresa está desenvolvendo um novo antibiótico para o tratamento de infecções hospitalares. Esse antibiótico age de maneira única: não encontra qualquer resistência. Por causa do seu bom trabalho, você está bem conhecido no setor farmacêutico, apesar de não receber um bom salário do seu atual empregador. *XYZ Pharmaceuticals* é maior do que a *ABC*: essa nova empresa lhe convida para uma entrevista como Diretor – área de desenvolvimento de medicamentos. Essa posição envolve um papel maior, oportunidades mais amplas, gestão de grandes equipes e, é claro, um salário mais substancial. O seu local de trabalho será em Amsterdã, de onde você é. Você certamente gostaria de retornar às suas origens, com todas as vantagens que você conhece.

A sessão de entrevista é muito amigável e informal. Você fala sobre o seu papel atual, as equipes que você lidera e a carreira futura que você deseja escolher. Ao final da entrevista, a diretora de P&D (Pesquisa & Desenvolvimento) pergunta sobre o antibiótico que você está trabalhando. Você escolhe não responder a essas perguntas durante a entrevista.

Depois você é convidado a almoçar com a diretora de P&D e você aceita. Durante o almoço, ela (diretora de P&D) pergunta sobre a estrutura do novo composto químico, suas propriedades, questões de segurança e assim por diante. Ela indica que você certamente será selecionado para essa posição gerencial. Como você reagiria e quais seriam suas respostas às seguintes perguntas?

Metodologia de Ensino

Os alunos deverão discutir as seguintes perguntas:

Quais são os interesses do diretor de P&D?

Quais são os interesses dos concorrentes?

Existe um conflito de interesse?

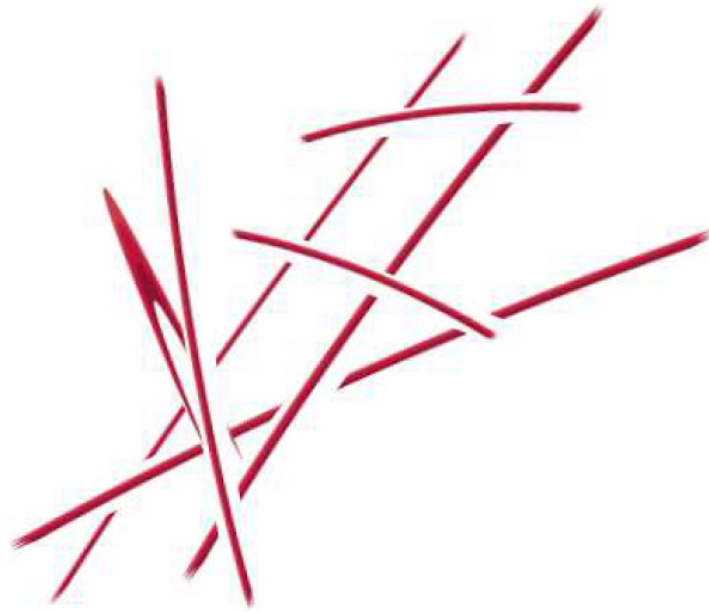
Quais opções você escolheria?

DnyaneshLimaye

dnyanesh1in@gmail.com

VaidehiLimaye

vaidehi1in@yahoo.com



A Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio nº 10 **Igualdade, Justiça e Equidade**

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.



UNIDADE 46

Faixa Etária I: 3 – 5 anos

Princípio Ético nº 10: Igualdade, Justiça e Equidade

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.

Título

“A balança da Justiça”

Objetivos de Aprendizagem

- O objetivo desta unidade é plantar uma semente de igualdade, justiça e equidade dentro de cada pessoa;
- Todas as crianças podem se acostumar a pensar que, em todas as situações, existem prós e contras, e eles devem construir uma opinião ou explicação sobre a situação específica;
- A justiça e o direito de todo ser humano ser tratado igualmente, de acordo com este princípio, são conceitos básicos e fundamentais que devem estar profundamente enraizados em cada pessoa em cada sociedade;
- No entanto, considerar esse conceito como garantido é um erro: de fato, é necessário receber uma educação adequada em justiça e igualdade que não podem desconsiderar, sob nenhuma

circunstância, o conceito de que todos têm direitos e responsabilidades.

O Caso

Introdução

Aqui propomos um conto de fadas simples, cujos personagens principais são os animais que vivem na floresta. A história pode continuar apresentando outros animais da floresta, como uma coruja, um beija flor, uma cobra, um urso, um lobo, uma raposa e assim por diante. A coisa mais importante a ter em mente é não desviar do assunto. Lembre-se de alternar um animal aparentemente “bom” (descrito pelo uso de um adjetivo de qualificação positivo), com outro aparentemente “ruim” ou “perigoso” (descrito pelo uso de um adjetivo de qualificação negativo). Dessa forma, somos capazes de incentivar as crianças a pensar que “nada é o que parece” e não julgar pelas aparências. Obviamente, isso representa apenas uma das inúmeras possibilidades de apresentar às crianças um “dilema” simples a ser analisado, a fim de encontrar uma solução.

NADA É O QUE PARECE

Era uma vez, um pequeno coelho que deixou sua casa e foi à floresta para encontrar os seus amigos. O coelhinho não conhecia ninguém além de sua família, então ele realmente queria encontrar novos companheiros de brincadeira. Ele estava muito curioso sobre quem morava na floresta e não estava nem um pouco assustado. Seus pais estavam preocupados sobre seu futuro, e especialmente com sua ingenuidade e falta de experiência de vida. Antes dele partir em sua viagem, disseram-lhe: “querido, não esqueça que nada é o que parece”. O coelhinho não entendeu o significado do aviso de seus pais; de qualquer maneira, ele prometeu que não esqueceria essa

frase. Assim que ele entrou na floresta, conheceu um maravilhoso e rápido esquilo de cauda longa, que corria para cima e para baixo em um grande carvalho, colhendo nozes para o jantar. O coelhinho tentou falar com ele, mas ele apenas respondeu: “Agora não tenho tempo para você, por favor, espere aqui até eu voltar”, e desapareceu. O pobre coelho esperou ali por duas horas, mas o esquilo de cauda longa não voltou. O coelhinho ficou desapontado porque o esquilo, com sua elegante cauda longa, parecia ter sido sincero. Naquele momento, ele lembrou o que seus pais tinham lhe falado: “Nada é o que parece!”. O coelhinho não se deixou desencorajar e retomou sua viagem. E seguindo em frente, ele continuou, até que tropeçou em um monte arredondado de agulhas. Ele picou-se e pulou ao redor, assustado, mas logo percebeu que dois olhos brilhantes estavam aparecendo da pilha de agulhas. Uma voz amável gritou: “Sinto muito, eu não pretendia te machucar! Você pode me perdoar?” Aquilo não era uma pilha de agulhas, mas um pequeno ouriço, que convidou o coelhinho para um lanche e tornaram-se amigos.

O coelhinho ficou surpreso ao constatar que após um grande susto ele podia se sentir tão feliz e confortável na companhia de uma perigosa “bola de agulhas”. Quando ele expressou seus sentimentos, o ouriço engraçado disse: “Lembre-se, meu amigo: nada é o que parece.” Depois de um tempo, o coelhinho decidiu sair e retomar a sua jornada. E seguindo em frente, ele continuou, até que ouviu o belo cantar de um rouxinol. Ele levantou a cabeça e viu um pássaro tão incrível; ele queria tornar-se amigo do pássaro. Contudo, quando o coelhinho falou: “Olá, que voz bonita você tem! Você vai se tornar meu amigo?” O rouxinol ficou indignado e respondeu ao coelhinho com tom correspondente: “Nunca! Eu não preciso da sua companhia!” E voou para longe, deixando o pobre coelhinho chateado com o ocorrido. Como poderia uma voz tão maravilhosa pronunciar palavras tão feias! Ah, isso é verdade: “Nada é o que

parece...”. O coelhinho ficou triste e ponderou.

De repente, um grande urso marrom emergiu de um pé de amora. O coelhinho ficou tão assustado que congelou de medo. Ele não conseguia se mexer e era incapaz de falar uma palavra. Ele pensou que essa enorme fera peluda o engoliria de uma vez, mas Teddy (esse era o nome do grande urso pardo) sorriu e convidou o coelhinho para sua casa, onde ele poderia descansar e comer uma refeição de jantar muito saborosa. Estava escurecendo e ficar sozinho na floresta podia ser perigoso. O coelhinho ficou novamente surpreso; ele nunca imaginara se tornar um bom amigo de alguém tão gigante e feroz. Mais uma vez, ele lembrou que: “nada é o que parece”. No dia seguinte, ele deixou Teddy e a floresta, e voltou para casa. Ficou muito feliz em ver seus pais e muito animado em contar a eles suas aventuras. Eles estavam muito orgulhosos do coelhinho, primeiro porque ele voltou a salvo e saudável, e depois porque ele havia atingido seu objetivo de fazer novos amigos.

Mas a coisa mais importante que o pequeno coelho aprendeu foi que as aparências podem ser decepcionantes - não julgue um livro pela capa, porque é muito fácil julgar alguém pela aparência:

- Um maravilhoso esquilo de cauda longa pode não ser confiável;
- Um porco-espinho engraçado pode não ser perigoso;
- Um rouxinol incrível com a voz bonita pode não ser gentil;
- Um grande urso pardo pode não ser perigoso.

Antes de ler a história, apresentamos às crianças os grupos de animais que o personagem principal (coelhinho) vai encontrar. Podemos descrever os habitantes da floresta usando fotos/desenhos.

- Um maravilhoso esquilo de cauda longa / um ouriço engraçado como bola de agulha;
- Um incrível rouxinol com uma voz bonita / um grande urso pardo.

E assim por diante, caso o professor queira incluir a participação de mais animais (conforme os critérios acima mencionados).

Então, perguntamos às crianças qual animal parece ser melhor em cada par. As crianças responderão usando seixos: por exemplo, um seixo vermelho se preferirem o esquilo, o verde para o ouriço e assim por diante. Nós iremos escrever as escolhas individuais e gerais das crianças.

Depois de ler a história, apresentaremos novamente o grupo de animais e pediremos às crianças, mais uma vez, qual parece ser o melhor animal de cada par. Eles farão suas escolhas usando pedras novamente e compararemos os novos resultados individuais e gerais. No final, perguntaremos às crianças se e porque elas mudaram de ideia, resolvendo todas juntas o “dilema” da história.

Metodologia de Ensino

As balanças da justiça representam o símbolo da justiça. Se você não tiver pequenas balanças como essa disponíveis, poderemos simplesmente fazer uma usando duas tigelas do mesmo tamanho e duas pedras arredondadas por criança. Escolheremos duas cores principais, vermelho e verde, por exemplo: assim, cada criança colorirá os seixos (pedrinhas), usando tintas para têmpera⁵. Como alternativa, você pode usar dois mármore de cores diferentes. “O jogo” é simples: o professor/educador, dependendo da idade e das características do grupo, escolherá uma ou mais fábulas/histórias de diferentes níveis de dificuldade e trará a atenção das crianças para elas. Ao final da história, nós faremos uma pergunta às crianças,

sobre a qual cada uma delas responderá usando uma das pedras coloridas. Cada uma das duas cores estará vinculada a uma resposta diferente.

As crianças devem escolher suas pedrinhas sozinhas, tentando não serem influenciadas pelo professor ou pelos colegas de turma. No final, contaremos quantas pedras de cada cor nós coletamos para entender para onde a balança vai pender. Uma vez declarados “os resultados combinados”, o professor tentará analisar alguns pontos cruciais da história junto com as crianças para dar a elas a oportunidade de considerar a história e tentar entender porque ela terminou do jeito que terminou. No fim, pediremos que as crianças confirmem ou alterem suas escolhas anteriores, colocando uma das duas pedras em um dos dois pratos.

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



A tēmpera é uma técnica de pintura em que os pigmentos ou os corantes podem ser misturados com um aglutinante, o qual pode ser uma emulsão de água e gema de ovo, o ovo inteiro, ou somente a clara (nota dos tradutores).

UNIDADE 4.7

Faixa Etária II: 6 – 10 anos

Princípio Ético nº 10: Igualdade, Justiça e Equidade

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.

Título

“Viajando em um tapete voador”

Objetivos de Aprendizagem

- Todo ser humano tem o direito de ver sua dignidade respeitada e ser tratado de maneira justa e equitativa como qualquer outro ser humano. Teoricamente, esse conceito parece ser um dado adquirido, na prática é muito difícil concretizar isso, mesmo em sociedades consideradas “mais avançadas”. O próprio homem cria uma barreira intransponível, segregando aqueles que são etnicamente, socialmente e culturalmente diferentes dele, como resultado de preconceitos profundamente enraizados. Administrar justiça e ser tratado equitativamente parece ser impossível;
- O respeito à diversidade cultural e ao pluralismo representa uma fonte extraordinária da herança humana. Ser ignorante e ter medo do que é “diferente de nós” cria enormes barreiras e aparentemente preconceitos insuperáveis. Podemos construir as condições certas para novas sociedades em que cada pessoa possa

encontrar o seu próprio lugar e liberdade para se expressar através, por exemplo, de educação apropriada e precoce;

- Um mundo multiétnico que seja aberto a acolher uma grande variedade de expressões humanas é uma solução viável para viver uma vida de paz e solidariedade;
- Descobrir diferentes países, culturas e tradições ajudará as crianças a entender como o mundo é imenso e diversificado, estimulando não apenas sua curiosidade, mas também educando-as a respeitar profundamente aqueles que são “diferentes de mim”, plantando as sementes para um senso de justiça e igualdade para cada ser humano.

O Jogo

Exemplo nº 1

“Hoje vamos fazer uma viagem em nosso tapete voador... vamos para a China. A China é um país muito grande e que está muito longe de nós”. Este é um exemplo de como podemos introduzir uma jornada para um país estrangeiro. Primeiro, o professor perguntará se elas já ouviram falar do país e o que elas sabem sobre ele. Todas as sugestões das crianças serão escritas. Algumas crianças, uma a uma, serão solicitadas a retirarem um objeto da bolsa de viagem. Esta bolsa foi preenchida previamente com todos os objetos que são úteis para descrever as características típicas do país estudado. Se não tivermos objetos reais, podemos desenhá-los em algumas folhas de papel. Ao falar sobre a China, poderíamos, por exemplo, desenhar um pagode⁶, um estilo típico de roupas, alguns ideogramas chineses, um prato típico chinês (como arroz) e coisas do gênero. Poderíamos contar uma de suas histórias ou lendas, ou ouvir uma música chinesa que possamos aprender a cantar. Se uma das crianças do grupo for chinesa, ele ou ela poderia ajudar o resto

do grupo a descobrir seu local de origem, descrevendo as tradições, ensinando algumas palavras na sua língua (como, por exemplo, dizer “olá” ou “obrigado”), ou mesmo possivelmente comer alguns alimentos tradicionais juntos. Conhecer novas culturas e tradições, a partir de sua vida cotidiana, pode nos ajudar a considerá-las não tão distantes e diferentes de nós, semear profundamente em nossas almas um senso de igualdade entre todos os seres humanos.

Exemplo Nº 2

Nosso tapete voador pode, por exemplo, viajar e explorar diferentes regiões do mesmo país. Existe, frequentemente, uma rivalidade e preconceito entre norte e sul, ou entre leste e oeste. Dentro da mesma região de um país em particular, é possível observar a evolução de diferentes culturas influenciadas por fatores históricos/geográficos. Ao iniciar o jogo, é sempre útil perguntar às crianças o que elas sabem sobre aquela região e, depois disso, forneça a elas algumas de suas características. Por exemplo, dialetos são frequentemente linguagens reais em seu próprio direito, que refletem uma rica herança de poesia, canções e contos através dos quais podemos entender melhor a terra que estamos visitando. Mesmo neste caso, poderíamos descrever as tradições típicas ou eventos especiais, como o Carnaval, que dão popularidade ao lugar que estamos explorando. Mais uma vez, pratos típicos e doces podem ser compartilhados e algumas das receitas mais simples podem ser preparadas em grupo. O mais importante é apreciar as diferenças como pontos fortes e tesouros culturais, enquanto tentamos superar qualquer possível discriminação escondida que, com frequência, tem como foco, infelizmente, alguns estereótipos negativos profundamente arraigados. Se houver crianças no grupo que vieram do lugar sobre o qual estamos falando, “nossa jornada” poderia promover sua integração de maneira positiva.

Exemplo Nº 3

Nesse caso, nosso tapete voador explorará pequenas comunidades, etnias e outros tipos de grupos, de acordo com as diferentes idades e características das crianças. Ao olhar para uma comunidade cigana, um mosteiro, um kibutz e outras minorias, que são mundos que podem estar muito distantes do nosso, eles devem ser cuidadosamente examinados, observando seus estilos de vida e, é claro, respeitando totalmente seus direitos de expressão. Igualdade, justiça e equidade pertencem à humanidade: nós podemos construir um mundo melhor através de uma mente aberta, sempre pronta para encontrar novos mundos e, ao mesmo tempo, respeitando a nós mesmos e aos outros.

Metodologia de Ensino

Mais uma vez, o professor/educador poderia utilizar várias metodologias, de acordo com as diferentes idades e características do grupo, tendo em mente que cada “jornada” no tapete voador exigirá cuidadoso trabalho de base preliminar. A diversidade cultural e o pluralismo podem oferecer muitas oportunidades: nosso tapete voador poderá viajar não apenas por diferentes países no mundo, mas dentro do mesmo país e em suas várias regiões e pequenas comunidades a fim de observar e aprender sobre quem é “diferente de mim”, outros estilos de vida e outras formas de ser. Um recurso muito importante pode ser a presença de uma ou mais crianças estrangeiras no grupo. De fato, elas poderiam até trabalhar juntas com o professor como um guia em nossa “jornada” para o local de origem. Dessa forma, promoveríamos sua integração na classe, bem como o respeito pelas diferentes culturas e mundos, que são precondições essenciais para um mundo equitativo e justo.

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com

[Uma construção típica do Oriente: torre com múltiplas beiradas, comum na China, no Nepal, no Japão, nas Coreias e em outros países asiáticos \(nota dos tradutores\).](#)

UNIDADE 48

Faixa Etária II: 6 – 10 anos

Princípio Ético nº 10: Igualdade, Justiça e Equidade

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.

Título

“Pequena mudança”

Objetivos de Aprendizagem

- Sensibilizar as crianças para a pobreza ao seu redor, pensando em crianças que vivem com muito menos do que precisam, seja de comida, vestuário, saúde e educação;
- Desenvolver empatia por crianças que enfrentam dificuldades físicas, passam por privações e fome diariamente;
- Incentivar as crianças a serem gratas por seus lares e vidas, compartilhar com outras pessoas e alcançar crianças menos afortunadas;
- Iniciar discussões sobre dignidades de cada pessoa e os direitos das crianças;
- Pensar nas crianças que trabalham na construção, empregadas domésticas e faxineiras;
- Discutir o que as comunidades podem fazer pelas crianças privadas de direitos e oportunidades básicas (desigualdades e injustiça).

O Caso

Eu e minha esposa estávamos brincando fora de casa com nossa filha de dois anos, Niharika. Quando eu joguei uma moeda nova e brilhante de rúpia no ar, ela brilhou à luz do sol e minha filha estendeu as mãos ansiosamente para pegá-la antes que eu a pegasse no ar novamente. Ela gostou desse jogo, pulou e riu de sua incapacidade de pegar a moeda. Quando ela, finalmente, conseguiu, jogou a moeda com todas as suas forças, a qual voou sobre o portão e aterrissou no ralo. Niharika começou a chorar.

“Está tudo bem, Niharika”, eu falei. “Essas coisas acontecem. Venha, vamos pegar outra moeda”. Quando entrei em casa, fiquei pensando quanto vale uma rúpia hoje. Alguns dias depois, eu estava viajando de ônibus para fora da cidade a trabalho. Era uma manhã fria de inverno e o ônibus parou em uma pequena cidade na metade do caminho. Eu olhei através da névoa para os barracos na beira da estrada e barracas de venda de chá, que estavam servindo aos passageiros do ônibus. Xícaras de chá fumegantes e refeições quentes de café da manhã estavam sendo servidas. Havia também uma barraca de venda de doces, mas neste momento, pela manhã, não havia compradores.

A alguma distância dessa barraca, uma família se amontoava. O pai e a mãe usavam roupas esfarrapadas e pareciam trabalhadores rurais. O filho tinha cerca de oito anos e usava uma camisa rasgada e muito pequena para ele. Por outro lado, seu calção era muito grande e sustentado por uma corda de fibra de coco. A irmãzinha dele devia ter a idade da minha filha. A palavra “fome” estava escrita em seus rostos. Seus corpos inclinavam-se e tremiam. Eu me senti culpado olhando pela janela do ônibus – quente dentro da minha jaqueta e sem uma pontada de fome. No centro da família amontoadada, pude ver um único copo de chá fumegante – eles o passavam entre si, saboreando cada gole.

A mãe pegou a bolsa de pano enfiada no sari^z rasgado, retirou lentamente uma suja e preciosa moeda de rúpia e deu para o filho – “Vá!”, ela disse: “Arranje algo para comer”. A mão do filho fechou em torno da moeda e ele abriu um sorriso largo. Eu estremeci – o que poderia uma rúpia possivelmente comprar?

O garoto foi rapidamente para a barraca de doces. Ele estendeu a mão e bateu em uma jarra de doces – “Quanto custa isso?”

“Uma rúpia!”, disse o homem com um sorriso.

“E quanto custa isso?” Ele apontou para alguns doces maiores.

“Esses custam uma rúpia também!”

“E se eu pegar um de cada? Quanto seria?”

“Oh! Isso também seria uma rúpia!”

O garoto voltou para sua família com as mãos cheias de doces.

Nesse momento, o ônibus acelerou – estávamos prontos para seguir viagem.

“Quanto uma rúpia pode comprar?” Tanto quanto um coração humano pode dar – foi isso que eu aprendi naquele dia.

Metodologia de Ensino

O professor pode ler a história, enfatizando os diálogos e descrições da pobreza. Alternativamente, pode solicitar às crianças mais velhas que leiam a história em voz alta.

Discussão

Pergunte às crianças sobre denominações de moedas. O que esse dinheiro pode comprar para as crianças?

O que as crianças fazem com o troco que recebem das lojas? Elas colecionam?

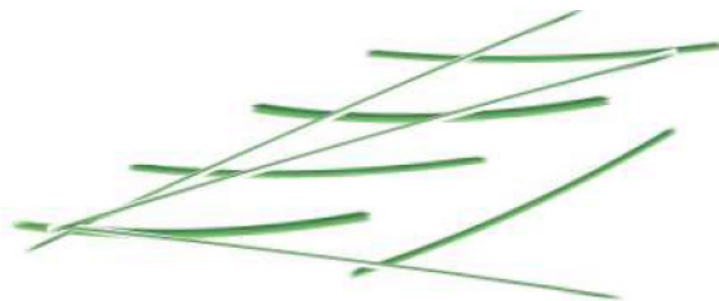
Pergunte se as crianças têm trocos em seus bolsos. Coloque todos os trocos juntos. O que elas podem comprar com isso?

Peça às crianças que listem todas as pessoas que trabalham na escola e em suas casas como faxineiras e empregadas. Elas sabem onde seus filhos estudam?

Atividade

Peça às crianças que desenhem a cena da história do ponto de ônibus. Desafie as crianças a coletar por um mês todas as moedas que recebem como troco. Elas podem comprometer-se a usar esse valor para comprar um pequeno item escolar útil, como lápis ou caderno para o filho de uma ajudante na escola ou em casa.

Mario Vaz
mariovaz@sjri.res.in



[Roupa típica da Índia.](#)

UNIDADE 4.9.

Faixa Etária III: 11 – 14 anos

Princípio Ético nº 10: Igualdade, Justiça e Equidade

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.

Título

“Igualdade, Justiça e Equidade”

Objetivos de Aprendizagem

- Conhecer os significados de igualdade, justiça e equidade, bem como o artigo 10 da Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos;
- Tomar consciência de que a igualdade fundamental de todos os seres humanos em dignidade e direitos deve ser respeitada, para que todos sejam tratados de forma justa e equitativa;
- Saber como distinguir o que é o verdadeiro respeito pela igualdade fundamental entre os seres humanos pela aparente não conformidade em situações específicas e contingentes na vida social.

O Caso

PARTE UM

Em uma escola, localizada em uma área rural, uma professora de ciências atende a pré-adolescentes (11 – 14 anos). Durante uma aula sobre a importância de preservar o meio ambiente ao nosso redor, ela explica para os seus estudantes a degradação prevalente na cidade em que vivem. Ela convida-os a tomar uma atitude para tentar melhorar essa situação e, além disso, ela se oferece para fundar uma instituição de caridade para proteger o meio ambiente e mantê-lo limpo.

Um grupo de estudantes fica entusiasmado com a ideia e solicita ao diretor da instituição para marcar um encontro com todos os estudantes da escola para discutirem o assunto. A grande maioria deles concorda, mas aparecem as diferenças de opiniões quando se trata de decidir quais os requisitos que os indivíduos devem possuir para se tornarem membros.

O grupo promotor, que busca coordenar a reunião, decide fazer uma coleta de todas as propostas que foram emitidas por todos os indivíduos para submetê-las à aprovação da assembleia. A discussão mostra que:

1. Alguns argumentam que todos, sem exceção, deveriam poder participar e, portanto, não é necessário estabelecer qualquer requisito para admissão. Ser um estudante matriculado na escola é suficiente;
2. Imediatamente alguém destaca a contradição da primeira proposta. Se for defendido que todos devem participar, a associação deve ser verdadeiramente aberta a todos;
3. Outros argumentam que é necessário fazer uma seleção de membros, porque nem todos têm características físicas e culturais que preencham o propósito da associação;
4. Outros concordam com a solução nº 2, mas ressaltam que essa

seleção deve apresentar critérios que sejam absolutamente relevantes e apropriados para atingir os objetivos da associação.

Nesse momento, a assembleia é convidada a votar a proposta.

O professor interrompe a história e propõe a atividade do ponto A - apresentada na Metodologia de Ensino.

PARTE DOIS

Durante a votação, a assembleia, em sua maioria, decide que todos sem distinção têm o direito de participar da associação e, portanto, não é necessário estabelecer nenhum critério de admissão. Nesse ponto, a professora de ciências, que até então nada dissera, intervém escrevendo no quadro negro a frase a seguir, que define bom comportamento, e convida a assembleia a refletir:

“A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa”.

Imediatamente a maioria dos participantes percebeu que a escolha feita foi a correta. De fato, é garantido a todos o direito de participar. O professor, neste ponto, levanta a seguinte questão: uma criança de dois anos pode ser capaz de participar ativamente das atividades da associação? Todos respondem que não. O professor continua com outra pergunta: se não for permitido a essa criança participar, está sendo respeitado o seu direito fundamental de ser considerada em condições de igualdade pelos defensores dos direitos humanos?

Não sabemos o que a assembleia respondeu e que decisões foram tomadas.

Tente encontrar a solução que você acha que está certa.

O professor propõe a atividade do ponto B apresentada na Metodologia de Ensino.

Metodologia de Ensino

Ponto A

A professora apresenta à turma a primeira parte do caso. Ela convida os estudantes a imaginar que eles são membros da Assembleia. Ela pede que eles reflitam sobre as quatro soluções propostas e depois votem em uma delas ou façam novas propostas. Depois, as duas propostas mais votadas serão submetidas novamente à votação e a que tiver a maioria dos votos será a posição da turma. Na discussão, a professora não deve dar uma indicação, mas pergunta aos estudantes suas razões para as escolhas que fizeram.

Ponto B

A professora apresenta a segunda parte do caso. Ela compara a escolha feita pela turma com aquela feita pela assembleia apresentada no caso. As escolhas, naturalmente, podem ser iguais ou diferentes.

A seguir, ela solicita ao grupo que responda às perguntas feitas no caso descrito e finalmente explora o significado da frase:

“A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.”

Em termos de igualdade, justiça e equidade.

Claudio Todesco
Todesco50@libero.it

UNIDADE 50

Faixa Etária III: 11 – 14 anos

Princípio Ético nº 10: Igualdade, Justiça e Equidade

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.

Título

“Comportamento igual: punição igual?”

Objetivos de Aprendizagem

- Conhecer os significados de igualdade, justiça e equidade, bem como o artigo 10 da Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos;
- Tomar consciência de que a igualdade fundamental de todos os seres humanos em dignidade e direitos deve ser respeitada, para que todos sejam tratados de forma justa e equitativa;
- Saber como distinguir o que é o verdadeiro respeito pela igualdade fundamental entre os seres humanos pela aparente não conformidade em situações específicas e contingentes na vida social.

O Caso

Um prédio escolar para pré-adolescentes está situado em uma

grande colina e tem um grande pátio em frente, delimitado por um alto muro de contenção, com um jardim de hortaliças bem cultivado abaixo dele. Ao aguardar para entrar antes das aulas, alguns alunos jogam papel, garrafas e outros objetos na horta, apenas por diversão. O proprietário, farto de encontrar e recolher lixo, vai até o diretor e pede que ele faça algo para solucionar o problema. O diretor decide acrescentar ao Regulamento da instituição a proibição de jogar lixo no jardim e colocar placas no pátio como lembrete dessa proibição. Apesar disso, um professor vê um garoto chamado Bob jogando uma bola de plástico no jardim e o conduz ao diretor, que castiga o garoto suspendendo-o da aula por um dia. O menino protesta que não é justo que ele seja o único a ser punido e reclama que, alguns dias antes, ele vira seu colega de classe Luke fazer a mesma coisa. Um amigo de Bob, a fim de apoiá-lo, diz que seu irmão Charles, no mesmo dia, jogou um balão perfurado e duas garrafas de vidro no jardim. Ele admite, no entanto, que realmente não viu isso acontecer, tendo lido-o no diário pessoal de seu irmão, onde o garoto se gabava da ação realizada. Nesse ponto, o diretor do instituto, sem saber o que fazer, decide reunir todos os professores da escola para encontrar uma solução adequada. Várias propostas surgiram do debate e o diretor resumiu-as da seguinte forma:

1. Luke não deveria ser punido porque cometeu seu erro antes que a proibição fosse adicionada ao Regulamento, enquanto Bob e Charles sabiam que estavam quebrando uma regra claramente definida.
2. Somente Bob deveria ser punido, porque Charles foi acusado apenas com base em uma violação de sua privacidade (leitura não autorizada de seu diário pelo irmão) e então ele próprio era uma vítima de violação de um de seus direitos. (Direito à privacidade).
3. Como os três meninos cometeram o mesmo ato, a mesma

punição deveria ser aplicada. Todos três descumpriram uma norma social a qual eles não poderiam ignorar.

4. Não é justo punir qualquer um deles, pois descumprir uma norma não é um ato punível.

Como pode ser visto claramente, as várias soluções propostas são muito diferentes e conflitantes. O diretor da instituição tem mais dúvidas do que antes. Que tipo de conselho podemos dar a ele para que possa tomar a decisão mais correta eticamente?

Metodologia de Ensino

O professor apresenta o caso à turma. Para facilitar a discussão entre os estudantes, ele forma dois grupos e convida-os a refletir sobre qual solução seria a mais adequada, do ponto de vista ético. Nesta fase, o professor não fornece sugestões concretas, atuando como moderador da discussão. Depois de escolher (provavelmente por maioria) a solução considerada melhor, dada a situação, cada grupo a apresenta ao outro usando uma dramatização. Em particular, alguns estudantes podem assumir o papel dos diferentes personagens da história, defendendo suas posições até que eles cheguem a uma solução de consenso. Após a apresentação, cada estudante declara se concorda ou não com a solução proposta pelo outro grupo, fundamentando o que motivou a sua decisão.

Neste ponto, o professor explica o significado de “igualdade”, “justiça” e “equidade” e apresenta o artigo 10 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos que declara:

“A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa”.

Ele chama a atenção das crianças para a pergunta feita no caso:

“Comportamento igual: punição igual?” E destaca que pode haver igualdade, justiça e equidade até quando as mesmas situações são tratadas de maneiras diferentes.

À luz desses novos fatos, o professor convida a turma a reconsiderar as soluções previamente escolhidas e modificá-las, se necessário. Nesta fase, o professor lidera a discussão.

Claudio Todesco
todesco50@libero.it



UNIDADE 51

Faixa Etária III: 11 – 14 anos

Princípio Ético nº 10: Igualdade, Justiça e Equidade

A igualdade fundamental entre todos os seres humanos em termos de dignidade e de direitos deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.

Título

“Quem deve ir primeiro: a vítima ou o ladrão?”

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender que os indivíduos têm o direito de serem assistidos quando necessitados;
- Perceber que, embora as prioridades em saúde sejam avaliadas principalmente com base em critérios clínicos e sociais, essas prioridades são frequentemente influenciadas por vieses inconscientes (e conscientes);
- Entender que, ao cuidar das pessoas, devemos tentar reconhecer vieses (ou tendenciosidades) e evitar julgar indivíduos pelo que eles fizeram, a fim de tratá-los de forma justa e com equidade.

O Caso

John é um estudante de Medicina que está de férias em uma pequena cidade perto da costa. Uma noite, enquanto ele está

passando ao longo da costa, encontra uma jovem na faixa dos seus 20 anos (Anna), que está levando seu cachorrinho para uma caminhada. De repente, antes que John tivesse tempo para avisá-la, ele vê um ladrão saindo do nada, que rouba a bolsa de Anna e foge rapidamente. Anna cai no chão, sendo ligeiramente ferida em seu quadril direito e ombro. O ladrão, entretanto, escorrega nos degraus das escadas e cai violentamente, batendo a cabeça contra o pavimento. John pode ver o homem deitado no chão e sangrando da parte de trás de sua cabeça.

Qual das duas pessoas feridas John deve atender primeiro, antes que os serviços de emergência cheguem à cena?

Metodologia de Aprendizagem

O professor deve convidar os estudantes a imaginar ser o John. Se necessário, deve ajudar a esclarecer, para o bem da discussão que, embora Anna esteja com dores, seus ferimentos não parecem ser sérios. O ladrão, por outro lado, está sangrando e mal consegue se mover. Portanto, embora ambos precisem de ajuda, parece que o ladrão está em pior condição do que Anna. A questão ética enfoca como as prioridades nos cuidados em saúde devem ser avaliadas. A discussão poderia começar por identificar quais critérios os estudantes acham que devem ser mais relevantes para as decisões de John e por quê? Ele deveria cuidar do ladrão, já que ele está mais gravemente ferido? Ou ele deveria socorrer Anna, já que ela é vítima do ladrão e ninguém pode culpá-la pelo que aconteceu?

Após dar aos estudantes algum tempo para expressarem-se e para emitirem suas opiniões, o professor deve explicar como as prioridades em saúde são normalmente guiadas pelas necessidades clínicas. Embora pareça ser correto cuidar da vítima da agressão primeiro, deve-se notar como essa ideia está tendenciosamente condicionada pelo que o ladrão acabou de fazer. No entanto, uma

vez que o ladrão está mais gravemente ferido, ele deve imediatamente receber ajuda. Isso não significa que quem o atender não deveria também atender Anna, mas é importante entender que tratar pessoas com justiça e respeito implica em evitar viés (consciente ou inconsciente), seja qual for.

Outra questão pode ser adicionada neste caso:

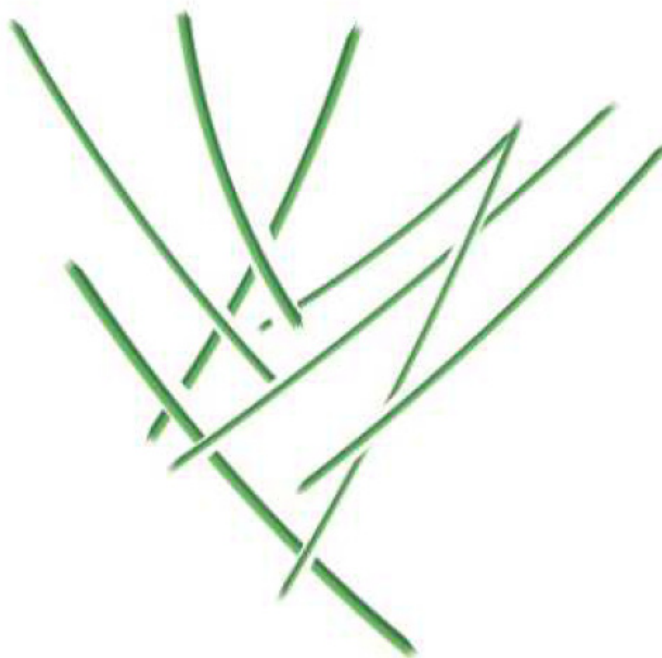
John deve chamar a polícia primeiro, a fim de relatar o crime, ou ele deve ajudar as pessoas feridas? Embora hoje em dia ambas as ações possam ser feitas praticamente de maneira simultânea, vale a pena estabelecer que o nosso dever de proteger a saúde de ambas as pessoas feridas deve prevalecer. (Deve ser enfatizado que, algumas vezes, a melhor maneira de proteger a saúde de todas as pessoas envolvidas é precisamente chamar a polícia).

Benjamin Herreros

benjaminherreros@gmail.com

Diego Real de Asúa

diego.realdeasua@gmail.com



UNIDADE 52

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 10: Igualdade, Justiça e Equidade

A igualdade entre todos os seres humanos, em termos de dignidade e de direitos, deve ser respeitada de modo que todos sejam tratados de forma justa e equitativa.

Título

“Eu, como ser humano”

Objetivos de aprendizagem

- Desenvolver um senso de respeito por si e pelos outros;
- Desenvolver atitudes e comportamentos que levem a respeitar os direitos de seus próximos;
- Consolidar o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais;
- Apoiar uma verdadeira igualdade de gênero e as mesmas oportunidades para ambos os sexos;
- Conhecer o conceito de “igualdade” e o previsto no artigo 10 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”.

O Caso

M.B., esposa de um famoso cantor de rock, decidiu quebrar o silêncio fazendo uma postagem em uma rede social. Ela pede,

através de uma declaração na mídia, que a deixem em paz, que respeitem este momento e, principalmente, que parem de falar sobre ela.

“Se você queria nos machucar e nos calar, conseguiu”, escreveu.

Alguns canais importantes da *web* postaram um vídeo em que seu marido estava lhe dando um soco em um corredor de hotel. Com um único golpe, ela desmaiou.

As câmeras do Circuito Fechado de TV (CFTV) do hotel filmaram o momento, ocorrido no inverno de 2012. Na primavera seguinte, algumas fontes bem informadas relataram o ocorrido. Inicialmente, ela o denunciou à polícia, mas, então, decidiu não apresentar queixa.

Durante uma coletiva de imprensa, M.B. explicou que “se arrepende do papel que desempenhou durante a discussão do casal”.

Tanto o advogado quanto o empresário do cantor tentaram culpá-la, fazendo-a sentir-se, injustamente, responsável.

“Um soco é sempre um soco. No entanto, ela ficará ao lado dele”.

M.B. foi apontada pela mídia como “a única vítima real”.

Em poucas horas, o evento se tornou o “assunto do momento”, nas redes sociais: levou a milhares de comentários, declarações de mulheres que permaneceram em casa, após serem agredidas. Todas falaram como é difícil sair de casa e os mecanismos por trás de um relacionamento violento.

“Pensei que o amava” ou “Eu não sabia para onde ir” ou mesmo: “Foi minha culpa; ele não queria me bater”, são pensamentos comuns.

O principal ponto é ser capaz de reconhecer quando o abuso acontece. Muitos sugeriram que M.B. iniciasse uma terapia. “Você não está sozinha”, escreveram na *web*. Outros a atacaram. Ela pede apenas para ser deixada em paz e explica: “Esse é um problema

pessoal”.

Metodologia de ensino

O professor apresenta o caso à turma, convidando-a a se dividir em grupos de trabalho e expressar suas opiniões, fazendo as seguintes perguntas:

- Existe uma relação entre o senso de posse, propriedade e violência contra as mulheres?
- Que papel a mídia ainda desempenha no desenvolvimento de modelos femininos ou mesmo sociais específicos?
- Por que uma mulher humilhada e espancada decide ficar na família?
- Poder e controle dão satisfação?
- A violência contra as mulheres é característica apenas das culturas modernas?
- Qual é o comportamento correto a ser adotado na família ou com as pessoas, em geral?

Nesse momento, o professor não dá sugestões concretas, limita-se a moderar a discussão. Depois disso, destaca a opinião da maioria.

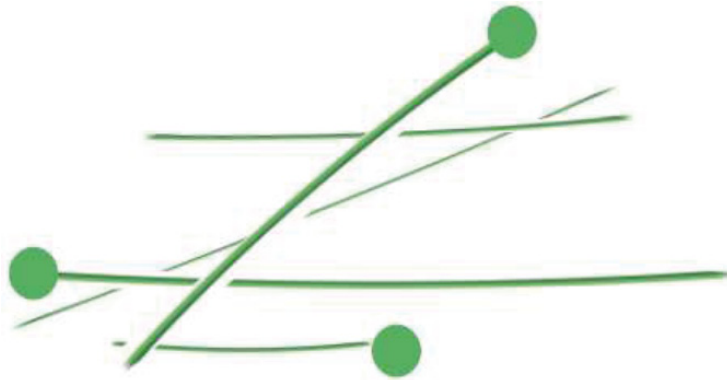
Somente neste momento, o professor explica o significado de “igualdade, justiça e equidade” e, em seguida, apresenta o art. 10 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos” que afirma: “A igualdade de todos os seres humanos, em dignidade e direitos, devem ser respeitados para que sejam tratados de maneira justa e equitativa”.

À luz dessas novas informações, o professor solicita à classe que pense sobre as considerações anteriores e, eventualmente, altere-as. Nesse ponto, o professor conduz a discussão e aproveita a oportunidade para verificar os conceitos apresentados.

Material e Métodos

Devem ser pesquisados na *web* e escolhidos pelo professor.

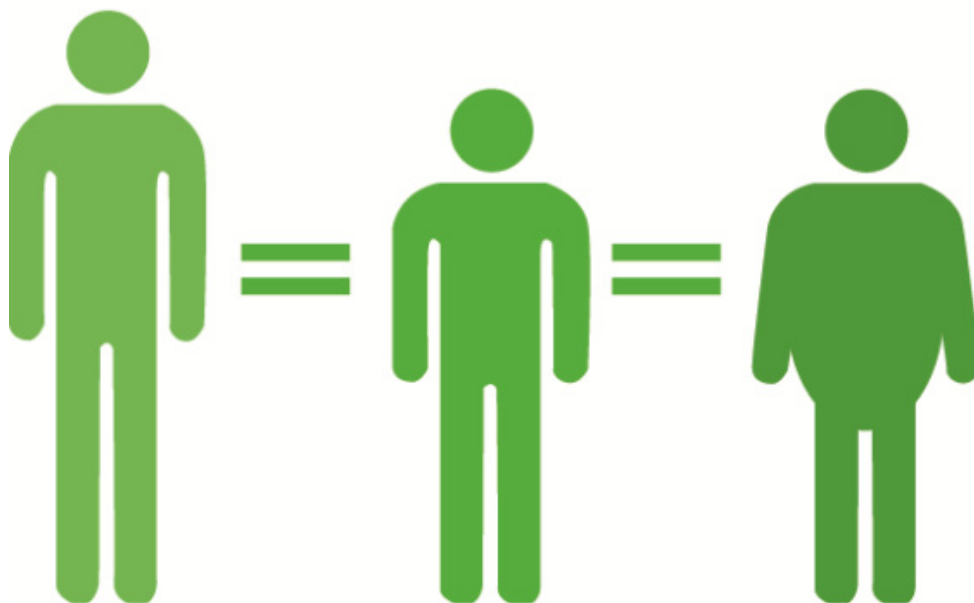
Ornella Salve
ornisal@libero.it



DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE BIOÉTICA E
DIREITOS HUMANOS
(UNESCO, 2005)

Princípio nº 11
Não-Discriminação e Não-Estigmatização

Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e às liberdades fundamentais.



UNIDADE 53

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 11: Não-Discriminação e Não-Estigmatização

Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e as liberdades fundamentais.

Título

“Meu gatinho ruivo”

Objetivos de Aprendizagem:

As crianças devem ser capazes de identificar e lidar com o fenômeno da discriminação.

O Caso

Tori é a nossa gata. Na verdade, ela pertence a todas as crianças do nosso bairro. Todo mundo gosta dela. Ela tem pelos típicos da raça angorá: cinzas, longos, macios e brilhantes. Sabe onde encontrar as refeições, onde lambear o leite de pequenos pratos e quem deixa o lixo aberto. Um dia Tori desapareceu. Nós a chamamos, procuramos em todos os lugares e não a encontramos. Já haviam se passado dois dias que Tori desaparecera. Ficamos muito tristes. Após uma semana, no início de uma manhã, ouvimos um miado familiar:

“Miau...miau ...”. “É Tori”, gritei. Pulei da minha cama, abri a porta da entrada e o que eu vi foi:

Nossa bela Tori, deitada no tapete da entrada, cercada por quatro gatinhos. “Tori voltou”, gritei. “Venham e vejam!”

Havia três gatinhos cinzentos ao lado de sua barriga, peludos e grandes, e um gatinho ruivo, como eu, pequeno e magro. Trouxe um cobertor de lã para aquecer Tori e uma pequena bacia com leite morno. Tori se deitou no tapete de lã e chamou seus gatinhos para mamarem. Os três gatinhos cinzas e sedosos vieram até ela. O gatinho ruivo também veio, mas os outros três o empurraram com as pernas. “Miau, miau, eu estou com fome”, exclamou o menor. Tori puxou o menor para a barriga, esperando que houvesse leite suficiente para ele.

Quando os gatinhos cresceram, queríamos encontrar bons lares para eles. Todos nossos amigos queriam adotar os gatinhos peludos e sedosos. Um por um, foram levados. Ninguém queria adotar o gato ruivo. “Ele é feio”, disseram, “ele quase não tem cabelo. Ele é magro demais, fraco demais”.

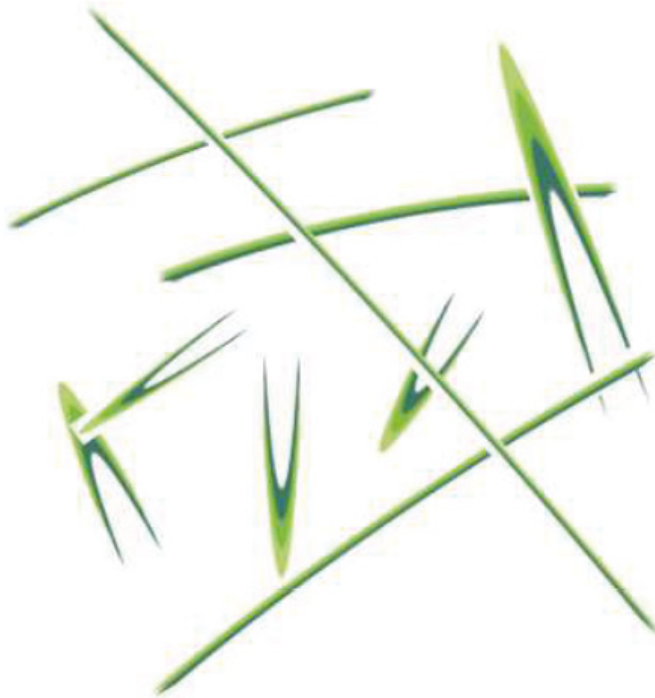
O gatinho não entendia por que ninguém nem olhava para ele. Tive pena dele. “O que faremos?”, perguntei a minha mãe. Ela olhou para o gatinho, depois para meu cabelo ruivo e disse: “O menor permanecerá conosco. Ele e Tori farão parte da nossa família”. Minha mãe acrescentou: “Existem gatos com todos os tipos de cores: branco e preto, prata e ruivo, mas sob a pele todos são gatos”. Fiquei muito feliz em ter nossa velha Tori e meu novo irmão, jovem e ruivo.

Metodologia de Ensino

O professor deve desenvolver uma discussão, apresentando questões como as seguintes:

- Por que os gatinhos peludos mantiveram o gatinho ruivo longe da mãe e não permitiram que ele mamasse?
- Como o gatinho ruivo se sentiu naquele momento?
- Como você se sente com isso?
- O que a mãe fez?
- De qual gatinho você mais gostou: o peludo ou o ruivo? Por quê?
- Se permitíssemos que você adotasse um gatinho, qual você gostaria de levar para casa: um peludo ou o ruivo? Por quê?

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 54.

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 11: Não-Discriminação e Não-Estigmatização

Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e as liberdades fundamentais.

TÍTULO

“Qual o castigo adequado?”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

- Conhecer o conceito de discriminação e o princípio 11 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos;
- Tornar-se consciente de que nenhum ser humano deve ser discriminado porque todos têm direito ao mesmo tratamento;
- Ser capaz de distinguir o que é a verdadeira discriminação - ou seja, uma ação exercida deliberadamente por um ser humano em relação a outra pessoa - da aparente discriminação, não causada por vontade específica, como no caso a seguir em que o uso de diferentes tipos de punições não pode ser considerado discriminação.

O CASO

André e Marco, dois garotos de 14 anos, são colegas de classe. Devido seu mau comportamento, foram punidos pelo professor de Matemática que lhes deu muitos exercícios adicionais, forçando-os a passar o fim de semana fazendo lição de casa. Os dois meninos, como vingança contra o professor, decidem furar os quatro pneus do seu carro estacionado no pátio da escola, sem perceber, no entanto, que toda a área está equipada com um sistema de câmeras. Como consequência, são facilmente reconhecidos e responsabilizados.

O diretor da escola, dada a gravidade da ofensa cometida, reúne todos os professores da classe para decidir que ação deve ser tomada. Todos concordam que é necessário infligir a mesma punição para ambos os alunos, igualmente culpados, consistindo em uma semana de suspensão da aula.

O professor de música ressalta, no entanto, que o pai de André é conhecido por ser uma pessoa muito violenta, que bate no filho por razões triviais e que o castigo imposto pela escola pode pôr em perigo o menino.

Esta declaração traz uma animada discussão entre os professores. O professor de Educação Física argumenta que, nesta situação, André seria submetido, pela mesma falta, a um castigo mais pesado do que Marco e seria discriminado. O professor de Geografia acredita que é essencial garantir a segurança física de André e acha que o menino, vivendo em um ambiente familiar violento, não merece mais sanções e sugere que a punição seja infligida apenas a Marco. Imediatamente, o professor de Matemática replica que esse seria um caso de discriminação. O professor de Educação Física fala novamente argumentando que, neste momento, ao invés de assumir o risco de discriminar um dos meninos, é melhor não punir ninguém. Considerando o evento grave demais para ser ignorado, exclui a possibilidade de que nenhuma ação seja tomada, pois criaria um precedente perigoso. Considerando os fatos e as várias opiniões expressas, qual seria a decisão mais adequada, eticamente,

que os professores devem adotar?

Metodologia de Ensino

O professor apresenta este caso à turma. Para facilitar o debate, cria dois grupos e os convida a refletir sobre qual solução seria a mais adequada, do ponto de vista ético.

Nesta fase, o professor não dá qualquer conselho concreto e simplesmente modera a discussão.

Depois de escolher (provavelmente por maioria) a solução considerada a melhor, cada grupo apresenta para o outro, usando uma dramatização. Em particular, alguns estudantes assumem os papéis dos vários atores da história, apoiando suas posições até que eles representem a solução acordada.

No final da apresentação, cada criança declara se concorda ou não com a solução, proposta pelo outro grupo, fazendo sua escolha.

Nesse ponto, o professor explica o significado de “discriminação”, termo que aparece várias vezes nos textos que descrevem o caso e apresenta o princípio 11 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”, que declara:

“Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e liberdades fundamentais”.

O professor dá alguns exemplos concretos de discriminação que podem ser causados por diferenças de sexo, religião ou posição social. À luz desses novos fatos, convida a classe a reconsiderar as soluções previamente escolhidas e alterá-las se necessário, com referência ao caso apresentado e faz as seguintes perguntas:

- Seria uma verdadeira discriminação se André e Marco fossem

punidos de maneira diferente, por causa de suas diferentes situações?

Nesta fase, o professor lidera a discussão e aproveita a oportunidade para aprofundar os conceitos introduzidos.

No caso examinado, não há discriminação: infligir punições diferentes pelo mesmo ato é meramente consequência das diferentes situações de vida das pessoas envolvidas.

Claudio Todesco
todesco50@libero.it



UNIDADE 55

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 11: Não-Discriminação e Não-Estigmatização

Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e as liberdades fundamentais.

Título

“É justo fazer esse passeio escolar?”

Objetivos de Aprendizagem

- Conhecer o conceito de discriminação e o que diz o princípio 11 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”;
- Tornar-se consciente de que nenhum ser humano deve ser discriminado porque todos têm direito ao mesmo tratamento;
- Ser capaz de diferenciar o que é discriminação real, que é deliberadamente exercida por um ser humano em relação a outra pessoa, e o que é discriminação aparente, causada não por um desejo específico, mas pela influência de condições negativas de vida de um indivíduo, em particular.

O Caso

O professor de arte sugere um projeto que consiste em estudar, em

profundidade, a arquitetura medieval, a estrutura de um castelo do século XIII, localizada acerca de cinquenta quilômetros da escola. O projeto implica não apenas visitar o próprio castelo, mas também que os estudantes realizem, durante todo o dia, o papel de guia para os visitantes. Todos os alunos estão entusiasmados e trabalham duro por cerca de dois meses.

No final do trabalho teórico, o professor organiza a visita ao castelo e somente então percebe que cometeu um equívoco sério. De fato, o castelo está situado em uma rocha e somente pode ser alcançado, no último trecho, por uma trilha estreita e acidentada. Entre os alunos, existe uma menina com deficiência, em uma cadeira de rodas e que, por isso, seria excluída da atividade. O pai da menina não aceita que ela seja excluída da atividade, vendo isto como discriminação e reclama ao diretor da escola. Suas preocupações chegam ao professor de arte que justifica a escolha do castelo, por ser um exemplo típico da arquitetura medieval. Portanto, didaticamente adequado, em face do programa de aprendizado, e porque pode ser alcançado durante o dia e a baixo custo.

O pai da menina insiste que sua filha tenha o mesmo direito que seus colegas de classe de participar da atividade com a qual estava envolvida e comprometida com entusiasmo, destacando que ela não pode ser discriminada por causa de sua deficiência. Assim, sugere que a classe visite outro castelo, embora esteja muito mais distante. Haverá também uma despesa maior para todas as famílias, pois é necessário um pernoite.

O professor responde que, ao fazê-lo, o trabalho educacional concluído até agora perderia muito seu significado, e certamente os estudantes não seriam capazes de atuar como guias para os visitantes. Além disso, algumas famílias podem não ser capazes de lidar com despesas mais elevadas e, portanto, os alunos podem ser excluídos da atividade e discriminados por razões econômicas.

Ele conclui dizendo que, neste momento, embora com pesar, acredita que é sua obrigação cancelar a viagem escolar. O pai da menina diz que não tem outra sugestão, mas ele não gostaria que o cancelamento da viagem de campo fosse atribuído, pelos outros alunos, à filha, com possíveis consequências para ela. Diante dessa situação, o diretor da escola não tem uma solução imediata para oferecer.

Que conselho você pode dar para que ele tome a decisão eticamente correta?

Metodologia de Ensino

O professor apresenta os dois casos para a turma. Forma dois grupos de estudantes, cada um dos quais é convidado a refletir sobre qual pode ser a solução eticamente apropriada.

Nesta fase, o professor não fornece sugestões concretas, mas apenas orienta a discussão.

Cada grupo, depois de ter decidido (provavelmente por maioria) a solução considerada a melhor, a apresenta ao outro grupo através de uma pequena dramatização. Em particular, alguns estudantes assumem papéis de vários atores da história apoiando suas posições até que eles apresentem a solução.

No final da apresentação, cada aluno declara se concorda ou não com a solução proposta pelo outro grupo, indicando os motivos.

Somente neste momento o professor explicará o significado de “discriminação”, um termo que aparece várias vezes nos textos que descrevem os casos e apresenta o artigo 11 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”, que declara:

“Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à

dignidade humana, aos direitos humanos e as liberdades fundamentais”.

À luz desse novo conhecimento, o professor pede à classe que pense nas conclusões propostas e as altere, se considerar necessário. Nesta fase, o professor orienta a discussão e aproveita a oportunidade para aprofundar os conceitos apresentados.

Em ambos os casos e, em particular, no primeiro, há uma situação de discriminação, mesmo que, na realidade, algumas pessoas, com limitações, podem, dependendo das soluções adotadas, serem tratadas diferentemente.

O professor, como mencionado acima, tem a oportunidade, com a discussão do caso, de orientar as várias formas de discriminação que existem no mundo e que devem ser combatidas.

Claudio Todesco
todesco50@libero.it



UNIDADE 56

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético Nº 11: Não-Discriminação e Não-Estigmatização

Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e as liberdades fundamentais.

Título

“Testes genéticos realizados no processo de contratação de uma pessoa”

Objetivos de Aprendizagem

- Os estudantes devem ser capazes de identificar as implicações dos diferentes usos dos testes genéticos;
- Os alunos devem ser capazes de explicar os conceitos de discriminação e estigmatização, no contexto dos testes genéticos;
- Os alunos devem ser capazes de definir o conceito de privacidade genética.

O Caso

Depois de alguns meses se candidatando a um emprego e após várias tentativas, Sarah recebe oferta de emprego de uma grande empresa internacional. Passa por diversas entrevistas onde prova,

além de suas qualificações acadêmicas, possuir grande conhecimento para realizar o novo trabalho.

Na entrevista final, é convidada a realizar um teste genético para saber se tem predisposição para alguma doença. Sarah, que é saudável, concorda, confiante. Após algumas semanas, os resultados dos testes são divulgados e Sarah é chamada pela empresa. A análise genética demonstra que ela é portadora de uma mutação, responsável por uma doença de desenvolvimento tardio, que pode comprometer a funcionalidade do sistema muscular, promovendo degeneração do sistema nervoso e lentidão dos movimentos. O setor de Recursos Humanos (RH), considerando os resultados do teste genético, concorda com a contratação de Sarah, mas apenas por um período temporário. O contrato dela poderá ser renovado, mas em termos menos favoráveis do que os oferecidos anteriormente. Sarah, decepcionada com seu futuro profissional, retorna para casa. Também está preocupada com sua saúde. Sarah se pergunta: quando os sintomas dessa doença aparecerão? Como viver com a probabilidade de desenvolver a doença? É correto o que está acontecendo? O que fazer? *A priori*, ela não está sendo discriminada?

Metodologia de Ensino

Uma doença genética poderá ser causada por uma mutação que ocorre na sequência de DNA de um indivíduo.

A mutação pode ser devida a um erro na duplicação do DNA ou a fatores ambientais. Uma doença genética também pode ser herdada devido a uma mutação nas células germinativas.

Um teste genético poderá consistir em uma análise do DNA ou de parte dele, que poderá mostrar uma mutação em um gene ou em um cromossomo.

Informações genéticas são importantes na previsão da predisposição genética de um indivíduo: podem ter um impacto significativo na família, nas gerações futuras e no grupo biológico ao qual pertence.

Antes da discussão deste caso, poderá ser necessário revisar, brevemente, a estrutura do DNA, os conceitos de genes, cromossomos e mutações que podem causar uma doença. Esses são pré-requisitos essenciais para uma compreensão correta dos mecanismos moleculares.

Após ler o caso, os alunos são convidados a uma discussão, expressando seus pontos de vista.

Nesta fase, o debate é livre, realizado em um nível intuitivo e pré-analítico (moralidade do senso comum). A discussão pode ser seguida de *insights* mais aprofundados sobre este tópico, com o objetivo de encontrar respostas às perguntas e para verificar as posições iniciais.

Ao analisar este caso específico, os alunos deverão expressar sua opinião sobre alguns aspectos éticos do problema:

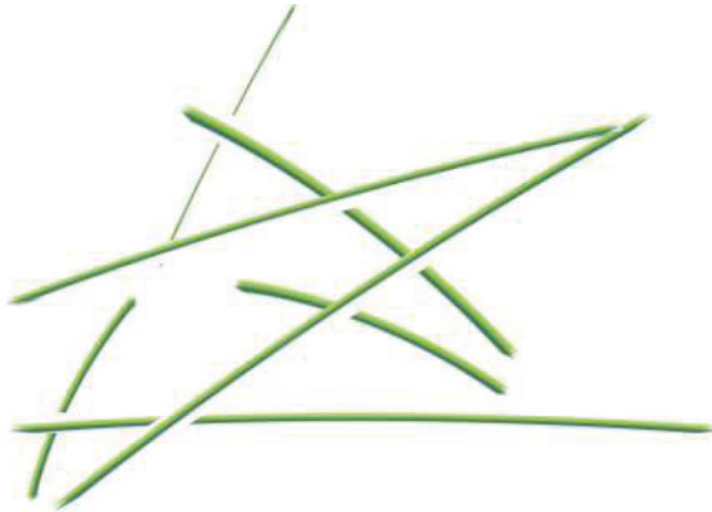
- Durante o recrutamento, as empresas podem solicitar um teste genético para avaliar profissionais aptos?
- É legítimo se recusar a fazer um teste genético para obter um emprego?
- As companhias de seguros podem usar informações genéticas para não permitir que pessoas, suscetíveis ao desenvolvimento de uma doença, contratem um seguro?
- O risco de contrair uma doença genética é uma boa razão para recusar-se a empregar ou excluir uma pessoa de certas tarefas?

Ferramentas

- Filme “Gattaca” (1997)

- Jogos de RPG
- Encontro com um especialista, como um geneticista.

Norma Trezzi
normatrezzi@virgilio.it



UNIDADE 57

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 11: Não-Discriminação e Não-Estigmatização

Nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e as liberdades fundamentais.

Título

“O relógio”

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender os conceitos de discriminação e estigmatização, de acordo com o artigo 11 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”;
- Tomar consciência de que nenhum ser humano deve ser discriminado devido à sua raça, religião e/ou identidade étnica;
- Levar os jovens a respeitar a igualdade de todos os seres humanos, em dignidade e direitos, a fim de tratar a todos de forma justa;
- Conscientizar a todos que os direitos e o bem-estar individuais devem ser sempre garantidos.

O Caso

Quando Ahmed Mohamed foi para sua escola em Irving, Texas, na

segunda-feira de manhã, ele estava bem animado. Sempre sonhou em se tornar um engenheiro, por isso, fez um relógio de uma caixa de lápis para mostrá-lo ao professor de engenharia, no primeiro dia de escola. No entanto, a escola chamou a polícia e ele foi preso por um crime que não cometera. Os elogios que ele esperava por construir um relógio tão bonito foram transformados em punição. No início do dia, quando Ahmed mostrou o relógio ao professor de engenharia, ele foi avisado para não mostrar sua invenção a nenhum outro professor. Embora desapontado, manteve o relógio na mochila da escola pelo resto do dia. Durante a aula de inglês, o relógio de Ahmed começou a tocar e seu professor disse para que tirasse o objeto da bolsa.

No final da tarde, o diretor da escola e um policial tiraram Ahmed da classe, levaram-no até a delegacia e o interrogaram, junto com outros quatro policiais. Estavam convencidos de que Ahmed estava tentando fazer uma bomba e mostraram-se céticos quando ele continuou a afirmar que era apenas um relógio. O diretor ameaçou expulsá-lo. Ele foi levado algemado para fora da escola e foi enviado para um centro para menores infratores. Sua prisão se tornou pública e os estudantes decidiram protestar.

Muitas preocupações foram expressas sobre o fato de Ahmed ter sido tratado com tanta suspeita porque ele é muçulmano. Posteriormente, o presidente Barack Obama o convidou à Casa Branca para que lhe mostrasse sua invenção. Mark Zuckerberg também o convidou para o *Facebook*, a gerência do *Twitter* ofereceu-lhe um estágio e os executivos do *Google* disseram que estavam reservando uma participação de Ahmed na feira de ciências do próximo fim de semana. Até o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) pediu para ele visitar o *campus*. Ahmed e sua família receberam uma recompensa e pedido de desculpas, por escrito.

Metodologia de Ensino

O professor apresenta o caso à turma e abre a discussão.

São pontos para as discussões:

- Os professores ou o diretor da escola de Ahmed deveriam ter reagido de maneira diferente?
- O que você acha do comportamento do professor de engenharia de Ahmed e dos conselhos que ele deu a Ahmed?
- O que a polícia deveria ter feito, de maneira diferente, nesse caso?
- Ahmed deve se mudar para outra escola? Por que sim ou por que não?
- A família de Ahmed deve ser compensada? Como? Explique.

O professor convida os alunos a refletirem sobre quais seriam as soluções eticamente apropriadas. Os alunos declaram se concordam ou não com a solução proposta pelos outros alunos e indicam os motivos. Nesse ponto, o professor explicará o significado de “discriminação” presente no artigo 11 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”.

Leituras

<http://www.theguardian.com/technology/2015/sep/16/sudanese-american-boy-handcuffedhomemade-clock-school>

<http://edition.cnn.com/2015/09/16/us/texas-student-ahmed-muslim-clock-bomb/>

<http://www.independent.co.uk/news/people/ahmed-mohamed-demands-15m-compensation-for-homemade-clock-arrest-a6745706.html>

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/northamerica/usa/11>

[868543/Teenage-Muslimschoolboy-in-US-arrested-over-homemade-clock-mistaken-for-bomb.html](http://www.npr.org/sections/thetwo-way/2015/09/16/440820557/high-school-student-shows-off-homemade-clock-gets-handcuffed)

<http://www.npr.org/sections/thetwo-way/2015/09/16/440820557/high-school-student-shows-off-homemade-clock-gets-handcuffed>

Sabina Semiz
ssemiz@ius.edu.ba



DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE BIOÉTICA E
DIREITOS HUMANOS
(UNESCO, 2005)

Princípio nº 12
Respeito pela Diversidade Cultural e pelo
Pluralismo

A importância da diversidade cultural e do pluralismo deve receber a devida consideração. Todavia, tais considerações não devem ser invocadas para violar a dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais nem os princípios dispostos nesta Declaração ou para limitar seu escopo.



UNIDADE 58

Faixa Etária II: 6 a 10 anos

Princípio Éticonº 12: Respeito pela Diversidade Cultural e pelo Pluralismo

A importância da diversidade cultural e do pluralismo deve receber a devida consideração. Todavia, tais considerações não devem ser invocadas para violar a dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais nem os princípios dispostos nesta Declaração ou para limitar seu escopo.

Título

“As bandeiras”

Objetivos de aprendizagem

Estar ciente de que pertencemos a um mundo onde pessoas com diferentes idiomas, costumes e tradições podem viver juntas e onde bandeiras representam sua identidade. Isso abre nossas mentes para uma nova vida, estilos e maneiras diferentes de nos expressar, com respeito mútuo. No final, apesar das nossas diferenças, todos pertencemos a uma grande família humana.

O Jogo

Exemplo nº 1

Antes de aprender a conhecer e reconhecer as diferentes bandeiras,

os alunos devem desenhá-las e colori-las. Então, apresentam as bandeiras em pequenos grupos, começando pelas mais características (as que serão lembradas mais facilmente, como, por exemplo, a bandeira do Canadá, que possui uma folha de bordo vermelha ou a bandeira japonesa, com um círculo vermelho no centro) e seguem apresentando as bandeiras que têm as mesmas cores, mas com listras horizontais ou verticais (como, por exemplo, as da Bélgica e da Alemanha). Depois de coloridas, podem ser recortadas. Cada uma pode ser colocada, no mapa, no país que representa. Dependendo da idade e características do grupo, podem ser dadas mais informações. Por exemplo, o nome da capital e o idioma falado.

Neste momento, cada criança repete essas informações para adivinhar o país ao qual a bandeira pertence. Pode, inclusive, aprender três ou quatro palavras de algumas das línguas estrangeiras dos países representados pelas bandeiras.

Estas palavras podem ser: BEM-VINDO, OBRIGADO, AMOR, PAZ, porque ajudam a expressar amizade e solidariedade entre as crianças. Além disso, algumas das palavras podem ser escritas em seu alfabeto original, usando, por exemplo, ideogramas chineses ou o alfabeto árabe. Um jogo útil para lembrar as diferentes bandeiras e as palavras é o “jogo da memória”: de cada bandeira (vinte, pelo menos) reproduziremos e recortaremos duas amostras em papelão, enquanto que em algumas palavras, apenas uma cópia. O outro lado do papelão será da mesma cor para todas as bandeiras e as palavras. Quando todas as bandeiras dos cartões estiverem prontas e misturadas, cada criança terá que virar dois deles para procurar as duas amostras da mesma bandeira, depois de reconhecer o nome do país. Ganha o jogo aquela que tiver mais bandeiras.

As cartas que representam as palavras permitem ao jogador pegar a segunda carta que desejar virar. Essa deve ser uma metáfora de como as palavras sempre oferecem uma solução adequada. Usando

as palavras certas, oferecerá a chance de resolver problemas em todo o mundo.

Exemplo nº 2

Um segundo jogo, um pouco mais dinâmico, divide as crianças em dois grupos: em cada um, uma criança representará um país cuja bandeira será impressa em sua camiseta ou, mais simplesmente, desenhado em um pequeno pedaço de papelão para pendurar no pescoço da criança. Duas crianças, uma de cada grupo, representarão o mesmo país. O professor ou uma criança não incluída nos dois grupos escolherá uma cor e todos aqueles que tiverem essa cor em sua bandeira terão que correr o mais rápido possível e levar um lenço da mesma cor, colocado a uma distância igual entre os dois grupos. Antes de pegar o lenço, a criança deve pronunciar uma das palavras do país que está representando. O grupo que obtiver maior número de lenços da cor certa vencerá o jogo.

Outra opção poderá ser escolher o nome da capital de um país cujo representante do grupo deverá correr em um caminho e, depois, voltar ao seu lugar o mais rápido possível. Antes de sentar no lugar certo, a criança deve sempre pronunciar algumas das palavras do país que estiver representando. Esta não é apenas uma maneira de aprender um idioma, mas também um meio de expressar uma mensagem positiva, em todas as línguas do mundo. Um ponto será ganho pelo mais rápido. O jogo poderá ser jogado das mais variadas formas: o objetivo é aprender e reconhecer as bandeiras, enquanto se diverte.

Exemplo nº 3

O jogo “dar a volta ao mundo” consiste em manter todas as crianças em um círculo, cada uma com uma bandeira diferente, um país próximo ao outro, de acordo com sua posição no mapa. Como no

jogo anterior, cada criança representará um país diferente cuja bandeira será impressa em sua camiseta ou simplesmente pendurado no pescoço. Uma criança, sem bandeira, alinha os colegas de classe de acordo com a localização de cada país, no mapa-múndi. Uma vez que a criança consiga, ela escolhe qual criança tomará seu lugar, dando a ela sua própria bandeira. Nesta etapa, as crianças devem falar algumas palavras do país que representam. O uso dessas palavras representa uma abordagem educada para receber pessoas estrangeiras e se comunicar com elas. No final do jogo, todas as crianças cantam uma cantiga de roda ou repetem uma canção de ninar, sobre o mundo.

Metodologia de Ensino

As crianças sempre foram fascinadas por bandeiras. Suas cores e sinais despertam sua curiosidade e são ideais para jogos diferentes, criando momentos divertidos. Não devemos esquecer que bandeiras representam as diferentes nações do mundo, portanto, são uma ferramenta prática para a introdução de diversidade e pluralismo.

As bandeiras podem ser usadas de inúmeras maneiras. O mais importante é que cada jogo não é um fim nele mesmo. De fato, o objetivo fundamental, que é promover a diversidade cultural e o pluralismo, a solidariedade e o respeito entre as diferentes nações, deve ser destacado. Além disso, o uso de algumas palavras estrangeiras não é um jogo de memória em si, mas representa uma maneira de aprender a receber as pessoas vindas de todo o mundo. Aprender a reconhecer e reproduzir bandeiras diferentes é apenas o primeiro passo para aprender sobre o mundo que nos rodeia e que consagra a verdadeira herança humana.

Leituras

Cantigas de roda ao redor do mundo (Gianni Rodari)

O esquimó (Gianni Rodari)

Uma longa jornada (Gianni Rodari)

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com

UNIDADE 59.

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 12: Respeito pela Diversidade Cultural e pelo Pluralismo

A importância da diversidade cultural e do pluralismo deve receber a devida consideração. Todavia, tais considerações não devem ser invocadas para violar a dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais nem os princípios dispostos nesta Declaração ou para limitar seu escopo.

Título

“Um estudante estrangeiro entrou na sua turma”

Objetivos de Aprendizagem

- Conhecer o conteúdo do art. 12 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”;
- Introjetar a importância de respeitar a diversidade cultural e o pluralismo.

O Caso

Um aluno chinês, chamado Dong, é matriculado em uma turma, com estudantes na Faixa Etária dos doze anos, na escola de uma pequena vila de um país europeu, com poucos imigrantes. O professor recomenda que os alunos recebam o novo colega de

classe, para que ele se sinta aceito, apesar da inevitável dificuldade de comunicação devido às diferenças entre os idiomas. Quando Dong entra na sala de aula pela primeira vez, cumprimenta todos com um grande sorriso e um aceno com a cabeça.

Giovanni, um aluno de bom humor e sociável, vai em sua direção e, imediatamente, abraça-o e beija-o. Dong não gosta do ato de Giovanni e o empurra com tanta força que Giovanni cai. Chocado e com raiva, Giovanni reage violentamente e dá um soco em Dong. O professor separa, prontamente, os dois meninos e informa que aplicará uma medida disciplinar conforme as normas da escola que proíbe e pune claramente qualquer tipo de comportamento violento entre os alunos. Isso, inevitavelmente, desencadeia uma discussão difícil e todos os alunos defendem Giovanni e consideram absolutamente injusto que ele seja punido. Neste momento, o professor aponta as razões da estranha reação de Dong dizendo que, em seu país, o contato físico é considerado indelicado e mal-educado, o que explica por que ele empurrou Giovanni repentinamente.

O professor acrescenta que, no entanto, Dong não deveria ter reagido como reagiu porque, mesmo que estejamos certos, não temos permissão para tomar a lei em nossas próprias mãos, apenas porque fomos ofendidos. Os alunos não ficam completamente convencidos com os argumentos do professor e dão opiniões diferentes.

Argumenta-se que Giovanni não deve ser punido, pois reagiu a uma situação incompreensível para ele, já que mostrou amizade e teve uma resposta rude.

Outro aluno diz que, se Giovanni for punido, Dong também deverá receber uma punição.

Um terceiro afirma que, se a violência foi causada pelo mal-entendido de diferentes costumes, ninguém deve ser punido.

Outro opina que o professor deveria, imediatamente, ter destacado essas diferenças culturais, para impedir que ocorressem mal-entendidos.

Finalmente, pondera-se que Dong também deveria ter sido previamente informado sobre os costumes do lugar onde ele estava indo morar.

Qual a sua opinião? Você concorda com alguns dos argumentos mencionados acima? Você tem alguma outra proposta?

Metodologia de Ensino

O professor apresenta este caso à turma. Para facilitar o debate, cria dois grupos e convida-os a pensar sobre a melhor solução, do ponto de vista ético.

Nesta fase, o professor não dá um conselho concreto e simplesmente modera a discussão.

Depois de escolher (provavelmente por maioria) a solução considerada a mais adequada, cada grupo apresenta-a ao outro grupo. No final da apresentação, na qual cada grupo optou por uma solução diferente, cada aluno emite sua opinião pessoal sobre a escolha feita pelo outro grupo.

Nesse momento, o professor apresenta e comenta o art. 12 da “Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos”, afirmando que:

“Uma ênfase adequada deve ser dada à importância de respeitar culturas diferentes das nossas e ao pluralismo, mas, ao mesmo tempo, isso não deve violar o respeito à dignidade humana, à humanidade, direitos e liberdades fundamentais”.

À luz dos novos fatos, o professor convida a turma a reconsiderar as soluções anteriormente escolhidas e alterá-las, se necessário. Nesta

fase, o professor coordena a discussão e destaca particularmente a importância de conhecer as culturas e os hábitos de outras pessoas.

Leituras

Através do *Google*, é possível encontrar, na *internet*, os diferentes hábitos das pessoas que podemos considerar bizarros e talvez engraçados, mas familiarizar-se com eles pode evitar mal-entendidos desagradáveis.

Seguem alguns exemplos:

- Na Espanha, jogar papel de lixo no chão em um bar significa que apreciamos a comida. Quanto mais lixo houver, mais as pessoas frequentarão aquele bar!
- Na China e em Taiwan, os “pauzinhos”, usados para comer arroz, também podem ser usados para remover alimentos presos entre os dentes. Aceita-se, inclusive, que as pessoas cuscam no lado do prato.
- Em Togo, na África Ocidental, usar um colar de miçangas faria todo mundo rir, pois, neste país, as miçangas são usadas exclusivamente em volta da cintura.
- Na Índia, é a noiva que deve esperar pelo noivo. Ele pode vir a pé, a cavalo ou de elefante e deve levar um coco para a sogra, para que não pareça indelicado.
- Na Ásia Central, é proibido assoar o nariz na frente de outras pessoas. É considerado vergonhoso e embaraçoso, principalmente se você usar um lenço. Os asiáticos tendem a não assoar o nariz, mas, se realmente precisam, escondem e usam as mãos.
- Na Austrália, existe uma lei estranha segundo a qual as crianças podem fumar, mas não podem comprar cigarros.

Claudio Todesco
todesco50@libero.it

UNIDADE 60

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 12: Respeito pela Diversidade Cultural e pelo Pluralismo

A importância da diversidade cultural e do pluralismo deve receber a devida consideração. Todavia, tais considerações não devem ser invocadas para violar a dignidade humana, os direitos humanos e as liberdades fundamentais nem os princípios dispostos nesta Declaração ou para limitar seu escopo.

Título

“Vamos brincar para nos conhecermos”

Objetivos de Aprendizagem

- Compreender o princípio da diversidade como riqueza;
- Aprender a importância e construção de uma identidade pessoal;
- Respeitar as diferenças.

O Caso

Mark é sobrevivente de um naufrágio, em uma ilha. Está com medo e anda em busca de abrigo e de algo para comer. Logo percebe que não está sozinho. De fato, na ilha vive uma tribo que o acolhe. No início, Mark tem medo porque todos parecem muito diferente das pessoas que conheceu: eles não usam roupas, mas peles de

animais, correm descalços, comem apenas frutas e legumes cultivados na floresta e moram em cabanas. As crianças da idade dele não têm telefone nem computador e ele se sente entediado, considerando a vida da tribo muito primitiva. Um dia, encontra um grupo de crianças que zombam dele. O chefe da tribo lhe explica que até seus filhos acham Mark estranho, porque ele sempre veste muita roupa, não consegue correr entre as árvores e não conhece o nome dos animais e das plantas. Mark e as crianças não respeitam suas diferenças e caçoam um do outro. Mas, dia após dia, eles vão se conhecendo, aprendendo muitas coisas e brincadeiras novas. Por exemplo: Mark descobre que andar descalço na grama é muito agradável e as crianças descobrem que, quando faz frio, é melhor se cobrir com algumas roupas. Todos finalmente entendem a riqueza e a importância de apreciar suas diferenças, respeitando um ao outro.

Metodologia de Ensino

O dilema

- Seria melhor para Mark morar na ilha ou voltar para casa?
- Quais são as diferenças entre a vida em uma ilha e a vida em uma cidade? Pessoas de diferentes origens podem coexistir como um grupo ou devem ficar separados para evitar conflitos? (Ponto 1)
- E você? (apontando para cada aluno da turma). Você tem alguma característica que não pode abandonar? (Ponto 2)

Nesse ponto, as crianças devem escrever em um caderno sua própria resposta, como uma base sólida onde possam construir sua identidade.

- O que você poderia ensinar ao seu colega? (Ponto 3) Cada aluno escreverá sua resposta em seu caderno também.
- Você já esteve em um contexto completamente diferente daquele em que normalmente vive? Se sim, como você se comportou? Que tipo de dificuldades você encontrou e quem ajudou ou aborreceu

você? Imagine-se em um país estrangeiro, muito diferente do seu: o que você gostaria de saber sobre o país? Do que você teria medo? Quem se tornaria seu amigo e quem não seria?

(Ponto 4) Os alunos devem escrever um texto em seu caderno sobre esse assunto.

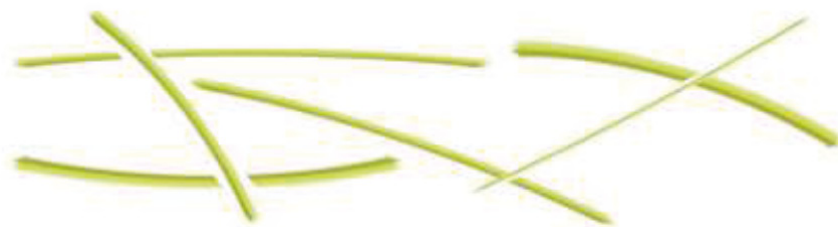
No final da discussão, os alunos, com a ajuda de seus cadernos e trabalhando em grupos, irão realizar a descrição de seu “mundo”:

- A turma representará seu “mundo” identificando-o pelos adjetivos usados nas respostas do caderno, no ponto 2.
- Os “amigos” e os “medos” que surgiram dos pontos 3 e 4 serão incluídos no seu “mundo”, também.
- Cada “adjetivo que identifica uma pessoa” unirá, através de uma seta, outro, conforme à sua característica: a escolha dessas palavras tem o objetivo de lidar com um certo “medo”. Nesse caminho, um grupo diferente aparecerá, formado por indivíduos que, dependendo de suas diferentes características se ajudarão, mutuamente, a lidar com os problemas do cotidiano, tornando a diversidade uma ferramenta para alcançar o sucesso. Alguns “adjetivos” ou alguns “medos” provavelmente não terão conexão com outros elementos deste diagrama, representando as minorias tolerantes.

Finalmente, as crianças poderiam imaginar um final para a história, explicando o que aconteceu quando Mark voltou para casa. Ele encontrou novos amigos? A experiência o mudou?

Nesse ponto, o professor explicará o significado do artigo 12 e os alunos poderão reescrever a história, usando as informações fornecidas durante a discussão.

*Antonella Zapparrata
antonella230383z@yahoo.it*



UNIDADE 61

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 12: Respeito à Diversidade Cultural e ao Pluralismo

A importância da diversidade cultural e do pluralismo deve ser devidamente levada em conta. No entanto, tal consideração não deve ser invocada para violar a dignidade humana, os direitos humanos ou as liberdades fundamentais, nem os princípios estabelecidos nesta Declaração, ou limitar o seu alcance.

Título

“Diversidade cultural como enriquecimento na vida de todos nós”

Objetivos de Aprendizagem

- Conhecer o conceito de “pluralismo cultural” e o que se espera do artigo 12 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos;
- A importância da diversidade cultural e do pluralismo;
- Diversidade, quando é enriquecimento, significa igualdade;
- Na escola, ninguém é estrangeiro.

O Caso

Parte 1

A diversidade é um dos valores fundamentais do nosso século. Diversidade significa: cor, cultura, riqueza, troca, crescimento. Todos esses elementos não só fazem parte da história de todos, mas também se tornam história do mundo.

Ilias é um garoto de pele escura, cabelos pretos, encaracolados, e usa roupas diferentes da maioria. Ele nasceu na Europa e lá iniciou e continuou os estudos. A família dele é estrangeira. Sua mãe trabalha ocasionalmente como faxineira, seu pai é operário, e sua irmã mais nova é estudante.

Na família dele, todos falam a língua nativa de seu país de origem e seguem suas próprias tradições. Na escola, ele não faz parte de nenhum grupo específico de estudantes, os colegas da escola costumam conversar com ele, mas reclamam que ele “cheira” a comida, como se vivesse dentro de uma loja de Kebab.

Fora da escola, Ilias só tem amigos vindos do seu país de origem. Ele é visto como um aluno estrangeiro. Então os professores preparam lições simplificadas para ele, usando uma linguagem mais fácil, dando-lhe explicações adicionais, por temerem que não possa acompanhar as lições adequadamente, por causa da sua cultura e origem diferentes.

A certa altura os outros alunos, que haviam previamente aceitado as lições simplificadas, começaram a reclamar.

Por que Ilias merece toda a atenção? Ele nasceu aqui, então devia saber a língua como os outros estudantes! Por que ele não tem respeito pelos outros e não está limpo e devidamente vestido, como todos os demais, quando vem para a escola?

E por que ele costuma obter notas mais altas do que o merecido? Por que ele não permaneceu em seu país de origem, se continua vivendo como se ainda estivesse lá?

O professor interrompe a narrativa e sugere a atividade “A”

apresentada na metodologia de ensino.

Parte 2

O professor, depois de ouvir as objeções dos alunos, explica que o Ilias, assim como os outros meninos e meninas, vive entre duas culturas muito diferentes em idioma, religião e tradições. Ele menciona, exemplificando, que em outros países, as mulheres têm como costume cozinhar alimentos muito condimentados de manhã cedo, por isso Ilias chega à escola cheirando a comida e não porque deixa de se lavar, mas porque sua família toma o café da manhã dessa maneira. Muitos estudantes ainda não estão convencidos e insistem que todos deveriam morar em seu próprio país.

O professor pergunta aos alunos se eles gostam de kebab, rolinhos primavera ou cuscuz chinês: são todos pratos de outros países que eles aprenderam a comer e apreciar. Ele pergunta a dois meninos por que eles usam um “kefiah”, que é um cachecol tradicional do Oriente Médio usado como proteção contra o vento e a areia do deserto.

Os alunos começam a observar que estão vestindo uma peça de roupa árabe, enquanto Ilias está vestindo roupas ocidentais e pensam no fato de que, quando vão almoçar, Ilias come pizza, enquanto eles pedem Kebab.

O professor interrompe a história e sugere a atividade “B” apresentada na metodologia de ensino.

Metodologia de ensino

Essas perguntas devem ajudar os alunos a pensar no conteúdo do Art. 12: *“A importância da diversidade cultural e do pluralismo deve ser devidamente levada em conta. No entanto, tal consideração não deve ser invocada para violar a dignidade*

humana, os direitos humanos ou as liberdades fundamentais, nem os princípios estabelecidos nesta Declaração, ou limitar o seu alcance”.

O professor sugere a atividade “B” apresentada na metodologia de ensino.

Atividade A

O professor apresenta a primeira parte da história para a classe. Ele pede a cada estudante para expressar suas opiniões a favor ou contra o que os colegas de escola de Ilias disseram:

- É certo que os professores prestem atenção especial às necessidades de Ilias?
- Ilias nasceu neste país, então ele devia saber a língua como todas as outras crianças.
- Eles deveriam tolerar o desrespeito de Ilias pelos colegas quando ele chega à escola cheirando a comida?
- É certo que os professores lhe deem notas mais altas do que ele realmente merece?
- Por que ele não permaneceu no seu país de origem se continua a viver como se ainda estivesse lá?

Dessa forma o professor pode entender se a maioria dos estudantes concorda ou discorda dos colegas de escola do Ilias.

Nessa parte da atividade, o professor deve moderar a discussão.

Atividade B

O professor introduz a segunda parte da história e pede aos estudantes que confirmem ou não o que eles disseram durante a atividade A.

Em seguida, ele pede à turma que se divida em grupos e dê sua opinião sobre os problemas sublinhados na segunda parte da

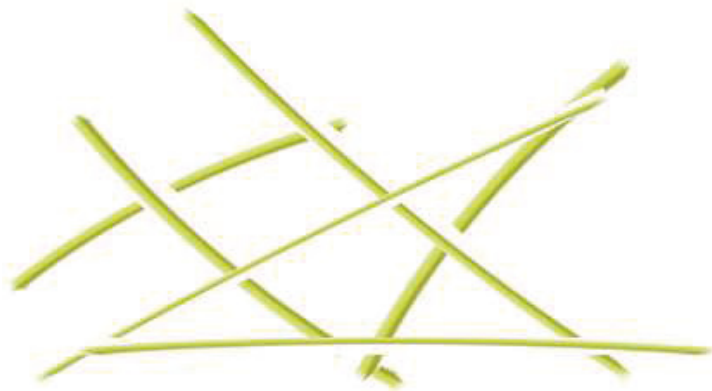
história:

- Que tipo de tradições pertencentes a diferentes culturas nós conhecemos?
- Há pontos em comum entre as nossas tradições e as de outros países?
- Quais são as dinâmicas e motivações dos fluxos migratórios?
- Podemos medir o nível de civilização de uma nação de acordo com o modo como as outras culturas são aceitas nela?
- O que significa respeito à dignidade e aos direitos humanos?
- Respeito e dignidade são sinônimos de liberdade?
- A possibilidade de entrar em contato com pessoas de diferentes culturas pode ser considerada um enriquecimento?

Nesta fase o professor não dá sugestões particulares, mas supervisiona a discussão e o trabalho. Após essa etapa, o professor destaca as opiniões que mais surgiram durante essa atividade.

Nesse ponto, o professor explica o significado de “diversidade cultural e pluralismo”, e introduz o Art. 12 da Declaração Universal de Bioética e Direitos humanos, que diz: A importância da diversidade cultural e do pluralismo deve ser devidamente levada em conta. No entanto, tal consideração não deve ser invocada para violar a dignidade humana, os direitos humanos ou as liberdades fundamentais, nem os princípios estabelecidos nesta Declaração, ou limitar o seu alcance”.

Ornela Salvette
Ornisaal.libero.it



Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio nº 13 **Solidariedade e Cooperação**

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.



UNIDADE 62

Faixa Etária I: 3 a 5 anos

Princípio Ético nº 13: Solidariedade e Cooperação

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.

Título

“Ame a si mesmo”

Objetivos de Aprendizagem

- Desenvolver a identidade da pessoa de forma harmoniosa e integral;
- Construir sua própria identidade;
- Implementar relações positivas entre crianças e entre as crianças e os adultos;
- Compreender e responder adequadamente às questões relacionadas a sentimentos e expressar emoções;
- Adquirir habilidades de escuta e compreensão de si mesmo e dos outros;
- Adquirir comportamentos em favor da socialização e habilidades sociais.

O Caso

Pato e pato

Um patinho se perdeu em um campo e pediu ajuda a outros animais que encontra.

O patinho encontra um gato e pergunta:

- “Você sabe onde minha mãe está?”

O gato responde:

- “Não sei quem é você? Vá embora!”

Em seguida encontra um sapo e pergunta:

- “Eu perdi minha mãe você a viu?”

O sapo responde:

- Estou com pressa, não tenho tempo para ajudá-lo.

O patinho fica mais triste e desesperado, mas não desiste. Continua sua busca e encontra outro patinho a quem pergunta:

- Oi, eu me perdi, você viu minha mãe?

O patinho responde:

- Não se preocupe, vamos procurá-la.

A história poderia continuar com o patinho encontrando outros animais inventados pelo professor ou perguntando às crianças para terminar a história.

Metodologia de Ensino

O Dilema

ESTOU PROCURANDO OS HUMANOS, PROCURANDO AMIGOS

- Devemos ajudar o patinho?
- O que os animais encontrados pelo patinho deveriam fazer?
- Por quê?
- Pergunte às crianças de 5 anos o que elas fariam no lugar do patinho?

- Qual animal, entre os que o patinho encontrou, se comportou bem?
- É correto ajudar alguém que se encontra em dificuldades e ficar ao seu lado?

Cenário

Em um espaço dedicado à leitura, com tapetes, sentado em círculo com as crianças; Grupo de crianças de diferentes idades (3 a 5 anos), onde as mais velhas ajudarão as menores, que vão ouvi-las e imitar seus comportamentos.

Materiais

- Usar as imagens fornecidas adequadamente pelo adulto/professor, ou um jogo de cartas com imagens que possam ser associadas com a história e que permitam que as crianças explorem diferentes soluções com as quais terminar a história.
- Folhas de papel e lápis coloridos para as crianças desenharem a história.

Atividades

- Construir o cenário com as crianças: desenhar a paisagem, gravar os sons e reproduzi-los durante a narração ou encenação da história.
- Após os incentivos do professor, pedir às crianças que dramatizem a história, escolhendo o papel que elas gostariam de encenar.
- Pedir às crianças para interpretarem os diferentes personagens e seus papéis.

Ferramentas

1. Livros com figuras dos animais mencionados na história;
2. Ilustrações de multimídias;
3. Uso de sons, músicas, expressões faciais e mãos;
4. Representação gráfica da história usando folhas de papel de diferentes tamanhos, lápis de cor e marcadores, postos à disposição das crianças;
5. Marionetes

O método de ensino é estruturar a experiência a partir de uma perspectiva sociocultural, com ênfase nos indivíduos e sua interação com os outros, e de forma mais geral com o contexto. Analisar ações através de diferentes ferramentas para alcançar um objetivo comum e significativo para toda a classe. Na dimensão sociocultural, a aprendizagem é por natureza uma atividade social: não há aprendizado sem interação com um parceiro que nos ajude a construir conhecimento.

Leituras

O Pequeno Príncipe quando na pergunta da raposa “O que você está procurando?” Respondeu: “Eu procuro os seres humanos, procuro amigos”. É no mundo dos animais que muitos escritores de literatura infantil encontram valores como amizade, solidariedade, compartilhamento e reflexão. Podemos usar poemas, rimas, histórias, sons (onomatopaicos), para transmitir valores bioéticos às crianças. Pode ser útil encontrar inspiração contando uma história em que os animais cuidam uns dos outros e não são indiferentes aos assuntos humanos. Se é fato que na natureza e no mundo existem lobos, armadilhas e ardis, também é verdade que existe solidariedade em toda a terra. Propor às crianças um conto de fadas,

uma canção de ninar, um poema, pode ser útil para ensinar os princípios bioéticos e construir as bases de uma esperança para o futuro. Mas também e especialmente para as crianças que não têm comida, e que estão enfrentando situações difíceis em que o som de um sino não anuncia a chegada de amigos, mas perigos à espreita, as ações que propomos nas unidades de ensino podem ajudar e apoiar as crianças de hoje na construção de um mundo melhor para o amanhã. As rápidas mudanças no desenvolvimento social, cultural e tecnológico resultaram em um aumento de violência precoce. Este fenômeno está intimamente relacionado à perda de identidade pessoal, em particular a perda de valores morais em muitas crianças, algumas vezes vítimas ou causadoras da violência. A ausência de políticas, de coordenação entre as instituições, de estratégias, instrumentos e de continuidade educacional entre a escola e a família, e entre todos os que têm a responsabilidade pelo crescimento e a educação das crianças, favoreceu o declínio dos valores morais e o aumento da violência. Muitas vezes os adultos são incapazes de ajudar e orientar o comportamento das crianças, razão pela qual é importante estruturar os programas educacionais e unidades específicas de ensino nas creches (0 a 3 anos) em continuidade com a escola maternal (3 a 6 anos).

Elaborar um programa educativo para crianças de 0 a 6 anos que enfatize a transmissão de valores bioéticos, respeito ao diferente, amizade, cooperação, compartilhamento, reflexão e solidariedade, requer formação especial dos adultos envolvidos na educação. Eles devem ser capazes de respeitar a especificidade, as necessidades e a diversidade de cada criança.

Antonella Migliore
antonela.migliore@icloud.it



UNIDADE 63

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 13: Solidariedade e Cooperação

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.

Titulo

“O mundo das cores”

As cores são uma fonte inesgotável de recursos disponíveis para o mundo do ensino e da educação das crianças. Elas estão ao nosso alcance e fazem parte do nosso mundo, através delas podemos liberar a nossa fantasia. As cores podem também ser um exemplo plausível de solidariedade e cooperação. De fato, pela explicação das cores primárias, secundárias e terciárias, podemos demonstrar a importância de uma cor, não apenas como tal, mas por sua presença na natureza, pela formação de outras cores e suas nuances. O mundo não seria tão bonito e colorido se uma cor não se unisse a outra, em diferentes quantidades, para formar uma gama infinita de novas tonalidades. Além disso, o fenômeno da luz e do arco-íris reforça essa ideia: na natureza aprendemos que somente através da contribuição de cada um e da cooperação de todos, é possível criar a luz, que é a fonte essencial da vida. Solidariedade significa construir todos juntos, graças aos valores de cada um, algo ainda maior e mais importante porque é a soma dos valores de todos.

EXEMPLO 1

Aprender as cores, sua presença na natureza e suas propriedades,

pode tornar-se um jogo divertido e cheio de significado. Uma rápida explicação com cartazes apresentando as cores primárias, secundárias e terciárias, os quais podem ser feitos com a participação das crianças. Uma vez prontos, os cartazes serão afixados na parede como um lembrete para as explicações seguintes. As pinturas com têmpera⁸ são perfeitas para essa atividade, principalmente porque permitem que as crianças vejam diretamente como duas cores se misturam para formar uma terceira e, dependendo da quantidade, podemos obter diferentes tons. Podemos organizar pequenos grupos de trabalho para permitir que as crianças experimentem, ajudando-as a fazer e memorizar vários esquemas de cores, enquanto se divertem. Podemos também, a partir do ambiente a nossa volta pedir às crianças para escolherem objetos, amarelos, vermelhos etc. em seguida desenhá-los e colori-los, ou desenhar outros objetos e colori-los com as cores que quiserem. O importante é enfatizar que cada cor é importante, que tem sua beleza intrínseca, e que quando as misturamos conseguimos formar infinitas cores e tons que tornam mundo mais bonito. Isso, figurativamente, representa o resultado da Solidariedade e Cooperação.

EXEMPLO Nº 2

Quando as crianças adquirem o hábito de brincar com as cores primárias, secundárias e terciárias nós poderemos reforçar a ideia de cooperação e solidariedade por meio de estória que pode ter o título “A roda mágica”, vamos precisar de uma folha de papel branco (tipo cartolina) para criar um cartaz onde desenharemos um círculo ocupando toda a folha. O círculo será dividido em setores e cada setor com uma cor diferente e suas nuances⁹ para as crianças ao longo da estória: “Era uma vez um mundo bonito e colorido como o nosso...” então poderão escolher uma cor e dizerem quais os objetos ao nosso redor têm essa cor. Todos poderão dar ideias, enquanto outras crianças tentarão “incluir na história” a cor referida no

quadro segundo o diagrama de Newton.

“Um dia, um estranho bruxo decidiu roubar todas as cores do mundo. Cada vez que tocava em um objeto ele perdia sua cor, tornando-se transparente. Flores, frutos, gramado, vacas, cães, gatos, nuvens, pássaros, mares, peixes: tudo perdeu as cores, ficaram tristes e transparentes quando o bruxo passou por aqui. Parecia não haver solução para essa calamidade. As cores desesperadas se aproximavam amontoando-se e formando um círculo, então perceberam que quando mais se apertavam mais se tornavam fortes e cheias de energia. Girando o mais rápido possível recuperaram a coragem e se transformaram em uma roda mágica. Emitindo, assim, uma bela e intensa luz branca que tirou o poder do Bruxo. O mundo agora estava seguro: a união faz a força”. Nesse ponto devemos colocar em prática o que foi descrito na história: temos que fazer com que a roda mágica, o grande círculo desenhado no cartaz com os setores coloridos, seja recortada e fixada no centro para que possa girar. Se girarmos a roda muito rápido suas cores desaparecerão dando origem a um círculo branco: juntos, vencerão, ficarão mais fortes, mais corajosos, ajudando uns aos outros.

EXEMPLO 3

Os arco-íris sempre tiveram um papel importante no mundo imaginário dos adultos e das crianças, são como pontes entre a realidade e a fantasia. Existem muitas lendas, histórias infantis, canções de ninar, músicas e poemas que falam desse fenômeno natural. Por exemplo, podemos contar uma história de fadas onde os principais personagens serão as cores e a tempestade. Cada criança irá representar uma cor do arco-íris e usará uma camisa com essa cor. Assim, cada criança pode listar as qualidades da sua cor e dos objetos que mais a representa. Uma criança ou um professor poderia representar a tempestade e pedir para que todos dessem as

mãos mostrando a beleza de todos juntos formando um arco-íris etc. No final, todos poderiam cantar uma música sobre arco-íris, isso é apenas um exemplo, as possibilidades são infinitas. O importante é, mais uma vez, destacar que a cooperação e a solidariedade representam a escolha fundamental para se viver em harmonia, como a própria natureza nos mostra.

Metodologia de ensino

Cores, Luz, Arco-íris: O que pode ser mais bonito e simples? Mais uma vez, a natureza nos oferece a possibilidade de nos beneficiarmos com os seus recursos infinitos. Não faltarão escolhas ao professor/educador, usando ferramentas existentes ou inventadas para alcançar os objetivos desta unidade. De acordo com as diferentes idades e características do grupo, poderá escolher atividades auditivas, visuais, táteis, respeitando as diferenças e disposição das crianças.

O princípio da solidariedade e da cooperação será mais forte, não apenas pela observação dos fenômenos da luz, do arco-íris e da formação das cores, mas também pela realização de todas as atividades que exigirão a harmonia e colaboração de todas as crianças.

Alessandra Pentone
ollesspent@hotmail.com

[\(pigmentos de cores, água e aglutinante. Ex: tinta guache\).](#)
[Segundo o diagrama de cores de Isaac Newton.](#)

UNIDADE 64

Faixa Etária II: 6-10 anos.

Princípio Ético nº 13: Solidariedade e Cooperação

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.

Título

“Segurança no tráfego”

Objetivos de Aprendizagem

“Para educar as crianças a se tornarem bons cidadãos significa essencialmente lhes ensinar a viver em uma comunidade onde as pessoas são diferentes umas das outras. Este é o compromisso da escola... Atualmente, o desafio é destacar a importância irredutível da escola em comparação com outras possibilidades de aprendizado” (Howard Gardner’s interview on “La República” Italian Newspaper of the 04/17/2004)

A possibilidade de variar as atividades em relação a educação no trânsito oferece oportunidades para enfrentar a questão do respeito e da autonomia em relação a nós e aos outros.

- As crianças vão se engajando em atividades físicas e de coordenação que incentivam o comportamento civilizado e correto, finalmente se tornando para eles uma segunda natureza.
- Não há maneira melhor de aprender sobre regras de segurança no trânsito do que reproduzir cada um por si o que vivemos e o que

vemos todos os dias.

- Quando se sentem protagonistas aprendem, enquanto se divertem, a entender por que respeitando as regras é possível proteger os seus direitos e o dos outros.
- Serão capazes, por sua vez, de educar as pessoas a sua volta observando o comportamento dos adultos ou membros de sua família sempre que apresentarem um comportamento potencialmente perigoso quando estiverem na rua em um automóvel.

O Jogo

PRIMEIRO PASSO

O projeto de segurança no trânsito exige uma introdução sobre o assunto. Primeiro nós coletaremos observações e sugestões das crianças sobre o trânsito: protagonistas (policiais do trânsito, o pedestre, os carros, motociclistas etc.), e sobre os instrumentos utilizados (luzes, cinto de segurança, capacete, estacionamentos etc.). Será necessário apenas referir as regras mais importantes na segurança do trânsito, para explicar a necessidade de certos objetos. As próprias crianças perceberão rapidamente, através de experiências a importância de respeitar os direitos e deveres de um bom cidadão durante o jogo. Contravenções também serão úteis para conscientizarmos que devemos respeitar as regras e corrigir o nosso comportamento (excesso de velocidade, estacionamento proibido, avanço de sinais, etc.) este jogo pode ser muito simples para todos os países: de fato, regulamento e segurança nas estradas são universais, a menos que haja alguma variação, por exemplo: volante à esquerda no Reino Unido.

SEGUNDO PASSO

Agora nós passaremos ao uso de instrumentos úteis para o tráfego

rodoviário, que serão usados para reconhecer os diferentes atores e a circulação na estrada. O material necessário é barato e fácil de encontrar com objetos simples e coloridos. Durante esta atividade será útil lembrar às crianças o que será usado para construí-los. Enquanto trabalhamos com as crianças relembramos às elas os nomes das ferramentas e para que o que elas servem.

Cada ator do trânsito terá a ferramenta que o caracteriza. Por exemplo, o policial do trânsito terá um boné colorido e um apito, seu ajudante terá um lápis e um caderno de anotação das multas, o motorista usará cinto de segurança e terá uma roda como volante, o motociclista terá um capacete, os pedestres usarão faixas brancas cruzadas no corpo, eles caminharão juntos de mãos dadas. Os sinais serão “vivos”: cada criança desempenhará esse papel segurando-o no caminho. Os semáforos serão animados, cada criança segurará uma luz com uma das três cores: verde, vermelho e amarelo, os pedestres ficarão com as cores verde=siga e vermelho=pare.

TERCEIRO PASSO

Para ajustar melhor o jogo, seria aconselhável ter espaço suficiente, como por exemplo, um pátio onde com giz colorido poderemos sublinhar as marcas de estacionamento, cruzamento, pedestre, etc. Caso não se disponha de local amplo, é possível jogar na sala de aula usando tapetes como áreas de estacionamento ou faixas.

QUARTO PASSO

As crianças serão separadas em pequenos grupos que se revezarão quanto a função. Os papéis serão dados por sorteio e os objetos serão distribuídos a cada um conforme o seu papel no jogo.

QUINTO PASSO

Agora o jogo vai começar. Inicialmente o professor deve dirigir lentamente o tráfego rodoviário, mostrando às crianças os possíveis

movimentos que ele poderá fazer de acordo com o seu papel. É melhor começar a jogar com pequenos grupos de crianças de modo a ter o melhor controle de fluxo do trânsito. A cada infração de trânsito o professor para o jogo e explica o qual foi o erro e quais as consequências diretas e indiretas dessa infração (por exemplo: excesso de velocidade, desobedecer ao sinal luminoso etc.). Com o tempo, as crianças vão se familiarizar com o jogo e conseguirão jogar sozinhas e até com mais rapidez. Com o treinamento adequado, a orientação do professor não será mais necessária e o tráfego fluirá normalmente obedecendo às normas de trânsito. Autonomia e responsabilidade são valores fundamentais para segurança no trânsito. A capacidade de entender que nossas decisões terão uma influência em nós e nos outros ficarão óbvias durante o jogo. Nós veremos de imediato as consequências de nossas ações: se excedermos a velocidade ou cruzarmos a via desobedecendo o sinal luminoso, ariscaremos as nossas vidas. Toda decisão tem seu efeito direto, não somente em nós, mas também nos outros. O que fazemos tem um efeito dominó, isso deve ficar em mente ao tomar nossas decisões, das mais simples às mais difíceis. Através desse jogo seremos capazes de entender claramente a importância da responsabilidade individual.

Metodologia de ensino

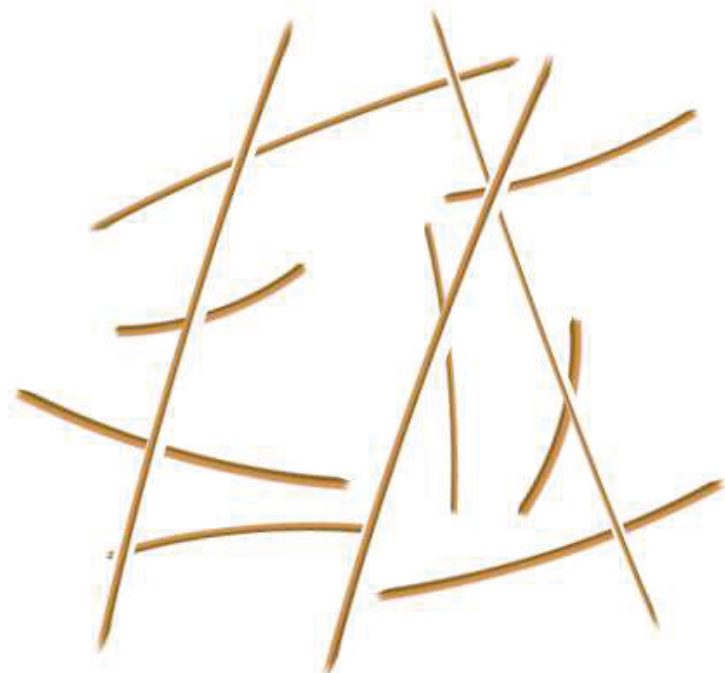
Um projeto de segurança no trânsito necessita de uma introdução sobre o assunto. A partir do conhecimento pelas crianças sobre as normas de trânsito, as pessoas envolvidas e as ferramentas que usam, coletaremos as observações e sugestões descrevendo a rotina no ambiente de tráfego. Depois disso, as regras básicas de tráfego devem simplesmente ser explicadas apresentando as ferramentas que estão envolvidas. Durante a apresentação desses instrumentos, deverá ser estimulado nas crianças a curiosidade sobre o que são e como funcionam (semáforos, cinto de segurança, etc.) Durante o

jogo as crianças poderão perceber diretamente quais normas se aplicam à aquele instrumento e como ele deve ser usado. As próprias crianças, através de suas experiências, logo se conscientizarão da importância que é respeitar os direitos/deveres de um cidadão correto de acordo com os diferentes papéis desempenhados durante o jogo (policial de trânsito, motorista, pedestre, etc.) Além disso, entenderá a importância das multas para corrigir comportamentos errados e muitas vezes prejudiciais para eles e para os outros; (excesso de velocidade, estacionamento em vagas de deficientes, estacionamento em calçadas, etc.) Esta atividade é muito fácil de ser elaborada em qualquer lugar do mundo. As regras de segurança no trânsito são as mesmas em todo o mundo, com exceção de pequenas diferenças.

Materiais

Folha cartolina para cartazes, lápis de cores, cola branca, fita adesiva, tesoura, para confeccionar: (boné do guarda, cintos de segurança, semáforos, etc.), um círculo, apito, buzina, giz coloridos, tapetes. Este jogo requer um espaço disponível amplo, mas dependendo do número de crianças jogando ao mesmo tempo, pode ser organizado na sala de aula ou no pátio da escola.

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



UNIDADE 65

Faixa Etária II: 6-10 anos

Princípio Ético nº 13: Solidariedade e Cooperação

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.

Título

“Todos somos Ditta”

Objetivos de aprendizagem

As crianças devem ser conscientes da existência do sofrimento e da solidão no mundo e devem saber que esses sentimentos dizem respeito não somente aos adultos, mas também às crianças. Elas devem ser encorajadas a sentir empatia pelas pessoas que se encontram nessa situação.

O Caso

Ditta, minha melhor amiga, não veio à escola hoje. Ela também faltou ontem e anteontem. A mãe de Ditta disse a Lina, nossa professora, que Ditta estava muito doente e tendo que tomar vários remédios. Depois de um mês inteiro, Ditta retornou às aulas, mas ela não parecia a mesma, Ela estava muito pálida, quieta e triste. Sua cabeça estava coberta com um lenço. “Você está com frio?” Perguntou Dan, “Não”, sussurrou. “Você machucou a cabeça?”

perguntou Ron, “Não” respondeu Ditta. “Não façam perguntas” disse a professora. “Ditta ficou muito doente e perdeu seus lindos cabelos, mas ele voltará a crescer e ficar bonito como antes. Ela está confusa e envergonhada.”

Algumas crianças riram e pediram a Ditta para mostrar sua cabeça sem cabelo. Debby, a menor aluna da classe, se aproxima de Ditta e suavemente diz: “não fique triste Ditta, seu cabelo crescerá logo e ficará mais bonito do que antes”. Debby reuniu os colegas fora da sala de aula e disse com firmeza: “Amanhã todas nós viremos para a aula com lenço na cabeça, e os meninos com chapéu. Seremos todos como Ditta. Nós não queremos que Ditta se sinta diferente. Nós usaremos lenços e chapéus até o cabelo dela crescer.” Na manhã seguinte e durante um mês inteiro todos vieram para a escola com lenços e chapéus. Linna os decorava com flores e plumas coloridas. Os cabelos de Ditta foram crescendo lentamente mas um dia ela decidiu que havia chegado o momento para tirar o lenço. Foi um dia especial para todos nós, Ditta estava muito feliz e seus pais trouxeram um grande bolo com a inscrição: “Amizade - acima de tudo”

Metodologia de ensino

O professor deve começar uma discussão apresentando questões como as seguintes:

- O que aconteceu com o cabelo de Ditta? Por quê?
- Por que Ditta estava infeliz? Triste?
- Por que algumas crianças riram de Ditta?
- O que causou a mudança no comportamento das crianças?
- Como Ditta se sentiu do início ao fim da história?

Solidariedade significa sentir com... sentir-se como... expressar empatia.

Hanna Carmi
amnocarmil@gmail.com

UNIDADE 66

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 13: Solidariedade e Cooperação

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.

Titulo

“Solidariedade e Cooperação”

Objetivos didáticos

- Conhecer o artigo 13 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos.
- Conhecer o significado de solidariedade e cooperação.
- Tomar consciência de que cada indivíduo deve ser solidário e saber cooperar com os outros.

O Caso

Charles, George, Elizabeth e Henry vivem no mesmo vilarejo, que se encontra a vários quilômetros de distância da escola e estudam na mesma classe. Um dia Charles sai para passear de bicicleta, sofre um grave acidente, e quebra a perna, apresentando várias fraturas. Após a cirurgia, ele é forçado a ficar em casa por um longo tempo de recuperação. Seus professores, preocupados que Carlos acumule muita matéria, pedem a George, Elizabeth e Henry para levar as

lições até a casa de Charles e também explicar os temas estudados nas aulas. As reações das três crianças, em resposta ao pedido dos professores, foram diferentes. George disse que não iria ajudar Charles, uma vez que, em uma situação semelhante, ele não tinha ajudado a um colega de classe. Justifica sua posição dizendo que não se trata de uma questão pessoal, mas uma maneira fazer com que ele pense e entenda seu péssimo comportamento no passado. Na prática, ele queria dar-lhe uma lição de vida. Henry diz que concorda que Charles precisa de ajuda, mas acrescenta que nem ele nem Elizabeth seriam capazes de repetir-lhe as lições de matemática, palavra por palavra.

Para isto, precisariam envolver outras pessoas, mas não sabe como pedir-lhes para cooperar e perder tempo com esta tarefa.

Elizabeth confirma que não se sente capaz de ajudar Charles em matemática, mas acha necessário tomar algumas medidas para auxiliá-lo, mesmo que isso signifique envolver outras pessoas. Ela tem certeza de que, fazendo isto, Charles terá a oportunidade de entender a importância de ajudar os outros quando em caso de necessidade.

Em sua opinião, qual seria a atitude adequada? Você teria outras soluções para propor?

Metodologia de Ensino

O professor apresenta o caso para a classe. Ele organiza pequenos grupos de três ou quatro alunos, e pede que reflitam sobre todas as posições adotadas pelos três personagens da história e, em particular, pede que destaquem quaisquer possíveis aspectos positivos e negativos, que serão mostrados no quadro para cada solução proposta. Em seguida, pede a cada aluno para, levando em conta o que foi dito, opinar sobre qual seria o melhor

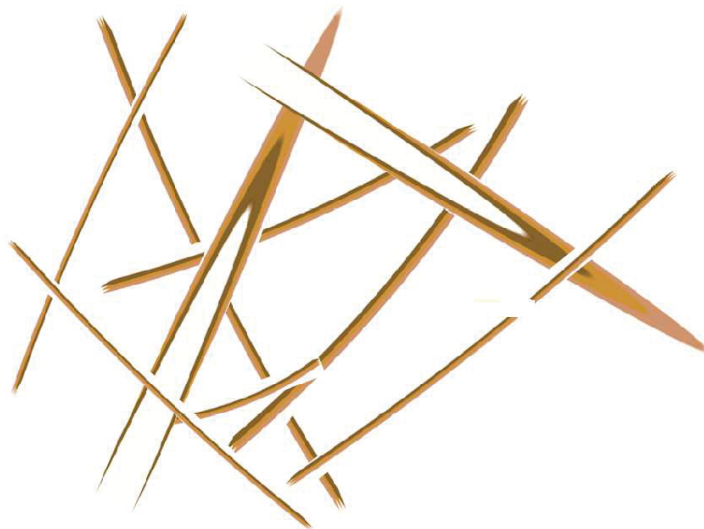
comportamento. Então, se definiria a opinião majoritária.

Nesta fase, o professor não dá sugestões concretas, mas simplesmente modera o debate e depois explica o significado de “Solidariedade” e “Cooperação” palavras que aparecem no Artigo 13 da Declaração Universal da Bioética e Direitos Humanos, que diz: “*A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para esse fim devem ser estimuladas.*”

Depois desse trabalho, ele convida a turma a refletir sobre as soluções apresentadas anteriormente, e modificá-las se necessário. Nessa fase, o professor lidera a discussão e salienta que a história apresentada trata de solidariedade e cooperação entre as pessoas, e que esse princípio deve ser seguido entre as diferentes comunidades e povos.

A fim de tornar o conceito mais claro, alguns exemplos concretos são mostrados.

Claudio Todesco
Todesco50@libero.it



UNIDADE 67

Faixa Etária III: 11 a 14 anos.

Princípio Ético nº 13: Solidariedade e Cooperação

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.

Título

“Ele tomou a decisão correta?”

Objetivos Didáticos

- Conhecer o artigo 13 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos.
- Conhecer o significado de solidariedade e cooperação
- Tomar consciência de que cada indivíduo deve ser solidário e saber cooperar com os outros.

O Caso

O professor de matemática passou um dever de classe para seus/suas estudantes. Giovanni, um aluno muito aplicado fez o dever em pouco tempo e sem erros. Ângelo seu colega da mesma carteira, que não presta atenção às lições, que se comporta mal durante as aulas e não estuda, pede a Giovanni que lhe passe a resposta já que ele não consegue fazer sozinho. Semelhantemente, Luigi, não consegue fazer seu dever porque tem dificuldades no

aprendizado, e também pede ajuda. Giovanni, apesar da insistência dos colegas, resolve não ajudá-los. No final da aula, fora da escola, Giovanni é criticado pelos seus companheiros e acusado de demonstrar falta de solidariedade e de cooperação. Ele é particularmente criticado por não ter ajudado a Luigi, cujas dificuldades são bem conhecidas. Giovanni defende seu direito de tomar decisões autônomas e afirma que seu comportamento não revela falta de solidariedade ou cooperação, porque Ângelo poderia ter feito o teste sozinho se ele tivesse estudado bastante. Ângelo poderia ter realizado o dever sozinho se ele tivesse estudado bastante. Quanto a Luigi, mesmo reconhecendo suas dificuldades, mas se o tivesse ajudado, repassando o dever(teste), não estaria resolvendo sua dificuldade de aprendizado. Giovanni acrescenta que só o professor pode ajudar Luigi elaborando tarefas mais fáceis para que ele as completasse de acordo com suas habilidades.

Você acha que o comportamento de Giovanni estava completamente correto e suas motivações são compartilháveis?

Você concorda com alguns aspectos da posição de Giovanni e não com outras?

Se sim, quais são e por quê?

Você acha que o comportamento de Giovanni não foi correto e que ele provou não ser solidário ou cooperativo para com Luigi? Explique sua escolha.

Metodologia de Ensino

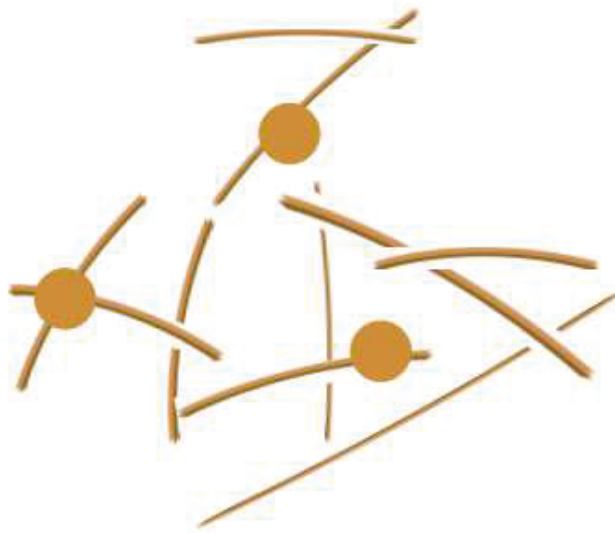
O professor apresenta o Caso para classe. Ele/ela escreve as três respostas no quadro e pede para cada estudante escolher a que considera melhor e explicar a sua escolha. Nesta fase o professor não dá sugestões concretas. Assim ele/ela constrói um “mapa” da opinião da classe relacionado às escolhas. Neste momento, o

professor poderá explicar o significado das palavras “Solidariedade e Cooperação”, encontradas no Artigo 13 da Declaração Universal da Bioética e Direitos Humanos: *Solidariedade e Cooperação*.

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional com esse objetivo devem ser incentivadas.

À luz de novos conhecimentos, ele / ela pede a cada criança para confirmar ou alterar sua opinião previamente expressa, obtendo-se assim um segundo mapa da opinião da turma sobre o caso estudado. Nesse momento, o professor compara os dois mapas destacando alguma diferença possível. Ele / ela explica como a solidariedade e a cooperação realmente não faltaram na história apresentada e dá alguns exemplos práticos da real solidariedade entre os indivíduos, sublinhando a relevância de que tal atitude deveria estar presente na vida de todos. Ele / ela conclui chamando a atenção dos alunos para o fato de que solidariedade e cooperação não devem existir apenas entre os indivíduos, mas também em diferentes comunidades e populações.

Claudio Todesco
todesco50@libero.it



UNIDADE 68

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 13: Solidariedade e Cooperação

A solidariedade entre os seres humanos e a cooperação internacional para este fim devem ser incentivadas.

Titulo

“A festa de fim de ano”

O Caso

Desde o início do ano, os alunos do ensino médio preparam sua festa de formatura. As meninas procuram seus vestidos de baile em lojas de luxo. Os meninos deverão usar smoking e gravata. Entre um exame e outro, à medida que a festa se aproximava, não falavam em outra coisa. Um comitê foi criado para contratar um DJ, um delicioso jantar e um salão apropriado, bem como os custos da entrada para a festa. Fotos de vestidos e de ternos eram passados de mão em mão. Os preparativos terminaram um dia antes da festa, a emoção era grande. Quando então chegaram notícias tristes. O pai de Eitan, que era um dos membros do comitê, morreu de repente no mesmo dia do evento tão esperado.

Toda a classe foi ao funeral. Quando a cerimônia acabou, os amigos de Eitan começaram a sussurrar sobre ir a festa. Muitos estudantes expressaram sua opinião: não era apropriado dar uma festa enquanto Eitan sofria com a morte do pai. Dois amigos de Eitan

foram logo dizendo que não iriam à festa e disseram que todos deveriam compartilhar do sofrimento de Eitan. Outros argumentaram que os contratos com DJ, salão de festa, buffet não poderiam ser cancelados, e adiar a festa seria impossível devido aos compromissos e pagamentos já realizados. A direção da escola não se manifestou sobre o assunto, pois foram os próprios alunos que preparam tudo. O próprio Eitan envolvido em sua dor, apesar do seu grande envolvimento no projeto, não opinou. O assunto foi levado ao Conselho de Alunos.

Metodologia de Ensino

O que você acha que o Conselho de Alunos irá decidir?

Que princípios éticos estão envolvidos neste caso?

Como Eitan se sente?

Como seus amigos se sentem?

A solidariedade é um valor absoluto? Em qualquer condição? Em qualquer situação?

Qual a linha que separa a solidariedade do dano pessoal?

O que você sugere que o Conselho de Alunos faça?

É aconselhável que haja uma votação?

Hanna Carmi
aminoncarmi@gmail.com

A Declaração Universal em Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

PRINCÍPIO ÉTICO nº 14 **Responsabilidade Social e Saúde**

1-A promoção da saúde e desenvolvimento social para as pessoas é um propósito central dos governos, compartilhado por todos os setores da sociedade.

2-Assumindo que a busca pelo mais alto padrão de saúde é um dos direitos fundamentais de cada ser humano sem distinção de raça, religião, credo político, condição econômica ou social o progresso da ciência e da tecnologia deve avançar:

a) Possibilitando o acesso a cuidados de saúde e medicamentos essenciais, especialmente na saúde de mulheres e crianças, pois saúde é fundamental para a vida em si, e deve ser considerada um bem social e humano.

b) Acesso à nutrição e água adequadas.

c) Melhoria das condições de vida e do ambiente.

d) Eliminação da marginalização e da exclusão de pessoas com base em quaisquer fundamentos.

e) Redução da pobreza e do analfabetismo.



UNIDADE 69.

Faixa Etária II: 6 a 10 anos

Princípio Ético nº 14: Responsabilidade Social e saúde

1. A promoção da saúde e desenvolvimento social para as pessoas é um propósito central dos governos, compartilhado por todos os setores da sociedade.
2. Assumindo que a busca pelo mais alto padrão de saúde é um dos direitos fundamentais de cada ser humano sem distinção de raça, religião, credo político, condição econômica ou social o progresso da ciência e da tecnologia deve avançar:
 - a) Possibilitando o acesso a cuidados de saúde e medicamentos essenciais, especialmente na saúde de mulheres e crianças, pois saúde é fundamental para a vida em si, e deve ser considerada um bem social e humano.
 - b) Acesso à nutrição e água adequadas.
 - c) Melhoria das condições de vida e do ambiente.
 - d) Eliminação da marginalização e da exclusão de pessoas com base em quaisquer fundamentos.
 - e) Redução da pobreza e do analfabetismo.

Título

“Apenas uma Diya para Diwali” *

Objetivos de aprendizagem

1. Sensibilizar as crianças para a pobreza que existe ao redor delas, pensando naquelas que vivem com muito menos do que elas precisam, ou seja : alimentação, vestimentas, saúde ou educação.
2. Desenvolver empatia pelas crianças que fugindo de sua pobreza colocam suas próprias vidas em risco.
3. Compreender que realidades dolorosas podem forçar as crianças à mendicância ou ao crime.
4. Encorajar as crianças a agradecerem pela vida que possuem e pelas casas onde moram e inspira-las a compartilhar com aqueles menos afortunados.
5. Iniciar discussões sobre a dignidade de cada pessoa, cada criança e sobre os direitos da criança.
6. Discutir o que as comunidades podem fazer pelas crianças desprovidas de direitos básicos e oportunidades (Desigualdade e injustiça)

O Caso

(Diwali ou Deepvali é um festival Hindu da luz que celebra a vitória da luz sobre as trevas e do bem sobre o mal. Uma diya é uma espécie de lâmpada a óleo com pavio (lâmparina).

Raju estava chateado. Desde que seu pai saiu e nunca mais voltou as coisas pioravam progressivamente. Ainda assim, não importa o quão difícil a vida estava, Diwali sempre dava um jeito de interromper o ciclo do desespero - mas não neste ano ...

"Não há mais dinheiro!" a mãe de Raju falou, e não há mais doces, bombinhas, roupas novas, e nem mesmo comida especial – apenas, uma única lâmparina para iluminar a porta de entrada de sua

cabana.

Raju foi na casa de seu amigo. A casa de Bholu estava iluminada como usualmente – talvez mais intensamente neste ano.

"Como sua casa está bonita"! Exclamou Raju.

"Oh! Isto não é nada". Você deve ver as luzes da cidade! Há possivelmente um milhão de lâmpadas lá ".

"Pode de verdade existir um lugar assim?" Raju perguntou emocionado.

Duas semanas depois, Raju encontrou coragem para elaborar um plano que o mantinha acordado todas as noites. Ele levantou o tapete do piso e colocou uma moeda de 5 rupias no seu bolso e caminhou para a pequena estação de trens a poucos quilômetros de distância. Raju espremeu-se no compartimento estreito do trem e à medida que o trem partia ele ficava mais emocionado a respeito de sua jornada para seu destino – agora ele pode deixar para trás toda sua dor e fome! À medida que escurecia, Raju pode ver as luzes da cidade à distância e na medida em que o trem se aproximava ele tentou contar as luzes!

"Realmente, existe um milhão"! Ele pensou consigo mesmo.

Quatro meses depois, na cidade, Raju tinha se tornado parte de uma gangue de rua. Eles viviam juntos e trabalhavam na rua.

"A gangue é a nossa família"! Eles disseram - mas Raju nunca se sentiu em casa.

"A gangue provê calor humano!" -mas Raju era repreendido e espancado .

"A gangue toma conta de você!" - mas Raju estava com frequência faminto, com frio e cansado.

"A gangue ensinará a você como enfrentar o mundo" - mas Raju se sentia mal em roubar e mendigar.

Logo, a cidade perdeu seu encanto, e quando o verão chegou, perdeu suas luzes!

Um dia Raju decidiu fugir e retornar para sua casa. Ficou um bocado fácil em virtude de ser véspera da festa do Diwali. Todos da gangue estavam animados -havia multidões nas ruas – mais bolsos para furtar – mais dinheiro para arrecadar! O céu estava tomado de um brilho de fogos. Raju estava decidido.

No trem de volta para casa, Raju veio encolhido em um canto, longe da porta. A sua vida na cidade o tornou medroso. Seu coração estava cheio de saudades pelo tempo que ficou longe de casa e ele decidiu ajudar a sua mãe e construir um futuro melhor juntos. À medida em que ele retornava do caminho que escolhera ele pode vislumbrar sua cabana à distância - uma simples lamparina com seu pavio que queimava de forma resoluta e ao lado iluminava a sua mãe na escuridão. Quando ela o viu, correu para ele chorando. Na medida em que se abraçavam lágrimas escorriam livremente, ele olhou acima dos ombros dela – a singela lamparina estava queimando orgulhosamente – era uma luz de esperança para o futuro – e era o bastante!

Metodologia de Ensino

O professor deve enfatizar as partes comoventes da história, pode ler a história em voz alta. Alternativamente, as crianças mais velhas do grupo podem ser solicitadas a ler a história.

Discussão:

Peça à turma para pensar e compartilhar pensamentos sobre Raju e suas ações.

Por que ele fugiu? Quem é o responsável pela infelicidade de Raju? O que você pensa sobre as condições de vida que ele levava? Por que Raju era infeliz na cidade? Você vê ou conhece alguma criança como

Raju? Você falou com ela? O que podemos fazer por crianças como Raju?

Atividade:

Mostre para as crianças uma Diya ou uma lamparina a óleo. É uma fina peça de cerâmica na qual existe um pavio e óleo. Quando aceso o pavio cria uma pequena chama.

Mostre figuras da celebração da festa de Diwali e a decoração com lâmpadas nas casas por ocasião da festividade.

Peça para as crianças desenharem as casas decoradas com luzes ou lâmpadas.

Leve as crianças a um orfanato para que compartilhem uma refeição com as crianças de lá.

Peça as crianças para escrever uma carta para Raju.

Mario Vaz
mariovaz@sjri.res.in

A Declaração Universal em Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio ético nº 16: Protegendo as futuras gerações.

O impacto das ciências da vida nas futuras gerações, incluindo sua constituição genética, deve receber a devida consideração.



UNIDADE 70

Faixa Etária III: 11-14 anos.

Princípio ético nº 16: Protegendo as futuras gerações

O impacto das ciências da vida nas futuras gerações, incluindo sua constituição genética, deve receber a devida consideração.

Título

“Uma descoberta científica pode solucionar um grande problema que afeta a humanidade?”

Objetivos de Aprendizagem:

- Conhecer o conteúdo previsto no artigo 16 da Declaração Universal sobre bioética e direitos humanos
- Conscientizar-se de que:
 - a) O progresso do conhecimento científico afeta diretamente a vida das pessoas e, conseqüentemente, influencia também, as futuras gerações.
 - b) É crucial prestar a devida atenção para as possíveis influências negativas que tal progresso científico pode trazer para a humanidade.

O Caso

O ano é o de 2080, um mundo completamente automatizado requer

uma quantidade enorme de energia para funcionar; mas, por outro lado, as fontes de energia não renováveis (carvão, petróleo, gás) estão se esgotando, e as renováveis são insuficientes para as necessidades do planeta. A energia nuclear, foi banida em todos os países, devido às catástrofes que causou. A preocupação dos governos em todo o mundo é altíssima. A falta de energia pode fazer com que a humanidade retorne à Idade da Pedra. Uma grande descoberta científica pode ser capaz de solucionar o problema: ela é um processo que envolve a transformação acelerada da madeira em carvão, de modo que se obtenha combustível com grande poder calorífico. Infelizmente, a produção de tal combustível necessita de grande quantidade de madeira e, em poucas décadas, o planeta poderá ficar sem vegetação, mesmo com o replantio sistemático de árvores para substituir as que foram derrubadas, e isso pode ser um grave problema para futuras gerações. Este assunto, inevitavelmente abre um importante debate, não só nos diferentes governos, mas também na opinião pública mundial. Uma pergunta se impõe: "É justo resolver um problema atual em detrimento das futuras gerações?".

As diferentes opiniões ouvidas são, por óbvio, conflitantes e diversas:

- Há quem sustente que o certo é resolver a questão, pois essas pessoas acreditam que é importante solucionar os problemas de sobrevivência dos seres humanos. Cada civilização pertencente a um diferente período histórico deve solucionar seus próprios problemas.
- Alguns concordam que é legítimo e justificam sua escolha por causa das soluções que o progresso da ciência pode trazer no futuro, mesmo para uma situação negativa causada por uma solução utilizada no presente.
- Outras pessoas pensam que não é justo solucionar os problemas atuais em detrimento de quem virá depois.

- Alguns têm uma posição ainda mais radical sobre a questão, afirmando que as pesquisas científicas que podem trazer descobertas danosas não devem ser realizadas, e seus resultados merecem censura.

Qual é o seu ponto de vista?

Você concorda com alguma das opiniões mencionadas antes ou você pode oferecer outro ponto de vista?

Metodologia de ensino

O professor apresenta o caso para a turma. De maneira a facilitar o debate, ele cria dois grupos, e os convida a refletirem sobre a escolha da solução mais ética possível.

Nesta fase o professor não dá conselho concreto e simplesmente modera a discussão.

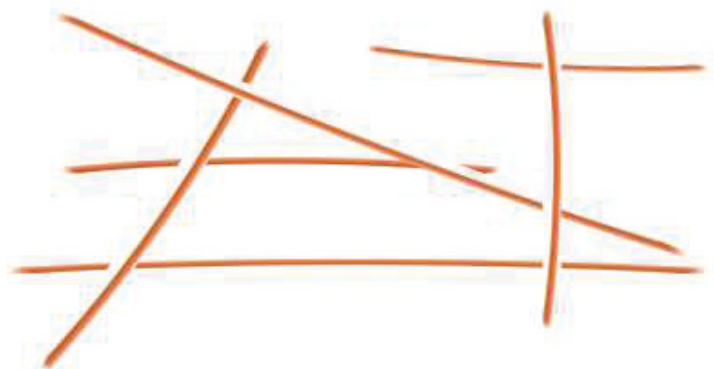
Depois de escolherem a solução, considerada como a melhor, dadas as circunstâncias, e provavelmente por maioria, cada grupo a apresenta ao outro. Ao final da apresentação, se as opiniões forem divergentes cada aluno expressa sua opinião sobre a escolha efetuada pelo outro grupo.

Neste ponto, o professor apresenta o Artigo 16 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos onde se lê:

“É crucial prestar a devida atenção ao impacto das ciências da vida sobre as futuras gerações, incluindo sua tessitura genética” e comenta o artigo.

À luz desses novos fatos, o professor convida a turma para reconsiderar as soluções escolhidas previamente, e a mudar, caso considerem necessário. Nesta etapa o professor conduz a discussão.

Claudio Todesco
Todesco502@libero.it



UNIDADE 71

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos.

Princípio Ético nº 16: Protegendo as Futuras Gerações

O impacto das ciências da vida nas futuras gerações, incluindo sua constituição genética, deve receber a devida consideração.

Título

“A conservação ambiental significa proteção de futuras gerações”

Objetivos de aprendizagem

- Induzir nos estudantes a reflexão sobre suas vidas e o meio ambiente, para que reconheçam a injustiça, que evitem o perigo, que assumam responsabilidade, e busquem a cooperação e demonstrem moralidade, que é o que nos capacita a desenvolver princípios éticos.
- Sensibilizar acerca do importante papel desempenhado pela comunidade internacional em estabelecer os princípios universais provendo um fundamento para a resposta da humanidade ao crescente surgimento de dilemas e controvérsias colocadas pela ciência e tecnologia para a espécie humana e o ambiente.
- Cientificar-se do fato de que os seres humanos são uma parte integrante da biosfera tendo um importante papel na proteção de cada um assim como de outras formas de vida, e na preservação do planeta para as futuras gerações.

O Caso

A história da Ilha da Páscoa.

"Ao final do primeiro milênio, quando os humanos puseram seus pés nela, a Ilha da Páscoa era uma terra próspera coberta de florestas, com ricas fontes de alimentação na terra, no mar e no ar, e abrigava milhares de pessoas, divididas em doze clãs e que viviam juntas e em paz. Quando os primeiros navegadores europeus aportaram nela encontraram uma terra devastada como hoje, completamente sem florestas com o solo desgastado e arenoso e onde apenas poucas centenas de pessoas tinham sobrevivido com dificuldades. O enigma da Ilha da Páscoa, de acordo com os acadêmicos, que tentaram solucioná-lo é uma parábola enorme e ominosa acerca de como as sociedades, por elas mesmas, conseguem destruir seu próprio futuro por ilusões de grandeza e imprevidência. O colapso foi dito ter ocorrido por causa do desmatamento, isto é, a dissipação da principal fonte de recursos naturais no qual a vida da Ilha estava embasada. <http://www.libertaegiustizia.it/2011/12/02/nel-nome-dei-figli-se-il-diritto-ha-il-dovere-di-pensare-al-futuro/> Gustavo Zagrebelsky.

Metodologia de Ensino

O Dilema

A história da Ilha de Páscoa é um alerta. Ela não fala unicamente dos Polinésios que viviam há um milênio atrás. Ela fala de nós: exploração imprevidente de recursos com efeitos desastrosos para as gerações futuras.

Como podemos condensar a parábola da Ilha da Pascoa em uma frase?

Para a satisfação dos apetites de hoje não se dá nenhuma atenção para as necessidades de amanhã. Pode cada geração agir como se ela

fosse a última? Manusear os recursos naturais ao seu bel-prazer com se fossem eles os únicos proprietários? Os recursos podem ser usados e abusados à vontade? Devemos lidar com o mau uso intergeracional vigente hoje? Os homens de hoje e de amanhã estão dotados dos mesmos direitos a igual respeito por causa de sua dignidade que é igual à nossa? A história da Ilha de Páscoa nos força a questionarmos a nós mesmos e nossos deveres.

O trabalho será realizado utilizando metodologia ativa e experimental, promovendo meios de interação entre os participantes.

O método de ensino não será teórico nem abstrato e dará preferência e se constituirá em um "laboratório de experiências" e "estratégias educacionais" através:

- Do enfrentamento de problemas relativos às situações reais.
- Do trabalho em grupo de modo cooperativo.
- Da coleta de dados e formulação de hipóteses;
- Do compartilhamento de experiências educacionais.

A WEB será usada como: 1) fonte para coleta de material de aprendizagem; 2) editor para juntar e imprimir material em papel; 3) um meio de comunicação instantânea entre os estudantes e entre os estudantes e o professor (blogs, correio eletrônico, Skype, etc.).

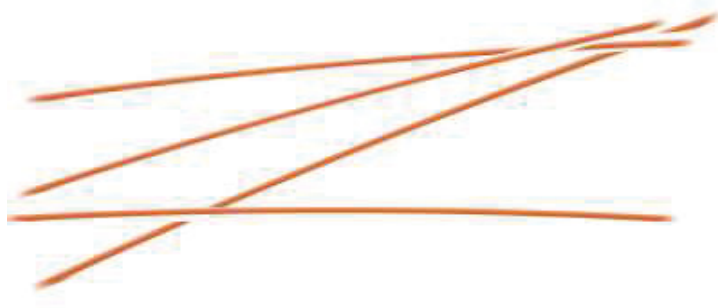
Leituras

Essay on the collapse of the Easter Island Civilization – Clio 92
www.clio92.it/public/.../DIAMOND_PASQUA_COLASSO.pdf

www.libertaegiustizia.it/.../nel-nome-dei-figli-se-il-diritto-ha-il-dovere-di-pensare-al-futuro/G.Zagrebel'sky

www.youtube.com/watch?v=oktdSO-j3Vc the history of things

Ida Appignani
Appignani@gmail.com



UNIDADE 72

Faixa Etária IV: 15 a 19 anos

Princípio Ético nº 16: Protegendo futuras gerações

O impacto das ciências da vida nas futuras gerações, incluindo sua constituição genética, deve receber a devida consideração.

Título

“O Impacto das ciências da vida sobre as futuras gerações, incluindo sua tessitura genética, deve receber a devida consideração”

Objetivos de Aprendizagem:

- Refletir sobre o impacto das ciências da vida nas futuras gerações, em particular nas crianças nascidas por meio da reprodução assistida;
- Introduzir uma curta explicação sobre o que é a reprodução assistida e suas principais técnicas e seus possíveis "efeitos colaterais";
- Tentar entender os direitos e as necessidades não apenas dos menores, mas também dos pais biológicos.

O Caso

Parece um roteiro de novela ou um filme, mas infelizmente não o é. Um casal vai a um centro de reprodução assistida para ter uma

criança. Até aí nenhuma novidade. O homem e a mulher depositam suas células germinais (esperma e óvulo, respectivamente) de modo que sejam fertilizadas "in vitro". Em poucas semanas o casal foi chamado para fazer a implantação do ovo fertilizado. Após algumas checagens, grande foi a alegria ao saber que o implante havia sido bem sucedido e que não seria apenas um, mas dois bebês! Depois de dois meses um teste genético revelou que os gêmeos não estavam se desenvolvendo no útero da mãe que havia feito a doação. Os embriões pertenciam a outro casal e foram trocados e implantados em outra mulher. O erro deveu-se ao mesmo sobrenome dos dois casais, que por coincidência eram semelhantes. Começou uma batalha jurídica: os pais biológicos queriam a custódia dos gêmeos, enquanto que os pais de nascimento diziam que nunca desistirão de ficar com o bebê.

Metodologia de Ensino

Depois de uma breve descrição das técnicas de reprodução assistida, a discussão deve ter foco no caso, tentando esclarecer e entender os direitos e as necessidades dos recém-nascidos, dos pais biológicos e dos pais de nascimento.

A análise do caso comporta as seguintes perguntas:

- Quais são, na sua opinião, os direitos e as necessidades dos recém-nascidos?
- Qual tipo de impacto e consequências futuras terão os gêmeos com essa situação?
- Quais são, na sua opinião, os direitos e as necessidades dos pais biológicos?
- Quais são, na sua opinião, os direitos e as necessidades dos pais de nascimento?
- Como é possível evitar tal "efeito colateral" da reprodução

assistida?

Ferramentas

<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/10765245/pregnant-italian-woman-to-keep-twins-after-IVF-mix-up.html> (visited 08/15/2018).

<https://www.thelocal.it/20140414/italian-ivf-patient-with-wrong-baby> (visited 08/15/2018).

Alessandra Pentone
alesspent@hotmail.com



A Declaração Universal em Bioética e Direitos Humanos (UNESCO, 2005)

Princípio ético número 17 **Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da** **Biodiversidade.**

A devida atenção deve ser dada para a interconexão existente entre seres humanos e outras formas de vida, para a importância do acesso e da utilização dos recursos genéticos e biológicos de forma apropriada respeitando o saber tradicional e para o papel dos seres humanos na proteção do ambiente, da biosfera e da biodiversidade.



UNIDADE 73

Faixa Etária I: 3 - 5 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

A devida atenção deve ser dada para a interconexão existente entre seres humanos e outras formas de vida, para a importância do acesso e da utilização dos recursos genéticos e biológicos de forma apropriada respeitando o saber tradicional e para o papel dos seres humanos na proteção do ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

Título

“Vamos compartilhar comida”

Objetivos de aprendizagem

As crianças devem ser capazes de entender que o meio ambiente inclui todo tipo de animais, que os animais tem direitos, e que esses direitos devem ser respeitados.

O Caso

Próximo de nossa casa, há uma grande árvore de Carvalho. Eu gosto de sentar sob seus galhos. Algumas vezes, eu sento lá para sonhar, ler ou olhar os pássaros, esquilos e formigas sob os meus pés. Acima de tudo, eu gosto de observar as pequenas formigas pretas trabalhando arduamente, desde a manhã até a noite. Elas fizeram

suas casas numa rachadura embaixo de uma grande pedra. As formigas que entravam pela rachadura da pedra carregavam grãos em sua boca. Eu acho que eram grãos de arroz. Aquelas que saíam não carregavam nada. elas já tinham colocado os grãos no buraco e agora tinham pressa para trazer mais arroz de volta. "De onde será que elas trazem tão precioso alimento"? Perguntei para mim mesmo. Eu decidi seguir a longa fila de formigas pretas. Juntei-me a elas, e passo a passo, com cuidado, para não as pisotear. Elas escalaram as pedras, arbustos e árvores, eu as segui olhando para o chão. Eu nem imaginei que tinha chegado bem na minha casa. As formigas estavam no piso correndo para a nossa despensa atravessando um buraco.

"Aonde você estava?" Inesperadamente eu ouvi a minha mãe.

"Shh...shh...shh". Eu sussurrei: "não as atrapalhe, apenas veja as minhas amigas "

"Que amigas?". Minha mãe perguntou. De repente, ela viu as formigas nas prateleiras da despensa. Ela correu pela cozinha carregando uma lata de inseticida.

"Não mamãe! Não jogue inseticida nelas! Elas são minhas formigas. Elas estão pegando comida para suas formiguinhas", eu gritei. "Eu não gosto de formigas na nossa casa", minha mãe disse. "Eu comprei o arroz ontem para nós". "Não, não, não jogue inseticida nelas", eu implorei. "Quem é mais importante"? perguntou a minha mãe, "nós ou as formigas?". "Eu não soube o que responder". Eu tinha que pensar sobre isso e tinha que achar uma solução. Minha mãe pegou o saco de arroz rasgado e colocou próximo da cerca do jardim." Isto é para as suas formigas", ela disse. Eu coletei as formigas da despensa e as trouxe para o saco de arroz." Peguem comida para suas formiguinhas "eu disse a elas," mas não entrem em nossa casa de novo". Minha mãe limpou as prateleiras e me mandou comprar outro pacote de arroz. Eu comprei o pacote de

arroz fui em casa e perguntei para minha mãe se podia compartilhar com as minhas formigas.

Metodologia de ensino

O professor deve desenvolver uma discussão apresentando perguntas como as seguintes:

Na sua casa tem formigas?

Como você lida com elas?

Você viu de onde elas vêm?

Que tipo de alimento as formigas comem?

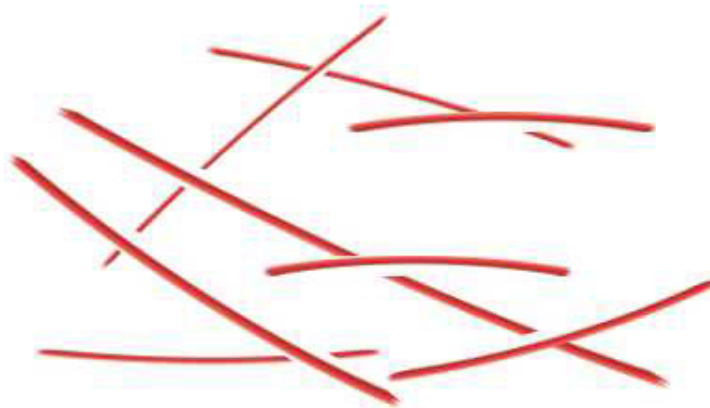
Onde as formigas ficam durante o inverno? – O que nós podemos aprender com as formigas?

Nós devemos jogar veneno nas formigas? Por quê?

Guia: Vá para fora de sua casa, procure formigas, siga um grupo delas por um tempo e nos diga: o que você viu?

O que você descobriu?

Hanna Carmi
amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 74

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

Título

“Tartaruga numa caixa”

Objetivos de Aprendizagem

As crianças devem ser capazes de entender que o meio ambiente é constituído por todo tipo de animais, que os animais possuem direitos e que estes direitos devem ser respeitados.

O Caso

“Sally! Está na hora de fazer jardinagem. Pegue sua pequena máquina de cortar grama e comece a trabalhar!”. Minha mãe me falou enquanto eu brincava com meu cachorro Bonny.

Eu peguei minha pequena máquina e fui para o jardim. Meu cachorro Bonny seguiu-me pulando e latindo para alguma coisa na grama. Eu me aproximei e vi alguma coisa redonda e cinza rastejando na grama verde. Eu me aproximei ainda mais e surpresa! Era uma pequena tartaruga carregando a si mesmo muito lentamente. Eu corri de volta para casa chamando meu irmão, irmã e meus pais: "Tartaruga! Tartaruga em nosso jardim!"- eu gritei! As crianças dos nossos vizinhos ouviram meu grito e vieram

rapidamente para o nosso jardim para ver a tartaruga. A tartaruga parou de se mexer e escondeu-se no seu casco. "Saia! Saia!" nós pedíamos. Mas a tartaruga não mostrou nenhum sinal de vida. "Ele está amedrontado" disse o meu pai. "Apenas parem de fazer barulho!". Lizy, minha irmã, sugeriu que nós colocássemos a pequena tartaruga em uma grande caixa, para que a alimentássemos e brincássemos com ela. Ela trouxe uma grande caixa, que encontrou atrás da casa, e gentilmente colocou a tartaruga dentro dela. Nossos vizinhos foram em suas casas e trouxeram cenouras, folhas verdes e pedaços de pão e um pouco de água em uns pratinhos. Lizy colocou todo o alimento ao redor da pequena tartaruga. Nós todos sentamos ao redor da caixa, esperando por algum movimento.

Nós esperamos por muito tempo, mas a tartaruga não se mexia e nem mostrava qualquer sinal de vida. Nós ficamos desapontados. Meu pai estava assistindo tudo com a gente. "Eu penso", ele disse, "que a tartaruga quer retornar para a sua família. A tartaruga provavelmente perdeu seu caminho, ela não gostaria de passar o resto de sua vida numa caixa, gostaria?". "Nós devemos levá-la de volta para o lugar de onde ela veio?" eu perguntei. Algumas crianças discordaram de mim, mas minha irmã Lizy não se importou. Ela pegou a tartaruga cuidadosamente, e saiu do jardim. Todas as crianças foram atrás dela, algumas com raiva, outras ficaram felizes. "Fiquem quietos!", ela ordenou, enquanto colocava a tartaruga nos arbustos. Todos estavam calados, esperando por algum movimento. De repente, nós vimos uma cabeça e quatro pernas saindo do casco. A tartaruga começou a mover-se e desapareceu. Nós ficamos certos de que ela estava muito feliz.

Metodologia de Ensino

O professor deve desenvolver uma discussão apresentando questões

como as seguintes:

Você alguma vez achou uma tartaruga?

O que você fez?

O que uma tartaruga come?

É certo colocar uma tartaruga numa caixa?

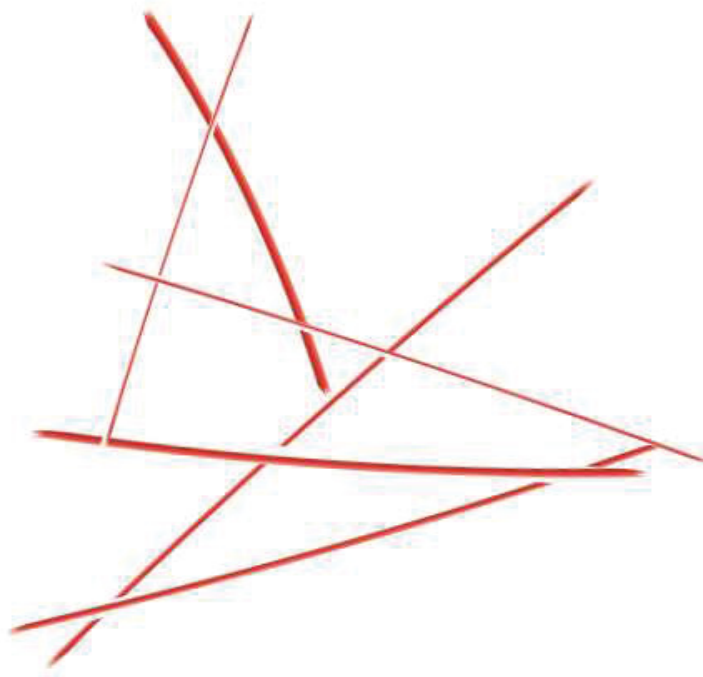
Qual é a diferença entre adotar um cachorro e adotar uma tartaruga?

Por que a tartaruga ficou triste na caixa?

Por que a tartaruga gostou de voltar para os arbustos?

Hanna Carmi

Amnoncarmi1@gmail.com



UNIDADE 75

Faixa Etária I: 3-5 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

A devida atenção deve ser dada para a interconexão existente entre seres humanos e outras formas de vida, para a importância do acesso e da utilização dos recursos genéticos e biológicos de forma apropriada respeitando o saber tradicional e para o papel dos seres humanos na proteção do ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

Título

“O aniversário da amendoeira”

O Caso

No último outono, as folhas da amendoeira caíram e juntaram-se em volta do tronco da árvore e então, o inverno chegou. A chuva lavou a poeira dos galhos. A verde árvore ficou marrom-acinzentada. A luz da rua, usualmente escondida pelas folhas, de repente brilhou através dos galhos.

Em todo inverno, a amendoeira se desnuda, sem folhas, sem flores. Muitas amêndoas ficam espalhadas para todo o lado. Os corvos que construíam seus ninhos nos galhos já haviam ido embora. Os filhotes cresceram, aprenderam a voar e voaram. Em todo o inverno nós brincávamos no jardim.

No inverno passado, a chuva parou, folhas secas cobriam a grama,

galhos quebrados se espalhavam em volta das árvores. Nós levantamos nossas cabeças e o que vimos?

Pequenos brotos róseos surgindo nos galhos.

Uma semana e um dia depois, quando nós fomos ao parque para brincar, uma surpresa nos aguardava. Todos os galhos da amendoeira estavam decorados com flores róseo-esbranquiçadas. Um cheiro adocicado se espalhava no ambiente e abelhas zumbiam e sugavam o néctar doce das flores. Uma verdadeira celebração!

"O aniversário da amendoeira!" disse Netta, a professora. "Amanhã nós iremos comemorá-lo. Comemoraremos a primavera, e viremos ao jardim vestindo blusas brancas com coroas de flores em nossas cabeças".

Todas as tardes as crianças estiveram ocupadas fazendo as coroas para a comemoração. A mãe do Chen colheu um pequeno ramo de flores da amendoeira para fazer a sua coroa. O irmão de Yaron também pegou um pequeno ramo da árvore. "Apenas pequenos", ele disse, "para Yaron". A mãe de Erel trouxe uma coroa de flores de plástico, mas Erel já havia preparado algumas flores da amendoeira amarradas numa corda para sua coroa. Mais e mais crianças não queriam estragar a beleza da árvore e cada uma pegou apenas poucas flores ou ramos amolecidos.

Pela manhã, as crianças reuniram-se no jardim com suas roupas brancas e coroas nas cabeças e andaram juntas até a amendoeira.

Quando eles chegaram na árvore e olharam para cima, ficaram pasmos. A amendoeira tinha mudado a sua aparência. Havia muitas flores espalhadas no solo. Seus ramos estavam quebrados. Somente poucas flores tinham permanecido. "O que aconteceu?" as crianças perguntaram. "Olhem para suas cabeças e vocês compreenderão," disse Netta, a professora. As crianças olharam para a cabeça de cada uma; todas as coroas estavam decoradas com flores da amendoeira.

Mesmo sabendo que cada uma pegou apenas um pequeno ramo.

"Eu estou envergonhado," disse Chen. "Eu estou envergonhado, também" sussurrou Yaren, abaixando a coroa da sua cabeça. Uma a uma, as crianças tiraram as coroas de suas cabeças.

"Não haverá aniversário", disse Netta tristemente.

"Sinto muito, amendoeira", disse Erel. "Desculpe-me", disse outra criança.

Nós não tivemos uma comemoração de aniversário da amendoeira. Nós prometemos para ela que no próximo ano nós comemoraremos seu aniversário com muito mais amor.

Metodologia de Ensino

O que as crianças pensavam enquanto faziam as coroas?

Como a amendoeira se sentiu?

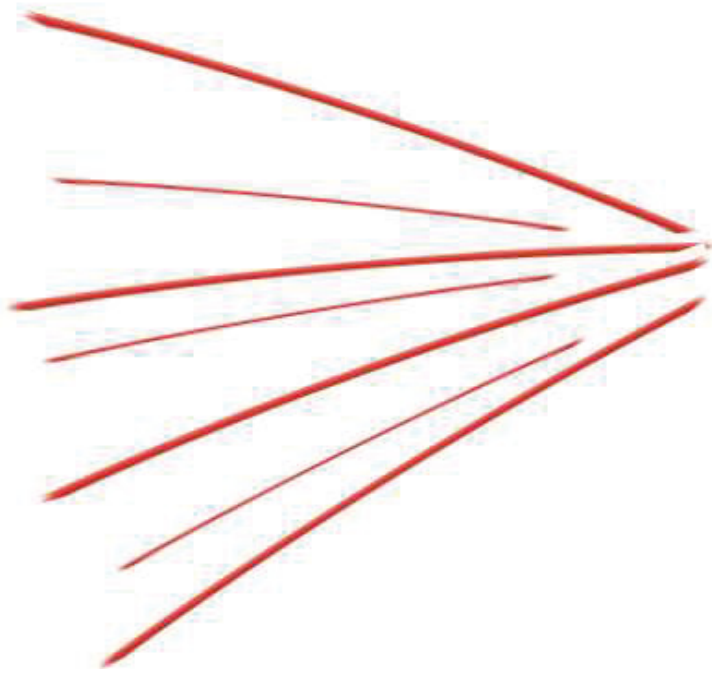
Existem flores que podem ser colhidas e flores que não devem ser colhidas?

Por quê?

Há uma diferença entre flores da amendoeira e flores do campo ou de uma loja de flores?

Princípios e tópicos para a discussão: conservação da natureza, plantas protegidas / flores.

Hanna Carmi
Amnoncarmi@gmail.com



UNIDADE 76

Faixa Etária II: 6-10 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

Devida atenção deve ser dada para a interconexão entre seres humanos e outras formas de vida, para a importância da adequada utilização dos recursos genéticos e biológicos, para o respeito ao conhecimento tradicional e para o papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

Título

“Quem preservará as salamandras?”

O Caso

Perto de nossa escola há uma bela floresta de carvalhos. No coração da floresta há uma caverna. Na caverna há uma pequena piscina natural. Meus amigos e eu passamos muitas horas na caverna. Amantes da natureza exploraram a caverna e encontraram salamandras na pequena piscina. Salamandras podem viver tanto na água como no solo. Elas são como lagartos, mas elas não pertencem à família de lagartos. Elas são de cor escura e têm uma cabeça redonda, uma cauda e dedos longos. O seu dorso possui pontos de coloração amarelo-alaranjado. Por causa dessas cores, algumas pessoas a chamam de "salamandras de fogo".

Durante as férias, a área é cheia de caminhantes que aparecem para

ver esses raros animais. Meus amigos e eu cuidamos para que eles não poluam a piscina, e machuquem nossas salamandras.

Uma manhã, eu escutei barulhos que vinham da direção da caverna. Eu corri apressado para o local e para nosso horror vimos duas escavadeiras limpando o terreno. "O que vocês estão fazendo?" nós perguntamos. "Nós estamos construindo uma quadra de esportes para o colégio e mais cinco salas de aula", responderam os trabalhadores. "Parem! Parem!" nós gritamos, "Não vão até a caverna!" . O som das escavadeiras estava alto e os trabalhadores não puderam ouvir nossos gritos. Nós corremos para a caverna agitando nossas mãos, de forma frenética, assustados até que as escavadeiras parassem. Os trabalhadores chamaram o diretor da escola, que veio e declarou com muita alegria, que a escola finalmente se expandiria, e que seria construído um ginásio esportivo lá." E sobre as salamandras, sobre a fonte e a caverna?" nós perguntamos com ansiedade. "Não há nada que possa ser feito," disse o diretor. "A escola tem que aumentar e não há outro local." Então, o diretor ordenou que os trabalhadores continuassem a sua tarefa. Nós estávamos determinados a impedi-los de entrar na caverna. Nós ficamos lá, bem na entrada, e não arredamos o pé. Ficamos lá por muitas horas, e não voltamos para casa. Depois de um longo tempo, nossos pais, preocupados começaram a nos procurar, e nos encontraram, bem no coração do bosque. Nós contamos para eles sobre a destruição da caverna e sobre o que podia acontecer com as salamandras. "Provavelmente, não há nada a fazer", eles disseram, justificando o gestor da escola. "Nós esperamos muito tempo por novas salas de aula", eles acrescentaram. Agora nós ficamos realmente desesperados. O que vai ser das salamandras? O pai de Ron disse repentinamente: "mas, nós temos uma solução! "

Qual solução você imagina que teve o pai de Ron?

Metodologia de Ensino

- Que significado a caverna tem para as crianças?
- Por que era tão importante cuidar das salamandras?
- Era uma espécie de "guerra". Quem lutava contra quem?
- Qual o argumento de cada um dos "lutadores"?
- Você pode contar alguma coisa sobre "guerras" semelhantes?

(Construção de novas estradas que causam danos aos animais e vegetação, construção próximo de praias, poluição do ar em fontes de energia, poluição do solo em gasodutos).

O final da história:

"Na montanha oposta ao nosso lugar", disse o pai de Ron, "existe uma pequena caverna com uma fonte e uma piscina natural, ela é distante e ninguém sabe da existência dela. Fica quase no alto da montanha. Vamos levar as salamandras para lá!". A solução pareceu boa para nós, mas nós ficamos tristes. Nós sabíamos que os belos dias da caverna haviam acabado. Nossa floresta natural estava sendo destruída.

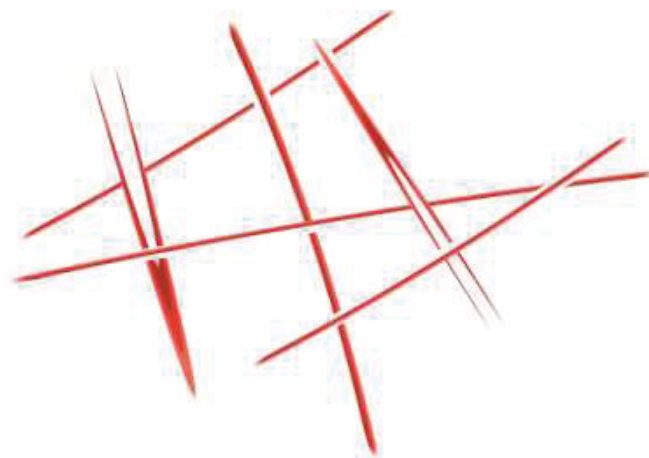
No dia seguinte, nós trouxemos redes e tanques de água de todos os tamanhos. Era quase impossível caçar salamandras, pois elas tinham perigosas glândulas venenosas. Nós as pegamos uma a uma em pequenas redes e as colocamos em tanques com água. Quando tivemos a certeza de ter capturado todas, nós, um grupo de crianças, e alguns pais escalamos o alto da montanha. Finalmente, chegamos na caverna e na fonte: nós derramamos a água com as salamandras na pequena piscina natural, e como se elas nem ligassem, mergulharam. Nós nos agachamos na água: "Adeus, salamandras" nós gritamos felizes, e um pouco tristes. "Nós teremos uma escola renovada e vocês terão um novo lar para viver. "Nós recolhemos as vasilhas e voltamos para o bosque. A área estava aplainada; não

havia nem sinal da caverna. Logo teríamos um novo ginásio esportivo e cinco novas salas de aula, porém nunca mais visitaríamos a antiga caverna, que era para nós, tão amada.

Metodologia de Ensino

É necessário desenvolver um diálogo sobre os tópicos: progresso contra a destruição da natureza, e a importância de preservar a natureza.

*Hanna Carmi (AccordingtoTzilaShenhar)
Amnoncarmi1@gmail.com*



UNIDADE 77

Faixa Etária II: 6- 10 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

Devida atenção deve ser dada para a interconexão entre seres humanos e outras formas de vida, para a importância da adequada utilização dos recursos genéticos e biológicos, para o respeito ao conhecimento tradicional e para o papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade

Título

“O catador de lixo”

Objetivos de Aprendizagem

1. Sensibilizar as crianças a respeito da pobreza que existe ao redor delas, pensando nas crianças que vivem com muito menos do que elas necessitam, no que se refere a comida, roupas, saúde ou educação;
2. Desenvolver empatia pelas crianças que procuram alimentos em lixeiras e pilhas de lixo;
3. Entender que crianças são utilizadas para coletar material reciclável em aterros. Tais materiais podem ser transformados em dinheiro, mas colocam a segurança e a saúde da criança em risco;

4. Encorajar as crianças a agradecerem por terem suas casas, conforto e saúde, e inspirá-las a compartilhar com as crianças menos afortunadas;
5. Iniciar discussões sobre a dignidade de cada pessoa, cada criança e acerca dos direitos das crianças;
6. Pensar sobre o que as comunidades podem fazer pelas crianças que são privados dos direitos básicos e oportunidades. (Desigualdades e Injustiça);
7. Começar uma discussão sobre armazenamento e descarte do lixo, separação de restos e reciclagem.

O Caso

Eu vasculho todo o seu lixo
E nunca tenho certeza do que vou encontrar
E quando estou cansado e fatigado
Eu acho alguma coisa escondida.
Pode ser uma garrafa brilhante e colorida
Ou um brinquedo, que de tão usado teve seus dias dourados,
Mas para mim, são tesouros enormes
Que eu feliz tenho feito pelo meu caminho.
Há uma arte em vasculhar lixeiras
Mas é claro que você precisa ter um olho treinado
Porque há coisas que valem a pena pegar
E outras que você deve deixar para lá
Eu sento nessa grande pilha de lixo

E as pessoas tampam o nariz com aversão
Eu adoraria se eles pensassem
Que foram eles que criaram todo este lixo!

Metodologia de Ensino

O professor pode ler o poema. Alternativamente, as crianças desse grupo etário podem ser solicitadas para ler o poema.

Discussão

Peça as crianças para comentar sobre o poema. Elas têm visto crianças vasculhando lixeiras ou pilhas de lixo?

Essa atividade deve ser permitida? Ela é perigosa? Por quê?

Por quais razões a criança do poema não está na escola?

Como é que se cria lixo? Como é que o descartamos? Em que lugar ele é vendido?

Por que deixar o lixo sem descarte, não é saudável e é perigoso?

Como nós podemos ajudar a reduzir o lixo na escola e em casa?

Atividade

Peça a turma para mapear todas as lixeiras da escola e seus compartimentos.

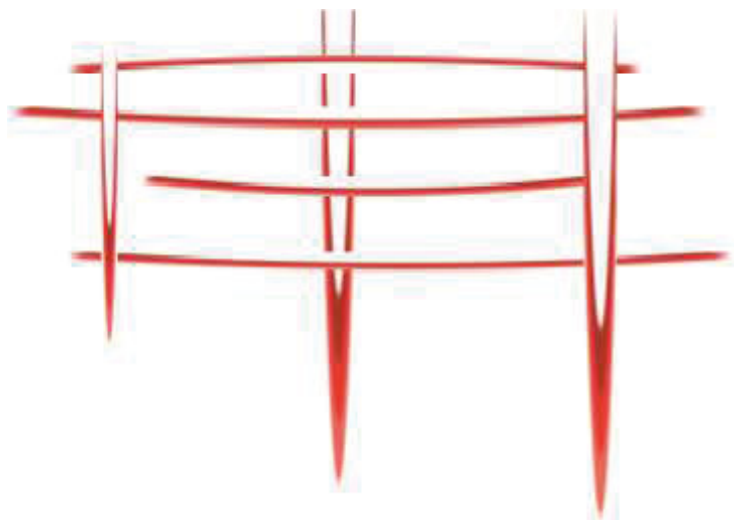
As crianças podem fazer uma lista de todas as coisas que eles descartam como lixo em casa.

Demonstre a reciclagem e os vários materiais que podem ser reciclados.

Discuta sobre a separação do lixo e a importância da reciclagem.

As crianças podem criar cartões sobre a reciclagem de materiais mais comuns.

Mario Vaz
mariovaz@sjri.res.in



UNIDADE 78

Faixa Etária III: 11-14 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

Deve ser dada a devida atenção à interconexão entre os seres humanos e às outras formas de vida, à importância ao acesso apropriado à utilização dos recursos biológicos e genéticos, ao respeito aos conhecimentos tradicionais e ao papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

Título

“O jogo da vida do mundo”

Objetivos de aprendizagem

- Criar um jogo interativo para educar e entreter os estudantes.
- Aprender mais facilmente as regras básicas da educação ambiental
- Focar no conceito de responsabilidade social “como um objetivo fundamental da ação humana em todos os níveis.

Os Jogos

O professor divide a classe em quatro grupos: a cada um deles será atribuído um elemento da natureza (ar, água, terra ou fogo) facilmente distinguíveis por suas respectivas cores. Um outro

professor, liderando o jogo, oferecerá a todas as equipes muitos sinais que indicam a origem de vários resíduos: os participantes terão que escolher os tipos de resíduos interagindo e interferindo com os elementos básicos da natureza que representam. No primeiro jogo, os estudantes desenharão o mais rápido possível o maior número de produtos em transição “do lixo doméstico para novos materiais reutilizados e reciclados” e os eventos mais perigosos causados pela inobservância às regras de proteção tais como os descartes de vidros não reciclados ou plásticos etc. despejos das indústrias em rios e córregos. No segundo jogo, os dois grupos que obtiveram as pontuações mais altas competirão um contra o outro escrevendo um texto ilustrativo, tal como um uma simples cena de teatro e um musical ou mesmo um vídeo com duração de três minutos. Seu conteúdo, com o suporte dos professores envolvidos, pode chamar a atenção para certos comportamentos e, portanto, para as vantagens e desvantagens de diferentes meios de coleta de lixo orgânico e descartes de origem industrial, enfatizando os benefícios de um ciclo efetivo de resíduos, seu potencial para nosso meio ambiente e seus pontos fortes na preservação de nosso habitat. Um júri será selecionado aleatoriamente entre os estudantes pertencentes aos grupos que já participaram no primeiro jogo. No fim, o júri selecionará os quatro textos mais criativos que serão encenados.

Um deles será escolhido para receber o prêmio como melhor do curso.

Metodologia de ensino

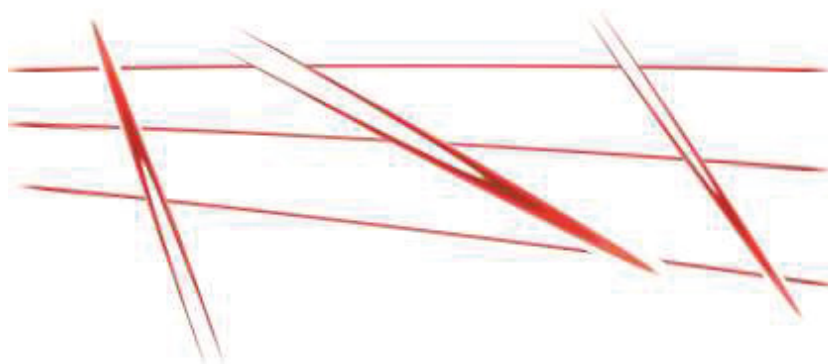
O dilema

Dilemas éticos surgiram do rápido desenvolvimento em ciência e tecnologia, criando um contraste entre os benefícios dos avanços científicos e os efeitos perigosos para o homem e seu ambiente natural. É necessário ter um ponto de vista global que vai além dos limites nacionais e estabeleça princípios universalmente

reconhecidos. O debate introduzido por este artigo tem um alto valor educacional para os estudantes, dependendo de cada caminho de aprendizado, que pode ser apoiado pela literatura clássica e moderna e por contribuições de filmes e peças de teatro. Mas o que é mais interessante são as respostas dos estudantes às questões, as opiniões das gerações dos jovens de hoje, os “nativos digitais”, que trazem adicionalmente uma nova maneira de pensar para os próprios professores. É importante focar em exploração educacional de uma maneira que seja tão ampla e detalha da quanto possível, enfatizando o conceito de intervenção humana em seu habitat sendo ele mesmo, como seu usuário e beneficiário, uma parte integral dele”. O principal objetivo é fornecer tantas informações quanto possíveis para despertar o raciocínio próprio das crianças, orientando o debate para a aplicação de princípios éticos. Neste sentido a Declaração da UNESCO possibilita uma abertura para a construção de uma forma realística de “cidadania”. A importância de um currículo comum entre os Estados Membros da UNESCO é requerida, mesmo que cada estado tenha a possibilidade de adotar seus próprios textos e instrumentos jurídicos de acordo com sua própria cultura, a fim de determinar suas próprias leis. Graças ao jogo da equipe e à assimilação dos estudantes com os elementos naturais, os materiais estudados e os produtos reciclados provocam os estudantes a expressar opiniões originais e sugerir possíveis soluções para um problema dado. O elemento criativo dos jogos provê um efeito catártico, é muito educacional e promove uma grande coesão entre os estudantes. Mas, acima de tudo, pode trazer à luz uma consciência natural que pessoas jovens têm em relação às obrigações da humanidade para responsabilmente usar os recursos da Terra. O professor introduz um debate aberto sobre o valor do artigo 17 da Declaração da UNESCO para a proteção do meio ambiente e o habitat através de uma educação ambiental. O professor alerta para os estudantes a existência de crimes contra o meio ambiente mencionando o conceito de “material orgânico e

produto criado pelo homem”. Deste modo os estudantes participarão de um processo lógico para adquirir conhecimento científico acerca de poluição das águas subterrâneas, solo, ar e suas consequências desastrosas resultando no aumento de doenças graves e fatais, que podem modificar o genoma do indivíduo e ser transmitido para futuras gerações.

Francesca Piccolo
francescapiccolo90@gmail.com



UNIDADE 79.

Faixa Etária IV: 15 - 19 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

Deve ser dada a devida atenção a interconexão entre os seres humanos e as outras formas de vida, à importância ao acesso apropriado e à utilização dos recursos biológicos e genéticos, ao respeito aos conhecimentos tradicionais e ao papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

Titulo

“O fim”

Objetivos de aprendizagem

- Enfatizar a importância do princípio de precaução em termos de proteção ao meio ambiente
- Refletir sobre a relação entre nossa vida e o meio ambiente que nos cerca
- Aumentar a conscientização sobre os possíveis meios de salvar o meio ambiente

O caso

A Terra está morrendo. O chão está seco, a grama está amarela e a

água potável não existe mais. A maioria dos animais e plantas estão extintos e o ar tornou-se irrespirável. O vento que raramente sopra está cheio de terra e poeira e as diferentes fontes de energia desapareceram há muito tempo.

Aranhas, cobras e lagartos, vagam pelo chão e é apenas graças a poucas plantas que sobreviveram que nosso planeta ainda se mantém. Salvar a Terra deixou de ser uma opção. Sobreviver é tudo que podemos fazer. Minha família morreu há dois anos; minha mãe sofria de desidratação, meu pai de respirar ar poluído e meu irmão de não ter o bastante para comer. Considerando que muitas famílias perderam todos os seus membros, o fato de que eu tenha sobrevivido é surpreendente.

Quando ando na terra quente do deserto, meus pensamentos se voltam para o tempo quando nós estávamos vivendo em um planeta que tinha alguma esperança de ser salvo. Se ao menos tivéssemos tentado mais fortemente, se mais pessoas tivessem tido mais consciência do que estava acontecendo, se tivéssemos parado de matar o que estava mantendo-nos vivo! Nós estaríamos em uma situação diferente agora. Subitamente, vejo alguma coisa incomum; o deserto amarelo desaparece em algo azul. Alguma coisa que o sol não matou ainda. Eu vejo o mar. Meus pés me carregam rapidamente e logo estarei com água do mar até os joelhos. Percebo peixes nadando e nuvens que se formam acima de mim. Após alguns anos vagando na Terra, perdido em meus pensamentos, eu não tenho ideia de onde estou, mas tudo que eu vejo me lembra muito nosso velho planeta. Penso que estou no céu. Gotas de chuvas atingem meu rosto e eu escuto alguém gritando meu nome. Olho em torno e, antes de vislumbrar quem está me chamando, abro meus olhos. O sonho acabou. Não era real. Eu suspiro aliviado. Eu me alegro com o cheiro de panquecas dando-me uma ilusão de serenidade. Neste momento milhares de árvores estão sendo cortadas e animais estão morrendo ou sendo mortos. A atmosfera

está sendo poluída e os raios solares ultravioletas estão queimando tudo. O mundo que eu sonhei não é falso. É onde nós estaremos vivendo se continuarmos nos comportando como temos sempre feito. Ser negligente, tomar sem dar, ser perdulário e narcisista são as regras perfeitas para destruir tudo.

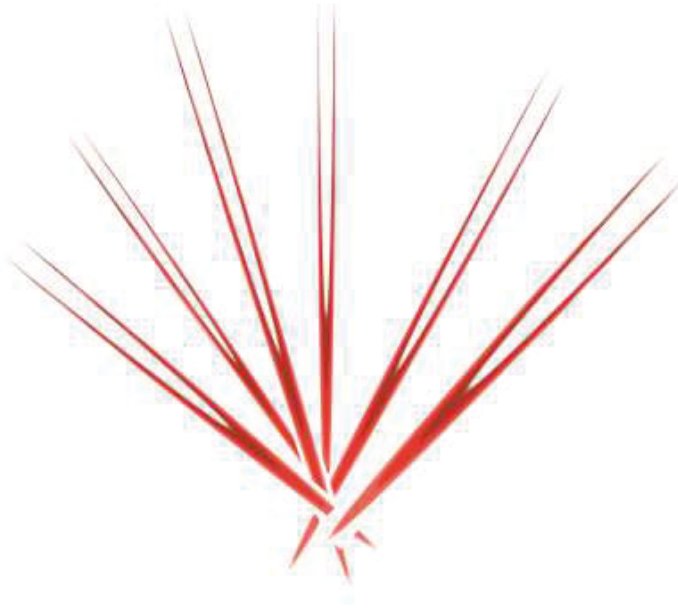
Metodologia de ensino

O dilema

O sonho é uma pequena imagem do que o mundo poderia ser. Ele retrata o inevitável fim do nosso planeta. Isto nos força a perguntar:

- Nós já passamos do ponto de não retorno em termos de destruição do meio ambiente?
- Nossas ações danificam ativamente a vida das gerações futuras?
- Nós estamos trocando nossa sobrevivência por uma felicidade limitada?
- Intensificar a conscientização é o passo mais importante que devemos dar. Quando nossa sociedade estiver finalmente consciente das consequências catastróficas de suas ações, poderemos começar a salvar o meio ambiente. Ademais, a implementação de métodos experimentais de ensino e comunicação interativa entre diferentes países deve ser útil para maior aprendizado e compartilhamento de experiências. Isto poderia ajudar outros a entender a importância de salvar o meio ambiente. Os métodos de ensino não devem ser teóricos e abstratos, mas devem incluir experimentação laboratorial e estratégias educacionais, por meio de:
 - Enfrentamento de problemas relacionados à situação real
 - Trabalhando em grupos de forma cooperativa
 - Coletando dados e formulando hipóteses
 - Compartilhando experiências educacionais.

Selma Semiz



UNIDADE 8o

Faixa Etária IV: 15 - 19 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

Deve ser dada a devida atenção às interconexões entre os seres humanos e as outras formas de vida, à importância do acesso apropriado e utilização dos recursos biológicos e genéticos, ao respeito aos conhecimentos tradicionais e ao papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

Título

“Vamos salvar nosso planeta”

Objetivos de aprendizagem

- Enfatizar a importância do princípio de precaução em termos de proteção ambiental, como um guia para desenvolvimento científico e tecnológico como também social, econômico e de transformação ambiental.
- Refletir sobre nossa vida no meio ambiente que nos cerca
- Ilustrar o importante papel exercido pela comunidade internacional em estabelecer os princípios universais que prove em fundamentos para a resposta da humanidade quanto aos dilemas e controvérsias cada vez mais prementes que a ciência e a tecnologia impõem a espécie humana e ao meio ambiente.

- Reconhecer que a saúde não depende somente do desenvolvimento da pesquisa em ciência e tecnologia, mas também de fatores psicossociais e culturais: o direito a um meio ambiente sadio está implícito no direito à saúde.

O caso

O desastre ambiental no Golfo do México causado pela plataforma de perfuração de petróleo Deep-Water Horizon. 20 de abril 2010, 9h:47min, Golfo do México.

A plataforma de petróleo *Deep-Water Horizon* explodiu causando o maior desastre ambiental na história dos Estados da Unidos. Devido à explosão toda a estrutura mudou de posição, e eventualmente afundou após a tubulação ter sido submetida a grande tração e distorção e, em consequência, o óleo vazou ininterruptamente.

Após o primeiro resgate (11 mortes e 115 trabalhadores feridos) toda a atenção foi dirigida para o fluxo maciço de óleo cru fluindo do reservatório com a capacidade de cerca de 10 milhões de litros por dia.

O derramamento de óleo foi cortado em 19 de setembro daquele ano. As consequências ambientais, econômicas, e de saúde resultantes foram enormes e muito sérias.

Metodologia de ensino

O dilema

- Frequentemente nos limitamos somente a limpar os desastres?
- Nossas sociedades se tornaram dependentes de riscos extremos?
- Há um plano de *backup*?

Temos posto em prática o princípio de precaução, o princípio que nos lembra que a vida é tão preciosa que não vale a pena pô-la em risco em nome de qualquer lucro?

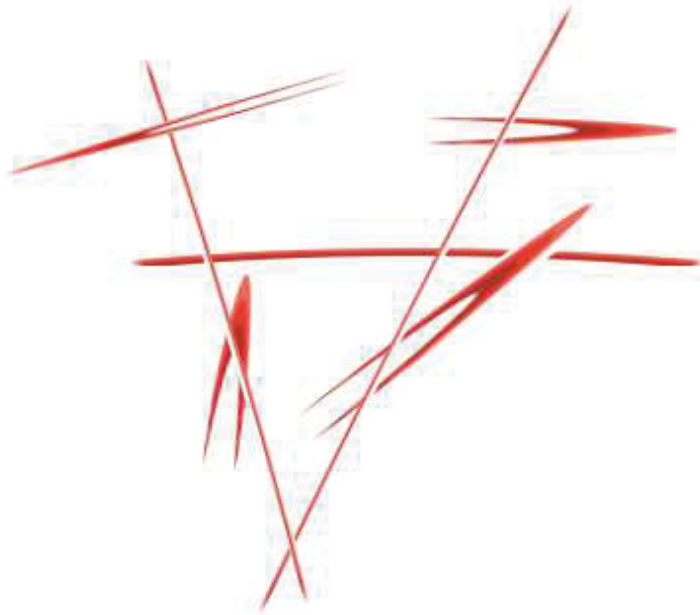
O método pedagógico será ativo e experimental com o objetivo de oferecer instrumentos interativos aos participantes.

O método de ensino não será teórico e abstrato, porém, mais do que isso, consistirá de um laboratório de experiências e de estratégias educacionais, através de:

- resolver problemas relacionados a situações reais;
- trabalhar em grupo de forma cooperativa;
- coletar dados e formular hipóteses.

A Web será usada como: 1) um arquivo para fomentar material de aprendizado; 2) um editor para montar e imprimir materiais em papel; 3) um meio de comunicação instantânea entre estudantes e entre estudantes e professores. (blogs, e-mails, Skype, etc.)

Ida Appignani
idaappignani@gmail.com



UNIDADE 81

Faixa Etária IV: 15-19 anos

Princípio Ético nº 17: Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade

Deve ser dada a devida consideração à interconexão entre os seres humanos e outras formas de vida, à importância do acesso apropriado e da utilização dos recursos biológicos e genéticos, ao respeito ao conhecimento tradicional e ao papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente da biosfera e da biodiversidade.

Título

“A água como um recurso: consciência, responsabilidade e beleza”

Objetivos de aprendizado

- Os estudantes devem entender o conceito de que água é um recurso primário, sem tomá-la como garantida para todos, e devem ter consciência de que é um bem de consumo da comunidade.
- Os estudantes devem analisar como a disponibilidade da água afeta o estilo de vida diário e os costumes das pessoas.
- Os estudantes devem enfatizar o estreito vínculo entre a disponibilidade de água potável e a qualidade de vida global, para todos os habitantes da terra.

O caso

Em uma área da África Central uma grande barragem está prestes a ser construída para satisfazer a necessidade de energia elétrica das áreas circunvizinhas. Em vista disto, a água coleta da de alguns rios da base circundante será usada e, por isso, aqueles rios serão desviados de seus cursos naturais.

Os experts e o comitê organizador acreditam que a possibilidade de produzir energia de baixo custo para melhorar a agricultura pode impulsionar a economia desses países pobres.

Entretanto, a construção desta barragem artificial tem resultado em alguns protestos e tragédias humanas: para sua construção milhares de pessoas devem ser obrigadas a emigrar, deixando seus pertences, suas casas, seus hábitos e suas memórias.

Agora os habitantes desta área têm que lidar com uma série de escolhas importantes relacionadas com seu futuro: eles terão que consentir com a construção da barragem que proverá uma produção de energia elétrica e, como consequência, uma alta qualidade de vida ou eles irão permanecer nos mesmos lugar e sem alterar o habitat natural, o curso de seus rios e suas vidas?

Metodologia de ensino

A falta de água faz parte do quadro geral da emergência ambiental. Como a vida na terra depende da água, a má administração dos recursos de água no nosso planeta compromete o balanço econômico e a qualidade de vida. É uma grande questão com a qual todos lidam diretamente e que está no centro de muitos debates: pode ser tomada em consideração no que diz respeito a situações circunscritas (o próprio território), ou a perspectivas mais amplas (outras realidades, o Hemisfério Sul ...). O debate favorece uma abordagem interdisciplinar e aumenta a consciência individual e coletiva sobre a necessidade de mudar alguns comportamentos

globais: como a água é um “recurso limitado”, é necessário usá-las abundantemente.

Após ler o caso, os estudantes são convidados para uma discussão livre e para expressar seus pontos de vista comparando seu estilo de vida com o descrito acima; os estudantes serão incitados a pensar as semelhanças e as diferenças dos dois contextos, considerando a condição da perda de água nos países africanos e o desperdício de água em nossa sociedade.

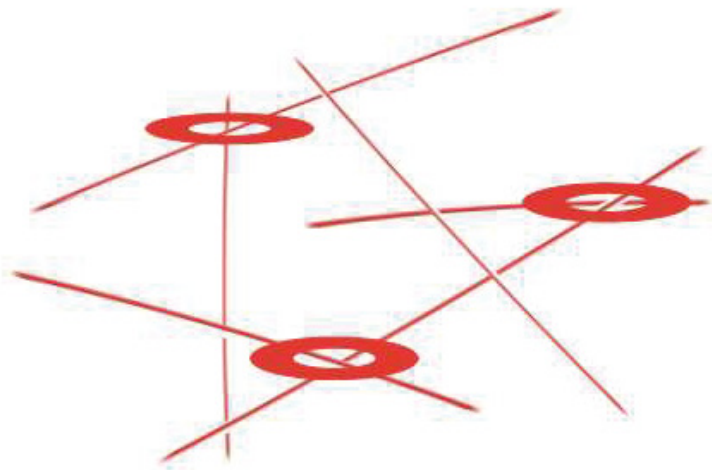
Via análise deste caso específico, os estudantes serão convidados a considerar como a disponibilidade da água afeta o estilo de vida de diferentes populações.

A classe inteira terá um breve debate sobre intervenções humanas que levaram a mudanças dramáticas na paisagem, que anularam equilíbrios preexistentes e modificaram mesmo indiretamente o meio ambiente circundante. Ao mesmo tempo, a classe inteira será envolvida em uma pesquisa sobre as atividades e as melhorias pelas quais a comunidade humana e o meio ambiente se beneficiarão em relação à água.

Ferramentas

- Encenação
- Coleta de material documental
- Jogo dilema (a classe inteira defronta-se com um dilema ético relacionado ao tópico e começa um respeitoso debate.
- Encontros com um ou mais expert da área: neste caso, um geólogo, um engenheiro hidráulico e um sociólogo.

Norma Trezzi
normatrezzi@virgilio.it



Princípios da Declaração Universal em Bioética e Direitos Humanos (2005)

Princípio 3 – Dignidade Humana e Direitos Humanos

Princípio 4 – Benefício e Dano

Princípio 5 – Autonomia e Responsabilidade Individual

Princípio 6 – Consentimento

Princípio 7 – Pessoas sem capacidade para consentir

Princípio 8 – Respeito pela vulnerabilidade humana e integridade pessoal

Princípio 9 – Privacidade e Confidencialidade

Princípio 10 – Igualdade, Justiça e Equidade

Princípio 11 – Não-Discriminação e Não-Estigmatização

Princípio 12 – Respeito pela Diversidade Cultural e pelo Pluralismo

Princípio 13 – Solidariedade e Cooperação

Princípio 14 – Responsabilidade Social e Saúde

Princípio 15 – Compartilhando os Benefícios

Princípio 16 – Protegendo as futuras gerações.

Princípio 17 – Proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade.

TABELA DE CONTEÚDO

O Primeiro Syllabus para a Educação Bioética da Juventude

UNIDADE	PRINCÍPIO	NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE</u> <u>1</u>	P.3	<u>A caixa de segredos</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>2</u>	P.3	<u>Arte & Co. = Arte & Companhia</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>3</u>	P.3	<u>Giorgio e seus cachorros</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>4</u>	P.3	<u>Uma história de ficção científica</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>5</u>	P.3	<u>Uma roleta russa: os direitos negados nos CDA (Centros de Imigração)</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>6</u>	P.3	<u>Minhas amigas estão fazendo isso... e por que não eu também?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>7</u>	P.3	<u>Tudo o que eu quero é uma 'Educação'</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>8</u>	P.3	<u>Quanto vale a vida humana?</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>9</u>	P.3	<u>Precisamos de um caminho para o futuro? A pavimentação de uma estrada rural na Comunidade da Ilha Paraíso</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>10</u>	P.4	<u>Dignidade além da vida</u>	11-14 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE 11</u>	P.4	<u>Música e danças do mundo</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 12</u>	P.4	<u>O grande sonho de Pasi e Tat</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 13</u>	P.4	<u>Um pássaro na gaiola</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE 14</u>	P.4	<u>Esperança e ciência andam sempre juntas?</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 15</u>	P.5	<u>O Espelho: Aprendendo a se comunicar</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 16</u>	P.5	<u>A Ilha: uma mensagem na garrafa</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 17</u>	P.5	<u>A vontade é mais forte do que qualquer obstáculo</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE 18</u>	P.5	<u>A ampulheta</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE 19</u>	P.5	<u>Vacinas obrigatórias para frequentar a escola</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 20</u>	P.5	<u>Uma viagem anual</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 21</u>	P.5	<u>Tendências de hoje</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 22</u>	P.5	<u>Ser totalmente responsável pelas próprias escolhas</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 23</u>	P.5	<u>Recusa em viver</u>	15-19 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE 24</u>	P.5	<u>Não quero saber o meu futuro</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 25</u>	P.6	<u>Peter, o corajoso</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 26</u>	P.6	<u>Sou eu que decido</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 27</u>	P.6	<u>Ensaaios clínicos “atrás das grades”: benefícios e danos</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 28</u>	P.6	<u>Paternalismo ou autodeterminação? Um conflito familiar</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 29</u>	P.7	<u>O que aconteceu com o cabelo da Sofi?</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 30</u>	P.7	<u>Cegonha no telhado</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE 31</u>	P.7	<u>Não vejo, mas sinto-te</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 32</u>	P.7	<u>Consentimento informado: um direito e um dever de todos</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE 33</u>	P.7	<u>Autismo - Uma nova forma de se comunicar</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 34</u>	P.7	<u>E se eu pudesse decidir dar um rim ao meu irmão</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 35</u>	P.7	<u>Preciso saber</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE 36</u>	P.7	<u>Quem vai decidir quem eu sou?</u>	15-19 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
UNIDADE 37	P.8	Partosh não tem amigos	3-5 anos
UNIDADE 38	P.8	Não me toque	6-10 anos
UNIDADE 39	P.8	A Princesa das Bonecas	6-10 anos
UNIDADE 40	P.8	Uma decisão agonizante	11-14 anos
UNIDADE 41	P.8	Inclusão, aspecto fundamental da convivência - I e II	15-19 anos
UNIDADE 42	P.8	A necessidade de mudar	15-19 anos
UNIDADE 43	P.8	Todas as tradições merecem respeito?	15-19 anos
UNIDADE 44	P.9	Compartilhar ou não dados confidenciais para conseguir um emprego?	15-19 anos
UNIDADE 45	P.9	Informações confidenciais	15-19 anos
UNIDADE 46	P.10	As escalas de Justiça	3-5 anos
UNIDADE 47	P.10	Viajando em um tapete voador	6-10 anos
UNIDADE 48	P.10	Pequena Mudança	6-10 anos
UNIDADE 49	P.10	Igualdade, Justiça e Patrimônio	11-14 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
UNIDADE 50	P.10	Mesmo comportamento: mesma punição?	11-14 anos
UNIDADE 51	P.10	Quem deve ir primeiro: a vítima ou o ladrão?	11-14 anos
UNIDADE 52	P.10	Eu, como ser humano	15-19 anos
UNIDADE 53	P.11	Meu gato ruivo pequeno	3-5 anos
UNIDADE 54	P.11	Qual é a punição adequada a ser imposta?	11-14 anos
UNIDADE 55	P.11	“É justo fazer essa viagem escolar?”	11-14 anos
UNIDADE 56	P.11	Testes genéticos executados no processo de contratação de uma pessoa	15-19 anos
UNIDADE 57	P.11	O Relógio	15-19 anos
UNIDADE 58	P.12	As bandeiras	6-10 anos
UNIDADE 59	P.12	Um estudante estrangeiro ingressou em sua classe	11-14 anos
UNIDADE 60	P.12	Vamos brincar de nos conhecer	11-14 anos
UNIDADE 61	P.12	A diversidade cultural é o enriquecimento	15-19 anos
UNIDADE 62	P.13	Ame-se	15-19 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
UNIDADE 63	P.13	A terra das cores	3-5 anos
UNIDADE 64	P.13	Segurança no trânsito	6-10 anos
UNIDADE 65	P.13	Somos todos Ditta	6-10 anos
UNIDADE 66	P.13	Solidariedade e Cooperação	11-14 anos
UNIDADE 67	P.13	Ele tomou a decisão certa?	11-14 anos
UNIDADE 68	P.13	A festa de fim de ano	15-19 anos
UNIDADE 69	P.14	Somente uma Diya para Diwali	6-10 anos
UNIDADE 70	P.16	Uma descoberta científica pode realmente resolver um grande problema que afeta a humanidade?	11-14 anos
UNIDADE 71	P.16	Preservar o ambiente significa preservar as gerações futuras	15-19 anos
UNIDADE 72	P.16	Deve ser dada a devida atenção ao impacto das ciências da vida nas gerações futuras e em sua constituição genética.	15-19 anos
UNIDADE 73	P.17	Vamos compartilhar alimentos	3-5 anos
UNIDADE 74	P.17	A tartaruga na caixa	3-5 anos

UNIDADE PRINCÍPIO		NOME UNIDADE	FAIXA ETÁRIA
<u>UNIDADE</u> <u>75</u>	P.17	<u>O aniversário da amendoeira</u>	3-5 anos
<u>UNIDADE</u> <u>76</u>	P.17	<u>Quem preservará as salamandras?</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE</u> <u>77</u>	P.17	<u>O catador de lixo</u>	6-10 anos
<u>UNIDADE</u> <u>78</u>	P.17	<u>O jogo da vida no mundo</u>	11-14 anos
<u>UNIDADE</u> <u>79</u>	P.17	<u>O fim</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE</u> <u>80</u>	P.17	<u>Vamos salvar nosso planeta</u>	15-19 anos
<u>UNIDADE</u> <u>81</u>	P.17	<u>O recurso hídrico: consciência, responsabilidade e beleza</u>	15-19 anos

Table of Contents

1. [SYLLABUS EM PORTUGUES](#)